UNIVERSITY OF TORONTO
3 1761 01326734 9

70

a5
1111

Digitized by the Internet Archive
in 2009 with funding from
Ontario Council of University Libraries

http://www.archive.org/details/viasinuosaromanc00ribe

A VIA SINUOSA

ROMANCE

Do mesmo auctor

Jardim das Tormentas — novellas

Livrarias Aillaud e Bertrand

No prelo:

Hilario Barrelas em Paris (O que viu e ouviu) — Narrativas de Paris e do resto.

Terras do démo — Novella

Estrada de S. Thiago — Contos

AQUILINO RIBEIRO

A Via Sinuosa

ROMANCE

Livrarias AILLAUD e BERTRAND

AILLAUD, ALVES & C.ª
PARIS
96—Boulevard du Montparnasse—96
(Livraria Aillaud)

LISBOA
73 — Rua Garrett— 75
(Livraria Bertrand)

Livraria FRANCISCO ALVES

RIO DE JANEIRO
166—Rua do Ouvidor—166

S. PAULO
65—Rua de S. Bento—65

BELO HORIZONTE
1055—Rua da Baía—1055

PQ
9261
R5V5

Composto e impresso na "Soc. Typ. Edt.,,
Rua da Alegria, 100 — LISBOA

A seu pai Joaquim Francisco Ribeiro of.

A. R.

A VIA SINUOSA

I

Sentado na borda do tanque, que uma figueira toldava de deleitavel sombra, instruia-me o snr. padre Ambrozio da latinidade. Homem de muitas lettras, já edoso, de bom aspeito na sua garnacha antiga, da côr das folhas mortas, antes d'abrir Horacio, aprazia-lhe lembrar n'um doce tom d'illuminado:

— N'este sitio, Liborio, descançou o grande padre S. Francisco de jornada para Compostella. Reza a historia que o servo de Deus vinha trilhado do caminho e tinha sêde; aqui lhe foi dado matal-a n'uma fontainha, que não era este chafariz formoso, que mais parece talhado para os jardins do papa que para cêrca de monges. A terra que pisâmos bebeu, por certo, as bagadas de suor que lhe cahiram do rosto. E sem duvida que fallou e abendiçoou os verdilhões, architetravôs d'esses que ahi andam na figueira a debicar os figos lampos. Quando para aqui vieres, que a tua mente esteja pura, Liborio; este retiro — sabes? S. Francisco d'As-

sis é Jesus que voltou ao mundo em pobresinho — é tão inspirado como o Horto das Oliveiras.

Esta evocação do meu mestre acudia-me ao espirito, sempre que nos dias de sol me era grata a frescura d'aquelle remanso, á beira do mosteiro. Sobre o tanque, que se vedava para a rega, noite e dia a fonte antiga levava a chorar. A agua vinha de longe por uma caleira de pedra, e era a sua uma toada tão leda e inquebrantavel, que parecia mesmo a pulsação do silencio.

De tres bicas, manando de rosaceas n'um panno de gracioso córte, com o entablamento coroado por pyramides e um frontão em que se vasava uma guarita de santinho, apenas uma escorria pelo tempo da sécca. Se pelos mezes d'aguas vivas todas tres botavam, na tristeza das horas sem luz, á borda do silencio revessado pelo convento, seu gorgolão era grave como uma psalmodia de monges.

De bordo em curvas alternando com segmentos de rectas, o tanque era, de em par com o lineamento da escaleira, que poucos passos d'alli conduzia á capella, d'uma ordenança mais harmoniosa que as rendas por minha mãe tecidas. Sobre elle erguia-se a figueira de muitos annos, sombreando o logar a que a presença de S. Francisco dera um perfume mystico de lenda. — Aqui se erguerá uma casa para pobres da vida pobre, quando Deus fôr servido! — dissera elle. — E d'ahi, o ficar a agua do chafariz de muita virtude nas molestias da tripa, e o lauto senhor Pero Gil, pelo anno de 1443, com auctoridade da Sé Apostolica, lançar os fundamentos d'aquella casa, que tanto edificou

a santa ordem da Penitencia em varões pios e de saber.

Com o nome de Convento de Caria, ou do *Paaço* nos Bularios, foi a casa, consoante a regra, accommodada a todos os estados da vida, para socego das almas que, com o temor da salvação e o nojo do mundo, largavam a monte espavoridas. Alli se acoitaram fidalgos e vilões, com os bens em communidade, desfructando patrimonios e laudemios, e privilegiados, por foral, de todo o direito de portagem. Seus religiosos professos cavalgavam por montes e valles sobre nedias mulas guisalheiras, em funcção de curas d'almas. Ementas, dizimos e mais beneficios do pé d'altar abarrotavam as tulhas. Afinal, sujeitos por reforma aos estatutos da observancia menor, Fr. Guilherme da Paixão, abbade geral d'Alcobaça, encarregado em tempos de Fillippe I d'abrir uma devassa em toda a Provincia, foi topar dezesete frades no mosteiro de Caria, em boa paz e maior pobreza, *padecendo de muito frio, com estarem pelo pé da Serra d'Estrella, e de fome, porque toda a sua mantença era milhão e centeio e de mimos ser escasso o logar.*

Ao cabo de seculos, de fortuna tão oscillante, o convento do *Paaço* era a moradia dos Barradas, minha familia. Ao fundo de cem canchas de terra, amanhadas a pulso, que uma rua de murtinhos cortava em dois e pela qual parecia ainda vêrem-se correr, sobre a areia pallida, sombras de frades, erguia-se a casa dos Terceiros. Fôra alli a albergaria de peregrinos, hospedes e visitadores, nos tempos brilhantes da Ordem, e o tom encarvoado do granito, as frestas e um balcão de balaustres quadran-

gulares, ao gosto da Renascença, sensiveis de graça, alevantavam ainda uma aragem de nobreza morta. A' esquerda corria o mosteiro, para aquella banda d'um só piso, com lunetas e janellas em gradil, a cornija de muita sombra, e o campanario no tope, a mirar os horisontes de ventanas ermas, mais mysteriosas que olhos vasados. Um muro, alto de tres varas, d'esta fabrica antiga egual em alvenaria e segurança, acabava de fechar pela direita a cerca franciscana. Assim cispada, seria um tumulo, se para lá do caminho que á sua borda corria, e era, antes do macadam, o conducto forçoso da serra com o valle, a terra se não empinasse em eirado e de lá, d'entre os castanheiros e as giestas, as fanchônas das aldeias não pudessem vir recrear os fradinhos com motetes e prazos-dados. De dentro, porém, para lá do comoro, rente á estrada real, construida já de muito minha lembrança, a vista esbarrava com a copa verde-negra, lancetada d'azul, d'um pinhal velho, plantado mesmo no topo. Por lá eram sobejos os lobos, e nós percebiamos os uivos das alcateias nas noites esfomeadas d'inverno.

Fóra de muros, os espaços abriam-se a um immenso galão d'olhos, com valles cheios de sombras dormentes e desdobres suaves de montanhas. Descendo para o Tavora n'um cachão de verde, a terra crescia depois em escalada cinzenta até o rebordo violeta das montanhas do Douro. Na curva de muitas leguas, manchas ocres de cabeços, batidos do sol, nimbavam lagos profundos de mattas, ermidas brancas appareciam extaticas nos montes extaticos, pacificando o espaço. Alvejavam os logares, como pombas brancas n'um telhado de casa

antiga, em que cresceu a relva das eiras abandonadas. A' esquerda, para as bandas de S. Torquato, um *talefe,* dominando com seu cocuruto claro a muda religiosidade do oiteiro todo, media da amplidão a ancia mysteriosa. A' direita, ao invez das serranias, coavam-se as ocas baças dos concavos de Freixinho, e eram ellas como um mar sem transparencia, lambendo um ilheo de que se não vê o termo. S. João da Rua a fraldejar entre os soutos; Adebarros, fidalga, á beira da estrada; Escurquella trepando na escarpa; Fonte-Arcada, avançando sua torre romana por sobre a dobra funda do rio; Antas de Penedono, em chão batido dos ventos, de tôrvo castello de cinco quinas a assombrar o horisonte, pontuavam o panorama, que os dias soalheiros enchiam de deslumbrante infinito.

O convento, ao aggravo da ladeira, tivera de encovar-se e, agachado na terra por detraz dos paredões, offerecia da banda da portaria um só pavimento, d'uma chateza morna d'alpendurada. Da outra banda, pela razão mesma do pendor, seu pé era alto como um cypreste velho. A ruina lavrava d'alli. Gisado em cruz de Santo Antão, todo o braço direito, que estendera pela quinta suas cellas de muito desafôgo, cahira em escombros. A carcôma comia nas taipas, e n'uma empena destroncada, de cunhaes arreganhando sob musgos e silvas uma dentadura de serra, os sardões gosavam o sol. A' ilharga restante do mosteiro servia d'emparo a parede mestra da egreja, por traça concebida a encastoar-se n'elle como joia n'um relicario. Junto d'ella jaziam lapides partidas e pedras de geitoso lavor, á espera de pedreiro que as levasse a alinhavar muro d'horta.

Era d'esta parte de sudeste que a quinta galgava córgas e cêrros em boa terra de paúl, vinhedo, pomar, com agua de todo o anno. D'ella, mais do que dos bornaes do peditorio, se abastecera durante seculos o convento de S. Francisco. O solo era amarujento e crescia alli mimo que só pela graça, que não minguava aos fradinhos. Com a extincção das ordens, fôra, afinal, absorvida no casal dos Lemos, que em baixo, sobre a padieira d'uma capellinha votada á Senhora da Conceição, meio occulta entre cyprestes, e a mirar-se nas aguas d'um lago, tão melancholicas das esguias sombras do bosquedo, estadeavam as cinco quadernas de crescentes em sautor, de sua alta senhoria.

Ao tempo que me lembra, corria esta fazenda por mãos de rendeiros, que a chupavam com a desmedida de quem tem á mercê mammadoiro que não é seu, e em hora incerta lhe póde fugir. Meu pae, tendo resvalado na indigencia por usar de larguezas de fidalgo onde só havia para mediania, demandára com grande instancia o amanho d'esta quinta. Era má recommendação o seu passado de pródigo e as suas mãos alvas d'ocioso. Por favor do snr. P.e Ambrozio, meu bom mestre, foi-lhe, a grande custo, cedida a cêrcasinha do convento com a casa dos Terceiros para residir, a trôco de cuidar e velar pelo mosteiro e sua capella. Alli, eu nado, deitaram raizes os Barradas; alli desejariam meus paes morrer. De mãos postas, não se passava dia, que minha mãe não rogasse a anjos e santos da côrte celeste de recuar a hora em que o snr. P.e Ambrozio devia dar recado da sua alma. D'elle, que a reitor dos Arcozellos alliava a funcção de commissario do governo

junto da irmandade, que se constituira em mantenedora do mosteiro com suas obras pias, se guardava o beneficio. Fôra aquella a hora da sua bondade; eu tornára-me mais tarde a finalidade do seu saber.

Meu pae, que só tinha os caminhos por d'elle, alli se acolheu, e tambem se casára com a uncção e a actividade somnambula do encargo, que de salto adquiriu aquella rotundidade tão ronceira e tez cherubinea d'um suisso de cathedral. Tinha quéda para o officio, e, nas festas solemnes, nem o cabelleireiro mais pintado adornava melhor uma cabeça de vidama que elle á velha egreja seraphica.

Sob seus dedos, as santas imagens conservavam as feições celestes, floridas de bemaventurança. Os vasos e pratas reluziam de limpos, e os castiçaes, sem sombra de monca, lançavam aos pés do Senhor as mais esplendidas flechas de luz. Na sciencia do ritual era sabido como um adaião; consultavam-no d'aqui, requeriam-no d'alli. E, corpo presente a todas as cerimonias de marca, Luiz Barradas era «o velho amigo» para curas e freguezes, n'uma roda de muitas leguas.

Como o seu, tambem era muito celebrado o engenho que minha mãe tinha para guarnecer um altar de panno bordado, rendas, ou flores, e para vestir a capricho um busto de sacerdote. D'ahi o encarreirarem as encommendas em S. Francisco, no que respeita a votos d'egreja e a adornos, que realçam perante os fieis a missão divina dos senhores abbades.

Ambos elles se haviam tornado, d'este modo, em duas pequeninas cellulas da grande christandade. Mas a esta affinidade de meio não

correspondia a vida intima do casal. A dentro de portas, meu pae e minha mãe accendiam áscuas como fusil e pederneira. Elle tinha um orgão baixo de resmungão e vencia minha mãe pelo fôlego; esta, desfructando d'um genio assomadiço, impunha-se-lhe pela vehemencia. Na noite alta, ás vezes, as altercações, succedendo-se, echoavam contra as sombras monachaes n'uma estreloiçada de banzé pegado.

Meu pae, é verdade, cumulava nos tendões a indolencia dos frades que por alli passaram e do vago fidalgo que por elle passára. Era preciso um ultraje de minha mãe, para que elle, sacudindo o corpanzil, pegasse d'um sacho não maior que apagador d'egreja e fôsse mondar as hervas, que na cêrca esfomeavam as novidades. Além de sachristão, era meu pae um solerte recoveiro para ecclesiasticos e gente rica. E d'aqui vinha o melhor provento para a familia, em gorgetas e alquilés.

Curtido de morrinha todo o rôr do anno, na quadra das festas meu pae remoçava; a sua obesidade fazia-se ligeira; e todo elle resplandecia na opa vermelha de acolyto, quando a commemoração solemne da cinza ou o geral dos Terceiros seculares, que traziam ao convento vinte aldeias penitentes, se acercava de domingo para domingo. N'essas datas, as tristes e viuvas salas ouviam novamente o tinido das canecas, e ficavam a revessar por toda uma temporada á vitella, que a cozinha do convento, de chaminé taluda como resfolegadoiro de vulcão, assava ainda ao antigo primor. Os mesarios arrotavam mais que reis d'armas, e á larga mesa da bibliotheca, jogando o monte e beberricando, ia a manhã encontrar os abba-

des. Meu pae, como mestre de cerimonias, prodigalisava-se todo entre batoteiros, mordomos e o luxo absorvente dos santos em grande gala. Seu corpo adiposo movia-se com a presteza d'um volantim. E, porque vivia muito do olfacto, uma pitada d'incenso aqui, as iguarias d'um banquete abbacial além, conformando-se da mofina ao contacto da gente endinheirada, a despeito das maldições de sua esposa, engordava como texugo. E eram para elle tempos d'anti-christo quando as coisas regressavam á immobilidade, as sombras reappareciam nos echos e nos angulos do velho mosteiro, e o senhor padre-mestre vinha nas manhãs de sol ensinar-me a distincção subtil dos *decus, decor* e *dedecus*.

Meu pae arrastava assim uma doce vida de musaranho; a cêrca, não mais comprida que cem braças, excedia mesmo a sua capacidade d'acção. Em face da galilé, na parte em que a cêrca fazia angulo, medravam na amistosa fartura do solo, malvas, molarinha, poejos e toda a casta d'hervas, que desbota os dentes aos reixellos. Era d'algum modo um ameno atrio, a que dava serventia uma escada de esbeltos e delirantes degraus, de cambos a jogar com os do chafariz. Formosas pinhas de pedra ladeavam-no, e era por alli a entrada nobre da capella. Meu pae, nanja que attentando em sua nobreza tivesse escrupulos de profanal-o com couve troncha, adubada a esterco dos enxurros, mas porque arroteal-o lhe bolia com os tendões, deixára-o a maninho. O senhor padre-mestre, quando o sol virava das bandas de poente, por traz da casa dos Terceiros, vinha para alli dar-me aula de latim. E ao enterrar os

pés na alfombra, todo gososo, n'um brando sorriso de malicia commentava:

— Tudo tem seus lados excellentes, Liborio. Até a preguiça!...

Para lá varria minha mãe as flores seccas dos altares e a pennugem das corujas, que no fôrro alto do templo haviam installado poleiro.

Como n'aquella manhã, em que meus paes abalavam ao seu recado, eu era investido na dignidade de hortelão e de guarda da cêrca franciscana, sobre que corria um vago perfume de morte. Minha mãe partira, mal o sol nado, com o roquete para o snr. abbade de Villa da Ponte, que entrava em endoenças. Para ultimar a horas aquella veste ecclesiastica, de que as rendas cahiam em cataracta, havia minha mãe consumido semanas e feito serão pelas noites já frustes de primavera. Mas ficára uma perfeição, todo elle em fina cambraia, aberta em estrellas e flôres a ponto de Viana, com pombas, d'entre os festões, a aguçar o bico sobre folhas de trevo, e as mangas muito curtas, audaciosamente talhadas em penteador. Era o snr. abbade de Villa da Ponte um homem de invejaveis dotes e de fidalga estatura, a quem assentava a preceito um orgulhoso roquete. Por isso os dedos de minha mãe trabalharam com o afan e a arte d'um enlevado artifice de cathedral.

Na vespera, cantavam já os gallos para a quinta, eu com a luz a alumiar, trôpego de somneira, meu pae muito vermelho, assoprando das bochechas aos carvões do ferro, se tinha gommado a alfaia sumptuosa, bem digna d'um ministro d'aquelle Senhor que deu o risco ao Templo de Salomão.

— Nem pr'ó bispo — dizia minha mãe com insoffrido desvanecimento. Logo de manhã cedo, ainda o sol não retouçava nas vidraças, veiu á minha cama com o seu vestido de ver a Deus, o roquete pendurado pelo dedo, n'um embrulho de dois lenços:

— Liborio, olha que o almoço fica na pilheira. Rega o cebolinho que está a morrer todo com a cresta d'estes dias.

Só com o não lhe tornar resposta protestei.

— O pae foi a Santa Maria das Aguias; não faças o que te mandam e verás o trôco — tornou ella.

O cebolinho, que meu pae fôra de carreira direita apreçar ao S. Torquato, tomava toda a nesga de terra que ia da parede da Bibliotheca á rua de buxo, pallida d'aquellas areias que tinham mordido os pés nus dos franciscanos. Como o solo era sumarento, com agua quanta appetecia, medrava alli cebola para estrugir um boi. Estava falto de rega, bem se via, mas fazendo um sol abençoado, lembrei-me de Celidonia, que, por ser sabbado, dia com as terças e quintas da mãe largar para a Serra na jorna de carteiro, por certo estava só e enclausurada como eu. Da mesma que nós, os Violas eram tambem parasitas d'aquelle mosteiro morto. Porque os Violas, gente sem leira nem beira, gosavam fama de pé lesto e mão leve, o rendeiro dos Lemos que residia mui a dentro da quinta, para as abas da Villa da Rua, alojára-os na dependencia do convento, que fôra a casa da tulha. Ficava esta sobre uma lagea de malhar mesmo no couce do edificio, á bocca da grande porteira, que, de esguelha para o portão da nossa cêrca, servia d'aquella banda

a propriedade. No largo, meanho ás duas portas, faziam veniaga, pelo mercado d'anno de S. Francisco que cahia a fins d'outono, vendedeiras de gallinhas e cardadores.

Ainda que arruinado e devoluto, só pela manha, pois, de que defraudariam menos estando lá dentro que correndo á sôlta cá fóra, se abrira mão do pardieiro aos Violas. Sempre espantavam, tambem, d'aquella banda razienta da serra os ratoneiros de lenhas e de fructas, que vão e veem velozes e frequentes como pardaes. E os Violas lá iam vegetando, mimosos d'um sol que alli se chapava todo o santo dia, n'aquelle ardor com que centenas d'annos descera á eira, a seccar tulhas de milho para os frades. Passos adeante, offerecia-lhes uma fonte arcada, funda como cisterna, agua da boa, onde, segundo as vozes, iam os religiosos de S. Francisco pôr o bacalhau de môlho em vesperas de magro. Casa, agua, lenha da que apodrecia pelas tapadas ricas, e a graça de Deus, d'isto eram fartos os Violas.

Consoante palpitára, lá estava Celidonia! Ao dobrar o portão, entrevi-a logo sobre a soleira da cardenha, a coser o saiote. E como nós tivessemos *enganchado,* prática esta muito pittoresca da nossa serra, corri para ella de dedo em riste, gritando:

— Reza, Celidonia, reza!

— Reza! Reza! — respondeu ella, n'uma casquinada de riso, batendo na anca com a mão aberta.

— Primeiro te mandei eu!

Riu ainda muito da surpreza que lhe fizera, e ficou a olhar para mim, a face banhada de luz, aquella face em que primeiramente meus

olhos conheceram a mysteriosa ordenação dos sexos.

A Celidonia era uma franganita loira, de tez ruiva transparente, fino nariz de provocar. O seu jarrete era delgado e a anca flexivel. Nunca trocáramos um beijo, nunca ella pudera supportar o meu braço no seu braço, e no recato das sombras monachaes, chamava-lhe minha e ella, d'olhos no chão, mal bolindo os labios, mais candida que a Virgem quando nos paineis primitivos acceita a mão de S. José, respondia: e tu és meu!

Se a vigilancia paterna afrouxava, desciamos pela quinta, innocentes e garrulos como dois tentilhões novos que teem de se amar n'uma quadra que ha de vir. Por acaso, acamaradavamos ás vezes em noites tumultuarias d'arraial; junto d'ella a minha alma enchia-se, enchia-se de mil almas, que em turbilhão se queimavam, se refaziam n'um fogo sem causa, sem bulha, como só poderia ser a sarça d'Oreb. Minha mãe, D.ª Maria José Custodio, elevada na vaga fidalguia do marido, cedo se apercebeu da traça que lavrava no fundo rico de meu ser. E, embargando todos os passos que pudessem conduzir-nos um para o pé do outro, desalmadamente injuriava Celidonia:

— Anda aqui esta fraldiqueira a tirar o rapaz da sua devoção! Morde-te?! Coitadinha, cedo te começa a morder! Tens a quem sahir...

Eu retorquia a minha mãe com insultos não menos rafados, e Celidonia desandava para casa, cabisbaixa de vergonha.

— Então a snr.ª D.ª Maria José? — indagou ella, n'um tom receioso.

Contei-lhe a historia do roquete, emquanto

que ella, n'uma compostura d'outra edade, concertava a bainha vermelha do saiote, esfipada nas urzes e nas estevas.

— Sabes, Celidonia — pronunciei pressurosamente — sempre largo...

— Ah!

— E p'ra doutor!

— Mas o snr. padre-mestre quer de morte que sejas padre...

— Pois quer, mas não quero eu.

— Tu sem elle não dás um passo!...

E ficou muda, d'olhos baixos sobre a baeta, de seus poros luxuriosa. Depois, erguendo para os meus os olhos garços, acrescentou:

— Padre é bem mais bonito.

— Puh! e depois...?

— Ora, ora — redarguiu, mostrando-me os dentes alvos de cabrita — Que tem lá padre ou doutor?

Durante uma grande pausa, todo o meu fundo de catholico fervente e severo estuou e reagiu.

— E' um grande peccado! — exclamei, afinal, com uma vehemencia que muito a surprehendeu.

— Ha por 'hi tantos com mulher e filhos em casa! Olha o reitor de Riodades!

— E' um grande peccado!

Celidonia franziu o rosto n'uma negaça e volveu toda a attenção para o saiote. Labaredas de sangue queimavam-me a face. Parecia-me que Celidonia me convidára para a fornicação. E no meu espirito, pelo que ouvira murmurar a minha mãe e ás mais boccas do mundo, e pelo que eu sabia, atravessou toda a vidairada dos Violas. No genero da lura de Comadre Raposa, os Violas, lazarentos e moinantes pelo inverno,

em chegando o março, deitavam o focinho de fóra, e larga! O pae com os dois filhos avantava para as empreitadas ferozes dos macadames e das linhas ferreas; as raparigas mettiam-se á jorna por mondas e sachadas. Quedavam apenas em S. Francisco a mãe Violas e Celidonia. E foi n'este entrementes que o Cupertino da villa alli veiu eleger o ninho de cuco, enjeitando á paternidade do Violas, uns após outros, tres meninos, todos tres mortos. A pouca vergonha durou annos e deu que fallar. Pois não obstante, o achincalhe resvalou, sem nojo de monta, na epiderme cascuda do Violas.

Aquillo era a cova do demo. Os dois rapazes de má pinta para santos, tudo o que pilavam iam largar nas tavernas e no regaço das femeas. Mais viciosos e abandalhados não passeavam o concelho. Mas eram temidos os farçolas, que se não benziam duas vezes para varrer a pau uma feira inteira. De tres raparigas, a Clara dera n'uma doidivanas, que se fartára de desmoçar os figurinos da villa. Ao tempo, estava para Lisboa, ignorando-se de todo se morta se viva. Ao contrario da irmã, Amelia era moça desenxovalhada e séria, por quem os amos ficavam a morrer, nas casas em que servia.

Nos bons tempos, o Violas recommendava-se pela sustancia de jornaleiro e lestas pernas de andarilho. Quando o snr. P.e Ambrozio, meu bom mestre, fazia grandes jornadas em sermão encommendado ou nas endoenças, o seu arrieiro era elle. Bolsa de sarja com a sobrepeliz e a batina enfiada no lodam, o Violas não arriava deante da besta mais andeira. Pois o snr. padre-mestre tinha eguas que punham o ramo no

Trancoso! Affavelmente, de longe em longe, lá refreava a cavalgadura e, puxando do rapé, dizia:

— Vá uma pitada, Manuel.

O Violas, por catar cortezia, mergulhava os dedos na caixinha de chifre e, espirrando alacremente, lá ia levado tep, tep, tep, jogando as gambeas altas de gamo.

Este commercio, á sombra do mosteiro, devia attingir as nossas relações. Os Violas eram muito de casa de meus paes, antes que meus olhos tivessem achado Celidonia. Quando eu era menino, o pae Violas, com um canivete habilidoso, carpintejava-me ingenuos brinquedos de Nuremberg, com que dormia regalado na cama, cerrados contra mim. A minha baixa infancia estava cheia dos Violas, a Amelia linda e espevitada, sempre prompta para ajudar minha mãe a enfeitar os altares, a Clara triste e preguiçosa, os rapazes ladros e matulões, a mãe Violas muito alta e magra, que me punha medo com seus gritos estridentes de pêga.

Tudo isto eu pesava e revia, de pé, ante Celidonia, occupada a remendar o saiote vermelho. Ella tambem devia ser Violas, participar de toda esta ausencia de pejo do ninho de cuco.

Como eu continuasse calado, por fim, foi ella que me disse:

— E o que me prometteste?

— Que te prometti eu?

— Surriada! Já se não lembra...

— As estampas?

Celidonia acenou com a cabeça e eu, que sentia uma vontade maluca de acabar com niquices, redargui-lhe:

— E' hoje.

— E se veem?

Afiancei-lhe que não; ella permaneceu um momento, de sorriso a esvoaçar, toda arveloa e, arremessando a baeta, pôz-se resoluta a meu lado:

— Ouvi dizer que ha lá lindezas...!

Estava uma manhã de sol que fazia desatar nos quintaes o perfume da alfazema e do alecrim. Uma rôla arrulhava já para o pinhal velho. Todo o mysticismo quaresmal da Via-Sacra, com um Deus a morrer, matracas a zoar nos povoados, rebanhos de penitentes nos adros, confessores jornadeando de parochia em parochia, derramava na terra assoalhada este quebranto, esta pacificação que parece fundir a vida na dolente immobilidade das coisas.

Par a par, saboreando as delicias da desobediencia, encaminhamo-nos para a casa dos Terceiros a buscar a chave que nos permittisse o accesso ao convento. A fonte dos monges lá estava entoando o seu mavioso cantochão ás horas sem fim. Ao pé, o cebolinho, d'onde deviam brotar cabeças taludas d'alambique, murchava, e eu não tinha pressa em o soccorrer.

Quando pisamos o soalho em castanho do velho mosteiro, Celidonia postou-se atraz de mim, receiosa. Mas com o sol, a grande sala d'entrada inundou-se d'uma alegria doce. Dir-se-hia que queria reconhecer em nós um dos seus antigos hospedes de pé descalço e tunica de burel. Entra-se, porém, sem repulsa, nas ruinas e nas habitações ermas; o silencio parece tornar-se uma coisa animada, um senhor de brancas, que nos convida a avançar, d'ar prazenteiro.

A Bibliotheca ficava logo alli á mão direita

para lá d'um taipal de porta escancarada. Era uma sala de tecto octogonal, em taboleiro, com altas estantes em todo o ambito, e em cujos raios se reconheciam as clareiras d'uma bella hoste dizimada. Recebia luz por uma grande janella de grades, e nada mais propicio que este ambiente, perfumado de sombras e dos incensos do monte, a encaminhar o espirito na exegese d'uma verdade revelada, ou no afeiçoamento d'uma homilia. Era alli que o snr. padre mestre, umas vezes por outras, me dava aula de grammatica e de rhetorica, para empregar a classificação que aprazia a seu espirito amorosamente escholastico. Aberto sobre a mesa de pinho, vasta para servir ao banquete dos padres, notava-se o *in-folio,* impresso em Florença em 1482, *ad modum Christophori Landini*, das obras de Horacio, e que o snr. padre Ambrozio havia retirado das estantes para meu uso. Meu mestre sentava-se n'um cadeirão de coiro lavrado, que no tope havia, por baixo d'um tabernaculosinho suspenso da parede, com corrediças em panno da India, e anjos no sopé de olhos bogalhudos. Dentro erguia-se Jesus-Christo crucificado. E, pondo elle ao lado o lenço d'assoar, a caixa dos oculos e a caixa do rapé para muito de longe em longe, eu ia claudicando no meu itinerario, atravez das latinidades.

Muito confusa se mostrava Celidonia n'aquelle logar, e como alli era o meu aborrecido captiveiro, eu desvanecia-me com a sua confusão. Mas não tardou que o seu fino dedo sujo se alçasse, inquirindo: — Que é aquillo? e aquillo?

Aquillo era uma esphera armillar que o snr. padre-mestre pedira ao extincto collegio da

Fraga para me ensinar as coordenadas celestes, e, em painel, Fr. Pedro Encerrabodes, leitor jubilado, doutor e graduado lente theologo na Universidade de Coimbra, eleito pelo Capitulo de 1786 ministro geral da Ordem. Foi elle que n'esta casa fundou um noviciado, restituindo lustro e força á ordenação claustral em decadencia. Por tão bem fazer, aforando-lhe medidas de pão e prazos d'outros conventos, legando-lhe, por confirmação da Soberana reinante, os predios de que era senhor na villa de Taboaço, bem merecera aquella memoria. Fr. Encerrabodes não tinha o olhar frio dos ascetas e dos dominadores; de roupagens pretas sob volta branca, um livro de borda vermelha na mão em que fusilava uma ametista grossa, parecia antes um humanista affavel e estudioso.

Logo abaixo do retrato estava uma grande preguiceira-bahu em faia, onde os frades repousavam, combinando assim a suave sésta com o rude cilicio.

De tudo ia dando razão a Celidonia, rasgando pelos cantos as teias pasmosas que as aranhas ali fôram urdindo, no meio das quaes muitas jaziam, como rainhas persas nos tumulos emmaranhados.

Quando tudo viu, e o olhar se lhe espraiou afoito pelas salas abertas, sem fim, d'onde d'uma para uma, comtudo, se escapava como animal bravio uma sombra pertinaz de morte, perguntou a sorrir:

— E as estampas?

Peguei no escabello, e de raio em raio, fui sacando as velhas edições, em que meus ocios haviam extremado imagens peregrinas. Pouco a pouco o soalho foi-se tapetando de poeira,

de coiros preciosos, de pergaminhos d'uma doce tonalidade de santas embalsamadas. Menos presta que eu, Celidonia ia empilhando, em castellos sobre a mesa, toda esta Jerusalem de subtis theologos e ardentes prégadores. E, depois, hombro com hombro, a roçarem minha face os fiapos vagabundos do seu cabello loiro, encetamos a degola. Primeiro cahiu nos nossos galfarros um gothico *Flos-Sanctorum*, impresso em Lisboa em 1590, de rica encadernação em bezerra, mas de texto já mordido da traça e babado da humidade. No frontispicio quatro veneraveis apostolos perfilavam-se graves e firmes na posição de esteios da fé e portada de monumento, que o era aquella silva *historial de vidas, feitos heroicos e obras insignes dos santos*. Mitrados, paramentados de imponentes capas, seus olhos profundos atravessavam os tempos. Uma virgem mãe erguia-se acima d'elles suave e attenciosa. No socco, figuras de geito belzebuthico, empinavam-se aggressivas.

— Cruz! cruz! Para o meio do inferno! — exclamou Celidonia.

— Gostas?

E, apesar do gesto dubitativo, a pagina foi arrancada d'aquelle jardim, em que as virtudes dos martyres e das virgens rescendem mais fragrantemente que um campo de açucênas. Feito isto, o *in-folio* rolou por baixo da mesa.

A este se succedeu a *Pianta simbolica*, obra rara italiana, nos emblemas da qual as minhas horas se divertiam mais que n'uma tenda. Formosas as suas gravuras doces, as suas parangonas, que pareciam condessinhas de flôres, e as infinitas *cul-de-lampes* com carantonhas de

rictos varios, formas nuas luxuriosas, e faunos gaiteiros cabreantes. Como nos emblemas d'Alciato eram aquellas imagens a analysar e a decifrar. A *Pianta per San Sebastiano martir,* que na columna do supplicio pedia ao Senhor que se multiplicassem as settas para com ellas se multiplicarem as dôres, foi a primeira a ser ceifada. Dois centuriões, o carcaz cheio d'aljavas, d'uma nudez forte e mascula, custodiavam a planta feiticeira, sobre cujo cimo uma estrella enamorada enrubescia: *Posuit me quasi signum ad sagitam.* Ao alto, um rosto feminino da Renascença desafiava a belleza picante da minha Celidonia. Deparou-se-nos, ao voltar de pagina, a altiva e formosa Santa Ignez, a que faziam plantão dois cherubins de robusta carnadura.

«— Aparta-te de mim, tição do inferno! — dizia Ignez para o noivo, uma vez que a requestava com ardor singular. — Imaginas, porventura, que serei desleal a meu esposo?

— E quem é elle, teu esposo?

— Meu esposo é um certo homem, chamado Christo, que tem seis condições em um grau perfeitissimo. E' nobre, é formoso, é sabio, é rico, é bom e é poderoso.

— Ah! ah!

— Quando o amo, sou casta; quando me chego a elle, sou limpa; quando me ajunto com elle, sou virgem».

Rejeitadas a *pianta* de S. Gregorio com badanas de morca farta, a de S. Longuinho, mais repleta d'artificios que um museu de guerra, a de S. Bazilio magno, fronte hellenica ensilvada de tibias, e, a despeito d'um nedio e gentil bacoro, a de Santo Antão abbade, que o

espirito de fornicação visitava, pelas noites sensuaes do deserto, na figura d'um ephebo negro. E vorazes, se filaram as unhas sujas e roseas de Celidonia no emblema de Santo Ignacio confessor, forte e sadio como um retabulo de Georgino. Bellas damas, d'especiosos trajos, toucadas de pampanos, por entre as quaes assomavam cabeças ardidas de corceis, e pulcherrimas moças de seios tumidos, a perna lauta a descoberto até a virilha, concertavam-se em tôrno da planta *Fenice,* que floresce sobre os marmores. Esta gravura, d'um opulento e sabio claro escuro, com sofreguidão passou enrolada para o avental profano de Celidonia.

S. Lourenço Justiniano arrancou-lhe um grito, com as aguias de garra poderosa e aza desembainhada, e S. Nicolau Tolentino, a quem a bestiaga do inferno, um dia no côro, deu tamanha patada que ficou manco toda a vida, deleitou-a com as guitarras, ocarinas e tambores d'um descante mui pagão.

Cada gravura tomava metade da pagina infolio e o texto era attingido. Eu, porém, procedia ao saque com a implacavel grandeza d'um rei vandalo.

Celidonia era uma harpa, e toda se enterneceu perante S. Bruno, *che fugì il mondo por vincere con la fuga l'istesso mondo,* ao penetrar o sentido d'aquella cabeça macerada de solitario e a tragica legenda do guardião, de dedo nos labios: SILENCIO!

Dei-lhe S. Bruno, Santo Ambrozio e Santa Luzia, a quem, condemnada pelo prefeito de Saragoça a ser exposta no logradoiro das mulheres publicas, não houve força d'homens, nem de maromas, nem de bois jungidos, capaz

de mover. Quando largamos o volume, de deliciosos ferros Renascença na lombada, estava roto e empobrecido como filho pródigo que acabasse de sahir das mãos de seus amigos. E, velozmente, foi acamaradar com o *Flos Sanctorum* de 1590, debaixo da mesa.

Pilhamos ainda tristes, massudos e veneraveis in-folios, e d'ahi as nossas pesquizas fôram encaminhadas para os in-4 e in-12, de fechos em cobre, e com curiosas encadernações portuguezas. A série da *Summa theologica* de S. Thomaz, edição gothica de Giunta, foi a primeira a apparecer a talho. Celidonia muita cupidez me mostrava pelos frontispicios gravados, em que os dizeres são sanguineos, da côr do seu saiote, dos poentes, das cerejas e de meia terra de Portugal. O seu olho ahi redouçava-se. Por este instincto, a muitas edições Giunta se fez a ablação, o *Opus aureum,* os Sermões de Voragine, e a segunda parte da *Summa*, não obstante a figura da portada, singularmente dolorosa, me convidar ao respeito. Aquellas palavras, que se subpunham ao monge soffredor, d'um echo tão celeste: *Bene scripsisti Thoma*, ainda ergueram no meu espirito a ideia dos labios de meu mestre, verberando-me: grande maldade commetteste, Liborio. Mas curto foi o meu refreamento d'Atila. As mãos de Celidonia passeavam-se já nas obras de Gregorio pontifice, fina maravilha dos prelos parisienses do seculo XVI. O tomo já não tinha fechos, e pelas gretas da capa, em marroquim, a taboa espreitava. Juntos rasgamos as gravuras que antecedem os frontispicios nos Dialogos, nas Homilias, na Exposição do Cantico dos Canticos, do trabalho composto pelo hon-

rado varão Jehan Barbier, a expensas de Jehan le Petit e do qual a factura de cada versal, d'um gosto exquisito e d'uma variedade exuberante, valia a impressão d'um livro de hoje.

Pilhamos ainda a Biblia *sub signo unicornis*, onde passava uma phantasia obsequiadora de verdade, e incunabulos em que as rarissimas vinhetas eram como que o sello da graça divina na composição dos mercadores de livros.

Edições de Lyão, de Paris, de Colonia, de Hagnenow, de Veneza, nós as folheamos e saqueamos, com aquella paixão irrespeitosa, que conduzia os papas magnificos a encastoar nos ciborios, em que ia vasar-se o sangue de Jesus, a *alma Venus*..

Celidonia tinha a abada cheia. O nojo, que me viera de suas palavras, remendando o saiote, havia-se dissipado no decorrer d'aquella intimidade, sobre que pesavam insensivelmente os seculos das ruinas. Ella sorria e eu sorria.

Lembrei-me, então, d'uma estampa catita, em varias côres, que minha mãe pregára á cabeceira da cama. Representava a milagrosa Senhora da Penha que se venera em sua egreja, na freguezia de Irajá, Rio de Janeiro, e fôra a grade dadiva de meu tio Aleixo, por alcunha Fome-Negra, que a ella se chamára contra a febre amarella e os naufragios. E, arrostando com todos os possiveis riscos do desvio, propuz-me ir buscal-a á Casa dos Terceiros, onde enchia um taipal todo. No meio de tanta serrabulhada, frades mocambos, santos de cara á banda, diabinhos impertigados, Celidonia levaria aldemenos uma imagem de se lhe tirar o chapéo, com devoção.

Mas ella recusou:

— Dá-me, antes, uma carteirinha para o meu Zé.

Assim que comprehendi seu desejo, passei exame ás capas dos alfarrabios, que as havia lá de coiro mais fino e velludoso que pelle de mulher. Maneirinha, lomba estreita e sem nervuras, de cabeças heraldicas, estampadas a frio na bezerra, estava o *De perfecto mundi contemptu* de D. Dionyzio Carthusiano, edição rara de Colonia. A *Vita Christi* ostentava uma preciosa encadernação em camurça, prejudicava-a, porém, a espessura. Deliberadamente se despiu o *De contemptu,* para que dentro d'aquellas paredes philosophicas apparecessem e desapparecessem notas de tostão e folhetos á desgarrada do mano de Celidonia.

Lá fóra a soalheira abrazava; a volta do meio-dia punha novas sombras á borda d'outros muros.

Celidonia atou as duas pontas do avental na cinta, e a meu rogo, porque um vislumbre de prudencia me assaltára, foi-me passando os livros mutilados, que a trouxe-mouxe restitui ás prateleiras. Isto feito, dispunha-me a fazer as honras da casa á fragrante hospede, quando á porta se mostrou, pavorosa como uma visão infernal, mais horrenda que a visita d'um crotalo, a cara de minha mãe.

— Ah, depravados — exclamou ella, despedindo sobre nós raivosamente — já a triste casa dos frades vos serve para a pouca vergonha! Já não ha furnas por essa quinta!? Péga!...

E uma bofetada á mão tente estalou na face de Celidonia.

Vendo-a em seguida crescer para mim, puz-

me de largo. Deitou a correr, deitei a correr; bem porfiou ella; em rodopios mais lestos que de macaco, em torno da mesa dos brodios, pirava-me sempre. Minha mãe tinha escuma na bocca; de dentes arreganhados, eu arruaçava.

— Mariola — vociferava ella, enfurecida em sua impoténcia — has de pagar caro quantas velhacarias praticas. Não esperes ser ajudado de Deus, nem respeitado dos homens. Ah! ah! Quem viver contará o teu triste fim. Os piolhos e as lendeas e o surro hão de ser tão bastos sobre ti, a pontos que nem os cães te ladrem. Eu que t'o jure! Excommungados, fazer casadoiro da casa do Senhor!! A ti — clamou, voltando-se para a Celidonia — tem de te acontecer peor que á Clara, que lá anda, se não morreu já, por Lisboa comida de venéreo. Calatra, tão novinha e já o cio que tem! Sois todas as mesmas; quem sahe á cepa não degenera. Tua mãe conheceu mais homens que de cabellos tem na cabeça!

Celidonia, com o aventalinho apanhado na cinta, chorava muda e immovel, como se perpetradas tivessem sido as porcarias de que a acoimavam. Eu estava cheio d'ira e asco pela injustiça de que eramos alvo e, sobretudo, pela desfeita commettida para com a pobre Celidodia.

Minha mãe proseguia, vozeando, de mão no ar ameaçadora, ante meus jarretes, promptos a esquivar-me.

— Malvado, maldita seja a hora em que te puz no mundo. Melhor fôra dar a vida a um cão! Porque não lhe torci eu o pescoço, quando nasceu? Até Deus perdoava! Pois viu-se já um monstro assim! Credo! Credo!

E, erguendo as mãos ao céo, chorou, pelo peccado de me dar á luz, um chôro de desaggravo.

— Pae do céu, perdoae-nos! É o Porco-tinhoso que o guia, e não vossos servos que vos bemdizem e temem.

E de cabeça dobrada, como se a humilhação expiasse meus crimes, sahiu mansamente.

Empurrei Celidonia n'esta pausa tragica:

— Vae, vae depressa.

A pequena largou a correr; minha mãe desceu a álea de buxo, e eu fui observal-as a ambas do pateosinho de poucos degraus que dá serventia ao convento. Minha mãe não pudera desafogar, sovando-me, como lhe requeria o temperamento, e eu palpitava o retorno da sua colera. Ora, foi só reparar no cebolinho e ahi rompe ella, mais assanhada que uma fera. Já não corria, voava.

De arranco fechei a porta com a tranqueta interior e, em segurança, como n'um bastião, fui para a vidraça da Bibliotheca desfructal-a.

Ella, entretanto, tinha ido buscar o borrifador e, de trajo domingueiro, regava o cebolinho. E porque estava murcho e pendente e eu alceiro e artola, as injurias choveram mais sobre mim que a agua sobre a terra:

— Que tratante! que tratante! Nem aldemenos dar uma sêde d'agua ao pobre cebolinho! Toda a manhã passada na vida marota! Machacaz! E quer isto seguir os estudos! Vá para a escola do Cadellas! Um bigorrilha que ainda tem a envime e só está bem entre as fraldas! Ao menos tranque-se nas mancebas por esses bosquedos, não venha enxovalhar a casa que lhe dá o pão. Tratante! Malvado!

— Vá para o inferno! — gritei.

Por resposta, atirou-me com um seixo, que enfiando pela vidraça partida, foi bater no raio da estante, occupada pelos *Zodiacos Soberanos*.

Como um mono enraivecido, agarrei-me aos varões de ferro, e fazendo motetes hediondos e soltando guinchos, invectivei-a:

—Eh! feiticeira! eh negra, impa que pódes!

Minha mãe metralhava-me com tudo o que podia, calhaus, cacos e maldições.

—Mirrado sejas tu como as palhas sobre que dormes! Que por onde tu passes, sequem as hervas e as fontes!

—Estoira para ahi de raiva, serpente!

Os motrecos de vidro, que ainda estavam de pé, cascalharam. O chaile e o lenço d'ella andavam em rodilha pelo solo lamacento.

—Malvado! peor que o Pires que enforcaram na Villa da Rua! D'oravante se quizer comer, cave-o ou roube-o. Pegue d'um bacamarte e saia ás encruzilhadas. Vá, desande d'aqui e que a minha maldição o siga por toda a parte onde fôr.

O despique proseguiria, se ao portão não assomasse a figura dobrada do snr. padre-mestre.

Temeroso do requisitorio que minha mãe ia levar á sua alçada, desgostoso de meus excessos, debrucei-me sobre a licção d'Horacio, na edição preciosa de Florença. E na satyra do dia, pela bocca de Priapo, reconheci quanto o desaggravo é licito na violencia e no irrespeito, sempre que a calumnia lançou sobre nossa boa fé a baba peçonhenta:

At siquid mentior: inquiner merdis
albis corvorum..... etc.
.....

II

N'uma d'aquellas manhãs, estando eu e o snr. padre-mestre na livraria do convento, apearam á porta tres reverendos. Vinham montados á estardiota, de garnacha, chapéo de velludo, e pelo contraste dos vultos negros com as tintas frescas da primavera, e não sei por que mais, deram-me a impressão dos tres reis magos. Prompto, me mandou o snr. padre Ambrozio sahir fóra a offerecer os seus serviços e a informar-me das razões que os traziam. O recado era com meu pae e pela álea de buxo guiei-os á egreja onde elle se dava á pia tarefa de vendar a face aos santos, segundo o rito da quaresma. Volvi a versar a proposição tão execravelmente dialectica: «Somos obrigados d'amar o proximo com acto inteiro e formal?» emquanto meu mestre, docemente, desfiava as Horas Canonicas.

Porém, não tinha ainda composto quatro regras, vimol-os apparecer pela escada interior, meu pae á frente.

Meu bom mestre acolheu-os com uma cordealidade d'animo, que estava mais na delicadeza do seu trato, que na associação que existia em suas pessoas. Porque meu mestre, ainda

que ecclesiastico d'aldeia, tinha as maneiras bizarras d'uma personagem da Curia.

— *Pax vobis!* — saudou um, de larynge muito fatigada, quási metallica, adeantando-se dos outros.

Meu mestre ergueu-se para se inclinar levemente:

— *Deo gratias.*

— Somos os padres do Espirito Santo da Aldeia da Ponte; V. R. é o reitor dos Arcozelos? Muito felizes nos consideramos em prestar homenagem ao nosso collega em Christo, de quem é fallada a virtude e o saber.

Meu mestre correspondeu com outras áquellas urbanidades, e, como allegando falta de tempo, declinassem o envite a sentar-se, disse-lhes:

— Em que posso ser util a S. P.?

— V. R. conhece a regra da nossa Ordem — proferiu fr. Waldemar cujo porte e geito o inculcavam como superior — missionamos onde nos chamam, onde se faz mister, e todo o zelo é pouco contra a impiedade que é muita. Louvores ao Senhor, por essa Beira fóra, a nossa palavra não tem cahido na fraga... Ha muito, senhor reitor, mesmo ha muito tempo, que nutrimos o proposito de fazer umas prédicas n'esta região. Por acaso, o momento, era-nos favoravel. Temos até certo ponto as mãos livres, depois estas terras apparecem agora, por escala, no que poderiamos chamar o nosso roteiro evangelico. V. R., como commissario regio n'este convento, teria reluctancia em nol-o franquear para este fim... uma d'estas semanas... lá para a dominga *in albis?*

O snr. padre Ambrozio tirou os oculos, geito

que lhe era peculiar sempre que se propunha discorrer, e observou:

— Sabem S. P. que este mosteiro está no meio d'um ermo?

— Sabemos, mas não ignoramos tambem que n'um circulo de dez kilometros se encontram mais de vinte aldeias e logarejos.

— E' exacto, mas para os intuitos de S. P. talvez haja logar mais adequado. Isto — e o seu braço n'um movimento circular abrangeu a thebaida inteira dos franciscanos — é uma ruina a arruinar-se.

— Ruina cheia de edificação — replicou o frade com melado entono. — A capella, fomos agora ver, está bem conservada, e quanto a agasalho para nossas pessoas não se falla.

Meu mestre recahiu n'um silencio, que o frade, interpretando pejorativamente, breve quebrou em dizer:

— Não veja V. R. n'isto proposito occulto... não. Obedecemos á persuasão que as missões aqui darão echo e teremos uma enchente por cada noite. Attentou já V. R. na grande força espiritual que está represada n'este mosteiro, e que é a obra do tempo, da tradição, da propria humildade das pedras envelhecidas?

— Sim! — respondeu meu mestre.

— Pois esta força, senhor reitor, é, cremos nós, das que attrahem e que dominam as almas, porque é aquelle passado, mesmo, a que são sujeitas. Propondo-nos semear é logico que cuidemos a sementeira, não é verdade? Lembra-se do psalmo *Si sumpsero penas meas diluculo et habitavero in extremis maris, etenim illuc manus tua deducet me et tenebit me dextera tua*...

— «Que tome ao dia as azas da aurora — repetiu meu mestre, acenando docemente com a cabeça — e vá morar para o confim dos mares sempre a tua mão brincará commigo». — Certo, o homem é um pobre estorninho que o passado traz preso ao barbante.

— Ahi está! — exclamou Fr. Waldemar, alongando o braço — a mão que brinca ha de nos trazer aqui a comarca em peso. Por isto, antepomos o velho casarão de S. Francisco ao templo mais hospitaleiro.

— Não é das mais corrompidas, em materia de religião, esta comarca — tornou meu mestre com pausa. — Verdade, nunca a palavra de Deus é superflua.

— Assim o entendemos todos.

— E assim o praticamos... Pois grande obsequio fazem S. P. á minha freguezia, elegendo-a para centro de missões.

— Sem intenção especial, creia V. R.

— Certamente, certamente. Na minha parochia ha peccado como em toda a parte onde ha homem; mas é este peccado contingente mais materia que espirito, que — parece-me bem — nem registo leva no livro de Deus.

Os frades entreolharam-se e o senhor padre-mestre accrescentou:

— Bem, pela parte que me toca estão S. P. auctorisadas a dispôr como de sua da humilde mansão franciscana. Resta que me dêem a honra de acceitar hospedagem em minha casa...

E, após trocarem as cortezias d'uso e correr uma vista rapida pelos livros, se fôram, dando instrucções a meu pae para que tivesse prompta para a dominga quarta da quadragesima a casa do Senhor. Meu pae, como escudeiro da

christandade, fez uma grande venia, e seguiu na sombra d'elles, a segurar-lhes o estribo para montar, emquanto, de fronte pendida sobre o breviario, meu mestre meditava.

Desde aquelle momento, a velha egreja adormecida, que o tempo ia consumindo com limar silencioso, acordou á sanha restauradora de meu pae. Dias a fio, o reboliço quebrou o laborioso encanto da Bibliotheca. E uma manhã, uma revoada d'aves noctivagas veiu abater-se espavorida por detraz dos volumosos tomos de Cornelio Alapide e de Sylveira, doutos commentadores de textos.

Minha mãe, na lacrimosa fonte dos monges, lavou de sol nado a sol-pôr. A's braçadas, dos arcazes profundos da sacristia e da casa da fabrica, lhe acarretou meu pae todas as alfaias em linho raso e panno de olanda que havia.

E não poucas eram, que, no dizer de meu mestre, sobejavam para enroupar um albergue de desvalidos. Quando todos estes objectos, artificiosamente obrados, de doce nome e de córte extravagante, alvas, amitos, palas, sanguinhos, frontaes, manipulos, corporaes, bolças, seccavam ao sol, lembraram-me os estendedoiros de Maria de Nazareth, que, antes de ser vaso d'eleição, fôra modista e lavadeira de delicados dedos.

As minhas devoções cumpria-as, agora, perante o Christo exposto no baldaquino da Livraria. Em tempo ordinario, todas as manhãs antes que meus dedos folheassem livro, dirigia-me á capella a orar e a contemplar. Era um louvavel costume, que meu mestre me inculcára como fonte copiosa de actividade. Sósinho na nave immensa, a meio d'um vagalhão de som-

bras, o espirito penetrava no meu espirito como o sol por uma vidraça. Do alto do tecto alteroso, em uma só curva, a pomba do Paracleto, com remiges vermelhas laivadas a branco, voejando sobre um bulcão de labaredas, soltava as vozes doloridas: *in nidulo tuo moriar*. Pisando aquellas lageas funerarias, eu ouvia-as sempre com a angustiosa obsessão d'um peregrino, perdido a monte. Em cima, na tribuna, S. Francisco e S. Domingos cresciam em sua estatura severa de gigantes; sua expressão de força e hombratura de centuriões romanos intimidavam-me.

— Não era podôa nenhuma este imaginario — disse-me um dia o snr. padre Ambrozio, apontando com o index — Fôram assim, apoucados no geito, grandes no gesto. Rezam as historias que o papa Honorius, terceiro d'este nome, em vesperas de confirmar a Ordem dos Prégadores, fundada por S. Domingos, tivera uma visão. O filho de Deus apparecera-lhe armado de tres lanças, livido de colera, prestes a destruir o mundo que tres vicios, a soberba, a cobiça e a luxuria, devoravam. — Tate! meu Jesus, — acudiu a dulcissima Virgem Maria — os homens são fracos, são filhos d'Adão peccador, mas regeneram-se. E, só com mostrar-lhe S. Francisco e S. Domingos, obteve a clemencia de Jesus... De facto, estes dois vagabundos dos caminhos salvaram da morte o mundo christão. Este estatuario não era podôa, Liborio, não era...

Mas eu não sympathisava com S. Domingos, que tinha um ar duro, castelhano, e morrera de ferula na mão a admoestar os frades. Das licções de meu mestre, ficára representando

para mim a face da religião inflexivelmente cerebral. As minhas rezas não iam a esse mimoso do entendimento...

As mais das vezes ajoelhava ante o altar da N.ª S.ª dos Remedios, que me tocára na pia do baptismo com sua corôa de prata, e tinha um manto mais especioso que o abril rindo na serra. O altar de minha madrinha ficava á bocca do arco que abria para o altar-mór, á banda esquerda do transepto: á banda direita era o de seu glorioso esposo e aio de Jesus, S. José. Amortiçadas na sombra, que olheiros, rasgados ao rez da cêrca, mal tingiam d'uma restea de dia, as capellas de N.ª S.ª da Saude e de N.ª S.ª da Piedade revessavam um relento limoso de catacumba. Meu mestre tinha em grande apreço uns retabulos, que alli havia, da escola de Grão Vasco, em preciosa armação de talha. Taboas, representando Santa Catharina e Santa Rosa pendiam das paredes da capella-mór e áquella como padroeira dos estudantes, a miude eu consagrava as penas do dia, para que sua soberana graça me bafejasse de esperteza e de diligencia. Ajoelhado ante seu talhe esbelto, mais d'uma vez se me afigurára surprehender na face da virgem o risonho fremito dos promettimentos. E forte d'esta segurança interior, navegava, navegava como um argonauta audaz pelas latinidades fóra.

Em temporada d'exames, recolhia-me na egreja e na atmosphera tão cheia de attrição, cortada por forças mysticas imponderaveis, sentia a confiança d'um alcaide em seu castello. Lentamente, ao desdobrar do drama da oração, em mim se imprimiam todos os estigmatas da vontade sobrenatural; o dedo de Deus alçava-

se sobre mim, o dedo de Deus conduzir-me-hia na vida como por praina e recta alameda. E sahia d'alli, vendo no mundo uma vasta taboa de signaes, onde o destino do crente passa, veleiro como uma côrça e seguro como um leão.

No fundo inexperiente e selvagem do meu ser, tudo isto redemoinhava incolor, vago e indeterminado como o verbo sobre o cahos. Hoje, ao restituir-lhe as formas, sinto um respeito immoderado pela fatua povoação que outr'ora habitou meu espirito.

Se meus paes sahiam em jornada, minha necessidade de adoração satisfazia-se nas lages nuas da galilé, deante de S. Francisco e Santa Clara, que alli permaneciam frente a frente, em guardiões symbolicos do templo. O ineffavel cantor de *messer lo frate sole* e da *casta suor aqua* apresentava um gesto de pedinte na estamenha rude, a virgem um ar vaporoso d'ascensão. De robe colhida por um pé de vento, parecia uma mimosa offerenda ao Bem-amado.

N'isto, porém, punha o recato de quem exerce um commercio reservado com outrem e que vergonhoso seria assoalhar. No remanso ecumenico das sombras é que eu e o espirito communicavamos. Com o mesmo sigillo, ao armar da egreja para as missões, encommendava minhas horas e fraquezas ao Christo da Bibliotheca. Sua bocca entreaberta, no derradeiro hausto, commovia-me até as lagrimas das delicias. Mas, de repente, meus olhos pousavam nos anjos sapudos do baldaquino, e seu geito magano e olhar faceiro levavam-me a seriedade. A immovel grandeza d'aquelle torreão de sombras aluia; um pintasilgo assobiava nas arvores da cêrca

e punha-me a assobiar. Eu era assim, uma alma fresca de creança, carregada de brocados d'uma edade morta.

Acercava-se, entretanto, a semana que vae da dominga quarta da quadragesima, d'uma tão solemne espera, á dominga maior, rescendente de myrtos e d'oliveira. A egreja estava lavada, limpa e brunida. Havia chegado farta provisão de cera, e meu pae dava o ultimo retoque aos castiçaes de latão moirisco, na escaleira graciosa que desce para a galilé. Minha mãe, com os paramentos promptos e arrecadados, ensilvava os altares de mimosas, magdalenas e alecrim, n'estes vasos em faiança rustica que se espalmam em cornetas d'orgão. Cabeças curiosas vinham espreitar ao portão — porque o rumor das prédicas lavrava pelas aldeias — e meu pae gritava:

— Oh! sua gente, a festa começa no dia dez á noite! Já se rogou a musica; tambem vem o bispo!

E, n'um filaucioso sorriso, fazia grande alarde da cerimonia.

Na vespera, em que os missionarios deviam comparecer, fui acompanhar o senhor padre Ambrozio ao presbyterio. Era pela tardinha, e uma aragem leve tombava pelos campos os centeios já altos. As arvores rebentavam e eram sobre nossas cabeças myriades d'estrellinhas a rir. Ao chegar á estrada, que cortava o caminho da residencia, puzemo-nos a seguil-a, porque — disse meu mestre — é dever d'um bom christão aproveitar os beneficios do Creador, e sem duvida que de sua mão benevola vinha tocado aquelle fim do dia d'uma tão luminosa e doce temperatura.

Apoiado á bengala, que rematava em forquilha, a certa altura, meu mestre parou e proferiu:

— Sabes, Liborio, de que maneira Santo Antonio, gloria d'estes reinos, definia a primavera? *Tempus tacendi et tempus loquendi.* Tempo de silencio e tempo de communicação. A natureza, a certas horas, parece meditar. Olha aquellas montanhas tristes do Douro!... Figuram-se-me d'uma resignação sobrehumana e recolhida ante o firmamento. O meio-dia é um cantico. O Senhor permitte ao homem e ás coisas que se esqueçam do seu captiveiro... Até talvez que Endovelico, divindade lusitana do amor e da concordia, ande á solta por estas serras! O verdadeiro pae dos deuses não é mau, Liborio, não é mau!!

N'um cotovelo da estrada esbarramos com o snr. Bento Chinoca, antigo boticario da villa, de chapéo pendurado dos dedos sobre os lombos, abstracto, retrocedendo d'uma das suas interminaveis e quotidianas marchas de solitario. Meu mestre estendeu-lhe a mão, salvando cordealmente:

— Viva o nosso zoilo! E essa dispepsia?

O snr. Bento levou a mão á bocca do estomago e n'um esgare, em que a chalaça se misturava ao azedume, disse:

— Mal, isto só em Lurdes. — E logo vivamente: — Então o menino entregou o mosteiro aos chupistas do Espirito-Santo?

— Ahi vem o desconchavo — redarguiu de benigno aspeito meu mestre. — O mosteiro não é meu, é dos fieis.

— Fôram então os fieis que chamaram os frades?

— Não fôram, nem tampouco eu. Bateram á porta, abriu-se-lhes.

— E que razões invocaram quando fôram com a deprecada, padre-mestre?

— Nenhumas, nem eu lh'as pedi.

— Nenhumas, é boa.

— Sim senhor, nenhumas, a não ser as que implicitamente estão no nosso munus, amar e servir a Deus, da maneira mais efficaz. Mas você, Chinoca, não comprehende que isto possa ser uma finalidade.

— Comprehendo; o que não comprehendo é que elegessem o mosteiro para exercel-a. Ora d'isso é que lhe pergunto os motivos que allegaram.

— Laboramos n'um circulo vicioso — tornou meu mestre. — Imagine v. que é padre...

— Não, d'essa me livro eu — contestou Chinoca espinoteando.

— Eu disse: imagine. Com o seu perdão v. é padre e os collegas veem ter comsigo e dizem-lhe: Auctorisa-nos a celebrar na sua egreja? Note, não ha jurisdicção canonica, que, em principio, permitta vedar um templo a sacerdotes de fóra. Que resposta dava v. Chinoca?

— Mandava-os á fava.

Meu bom mestre desatou a rir, conhecendo os desatinos do boticario em materia de crença, e accrescentou:

— Não me cabia investigar das intenções, bem vê.

— Imagine que o plano d'elles é escamotear-lhe o mosteiro! — gritou o sr. Bento, torcendo-se todo n'um motete de furor e de magoa — Não lhe causa detrimento?

— Não; o mosteiro que irei habitar breve-

mente são seis palmos debaixo da terra. Além d'isso não é o ardor do apostolo que póde ferir o verdadeiro apostolo.

— O padre-mestre é um ingenuo. Dê de barato que o fim d'elles é lançar pé no convento; não lhes é difficil. Diga-me, em que situação fica a familia d'este menino (o sr. Chinoca, n'um gesto pathetico, apontava para mim) e particularmente este menino, que o padre-mestre educa com tanto desvelo?

O sr. P.e Ambrozio encarou-o d'olhos silenciosos e inquietos. E, baixinho, balbuciou:

— Não creio que nutram taes designios.

— Nem eu creio — corrigiu magnanimamente o sr. Chinoca, apercebendo-se do alcance certeiro das suas palavras — nanja que para elles entrem em linha de conta esses factores, mas porque o convento está um pardieiro que não vale uma missa cantada. Agora, padre-mestre, eu lhe vou revelar a que móbeis devemos a visita de tão santos varões. Ora ouça...

Meu mestre ria, de boa gana, da veia jacobina do boticario.

— Ouça e depois zombe. Conhece alli o Miguel de Malafaia, o fidalgo de Santa Maria das Aguias? Sabe que é deputado, e que o irmão, um dos grandes homens da monarchia liberal, está á cóca de ser ministro?

— Fui muito das relações do sogro, o Matagatos — respondeu meu mestre. — Em casa d'elle jogava-se rijo.

— Foi gente com quem nunca tratei — tornou o sr. Chinoca — mas aviei muita receita para a senhora. Era uma hystérica... Afinal, padre-mestre, nunca se chegou a averiguar bem se o Matagatos se matou ou morreu de morte

natural? Opino pelo suicidio. Ora, tinha desbaratado a fortuna, farto de gosar, filhos arrumados, acabou como um romano. Já lá está... que a terra lhe seja leve...

E o sr. Chinoca, n'uma grande cabeçada para o ar, parecia lançar aggravos antigos ao vento do esquecimento.

— Ainda bem que as meninas encontraram maridos ricos e da sua igualha.

— E' verdade; mas o que o padre-mestre ignora, embora não seja d'hoje, é da desordem profunda que lavra lá pela familia. Perdõe se vou offender suas orelhas castas, mas vem á historia dos frades do Espirito Santo. A D.ª Estephania, creio que é das duas Matagatos a mais velha, era o que se sabe, uma rapariga nova, espiritual, boa de se lhe lamber o beiço. O Malafaia, que é um babosão, cobriu-a de regalos e levou-a para a capital. Aqui foi a asneira; elle não é edoso nem bolonio de todo, mas já não é d'aquelles que se aguentem com gado mosqueiro. Acha-lhe graça? Pois é o que lhe digo, o Malafaia, em negocio de amor, é dos que são maridos das mulheres dos outros. Ella era ligeira, depois a politica absorve como a mais apegadiça das concubinas. Vae a madama tresvaira, primeiro com um deputado, a seguir com um tenor, um sobrinho, cão e gato. Hoje o Malafaia possue a mais formosa armadura de todo o reino. Ao que parece, isto não lhe faria grande mossega entre a gente da alta, se elle não nutrisse um ciume de turco pela mulher, e as gazetas da opposição o não pintassem de minotauro. Por outro lado, a irmã que casou com o patóla das Poças não é menos cachónda. Já se lhe contam os mariposos pelos

dedos, um estudante, um padre, o mestre regio, diz-se, mesmo, que o cocheiro. Matagatos e Malafaias... tudo cabras e cabrões...

— Mas que tem isso com os frades do Espirito Santo? — interrompeu meu mestre agastado.

— Tem muito, vae ver. Esta vida airada prejudicava immenso á aura politica dos Malafaias. Não me dizia, v. ha tempos, padre-mestre, que o ridiculo é o temivel adversario dos homens que pairam perto dos deuses? Tambem o julgo assim, e de certo os Malafaias, que mandaram a estes cêrros os padres do Espirito Santo, com missão de morigerar as duas ovelhinhas desgarradas... ham?

— Isso é um folhetim que V. leu no roda-pé da *Vanguarda!* — pronunciou meu mestre com mal vencida ira.

— Era preciso um pretexto, um scenario — proseguiu o sr. Chinoca, sem embargo da replica — ahi está tudo, as práticas espirituaes, a bella ruina de S. Francisco, e até um comparsa que é v. padre-mestre. São finos tratantes, meu amigo. Claro, as Malafaias hão de correr á isca theatral das prédicas, como lampreias que são. Morderão no anzol? Não sei que poder de convicção tem o verbo de seus virtuosos collegas. Bonito seria que ellas o seduzissem, ah! ah! Mas não, não é um arfar de seios que a elles os suspende, sobretudo, como n'este momento, em que deve estar no tapete uma boa cartada.

— A forca, amigo Chinoca.

— Talvez. Talvez a forca, a inquisição, o revogamento da lei Joaquim Antonio d'Aguiar. Tudo é possivel com realistas da esquerda. Que ha conjura, não resta duvida.

De volta, sobre nossos passos, sempre discorrendo, tinhamos chegado ao ponto em que o caminho velho, que desce para o presbyterio, se cruza com a estrada.

Meu mestre, visivelmente enfadado, despediu-se gracejando ainda, porque era de animo generoso e tolerante.

— Amigo Chinoca, adeus. Deixe lá os frades e as samaritanas e trate da saúdinha; experimente Lurdes...

Ao que o boticario retorquiu:

— Até á vista, padre-mestre. O que lhe acabo de dizer é tão certo como Ganganeli ter sido envenenado pelos jesuitas. Quanto á forca, estou descançado; primeiro havemos de fazer nós a revolução.

E lá se foi pelo macadam fóra, cortando com passo invariavel as sombras diaphanas do entardecer. Meu mestre, descendo a ribanceira, disse-me:

— Este Chinoca é um pobre de Christo; subiram-lhe á cabeça as leituras perversas de Büchner, do barão d'Holback e d'um sr. Theophilo Braga que escreve livros e é o que viste. Tudo o que contou, estou convencido, é uma novella que andou compondo, sósinho, pela estrada fóra. São assim os velhos solitarios. Verdade é, Liborio, que o peccado é um fiel companheiro do luxo e da ociosidade. E não menos verdade é que não ha nada a facilitar com mulheres que teem um espelho onde o diabo lhes diz que são bonitas!

E meu mestre ficou cabisbaixo e pensativo. Quando o deixei, despediam as Trindades no campanario dos Arcozellos; e logo após, como era fecho de semana, os sinos dobraram effusi-

vamente ao dia do Senhor que ia romper d'aquella noite perfumada, com missa muito rôxa, camisas brancas de neve, e moças de tamanquinha ligeira a atravessar o adro.

As torres das redondezas, a pequenos intervallos, responderam. E suas vozes murmuras, alacres, olorosas, figuraram-se á minha alma apta a ampliações, as linguas do Espirito Santo communicando aos homens paz e boa vontade.

Uma grande ternura apoderou-se de mim pelas coisas e pelos seres, desde meu mestre, tão eloquente no saber e tão contagioso na bondade, ao triste e vadio Chinoca, sobre quem passara, esbulhando-o, o ladrão do tempo. E, sem outro recurso na necessidade de sacrificio que sentia por elles, tirando o chapeo orei: ó pae nosso, que estaes no céo, sanctificado seja o vosso nome...

Não obstante a unção que trasbordava de mim sobre o universo, ou talvez coagido por ella, quando passei nas trazeiras da casa dos Violas, puz-me a escalar o muro até attingir o buraco, por d'onde muitas vezes fui surprehender Celidonia na buliçosa lida de mulhersinha.

Ella lá estava na casa vã, a trabucar, sem duvida, nos preparos da ceia. Assegurei-me que estava só, e em voz bem timbrada exclamei:

— Celidonia!... Reza!...

Ella estremeceu, mas reconhecendo-me logo, contestou:

— Reza tu, que d'ahi não vale. Dianhos que susto me metteste.

— Vale, vale, que bem te vejo.

Celidonia veiu collar a bocca ao buraco e com graciosa sanha despediu:

— Reza, reza, reza...

Fiquei silencioso a regal-a d'aquella ternura que me empolava, até que lhe disse:

— Tambem vaes ás missões, Celidonia?

— Pois vou, vou.

— E tambem commungas?

— Ainda não sei a doutrina toda.

— E' uma vergonha, Celidonia, já tens edade...

— Pois é.

Ia a exprobrar-lhe a serodia ignorancia, quando ouvi ruido a meu lado e olhei para o caminho: era minha mãe a atirar-me pedras:

— Oh! mariola, pois tu até já pelo telhado vaes ter com femeas!

E os calhaus metralhavam-me.

Como estava a muita altura para saltar, tive de desengravitar pedra por pedra, offerecendo assim um alvo commodo a minha mãe. Afinal o pulo tornou-se possivel, e quando as unhas d'ella se estendiam para mim, larguei, ainda que molestado, mais veloz que um gamo. Ella bramia:

— Malvado! Com o vicio do mulherio já anda a aprender o officio de ladrão. Trôpegas te sejam as pernas!

— Eh! feiticeira! eh! negra — pus-me a gritar de longe.

Na tarde de domingo, dia que meu pae levou a repicar o sino restante de S. Francisco, que os outros haviam sido doados ás aldeias limitrophes, cabendo ao Carregal o *Barradas,* para a grande e clara resonancia do qual se lançou na liga a prata de mais de mil pintos, chega-

ram os missionarios com seus creados e famulos. S. P. receberam hospedagem n'um solar visinho e as bestas fôram alojadas na Casa dos Terceiros, cuja mangedoira conhecia a azemola orneadeira do mendicante e o macho, albardado á zamorana, do Dom Visitador. Á horas de ceia, meu pae abriu o portão de par em par e accendeu castiçaes na Bibliotheca. Estava uma suave noite e a lua nova erguia-se já acima dos muros da cêrca, como cabeça de loireira, em lenço amarello de malha, que vem espreitar. As arvores e a torre figuravam-se suspensas, tanto a claridade diffusa confundia terra e céo. Um ou outro ralo cantava nos almargiaes da quinta.

Dando tempo a que os fieis chegassem de povos e almuinhas, os missionarios entraram para a Livraria e puzeram-se a rezar Vesperas. Ahi receberam os curas das redondezas, que vinham acolytar, porque o nome dos frades era considerado e temido o seu poder. E tambem compareceu meu mestre, cheio de silencio e de mansidão.

Os fieis, entretanto, passavam pela rua de buxo em direcção á egreja, abafando a magoada melopeia da fonte antiga. Em arroio, soavam as vozes asperas da Serra, d'um accento tão gothico, e tiniam as fallas da gente da Tavora, doces e brandas. Ranchos de capucha, da tristeza processional das cinzas, entremeavam com o lenço de côr e o chaile de lã fluctuante. No largo das gallinheiras os creados dos abbades prendiam as eguas e vozeavam. E, sobre esta assuada de feira, um automovel annunciou-se, trepidando raivosamente nas lages desempedradas do caminho. Os senhores pa-

dres sahiram a ver. Duas damas requintadamente lirós apeavam.

— A fidalga de Santa Maria das Aguias — proferiu o reitor da Villa da Rua — mais a irmã...

E era tão formosa que eu, perante as sombras extaticas dos camponezes, o bando immovel dos sacerdotes, e a lua, com um carão prazenteiro de Padre Eterno, quêda sobre o tecto da nossa morada, perguntei-me se não assistia a um milagre dos seculos mortos, com a Virgem Rainha a aterrar alli do carro ardente de Elias.

O sr. padre Waldemar, com gentil rasgo, guiou-as pela escada interior do convento até o estrado, no altar de S. José, que ficava face a face do pulpito. Logo após, todos os ministros de Deus desceram á sacristia a paramentar-se.

Rendosa para as almas e grata aos céos devia ter sido aquella primeira noite de missões, porque dentro de mim vibrou toda a religiosidade do logar, condensada dos tempos, e porque os olhos das mulheres choraram. Dois tocheiros, apenas, ardiam em cada altar, e a nave alta, cheia de penumbra, prolongava-se até o infinito. O sr. padre Waldemar, por prodigio da palavra, levou-nos á presença do Senhor e eu fallei-lhe entre névoas.

Por uma porta que até alli se furtára a meus olhos, sahi da velha egreja franciscana, atraz da roupeta, que esvoaçava, do missionario. Tinhamos já percorrido um bom trôço do caminho e a voz d'elle ribombava ainda: «Tendes amor a um idolo vivo de sensualidade? Sabeis a que tendes amor? A um sacco de podridão».

Como minha marcha fôsse embaraçosa, disse-me: «Deixa os sapatos para irmos mais depressa e subtis».

Eu assim fiz, e elle tornou a clamar: «Tendes amor ás sedas, ás purpuras, ás pérolas? Sabeis a que tendes amor? aos excrementos dos vermes e dos peixes».

Extranhei que estas vehementes apostrophes fôssem deitadas ao vento, porque em tôrno de nós se não lobrigava viv'alma. Depois, um sussurro soluçante de mar, que comprehendi ser de multidão confrangida, soou a meus ouvidos.

Chegados ao cume d'um monte, o frade recommendou-me:

— Agora muito cuidadinho. Não cuspas ao chão, nem te ponhas a assobiar.

Um mancebo, com tunica branca em justilho, enriquecida de alamares d'oiro, de espadim constelado de pedras preciosas, correu para nós, bradando:

— Ao que vindes?

O frade deu-lhe o santo e a senha e, fallando com elle á puridade, vi que me apontava n'um gesto furtivo do queixo. Puzemo-nos a marchar no seu angulo, muito admirando eu aquella galhardia de moço, o que me levou a descobrir por baixo de sua roupagem o equilibrado chumaço d'umas azas de forte envergadura. Alameda de frondoso jardim era aquella por onde seguiamos, d'uma frescura, d'um aroma, d'uma voluptuosidade, que dava ganas d'alli não arredar pé. Pelas ruas transversaes vagueavam ranchos jucundos de cavalheiros e damas, e eram aquelles senhores de elegante compostura e ellas mui delgadas e altas; tão delgadas

e altas que pareciam a figuração divina d'uma interjeição d'amor.

Caminho fóra, passamos á vista de galharda sociedade, merendando sobre a relva velludosa. Pomos de infinita variedade, d'uma gula provocante, pejavam toalhas d'oiro bornido. Taças ao alto, n'um evohé suavissimo, espelhavam vinhos velhos, que deviam ser fragrantes e saborosos; mas não descobri leitão assado, chibarro no espeto ou perna de vitella, puxavante classico dos *pic-nic*. Risos musicaes entravam para a symphonia de rabecas que se não viam. E logo, passos andados, cruzamos com uma comitiva de ephebos e donzellas, e em tunicas roçagantes d'azul celeste, coroando-se, amavelmente, de flôres. Um ancião, de barba fluvial, presenciava d'olho regalado. E havia tal rythmo em seus motetes, que se me figurou buliçosa manada de cabritinhos os princeses que n'uma taça d'agua fria, enramada de lilazeiros em flôr, se bochechavam e bebiam pelas conchas das mãos transparentes. De maravilha em maravilha, mal admirei um bergantim, cravejado de carbunculos, singrando no crystal d'um lago, e d'onde sahia um ledo hymno de Sião; nem cortejos de alterosas berlindas precedidas de arautos á persa; nem as azas brancas que ruflavam sobre mim, nem as faces pulcherrimas, quebrantando de goso, só de olhal-as.

Quiz inquirir de S. P. onde estavamos e quem eram estas personagens tão exquisitas; mas elle, alçando o dedo até os labios, rechaçou meu proposito com um caluda soberano.

Nas immediações d'um palacio, cuja cantaria se afigurava d'oiro, porque era cercado d'uma

chamma mais esplendida que a que derrama o sol d'agosto, caminhavam em sentido contrario ao nosso tres donzellas mui formosas, vestidas d'um estofo tão fino e preclaro que não ha voz que d'elle possa dar traça. Ao entestar comnosco, a que occupava o centro fitou-me e, parando, disse para as outras:

— Olhae quem aqui vem! O meu afilhado!...

O frade tinha-se rojado por terra e, de braços em cruz, n'um jogo pathetico de physionomia, clamava:

— Ave-Maria, cheia de graça...

A augusta donzella, tocando-o com o leque brandamente, deteve-o com pronunciar:

— Ninguem, n'esta côrte, ignora vosso zelo.

E, como as tres entrassem a fallar de mim a meia voz, e a do centro, pondo os olhos nos meus, me chamasse um valentão, afoitamente perguntei a S. P. quem eram aquellas tres madamas de gentil disposição e nobre geito, sobretudo a que apparentava de maioral. O frade, dardejando-me um olhar saturado de ira, de dó e de vergonha, exclamou:

— Oh cego de vista serena, pois tu ainda não reconheceste aquella que é mais sábia que Deborah, mais forte que Judith, mais graciosa que Esther, mais humilde que Abigaïl, mais formosa que Abisag, mais casta que Suzana?!!

E tão arremettidiço estava, que julguei me ia arrancar as meninas dos olhos; mas a joia das joias interpôz-se:

— Deixae o mocinho! Eu sou Maria, mãe de Deus, e sempre serei comtigo.

Curvei-me até beijar a terra, acabrunhado da minha espessa cegueira e confundido na ruindade da natureza humana.

O lyrio de Jerichó, erguendo-me, tornou:

— Eu te abençôo, Liborio. E, agora, vae, vae a meu divino filho, que muito folgarás da sua presença.

E, emquanto attendia a umas supplicas teimosas do frade, as outras duas donzellas metteram-me no meio, e a que era morena, e tinha uns olhos pretos como cisternas adormecidas, fallou-me assim:

— Nós tambem somos tuas amiguinhas, Liborio. Aqui, minha companheira é Clara d'Assis, esposa de Christo. Eu sou Catharina de Alexandria e bem sabes que venci cincoenta philosophos em disputa publica e offereci a flôr da minha virgindade ao dulcissimo Jesus. Somos tuas amigas, porque, desde menino, veneras e reverencías as imagens que temos no mosteiro de S. Francisco. Por isso mesmo te damos um conselho: muito deleitada está a Virgem Maria com tuas devoções e com teu fervor; mas, se queres deleital-a ainda mais, se ambicionas ser o homem mais feliz da terra, consagra-lhe a virgindade!

E alli me deixaram fulminado e mudo pelo que ouvi e pelo obsequio que haviam feito, tocando-me com suas mãos vaporosas.

Precedidos pelo anjo de faim em talabarte, entramos no palacio, que alli se alevantava sobre as alfombras, como uma immensa e lapidada pedra preciosa. Os raios, que despediam os muros, crestavam nossos olhos mortaes. Ordenadas turbas de pessoas, de rosto florido, enchiam os incommensuraveis atrios. E era tão grande a sua agilidade que nem do ginete mais ardido, tão grande a sua subtileza que nem a do fluido mais raro, tão grande a sua impassi-

bilidade que seus corpos não podiam soffrer damno como um raio de sol se não póde cortar com a lança, e sua claridade tinha aquella radiosa doçura das escravas que amam o senhor.

Frescos, de formosura ignorada, proclamavam as excellencias das Virtudes Theologaes e Cardeaes e os Dons do Espirito Santo. E os olhos alegraram-se-me decifrando os symbolos: a Fé representada n'uma ancora, a Caridade n'uma pomba, a Fortaleza n'um leão, a Sciencia n'uma fonte, a Piedade n'uma cegonha, a Pureza n'uma abelha, e até a Formosura de animo na imagem de Danae regada da voluptuosa chuva d'oiro. Todas as virtudes, todas as graças, todos os fructos espirituaes e bemaventuranças evangelicas alli tinham o seu Parthenon com uma pureza nunca sonhada na Helade e um tamanho jámais abarcado em Babylonia. Depois de muito esperar, o Deus Pae, Todo Poderoso, Creador do Céo e da Terra, atravessou afinal na orla do atrio, em cadeira d'oiro, montada sobre quatro athletas nubios. O seu aspecto inebriava. No roldão dos eleitos, entramos após elle n'uma grande sala, cravejada d'estrellas, com um throno, a meio, armado de bellezas absolutas. E *Elle* que está presente em toda a parte, mal deu despacho a uns fieis defunctos que chegavam de viagem a cheirar á Terra, fez signal para nos acercarmos. O frade executou um prolixo e ceremonioso ritual; e Elle, sem lhe prestar grande attenção, disse-me:

— Olá Liborio, bemvindo sejas! Então esse Tacito? E como vae esse excellente padre Ambrozio? Homem de grande saber! de tão grande

saber que isso o prejudica, por uma inconcebivel casmurrice, aos olhos de meus ministros; mas eu cá estou. Pois bem, estimei ver-te. Persevera, faz as vontadinhas á Senhora Minha Mãe e toma lá...

O Senhor dos senhores punha-me na palma da mão um livro de veneravel capa e modesta apparencia, accrescentando:

—Fica sabendo que com este dom do thesouro celestial, nunca mais teu espirito tropeçará em segredos da latinidade, tanto profana como sagrada, latim de Cicero, latão dos frades.

E despediu-nos com um gesto largo, que rasgou no ambiente um sulco de fogo.

No parque umbroso, abri o cartapacio e encontrei as *Elegantiae latinae Laurentii Vallae, apud Seb. Gryphium,* de que a Bibliotheca do mosteiro possuia um exemplar. Ouvi, depois, um murmurio compacto de colmeia e senti um choque no cotovelo; a meus olhos deparou-se o sr. padre-mestre que me admoestava:

— Vem-se ao templo para dormir, Liborio?!

A egreja de S. Francisco, em peso, rezava as tres Ave-Marias finaes da prática.

A' meia-noite, a multidão de fieis e de sacerdotes tinha debandado, e os frades achavam-se em bom agasalho, sob telha esmolér.

Meu bom mestre, na qualidade de commissario do governo, demorou-se na sacristia a dar instrucções para o regular proseguimento das praticas. Amoravelmente, dois visinhos do presbyterio esperavam por elle. Na cêrca, a passo curto pela rua de buxo, disse-me:

— Os nossos estudos, Liborio, teem de soffrer um compasso de espera. Ocioso me parece pensar em Eneas e em Catilina emquanto os

missionarios cá estejam. O homem geitoso e prudente sabe, porém, tornar o azar escravo das suas necessidades. Porque não has de aproveitar a presença d'estes sacerdotes para cumprires o preceito da egreja que ordena ao christão de se confessar, ao menos, uma vez cada anno, e commungar pela Paschoa da Ressurreição?

Respondi que já era proposito meu desobrigar-me, e elle, brandamente, tornou:

— Estes religiosos parecem-me gente de virtude e boas lettras, posto que na prática d'esta noite mal encoberto andasse o pensamento dos doutores da egreja, especialmente de S. Bernardo e Santo Agostinho. Mas bem certo é que a originalidade é um dom do Senhor, e que aquelles, que d'ella possuem o privilegio, bem se podem julgar seres de eleição. O homem é o mono do homem e isso constitue um dos axiomas do nosso saber.

E com isto se metteu, custodiado de seus dois parochianos, pelas sombras caladas da noite.

Começaram para mim os quatro dias de ascése, de recolhimento, de goso no amor divino, ao fim dos quaes deliberára dedicar a virgindade, que ainda possuia, a Maria de Nazareth. Quando o celebrante, dobrado em attitude submissa sobre o calice da consagração, murmurasse as ternas vozes: *agnus Dei qui tollis peccata mundi,* eu, mais prazenteiro que um varão da tribu de Judá que leva ao holocausto o anho de vélo branco, sacrificaria a masculinidade d'onde brota uma grande parte da dôr e da ventura humana.

Durante esses dias, inaudito foi o esforço que fiz para reconstituir integralmente minha

beatifica visão. Com ardor procurei as esbeltas figuras de mulher, d'um talhe heraldico, que me haviam tomado o passo no Paraizo. Mas dentro de minhas palpebras, fechadas até a dôr sobre as pupilas fusilando no invisivel, apenas redemoinhava a poeira doirada d'uma bella illuminura terrestre.

Baldou-se, pois, minha obstinada porfia; o jardim da bemaventurança correra para mim suas cortinas impenetraveis. Não se entibiou, porém, meu fervor, porque, se digno fôra e indigno era, digno podia tornar a ser de fitar a face pulcherrima dos colonos celestes.

Ao pé de mim, perante os altares cobertos de pannos quaresmaes, outros penitentes oravam. A penumbra, que nos envolvia, dava a nossas presenças uma doce senha de intimo entendimento. Conversavamos todos com anjos e santos, e, como o tom do nosso colloquio era invariavel, surdamente nos unia um espirito de communicabilidade. Foi assim que meus olhos fallaram a outros olhos, em mór constancia com os de D.ª Estephania Malafaia, cujos pésinhos, de ajoelhada, se torciam alli perto nos chapins de velludo. Aos d'ella os meus diziam: Como Deus é ineffavel! Como nossa Senhora é boa mãe! da mesma maneira que, nutrindo commercio mundano com ella, eu pudera referir algures: Que bello tempo! Como as amendoeiras estão floridas! E ella, singelamente, pelo acenar de seus cilios incommensuraveis, devia responder-me, assim, com santas e jucundas banalidades.

D'estas piedosas distracções participavam todos os que, n'aquelles largos e mansissimos dias de abril, emquanto lá fóra o cuco cantava,

alli batiam no peito peccador. E não poucos eram, porque, se já S. Francisco gosava a fama de ser, em occasiões de jubileu e geraes, o rio Jordão das almas torpemente incardidas, com os frades do Espirito Santo que distribuiam indulgencias plenarias e reliquias da Terra Santa, a romaria viera engrossando de longes terras. Raramente, em curtas e acicatadas rebeldias, minha imaginação pousava n'aquelle muladar quente de fornicação em que vivia, segundo Chinoca, D.ª Estephania Malafaia. Depressa e espavorido, como rôla domestica que sahe fóra da gaiola, eu volvia a minha Senhora Santa Catharina e mais divinas mulheres cujo halito me havia bafejado o rosto, em excursão pelo reino da gloria.

Meu mestre ensinara-me uma oração que rematava: *Fugite diaboli in partes adversas,* e, pronunciando-a, era ella o talisman da mente pura. De resto, quem, no nosso seculo, teria coragem de lapidar a Samaritana?

Assim decorriam os exercicios espirituaes; durante o dia, dôr de coração, exame de consciencia e contemplação; á noite edificação sob o verbo do reverendo Waldemar. A velha egreja de S. Francisco começava a rescender, como um açafate de frescas açucênas.

Uma d'aquellas noites, ao fim da prática, fui com um pastor, que junto d'alli acurralava um pousio, acompanhar meu mestre ao presbyterio. O automovel de D.ª Estephania estava em *panne* á porta de ferro e, em volta, emquanto o mechanico rastejava debaixo do motor, minha mãe galrava como era de seu temperamento. Quando regressei, tudo repoisava no mosteiro. Sobre o silencio universal, a fonte dos monges

levantava aquella solfa maviosa que media o escoamento do tempo no açude sem fundo do infinito.

Subi, ás escuras, a escada, que, na Casa dos Terceiros, leva ao pavimento que habitavamos; e, ainda que houvesse luz na cozinha e presumisse que minha mãe estaria a pé, de rota batida marchei a deitar-me. Accendendo a luz, qual não foi o meu espanto de ver o meu leito tomado por um corpo de deslumbrantes formas. Com o calor que fazia, todo o busto se esquivára ao agasalho das roupas, e, por entre as rendas da camisa, como duas pombas brancas n'um ninho, os peitos assomavam. Cahiam-lhe os cabellos sobre as espaduas e os labios vermelhos filtravam um halito de saudavel e voluptuoso somno. Todo o focinho tão tentador, tão doce, que dava vontade de ajoelhar e alli permanecer em adoração, a ver, a aspirar, a enlouquecer, sem lhe bolir, até a consummação dos seculos.

Este horrivel marasmo deteve-me, ante tão diabolico espectaculo, o tempo de morrer, com convicção, de peccado mortal. Lembrei-me, porém, das tentações nefandas dos anachoretas e de minha ditosa madrinha e deitei a fugir. Um relampago de razão dizia-me que aquillo era artimanha do mafarrico, porque se approximava a hora da minha confissão e do meu voto.

Minha mãe sahiu da cozinha, estremunhada:

— Que tens?

— Está o diabo na minha cama? — exclamei de voz alterada.

— Falla baixo, animal. Não viste o automovel á entrada da porta? Porque entraste, sem dar cavaco?

E explicou-me que era a sr.ª D. Estephania quem occupava a minha cama, porque a pernoitar sob telha alheia a forçára o desarranjo irreparavel do carro. Não lhe dera o leito d'ella, porque estava podre a palha do enxergão, e, de resto, como uma noite passageira é, eu dormiria muito bem na cozinha, sobre a esteira de junça, os pés para o borralho.

E, promettendo-me um par de cascudos se fizesse barulho, entrou para o quarto contiguo, onde meu pae resonava como um orgão de Sé. Logo de seguida, ouvi a faina do deitar, o ruido dos atacadores do collete, passando nas ilhozes, e das cinco unhas a coçar-se furiosamente.

Quando tudo serenou e a fonte se distinguiu n'aquella toada fixa de melopêa, ajoelhei e orei. Orei a anjos e santos da Côrte celestial para que me livrassem dos ruins instantes e das ciladas do peccado, em que, ás vezes, a razão do justo não sabe preservar-se do philtro capitoso que embebeda. Assim acontecera a S. Diogo que estuprara uma donzella e, saciada a fome bestial, lançára o corpo a um rio. E, posto que aquelle grande criminoso fôsse beatificado e da victima nem se soubesse o nome, grande mercê seria para todo o christão ser-lhe poupado tal calice.

Eu assim implorava e tão encarecido e exhaustivo foi meu rogo, que adormeci extenuado. Mas em volta de meu somno rondava, como uma fera, a visão da gentil dama, deitada no meu catre. Uma voz dizia-me: Queres ser padre, queres ser casto, triste moço, nunca gosarás as melhores dadivas da natureza, uma face alva de mulher roçar-se, fungando, ao teu peito

felpudo de macho?! E com identicas velhacarias levou Satanaz a noite a atormentar-me.

Mal brilhou o luzio, sahi para a cêrca e a minha imaginação aplacou-se. O dia decorreu, christãmente, bonançoso. Confessei-me, e Fr. Waldemar, confortando-me, desfez como cataractas que eram os rigores pundonorosos de minha fé. Contra os ralos do confessionario, por muito tempo, vi a silhueta fina de D.ª Estephania coberta até os pés d'uma mantilha negra, em attitude suave de dolorosa. E reconheci que era aleivosia acoimar de instrumento de Satanaz ovelha tão docil ao Bom Pastor.

De passagem encontrei Celidonia, que apascentava a cabra nas rampas verdes do caminho; n'um lance d'olhos, muito sério, notifiquei-lhe que o nosso pacto estava quebrado.

Essa noite fui-me deitar, transbordando de jubilo como S. Francisco depois dos estigmatas. Na manhã seguinte receberia em meu peito a visita de Nosso Senhor Jesus Christo, tão real e perfeitamente como está nos céos, a par da numerosa cohorte de fieis, e seria um cantico de gloria na terra e nos espaços.

Por uma censuravel economia minha mãe conservára na cama os lençoes da vespera, aquelles lençoes que se haviam collado sobre os orgãos mais intimos da fidalga. Eram elles de bellas rendas e em fino panno-familia, emquanto que os que andavam a meu uso eram de simples e de grosseira estopa. Agastou-me tal conjunctura, mas raciocinando que aquella dama era minha irmã em Christo depois de cinco dias de exercicio espiritual na nave do mesmo templo, e que mais d'uma vez os apostolos e santos da christandade tinham ido repoi-

sar em cama de viuvas, e porque o sr. P.e Waldemar verberára meu excesso de zelo, não dei ancoras á perturbação.

Mal, porém, recolhi a roupa por sobre os hombros, minha boa disposição toldou-se. A cama rescendia a um penetrante odôr, mixto de exhalação de poros, de aromas de corpo que já amou ou de sexo em plena potencia de amar, e de languida droga de perfumaria. Benzi-me e chamei-me desventuroso tres vezes. E, não querendo aspirar a onda suavissima, em meus sentidos penetravam seus milhões d'arestas. A cada movimento das roupas, como d'um cofre balsamico, a poeira capitosa evolava-se. E prendia-me sobre o catre como a garra poderosa e doce d'um bello monstro amoroso.

Meu entendimento dizia-me: estás na cama de Santa Maria Egypciaca antes de enveredar pela senda da virtude. Assim o cria, mas não houve invocação, nem conjuro que furtar-me pudesse ao deleite novo que gosava.

E, d'um lado, minha razão, do outro, meu instincto pelejaram de morte. Dizia aquella: Liborio, amanhã vaes ter a dita de em teu seio albergar o ineffavel; que elle esteja mais puro que o crystal de rocha. Este lembrava: N'esta travesseira, que a tua fronte amarfanha, poisou hontem uma voluptuosa cabeça loira; não sente a tua pelle os effluvios da sua pelle? Aquella aconselhava: a carne é a inimiga da alma e do entendimento; cegos d'uma e d'outro são os que se entregam á concupiscencia. O instincto repetia: aquelle corpo de gentis proporções, roseo e pallido e alvo, palpou-o a roupa que te palpa. Não sentes em tua pelle os pruridos de sua pelle? A razão bradava sempre: ama-

nhã has de consumir o pão de que os anjos se nutrem, o corpo de Jesus. Attenção, Liborio! O adversario tornava: Estes lençoes rolaram-se-lhe, talvez, como serpentes, nas pernas, nos braços e no tronco fecundo. Não sentes seu tacto inspirado?

Acabou-se! O instincto venceu, e por sobre minha razão religiosa passou a cavalgada delirante do amor humano. Revi D.ª Estephania deitada no meu catre e estudei-a minuciosamente, implacavelmente, com todos os palpites cerebraes, desde o nariz provocante á região secreta pela conquista da qual os deuses se transformavam em toiros, em chuva d'oiro e em espuma de mar. E desejei ser homem, e amar, amar até morrer, até cahir no inferno. E porque minha luxuria era nova, porque os desejos se não illuminavam da acção impura, meus dentes rangeram na noite.

Noite! tu representas no tempo o hemisphério de Satanaz; noite que alcovitas a virgem, que suggestionas o ladrão, que cobres de suor o enfermo; noite que desaçaimas as feras e o mal; noite que temem as aves, os justos e em que Jesus tremeu no Horto das Oliveiras, noites escuras, eu vos amaldiçoei nos intervallos em que minha razão dominava meu instincto.

No dia seguinte, com a covardia de fugir, ajoelhei á solemne mesa da communhão. E, quando o ministro de Deus depôz a sacrosanta particula sobre minha lingua, pareceu-me esta um corpo extranho, metallico, fedendo mais que a d'um pestifero.

III

Era no mez das ceifas, ao outro dia de S. Barnabé, e iamos de jornada para a Serra, pelo velho caminho de bois que passa na lomba do monte de Nacomba, entre moitas e raposeiras. Embora um bom troço da estrada real nos podesse aproveitar, meu mestre preferiu-lhe aquelle trilho flexuoso por ser sensivel a sua sombra com os dias calidos de julho. Elle montava a egua ruça, calçada de branco, com um affavel topete d'animal de presepio, eu jumenta rabona e muito passeira que obedecia á voz de *Carriça.* Com um brocatel vetustissimo dos franciscanos por enxalmo, atafais furta-côres, o douto padre-mestre á frente de garnacha e volta sobre alforges de lençaria moira, nem que tropicassemos a estudar artes para Salamanca, com tença d'um senhor rei D. Diniz.

O sol tinha rebentado d'uma hostia vermelha em terras de Penedono, mesmo ao de riba do castello, e as cotovias banhavam-se na sua labareda cantando. Já as franças dos pinheiros encandeavam, e era ao alto dos troncos, que pareciam romper a forma processional para largar comnosco, um miraculoso, um incomparavel palio, seda verde, lhama d'oiro, a

cobrir pelo caminho fóra nossas frontes regaladas.

Pelas rapidas esgueiras do caminho, á nossa direita, o monte luzia, com a farfalha violeta da manhã a levantar ás mancheias de sol nos picotos. Não se avistavam os faunos, mas lá deviam andar nos abrigos, em lutas cambalhotas ou escorregando o sim-senhor lanzudo de tunantes pelas lageas em lavadoiro. Lá andariam, porque cacarejava para lá o perdigão e a corculher, e elles, mercê dos jarretes leves de capripedes e da carne coriacea, são menos timidos que os volateis que o homem abate para comer. De lés a lés, nas longas estiradas do baldio, já sob os rebates da canicula havia começado a lenta agonia do verde. Desapparecera-lhe já aquelle esmalte, que nos velhos pratos de Palissy afoga em tinta crua a guloseima loira d'uns pomos sazonados. E adoçando-se, vivo ainda no codeço, cinzento nos rosmanos, com laivos de cobre no fieital e na rabugem, que come da fragua, havia em seu espraiar a sonoridade lenta d'um monocordio. Nas espaldeiras surradas de mato, flôres do sargaço lagrimejavam; mas eram ralas, muito luzentes, inacreditaveis, como contas d'oiro de moira desencantada, que as deitasse fóra, ao fugir.

Fomos choutando bosques fóra, involvidos em perfume e lenda, porque é á volta do julho que os pinhais incensam ao Senhor e os cavalleiros das sete partidas occupam os passos, em que corre risco a honra das donas e o incauto viandante sem armas. Só um pedação andado da manhã meu mestre se pôz a discorrer, ainda quando meus olhos se não cansavam de fabular com o que viam.

— Pois é verdade — referia elle, desfiando a chronica de meu tio Aleixo Custodio, de onzeneira alcunha Fome Negra — voltou do Pará com uns patacos, está podre de rico. Fartou-se d'agiotar... A industria não é nobre, mas ha-as peiores... ha-as peiores. Até certo ponto, Jesus justificou o agiota n'aquella parabola em que attribue o governo de dez cidades ao beleguim que dizia: Senhor, entregáste-me um marco de prata, aqui te trago dez. *Domine, mina tua decem minas acquisivit.*

— Industrias peiores, senhor padre-mestre, só as de ladrão! — objectei eu.

— Consoante, Liborio. Um especulador que cóbre juro moderado de seus capitaes não é mais censuravel que o proprietario que recebe medidas de suas fazendas. Tudo vae na proporção... E' certo que não é uma só bocca a acoimar teu tio d'emprestar dinheiro a 15 e 20 %, dizem mesmo que a 50, aos de baraço ao pescoço. Mas foi tempos... corrigiu-se.

Meu mestre obrigára a orça áquelle chouto miudinho, de que tanto usam as donas de provincia, para ser menos a elastica dianteira que o affastava de mim. E divagando, demoradamente, sobre onzeneiros e avaros, disse:

— E queres tu saber a que foi devida em teu tio uma tal transformação? Eu te conto: Haverá tres para quatro annos, se tanto, teu tio viu-se apoquentado d'achaques, por modos insomnias e tonturas da cabeça, males que lhe iam dando com a mioleira n'agua. Os medicos mandaram-no para banhos de mar, mas é facto, o mar custa caro a quem móra cá para o sertão, e teu tio é d'aquelles que dariam o olho direito pelo preço de cura do olho esquerdo.

Não foi para as praias, mas deitou-se a consultar uma d'essas videntes, que para ahi medram e o povo chama *corpos-abertos*. A burra não anda, Liborio; toca-lhe que temos ahi um sol de rachar!...

Assim fiz e meu mestre continuou:

— Repara tu que antes do termo scientifico *medium*, que se adoptou para os agentes do somnambolismo, já o vulgo tinha achado a expressão exacta: *Corpo-aberto*. Pois o homemsinho foi ter com um dos taes *corpos-abertos*, sollicitando os oraculos de tua avó, que Deus tenha em sua divina graça. Nota, eu não creio na supervivencia terrestre do espirito, mórmente que os espiritos desçam por detraz d'um balcão de consultorio a fallar com os vivos. Tampouco acredito em malas-artes e feitiçarias. Mas não deixo de reconhecer que d'estes corpos-abertos partem, ás vezes, respostas de entupir. Não pelo acerto prophetico, mas pela agudeza do entendimento, acima de sua mentalidade rasteira. Em geral respondem ambiguamente como a sibyla de Cumes, lembras-te? e não erram. A tolice e o descaro tornaram isto um ganha-pão rasoavel por estas terras barbaras...

As vozes de meu mestre esvahiram-se na distancia e ao ruido do tropel, porque a egua, d'animo afeito a bem servir, avançava sem attenções para com a burrinha maviosa.

— Arre, cagaçal, arre! — bravejei eu espertando a burra com a verdasca.

E o asno, que tomara a veleidade de marchar a seu commodo, lá emparelhou com a *Bicha*, tropicando, cabeça torta.

— Teu tio consultou sua mãe — reatou meu mestre — e a mãe, depois de demorados cir-

cumloquios, acabou por lhe confessar que, quem a elle lhe roubava o somno e o descanço, era a alma penada d'um rico avarento que se lhe mettera no corpo. Se queria tornar á paz perdida, que se confessasse, commungasse e fizesse protesto de nunca mais arruinar com uzura os pobres necessitados. Pelos geitos a alma desgarrada levantaria vôo desde que houvesse nas redondezas maior fona que elle. Teu tio ficou sciente e transigiu; co' a breca, segundo a lettra do esconjuro, ficava-lhe margem lauta para maquiar os freguezes. Tu ris? Pódes crêr, ouvi a historia ao abbade de Barréllas, que é homem probo e ajuizado. E aqui tens uma superstição de que resultou um pouco de bem! Certo é o que Christo disse: «uma coisa fica no mundo que as creaturas hão de amar mais que a mim, o dinheiro». Mas não menos certo é que Deus escreve direito por linhas tortas, como n'este passo, fazendo pesar a consciencia de teu tio na balança falsa d'uma benzedeira.

— E as insomnias, senhor padre-mestre?

— As insomnias, não sei Liborio, mas deviam passar. A fé, ou a auto-suggestão como dizem os sabios, é que salva. Uf! Temos récega...

Dando d'espora aos animaes, mattas fóra, trotamos silenciosos. E os cavalleiros das sete partidas, que commigo iam escarranchados na *Carriça,* solettrando cheios de ternura a fabula dos caminhos, a mosquitos em zanguizarra, ás rôlas levantando espavoridas, a um tejasno d'esculca sobre um ramo de giesta, a todos davam a salvação:

— Senhoras aves, senhores mosquitos, saúdinha; gente de paz, não tenham medo.

Ao avistar Villa Chã, selvas em fóra, o sol subia no céo uma boa corda d'encarrar. Deante de nós desdobrava-se uma planura interminavel, ligeiramente concava, com a folha centeieira de muitos povos. E era tisnada, tisnada, amarellenta, a ponto de diluir na vaga fulva das messes o verde das moitas e a cintura d'hortas, nas abas dos logares. Lá longe, a Serra d'Estrella alçava alto ao infinito, em fluidos d'azul e violeta, uma tranquilla magestade; para riba, as espaldeiras da Serra da Nave, entre portellas negras d'arvoredo e calvas cinzentas d'oiteiros, estendiam longos coutos de mato bravo.

Fômos descendo as courellas onde ranchos andavam ceifando. A folha já mal tinha aquella branda e indivisivel ondulação d'um mar benigno. N'umas sortes, os rolheiros esperavam já a carréta, n'outras as espigas correndo, correndo ao sopro da briza, desferiam uma tremulina de truncada vaga. No morno descampado d'um pousio, uma mulher dobrava-se para a terra; fachoco na mão, rosto de bronze sob o chapéo de grande roda, era a pobre respigueira; e só, d'uma attitude humilde e serena á borda das medas atofadas de pão, evocava a pagina biblica de Ruth nos campos de Booz. Além, os segadores em linha, elles em ceroulas d'estopa e em camisa, ellas de saiote vermelho e collete d'atacadores, chapeirão de palha, geito nervoso, suã dobradiça, a ceitoira a deitar lume, lá iam, trolhos fóra, n'uma lufa-lufa de guerra.

— Salve-os Deus — passavamos dizendo.

E elles, torcendo o espinhaço, de foice na direita e gabella na esquerda, respondiam reverentes e curiosos.

Dos campos segados o rescaldo baforava, calido e cheiroso, do sol bebido muitos mezes, da moinha do grão, do aroma das paveias, da alfavaca e da macella espremidas no punho dos ceifeiros. Algazarras d'arraial, em farrapos, urros, d'uma estridencia barbara de tribu lançada ao saque, subiam na manhã, de longe em longe. Eram os segadores que viamos, e outros que se não viam na seara sem fim.

O solo era outro que não aquelle a que S. Francisco dominava de sua torre alta. Nem sombra d'aquella garridice ligeira das varzeas, que, parece, vinha na boa sazão rejuvenescer o velho mosteiro, mas uma chateza que, de monotona, adusta e pesada, era quasi dolorosa. Tudo bouças, pasto, centeial, cortados por paredes, que um salto de cão e as rabanadas do vento esborrondam, oiteiros ossudos, d'uma rude filaucia iberica, para não pôr olhos n'elles sem tirar o chapéo. E por todo o longe, sentia-se uma gravidade e tristeza dignas que infundiam respeito.

Gandara fóra, o sol mordia a terra com uma d'estas bravezas que acendem diabinhos deante de nossos olhos, a dançar. A linha circular dos longes começava a enrubecer-se d'um luaceiro de fornalha. A Carriça emperrava e, mais d'uma vez, vi meu mestre alimpar o suor ao alcobaça vermelho.

Chegamos a uma aldeia, Ariz era o seu nome, de casas empoleiradas sobre penhas como cabras bravas. A cavallo sobre ella, uma trovoada de penedos murava o céo. Junto de duas carvalhas, que pareciam estar alli para vender sombra, defrontou-se-nos um portal com loureiro. Contra a parede, entre traves e pranchões para

rodados, leitões dormiam a sesta, e gososamente se espojavam gallinhas.

De mistura, um cachorro, com o quarto trazeiro recolhido a dentro das côxas em esphinge, arfava. E, pestenejando para nós os olhos somnolentos, de lingua a vibrar, ia regando de baba as mãos dianteiras, alongadas.

O senhor padre mestre, disse-me:

— Estas arvores, que tambem podem dar bolota, estão aqui para nos refrescar. Alli é a taverna, apêemos. Com este sol que está a encher as adegas e já encheu as tulhas, é caso de dizer com Horacio *nunc vino pollite curas, cras ingens iterabimus aequor*. Põe-te a pé, Liborio, e prende a burrinha.

Descemos, e meu mestre recommendou para o vendeiro, que acudira á tropeada:

— Traga-nos vinho em vasilha que se veja.

E, sacando o farnel do alforge para cima d'um madeiro, convidou-me a trincar.

— D'aqui até o nosso destino temos que bater. E não é bonito chegar a casa d'outrem com o estomago a latir, quando a mão solicita da Gertrudes aparelhou tudo isto para regalo nosso.

E a sua dextra, n'aquella amplitude amena com que abençoava, pairou sobre o capão de gostoso recheio, os bolinhos de bacalhau e outros manjares, que trahiam as excellencias nos enveloppes engordurados. O cão tinha pulado para a nossa beira, e meneava o rabo supplicante.

— Além d'isso tenho escassas relações com teu tio para poder sentar-me á sua meza, desassombradamente. Bem sabes, não basta ter de comer, é preciso estar á vontade. Esta é

uma das condições indispensaveis para bem saborear e, mesmo, para a digestão, sobretudo quando a machina está lassa e derrancada. E com o meu organismo assim succede...

O taverneiro trouxe o vinho n'uma infusa de Molellos. Meu mestre encheu os copos e ao alto contemplou a transparencia:

— Boa cara tem, vejamos as obras.

E, libando primeiro levemente, tombou o copo de boa gana. Em apreciador, dando um estalo com a lingua, tornou:

— Não tem, certamente, o perfume das velhas amphoras de Siracusa, de que nos falla o poeta, mas não é a desprezar com este sol e esta estrada.

E, amputando uma asa ao frango e jogando uma codea ao rafeiro, que de orelha lesta seguia nossas evoluções, voltou a dizer:

— E que assim não fôsse, é problematico que teu tio nos offereça de jantar. Fome Negra lhe chamam. Ou então, talvez que nos apresentasse um caldo chilro, detestavel até para os condemnados do inferno. Bem andamos, pois, em manducar. Como vês, os argumentos que nos aconselham a este acto necessario podem ir até o infinito. O estomago dos nossos dias não é aquella engrenagem vaporosa ou mó de ferro de S. Macario Alexandrino, que levou sete annos sem tragar mais que hervas cruas. Um homem d'estes, comendo bifes, era immortal.

Meu mestre estava n'uma d'aquellas horas em que o seu bom humor corria, pelos seres e pelas coisas, n'uma effusão dispersiva de simples.

— D'aqui, d'estes sitios é filhote um homem que foi mestre de cosinha do marquez de Marialva e compôz uma arte, que deu mais brado

que os Luziadas. Chamava-se Domingos Rodrigues. Lembro-me que no livro dá a receita de um comer, que não seja jantar, nem pucaro d'agua, mas petisqueira de viagem, em que ha gallinhas guarnecidas de torresmos, gallinhas moiriscas, frangãos em caldo amarello, frangãos turcos com natas e cardos, lombo de vacca com alcaparras, capellas reaes com tutanos, almojavenas de ovos moles!... Ah! ah! só o cheiro d'estes acepipes era o bastante para accender os homens e os lobos dos barrocaes que nos cercam. Bons tempos em que cinco ovos custavam dois reis, como antes escrevia um tal Rui Fernandes, tratador de lonas e bordatas d'el-rei na boa cidade de Lamego! Vá, Liborio, mais um naco de chouriço...

Passaram umas mulheres de cestos á cabeça com o jantar dos ceifeiros. Iam descalças e davam á anca um gingado flexivel de féra.

Reparei que meu mestre acompanhou do olhar seu lineamento onduloso pelo caminho praino. E, após curto extase, de que seus olhos se desviaram abruptamente, pronunciou:

— Pois é verdade, teu tio gosa de más ausencias. Por modos é dos que emprestam uma bilha de leite para lhe tornarem uma de azeite. Logo se verá. O melhor, todavia, é não acalentar grandes esperanças para não cahir, embora cahir represente para os tristes mortaes o volver ao centro de gravidade.

Com palavras d'esta natureza se consumiu o tempo até por alturas das onze. Sacudindo as vitualhas para o cão, e chamando o vendeiro, meu mestre disse:

— Desprende os animaes e vamos com a graça de Deus.

Afoitamente mettemos ao sol que corava as camoezas e exhauria as fontes. A longo das paredes, a fita de sombra era de carvão retinto, e nos plainos doirados manchas escarlates de calmaria voavam e evolavam-se. Os segadores comiam á sombra dos rolheiros n'um espanejamento effusivo de estopas brancas; na natureza sentia-se a chieira rechinante do fogo; sobre ella, a poupa erguia nos carvalhaes um cantar rouco de trombone, *hupe! hupe!* calido como um appello azougado de febre. A burra entorpecia cada vez mais, porque muito a castigava o sol, e é da indole d'estes brutinhos engalhar as penas com illusoria traça.

Azemel de moleiro, *com mais ronha que o amo*, para avançar, havia de escolher o piso, ladeando os desniveis do terreno, e porfiando a todo o transe n'esta verdade mathematica que mais segura que a recta o é a linha curva.

E se tinha descuido em tangel-a, ternamente se ensimesmava em contemplação, detendo-se d'orelhas em riste para um campo que verdegasse, ou pondo-se a tosar os jactos de junquilho, que a mão graciosa do Creador plantára, pelos andurriaes, para os nossos humildes irmãos, segundo a escala franciscana. Outras vezes, suspendia-se a calcular a operação d'uma subida, até que eu a invectivasse com um irosissimo: anda, azemola do démo!

A egua, pelo contrario, avançava com o garbo d'um palafrem real, em folga. Meu bom mestre, tão enraizado no solo tradicional, chamara-lhe *Bicha*, como os velhos abbades. Mas no appelido apenas, ousava áquelles *monstra ingeniosa,* de que houveram razão Edipo e S. Jorge, porque em suas manhas era d'uma entr

nhada placidez de coelha mansa. Crias de boa médra, muito disputadas no Trancoso, e ração quasi unica de palhal haviam-lhe intumescido as ilhargas, deixando-lhe uma rotundidade muito digna e coherente com o mister apostolico. A garupa, porém, era nedia, o pescoço alceiro e as pernas bem nervadas tragavam as leguas. Conforme ao dono, havia no parecer d'ella a pausada doçura dos experientes. Ainda se topavam pelos caminhos, quando eu era rapaz, d'estas bestas sacerdotaes de albarda e cadernilha, carregando soberbamente com o cura, a ama deante do cura, o afilhado no regaço da ama, e o alforge com o folar.

Quando batemos, na velha terra de Barrellas, a aldabra da quintã em que residia meu tio, o sol, a poeira e as moscas apoquentavam que nem aguazis do inferno. Um mastim, armado com coleira de puas, arremetteu para nós. Logo uma voz de mulher o acalmou, dizendo pela talisga:

— Bóca cá, Minhoto! Vomecês quem preguntam?

E, ouvido o nosso recado, gritou para cima:

— O' tio Aleixo! tio Aleixo! está aqui uma gentinha que lhe quer uma palavra.

Abriu-se a porta carreira e entramos no pateo, onde em chafurdos amarellentos a vasa dos estabulos chammejava. Por todos os cantos uma sujidade de pocilga. Grossos varões de ferro protegiam as janellas castelleiras.

Ouvimos trabucar uns tamancos e Fome-Negra assomou ao mainel do patim, com uma manta de burel em quadradinhos por sobre os hombros, a cara de fuinha muito engatilhada para nós.

— Olhe! olhe! por cá é novidade... — exclamou surprehendido.

Depois que meu mestre lhe disse que a novidade era de pouca monta, tornou:

— Tenho andado tão derreado das cruzes que nem posso erguer o cogote. Então... entrem para dentro, a casa é de pobres, não têem senão que perdoar.

E dobrado, medindo o soalho, introduziu-nos n'uma sala onde havia de tudo, desde as molhelas das vacas, com os tamoeiros, ás queixadas de porco, cuja medulla tem grande prestimo para frieiras e leicenços. A gaguejar abominavelmente, talvez porque farejasse precalço, tratava-me por senhor, contra o costume:

— Então, menino, que me diz, por lá tudo bom? Estimo, estimo. Por aqui as melhorias são poucas. Anno ruim, os preços puxados, o dinheiro ralo e quem o tem não dá cavaco. De minha lembrança nunca houve uma careza assim. As escripturas não rezam que vae acabar o mundo?

O sr. padre Ambrozio sorriu, e com o sorriso e um meneio de cabeça convidou-o a dormir a somno solto.

— Hum! — gosmou elle, pessimista — isto de quem grangeou o seu boccadinho de pão gostava de comel-o até que os dias fôssem cheios. Pois por 'hi se diz á bocca deslavada que vae chover sobre a terra um fogo, que não ha de deixar em pé nem ramo, nem homem, nem ave, e se andam já a cumprir os signos porque a guerra lavra muito accesa, ha fome e a peste está á porta.

E torcia a cabeça, os dentes miudinhos em alvo, á espera, baldada, da opinião do senhor reitor.

— Porque acreditem lá fome ha, os centeiaes não produziram, metade é cornelho, e os agros devorou-os a bichice e a sécca. Moços e velhos avantam para a Sapucaia, se lhes não dá o demo para enxamear os caminhos na vida de ladrão ou de mendicante. Anda meio mundo para surripiar outro meio.

— E' a historia do genero humano — pronunciou meu mestre, com desenfado.

— Assim será. Não se passa dia nem hora que me não venham bater ao ferrolho a cantar a moliana, mais os fidalgotes que os rabusanos. Ninguem quer escavar na terra que é officio porco; uns vão para estudante, outros para caixeiro, aquelles para escrivão a fugir á enxada que faz calos. Ainda hontem aqui esteve o ferreiro do Crasto que se desunha para levar o filho a doutor de leis. Queria dinheiro, foi-se de mãos a abanar. Eu, não o tendo, não podia desfazer-me n'elle, não é verdade? E pena tive, porque é sugeito de chaço. Como este um rôr d'elles. Vejo-me comido d'achaques, encareceram os generos, os moços não valem a mantença, a pontos que um homem como eu, que é só, se Deus lhe prolonga a vida, vae acabar pelos caminhos. Bons tempos em que tinha na algibeira tres vintens que podia dispensar n'um apuro.

Meu mestre ouvia, com o ar malicioso d'um juiz muito sceptico, estas queixas, em que passava um timbre vago de colera. E porque desconfiasse de tal attenção, meu tio accudiu a dizer:

— Mas façam o favor de se sentar; e cubram-se. Na casa não ha santos. Eu vou cá buscar uma pinga, que com uma soalheira d'estas hão de ter a goela abrasada.

E, sem dar tento á nossa recusa, passou a um quarto que abria para a sala, e estava ás escancaras. Vimol-o sacar uma chave debaixo do travesseiro e sumir-se por um alçapão, cuja tampa quedou ao alto, perfilada para nós, sebosa de suor e salmoira.

Pela janella, avistava-se uma nesga de telhados e de colmeiros, a rechinar debaixo do meio dia. Sentia-se a terra a arder. E era agradavel permanecer alli, á sombra, protegido da tisneira pela muralha de pedra bruta que retinha a frialdade dos humores do gado e da adega, não obstante o fédito a rapozinhos, e a moscaria, que bailava sobre nós, hedionda e numerosa. Meu mestre disse-me:

— Creio que perdemos o tempo! E' mais facil encontrar dinheiro, cavando na areia, que appellando para teu tio. A choradeira d'elle não é mais que uma resposta antecipada. Têem bom olfato os avarentos.

Voltou elle com copos e uma garrafa, sobre o bojo da qual estadeava um rotulo sujo de purgante; meu mestre mal molhou os labios. Julguei opportuno o momento para lhe entregar a encommenda que trazia, um travesseiro e travesseirinha em renda, de que minha mãe disséra: «Olha que já me davam por elles meia moeda; é o que ha de fino. Faz-lh'o saber para que não imagine que o peitam com dez reis de mel coado».

— Minha mãe manda-lhe esta lembrança — disse eu adeantando o pacotinho, a bailar pelo laço, na ponta do dedo.

— Que é? algum par de coturnos — redarguiu elle, depois de, contrariado, contemplar o embrulho.

— Tenha a bondade de ver.

Pegando n'elle, quebrou os atilhos; e, quando as rendas surgiram, de delicado desenho e minuciosa contextura, n'um arreganho proferiu:

— Rendas! minha irmã foi sempre d'estas chochices. Ora hão de me dizer, que proveito tem isto? Ham?

O seu olhar de milhafre interrogava-nos.

— Estas bugigangas — tornou elle, como nos conservassemos silenciosos — são bôas para fidalgos, nanja para mecanicos como eu. Emfim, coitada, mandou o que tinha! Mas mal andou, porque em minha casa é p'r'ós ratos roerem. Quanto poderá isto valer?

E, como n'uma tenda, sopesando e estudando os dois ternos trabalhos de harmonia e paciencia, avaliou d'este modo:

— Têem para ahi tres vintens de fiado; dois covados de panno cru, se tanto; a seis são doze vintens, com tres quinze. Ha as mãos, mas isso não conta; quem não tem que fazer é colhereiro. Tres tostões! Melhor fôra comel-os de borôa!

— Saiba vocemecê que as rendas encareceram muito — objectei eu, com serio desplante, perante aquelles calculos miseraveis. — Por esses dois trastes vi eu offerecer moeda e meia... alli á preta, moeda e meia... Uma senhora de Lisboa...

O seu maxilar deu um salto brusco; e, não atinando a embargar meu dito, regougou attonito:

— Moeda e meia! olhe! olhe! moeda e meia faz sete mil e pico... Sete mil e duzentos réis, sem tirar nem pôr. Irrh! O preço d'um bacoro a entrar na ceva! a soldada d'uma paqueta!?

Pois, menino, eu não posso aceitar presentes de tal vulto, inda mais vindos de pobre. Minha irmã que venda estas prendas e que compre pão. Tem para cinco alqueires, ao custo d'hoje.

E, enrolando o embrulho, collocou-m'o sobre os joelhos, repetindo:

— Que as venda e muito bem haja. Nem a terra me comia se botasse a meu uso umas renditas de moeda e meia.

E, como fitasse meu mestre, com ar de tirar approvação de seu silencio, este castigou-o nos seguintes termos:

— Liborio talvez exagere. Não deve ter isso grande valor commercial, mas sim a importancia estimativa que um irmão sempre põe n'um objecto fabricado pelas mãos de sua irmã e dado de boa mente. Não lhe mandou um leitão ou uma moenda de centeio, porque não os tem, nem o sr. Aleixo precisa. Que vocemecê rejeite a offerta está no seu direito, mas não é d'homem digno que á recusa reuna a offensa.

— Pois sim, sim! — retrucou meu tio, gaguejando. — Essas lindezas são p'rás cabeças dos janotas. Eu durmo bem sobre a fronha.

Meu mestre levantou-se e, pegando do chapeu, deu uns passos para meu tio.

— Vão-se já embora e tão mal obsequiados? — exclamou elle, nas impaciencias do jubilo — Aldemenos bebam.

— A demora será curta — respondeu o sr. padre-mestre — não se assuste vocemecê. Viemos, porém, com outro proposito que o de trazer-lhe as rendas. Ora ouça, e sejamos francos...

Era, manifestamente, uma lucta que se lhe offereçia, em terreno muito incerto e Fome-Negra, abrindo a boca, descorou. Meu mestre,

pelo contrario, aprumado no arcabouço de setenta annos, apparentava a galhardia d'um lançador de disco.

Começou o sr. padre-mestre por se assegurar, mediante um circumloquio que faria a honra d'um grego, que Aleixo Custodio não tinha, reservadamente, por morte, encargos de familia. De animo insoffrivel varreu este a testada: «nenhuma pandorga podia accusal-o de a ter emprenhado. Andára muitos annos pelo mundo, mas nunca erguera cadafalsos a mulher, donzela, casada, viuva que fôsse».

Meu mestre applaudiu e declarou:

— Pois já que assim é, eu lhe digo: seu sobrinho, que aqui vê, encontra-se n'uma passagem da vida em que precisa de amparo. Vocemecê é rico, elle é pobre. Leccionei-o emquanto pude, agora falta-me saber para leva-lo mais longe. Sr. Aleixo, tome esta creança a seu cargo, e faça d'ella um homem.

Meu tio escancarára ainda mais a bocca; á mostra aquellas gengivas d'animal carniceiro, que lhe desciam profundamente, como cortina desbotada, sobre os dentes miudinhos e intactos, seu rictus era pavoroso. A testa, ao mesmo tempo, esbagoava-se-lhe em suor. N'aquelle brando accento com que cauterisava as almas, o sr. padre-mestre insistiu:

— Faça d'elle um homem; não ha de chorar no tarde o seu dinheiro. Pudesse eu, e não lhe vinha entregar penhor tão valioso para um homem que se vê ir só pela velhice fóra. O senhor deve saber que não tenho posses. O patrimonio foi pequeno e malbaratei-o; nada grangeei a parochiar. Hoje estou reduzido á congrua, e a um quintal, onde me distraio a catar as her-

vas. Eu não posso, a familia não póde, mas louvores á Providencia póde vocemecê completar a carreira d'este menino.

— Qual... qual carreira? — interpellou Fome-Negra com vivacidade, tirando forças d'aquella brandura.

— A carreira ecclesiastica!...

— De padres está o mundo farto!

— Póde formar-se em direito...

— Ham... O senhor reitor pede bem para as almas, mas bateu a má porta.

— Não, senhor Aleixo, não creio que batesse a má porta; bati, aliás, áquella a que devia. Seus paes deixaram memoria de creaturas generosas e de mãos limpas. O senhor não póde faltar aos seus...

— Meus paes, que Deus tenha, legaram-me os paranheiros do forno. Comeram-no ou gastaram-no mal gasto, já prestaram contas de sua alma. Agora eu cá digo que bateu a má porta, porque nem virando-me de pernas para o ar escorreria vintem. Fôram bons tempos!... quando se dansava a galharda. Mas que caipora de sina a minha, todos a inculcarem-me rico e eu farto de cuspir para engalhar o anno.

E limpava ao canhão da vestia uma hypotetica lagrima.

— Não se chore — replicou meu mestre — que as suas lamurias não me convencem. O sr. é um dos contribuintes mais collectados nos registos d'este concelho. E não ha por este circuito terra, em que não tenha dinheiro a render...

— Ahi está — rompeu elle gritando. — Põe o sr. vigario a mão na maior ladroeira que a rosa do sol cobre. Os da fazenda roubam-me, rou-

bam-me desalmadamente. Tivesse eu meios que mandava bugiar estas terras que andam inçadas de ladrões.

E era tão grande a sua colera, que, para um homem desarmado de testemunhos, ella só persuadiria. Meu mestre, reconhecendo a impenetrabilidade do homem, baixou de rogativa:

— Ao menos, sirva-lhe uma mensalidade...

— O que tenho escasso é para mim.

— Eu contribuirei tambem...

— Não tenho... não tenho. Só se o roubar a meu sustento...

— Não lhe causa pena que seu sobrinho fique para ahi sem ganha-pão?

— Que pegue n'uma enchada e que cuspa, que cuspa ás unhas. Eu se quiz ter uma codea na velhice fartei-me de rapar lixo com o gadanho.

— Já não está em edade de se adaptar á lavoura; a culpa foi minha...

— Pois se a culpa é sua, aguente-se. Eu não tenho obrigação de manter mandriões. Não tive filhos, mas se os tivesse, torrão com elles.

— Mas vocemecê, ó homem de Deus — tornou meu mestre com cordata exaltação — não se vê de pés para a cova? A quem destina os haveres?

— A quem destino os haveres? ah! ah! o que sobrar, que não ha de ser muito, hei de empregal-o no bem d'alma.

— A alma cuida-se em vida, praticando boas obras. Uma d'ellas é esta a que o convido.

— Não se mate — replicou Fome-Negra, desabridamente, cada vez mais forte da mansidão do meu mestre — que perde o tempo e o latim. Não tenho dinheiro, já lhe disse, e, que o ti-

vesse ás rasas, não era para metter na boca de calaceiros, que ámanhã, todos engravatados e soberbos, voltam costas a quem lhes deu ser. Para livrar um moço de soldado era capaz de vender o lenço da algibeira, para estudantinhos nem a ponta d'um corno.

Meu mestre cravou n'elle um demorado olhar de nojo e de magua, e proferiu:

— Vamo-nos, Liborio.

Sem dizer palavra, sahimos. Ao cerrar a porteira, Fome-Negra, n'um tom em que latia ainda a sanha, veio dizer do mainel, por descargo:

—Já se vão... Não querem deixar passar o sol?

Meu mestre virou-se para elle e fez-lhe um manguito vehemente.

Cavalgamos e, novamente, investimos contra a soalheira, tão rija, que fazia calar as cigarras. Por grande espaço marchamos silenciosos, a *Bicha* tropicando adeante, apoquentada com as moscas muito feras, a *Carriça* atraz, cabeçuda e maviosa, resignada ás inclemencias da natureza e dos homens. A' beira de Santo Antão, atalaia branca das serras d'Estrella, de Montemuro, da Nave e da Lapa, meu mestre atravessou a egua na sombra fresca d'uma casticeira, á minha espera.

— Este teu tio Fome-Negra — disse elle — é o rico-avarento escarrado. Sabes tu a quem vão os seus bens? A' tua pessoa. Não porque seja isso tenção d'elle, mas porque o ha de levar o diabo sem fazer bem d'alma, nem deixar testamento. A propria natureza d'estes monstros não lhes permitte alienar, em potencia sequer, um bem de que são sofregos. Has de ser rico, mas só quando tenhas padecido muita miseria ou quando não precises!

E, em ameno colloquio por terras do Paiva, foi expondo o plano do meu futuro.

Não entrava para o Collegio Roseira, como era projecto seu, que as posses não permittiam, nem tampouco para o Seminario «onde a virilidade se desvirtua, e a consciencia religiosa se cultiva por um artificio mechanico.» Iria frequentar o lyceu, hospedando-me em casa d'uma velha dama das suas relações que tocara cravo, dançara a gavota, e agora amaldiçoava o tempo da janella. As recoveiras, que passam a vida, cidade vae cidade vem, em alcriquetes e mandaretes, carretariam da aldeia para meu sustento, sobre as canastras de verga, o pão centeiudo, os temperos de porco, e a roupa lavada. As despesas de minha aposentação ficavam d'este modo reduzidas a uma verba modesta. E não tinha que me acobardar, grandes homens se formaram assim!

Meu mestre ia delineando o meu guia e, escutando-o, uma melancolia selvagem apoderou-se de mim, melancolia que desde aquella hora cresceu á medida que os dias voavam. Avançando nos tempos, sentia já as saudades das doces ruinas de S. Francisco, sobre cuja solidão o rouxinol entoava nas noites encobertas uma aria doce. E com elle, a fonte dos monges chorava, e eram suas vozes um cantico de infinita suavidade sobre o mundo morto. As sombras do mosteiro envolviam-me, tão amigas e enternecedoras que, olhando de dentro d'ellas para fóra, palpitava todos os enfados do turbilhão humano. Ao mesmo tempo, chocavam-se em mim a curiosidade, o receio e a ancia do que seria. E parecendo que renhiam em campo largo, lançavam-se por vezes contra paredes

de fina sensibilidade, e um fremito de voluptuoso constrangimento sacudia-me todo. N'esta surda e penosa transição do que fôra para o que ia ser, uma força soberana levava-me à egreja e no silencio do ceu, da terra e das santidades, soccorria-me de minha Madrinha, apaziguadora de tormentas. E, a par com bastas supplicas, rojava-lhe aos pés compromissos magnanimos. A derrota demarcada podia conduzir-me ao mundo e eu declarava-lhe que meu empenho unico era ser ministro de seu divino Filho; ia ser livre na cidade, e afiançava-lhe que n'ella seria ainda mais captivo que na cerca dolente dos franciscanos; deparar-se-me-hia a hora de ver, sentir, tocar a mulher, e jurava-lhe ser casto; a geração, que estava em marcha, convidar-me-hia á ociosidade, segundo meu bom mestre, e eu protestava ser diligente; e quando a meus ouvidos soassem as theorias demolidoras da ordem social e moral, sustentar-me-hia conservador segundo a grei e a lei antiga da minha patria. A execução de teus votos — dizia-me uma voz intima — prolongar-te-hão na força do passado e serás um homem!

Na escriptura rigida de minhas disposições, Celidonia continuava a ser a linha deixada em branco. Ella só não occupava um posto de cathegoria no dogmatismo com que me definia a vida. Pelo contrario, penetrava sem contradição as minhas idéas fixas como um contingente vaporoso, immaculavel e universal. Não sei se raciocinava; ella cabia na minha ordenação e dentro, mesmo, de meus votos de casto.

Posto que assim a trouxesse no pensamento, Celidonia distanciava-se de mim. Seu corpo tomara linhas de puberdade; não era já o meu

tenro teixo ruivo a que candidamente me encostava; era uma mulherzinha de olhos em flôr e peitos a pojar. Precoce chegava a sua sazão. Talvez ella me repulsasse, ou talvez o inconsciente, advertindo-a do meu vão proposito em engeital-a, quando os frades do Espirito-Santo vieram ao mosteiro, se ressentisse da injuria; talvez a natureza n'ella, o espirito em mim, que se repellissem. Eu sentia-a outra, e minha mente torturava-se sobre esta certeza...

Uma tarde, mudos e melancolicos, os tejasnos bebiam já sobre os marcos das leiras a frescura do sol-pôr, meu mestre e eu topamo-nos com ella, que dobrava o portão da quinta. A par d'outra da sua egualha, saia de folhos ás riscas, lenço vermelho sobre as espaduas, lá vinha chocalhando a tamanquinha de Vizeu.

— Para onde vae esta rabita? — interrogou, sorrindo, o senhor padre Ambrozio.

— Para a romaria da Lapa, senhor padre-mestre.

— Vae... vae. Diverte-te. Está lá o conversado?

— Ai... não tenho conversado!...

— Não tens...? Tu o terás. Vae... vae.

E vendo-a romper, meu mestre proferiu, possuido de enlevo:

— Esta cachopinha, ao que me consta, tem aquellas prendas que faziam uma mulher estimada dos antigos: é sujeita, casta, calada, fiel e laboriosa. Não é rica, mas o Senhor deu-lhe formosura com que suprir a pobreza. Creaturinha para bem se lhe querer, quem sabe lá onde a levará a linha do destino?...

E as palavras innocentes de meu bom mestre encheram-me de dolorosa embriaguez.

IV

Com temor, meus pés se aventuravam a pisar aquellas mesmas lageas, que contaram o passo ás comitivas de D. Affonso, o Primeiro. A velha cidade que, sendo cabeça de correição, abrangera quinze villas, quarenta e sete concelhos e cinco honras, descerrava, no emtanto, um ar acolhedor ao meu espirito, formado n'um ambiente de ruinas e santidades. Como o convento da Ordem Terceira, era do preterito, e seguia a derrota dos tempos, com o enorme fastio d'uma mulher, que, saudosa dos estylos mortos, condemnassem a envelhecer n'um meio emburguesado.

Não me atemorisava a cidade em si, com os seus monumentos, os seus palacios tristes, as ruas estreitas da era das dignidades; esta parte, menos ephemera da vida, representava para mim, apenas, um transito de logar. Atemorisava-me o numero, o numero na sua brutalidade de relações, oito, dez mil almas soprando commigo para os mesmos kilometros de céo, cruzando commigo os mesmos kilometros de terra. Não que a sua actividade me fôsse molesta, mas a multiplicação que se operava em tôrno de mim, em gestos, em modos, em acci-

dentes, contendia com minha razão de selvagem.

Pouco a pouco, porém, fui ingressando n'esta prolixidade do numero. Casas de moradia e quitandas pobres tornaram-se-me familiares, e com ellas os habitantes, as senhoritas d'olhar irresoluto, os logistas de mãos á dependura, e os conegos da Sé de peúgas muito vermelhas e barba sempre de oito dias. Nas baiucas silenciosas e desertas, os barbeiros, os chumecos, os adélos perderam o ar que lhes achava de vendedores de sombra. Elles, mesmo, não se quedavam já com os olhos e os ouvidos em mim, como a medir-me o angulo e o ruido dos passos. E tinha por natural que, mergulhado em aborrecimento, um negociante de sola estirado sobre o balcão, de braços para a frente em torquez, me contemplasse d'olhos immoveis de jacaré.

Quando conheci a cidade com suas viellas, suas reliquias, sua heraldica, já estavam gravados em minha memoria os milhares de caras, que se movem no ambito a que preside o castello d'oiro, em campo preto esquartelado.

N'esta phase de aclimatação, a atmosphera da cidade foi-se lentamente condensando sobre o meu espirito como o esmorecer d'um dia outomnal, muito manso e melancolico. Desde o titulo das ruas, melodioso e lendario, ao odôr ambiente, este odôr tão particular de terra para terra, um luaceiro d'encantamento involvia a cidade. Que evocar de lanças e de livros d'Horas n'estes simples nomes, S. Lazaro, Desterro, Almedina, Terreiro das Chagas, Porta do Sol, Rua d'Almacave, Beco da Alcaçova?

Eccos inextinctos eram estes, que pareciam filtrados da lousa que cobria os seus conventos celebres, os solaus e as suas cohortes marchando graves á guerra.

A Sé gothico-romana projectava uma sombra torva sobre o Rocio, que era o coração da cidade. Alli desemboccavam as diligencias das longas estradas reaes, em numero que permittia ás malvas e á relva crescer e tapetar o largo. O Seminario, o Paço, as paredes alpenduradas da cathedral, um solar destituido soberbo de cantaria, e os muros vãos d'um palacio delimitavam-no como a um claustro. Sentia-se alli o colloquio affectuoso da pedra e do tempo e apenas lhe faltava um satiro pescando as ondinas, sobre uma taça d'agua, adormecida a chorar. O palacio incendiado clamava, como um aleijado de romagem, os transes do abandono.

Dois seraphins erguiam ainda o escudo a meio da fachada, no velho ocre da qual o sol accendia uma effusão mortuaria. As cornijas haviam esboucelado, os muros gretavam, e o interior era ha muito logradoiro publico.

A egreja do Desterro perdida na alfombra, a de Almacave humilde, calçada de lageas como uma alcaçova, os conventos dos Capuchos, dos Gracianos, das Chagas, o Recolhimento da Regueira, a Senhora dos Remedios cheia de farandola, S. Lazaro doce e suave, davam á cidade um brando tom idealista, nem tudo céo, nem tudo terra. Os mestres d'obras, que os gisaram, não attingiram na allucinação gothica aquelles que, julgando atirar um cantico de supplicas ás alturas, deixaram na terra uma floresta de settas, despedidas do céo.

A indole da velha cidade fôra mansa, caseira,

e regrada; nos templos não quiz render Deus, mas venerar Deus. O burgo devia ter tido rythmo e medida até a amar.

O castello bronco, de pannos cerrados, derramava sobre Lamego a poeira nebulosa d'um chronicon. A crista de creneis esborolava, sorvada dos sois e dos invernos; e sobre a manta de farrapos do casario, dava a impressão d'um solido esqueleto d'hercules, inteiriçado á flôr da terra, em geito de reptar. Torva, sua phisionomia fallava, fallava ao Pateo dos reis, ao torreão da Cathedral e dizia-lhes: passaremos!

Toda a cidade me dava, melancolicamente, a sensação de ser conduzida pelo frenesi da morte! Logo, á entrada de portas, para quem apeia de Moimenta, uma calçada arrastava pela ladeira arriba cordões de casas em ripas, corcovadas, esguias, cheias de remendos e de côr. Nos caixilhos, rolhos de farrapos paravam ha dezenas d'annos o gume dos invernos. Rapazotes, de verga ao léo, chafurdavam em torno do pégo que ali forma o Balsemão. Mulheres espiolhavam-se umas ás outras na soleira das portas. E todo o bairro da Ponte me parecia uma judiaria antiga, onde cheirava ao pão azimo dos sabbados.

A partir de S. Lazaro, as casas de taipas entremeavam com residencias solarengas, em granito. Eu achava-lhes uma grande nobreza nas pedras trabalhadas á escoda e nos brazões de linhagem extincta.

Meu mestre disse-me um dia que viera á cidade:

— Já reparaste, Liborio, no luxo opulento de cantaria que ha n'estas portas e n'estas janellas? Mórmente nas janellas? Não é verdade

que dir-se-hiam pequenos arcos de triumpho por onde passa, a miude, um hospede real?

E, após um momento de consideração, tornou:

— Esse hospede real, com que o beirão instinctivamente contou, bem póde ser o sol. Este sol que nos merece um tratamento de senhoria. Em toda a provincia se observa este desvelo architetonico, exuberancia a um lado nos portaes, extrema simplicidade a outro, nos pannos. E tão accentuado é, que não será desacerto consideral-o como lei dentro d'um estylo, que quasi realisou a casa portuguesa.

Ante os palacios dormentes, com portaes de primorosa moldura, lembrava-me dos conceitos discretos do sr. padre-mestre. Na sub-renascença, o sceptro da arte e da fidalguia lusitana estivera n'esta provincia de uberrimos valles e ondulosas serras. A terra inçou-se de mosteiros, de pontes, de solares e de templos, em que o imaginario trabalhava com o coração candido e a mão enthusiasta d'um pedreiro da Idade-media. E tudo não era mais que uma cinza que os seculos semeiáram para os seculos. O tempo foi nas Beiras um semeador de cinzas.

A velha cidade, pelo imperio de sua tradição, por indole, por briga irreconciliavel de circunstancias, não soubéra praticar o mester de tratante, nem erguer fabricas e, lentamente se deixava morrer, como uma formosa incomprehendida, em desapego romantico de tudo. Aquella incompetencia era, aliás, digna de respeito. As suas ruas ingremes e acanhadas, os seus patios vestidos de bella cantaria, não se compraziam a outra cousa, fóra da liteira e dos borzeguins. Só o Cabido Regular, numeroso em dignatarios,

adaião, chantre, arcediagos, mestre-escola, arcipreste, thesoureiro, doze conegos, seis meios conegos, seis tercenarios, além de capellães, ministros e serventes, imprimira-lhe uma feição de placitude e de repouso. A serenidade que n'ella dormia era incompativel com o fungar d'um volante, ou com caldeiras a cuspir vapor. Depois, os descendentes dos lacões talvez obrassem com sobrado sizo: não é ponto de fé que as existencias sejam menos curtas, ou a felicidade menos possessiva, na modorra das ruinas, do que nas babylonias onde o homem carrega, como uma triste besta, o fadario de viver.

A meu mestre que, no segundo quartel da vida, discorrera por Allemanha e França, ouvi pronunciar este saboroso juizo sobre a cidade erguida em *logar forte por arte e natureza:*

— Com grande consolo, depois de ver uns paizes tão raivosos de progresso, vim topar Lamego não só não eivado da noção de tempo mas refractario de todo á febre moderna. Cheguei ao correio, e os funccionarios resonavam, com os carimbos ao lado, sobre os maços da correspondencia, trazida a toda a pressa nos transatlanticos. Palavra! só depois do meu regresso, pude gosar este espectaculo singular de ver á luz do dia a vida a viver!

Meu mestre proferira outros conceitos sobre a veneravel povoação e talvez n'elle se inspirasse meu criterio; talvez; o amor, que punha em ouvil-o, não me deixaria grande discernimento para julgal-o. Seguir era um voluptuoso prazer que então sentia.

Afóra, porém, a laboriosa adaptação ao numero, achei-me na cidade como em logar d'ori-

gem. Os estabelecimentos, mesmo, não contendiam com a impressão que em mim deixára, desde menino, a loja do Salgado de Caria, com quem meus paes afreguesavam. Lá como cá, entre cordas, chinellos, rastilho para pedreiras, viam-se, suspensos ao alto, pachorrentos vasos de cercadura azul. As moscas tinham pintarolado litteralmente, a grãos negros, grãos d'alface, o tecto branco. Um e outros, pelo dia fóra, inculcavam um aspecto de vasio e de repouso, de forma mais mesteiral estes, mas na mesma confiadamente familiares. Um berço ringia e oscillava entre saccas d'assucar; a Rosa-tyrana esvoaçava no silencio; o negociante descia por uma escada em mangas de camisa; na parede do fundo, a infallivel cornadura de boi, propiciosa, alçava as pontas rimadas. O bulicio da cidade tinha identico cunho de simplicidade patriarchal: padarias de peneiras e braços arremengados á mostra; uma botica zumbindo com dois ociosos; um camponez, de sombreiro em barba de baleia, pendurado no braço, apreçando marralhadamente um cotim; sapateiros, no vão da porta, com os liços esticados a toda a largura da braçada, a sovela ao alto e as sedas na bocca, jogando côros de facecias a uma moçoila que passasse, de perna gulosa á mostra; a diligencia chegando e rompendo com alarme theatral.

Pelas ruas tortuosas, ao sol ou á chuva, a vida serpenteava, vida satisfeita, primária, vida que engorda a vida. Maltas de pirangas cavallavam na Alameda; os remendões batiam a sola; as pancadas do martelo contavam as horas. Deslisava um barrete gironado de monsenhor, uma suã gorda de latinista, veneravel

como estella affonsina, e o silencio punha-se a palpitar e as lages parece que adquiriam falla. Um vadio galopava zabumbando n'um caldeiro; a cidade vinha por detraz das cortinas, interessada.

Por cima d'este somnambulo lidar espraiava-se, porém, uma abóbada sonora; era o toque dos sinos mazorrais na Sé, e das cornetas, no campo militar de Santa Cruz. Mas era um ruido que não penetrava a calma das ruas, por ellas ondulando sem as despertar. Como alguma coisa muito de casa e combinada na atmosphera, não se sentia. Que o carrilhão percorresse a gamma mais feroz, que os clarins rouquejassem de colera, o burgo continuaria a mover-se, a respirar e a ruminar sem os ouvir. E aporreava-me então o disparate de que a população toda era uma languida e domesticada cobra, colleando, d'espinha molle, sob a flauta d'um encantador.

Em despeito dos meus protestos a recluso, vagueava pela cidade e estradas que a ella iam ter, ouvindo rolar o consciente com ruido não maior que o do volantesinho d'um relogio de senhora. Ou, com um livro debaixo do braço, trepava o cêrro dos Remedios, e sob a copa dos castanheiros do tempo de mestre João, o Bispo Azul, as sombras fatuas de minha phantasia dobavam louca meada. E as leis, que regulam o movimento dos mundos, esquecia-as a buscar, nas remissões teimosas da mente, as linhas substantivas do nariz de Celidonia.

No meu quarto, com a licção do dia escancarada ante os olhos, dava-se o mesmo phenomeno de alheiamento. A casa em que o sr. Padre Ambrozio tratára minha hospedagem, ficava a dois minutos do lyceu e encostada ás portas,

tendo assim o ar mixto de quinta e moradia urbana. Distinguia-se das outras pelo aspecto de fidalguinha, com seus dois frades á porta, cantaria de fiada, e no tope uma varanda, recolhida no systema do edificio, de mainel descançando em esbeltas pilastras de pedra. A vista que d'alli se desfructava abrangia campos e ferrigiais, do outeiro dos Remedios á Serra de Penude, o bosque d'Almedina, e o bairro d'Almacave, limoso e confuso d'uma confusão de naufragio. Defronte, ao dobrar da esquina, um predio, de escudo apagado e cornija rota, enlutava com sua immensa tristeza senhorial a atmosphera clara do meu quarto.

A casa era de dois pisos; na rectaguarda, um escalão acima da rua, em duas canchas de terra separadas d'um campo de sementio por muro singelo, verdegava o jardim. O que apparatosamente se chamava jardim era meia duzia de mouchões com begonias, cravos, manjerico e trepadeiras. D. Henriqueta, minha senhora patrôa, não sabia cuidar de begonias, que são uma planta caprichosa. Mas envaidecia-se em ter alli as tiges desfallecidas e bastardas, mercê das quaes podia dizer aos visitantes:

— Aqui são campainhas, lá, aquelles pésinhos verdes, vêem? são begonias.

E todos ficavam silenciosos, recolhidos com a alta ideia de D. Henriqueta que possuia flôres civilisadas, de nomes civilisados, no seu canteiro.

O meu quarto ficava no segundo andar e recebia luz da varanda por uma porta envidraçada, que D. Henriqueta me prohibira d'exceder. A velha senhora, que votava asco vehemente ao mundo, queria com isso proteger-m

dos relentos da azinhaga, onde á hora que fecham as officinas, os sapateiros e as criadas do bairro se mordiam os labios d'amor. O burgo tamancava em cima, e tampouco considerava esse espectaculo salutar. E, supremo contratempo, sabia que em face, ao lado do palacio triste, em predios estreitos e amparados uns aos outros como in-folios em bibliotheca, vegetavam pallidas carochinhas, a quem o vicio de namorar mordia a pucelagem. D.ª Henriqueta, que recebera de meu bom mestre, com carta de hospedeira, mandato de velar por mim e por meus estudos, d'isso se desempenhava como rigorosa aia. Nas manhãs friorentas, tardando em me pôr a pé, não tardava ella em vir á porta ameaçar-me com uma vergastada de ortigas pelo rabo; á mesa, salpicava nossa grave compostura de ponderosas recommendações, que concluiam sempre:

— O senhor ha de sahir de minha casa, mais fino que um principe.

O que muito me irritava n'ella, era que estando eu á varanda, me enxotasse da varanda para tomar o logar:

— Credo, que cabula! Em vez de ir estudar a geometria, não se põe de bocca aberta deante das bacorices do mundo?!

Ouviam o remoque as Rochas, as Albertas e e as Marinho com seu côro de donzellas e eu todo ruborisava em meu buço de rapazola.

A varanda para D.ª Henriqueta, não obstante a aversão que votava ao mundo, constituia uma poltrona no vasto salão que era a visinhança, besbelhotando sobre a rua, de janella para janella, de saccada para saccada. A rua, que corria em baixo, não era rua; o habito atupira-a, conver-

tendo-a n'uma especie d'alcatifa, estas alcatifas preciosas que estão nas salas apenas para vista e seria malcriadez trilhar. Achei esta interpretação para a rua e a innocencia das velhas donas d'Almacave commoveu-me. E devia ser assim, porque a visinhança sentia-se cabalmente em assembleia, e tanto mais deleitosa, que não exigia chinó ás velhas, nem toucado trabalhoso ás donzellas, nem xarão com chá e bolos, o que traz sempre a desordem na familia de provincia.

N'isto, a pragmatica da boa gente era simples como os cordeis do palco antigo. Uma a assomar á janella, tossindo em falso, ou regateando, com artificiosa acrimonia, o preço da mólhada ao homem da carqueja, e logo as outras a accorrer. Baixavam as côres ternas da tarde, e entretanto, a cidade e o mundo alli decorriam, no deslise manso e real das figuras, que ornam o vero mappa de Marco Pólo.

D. Henriqueta consumia uma boa parte da existencia á varanda por motivos que, de subito, comprehendi. Dispondo ella de tres metros de balaustre e as visinhas apenas uma de peitoril, era como a dama que recebe; o que não representam duas medidas sobre o proximo? Além d'isso, podia a seu contento mimar os celebres e os ridiculos da cidade, e por esta sua actividade histrionica era muito festejada. D. Henriqueta reinava; reinava por isto e, porque sendo viuva d'um major com mesada no Monte-pio, era-lhe permittido ter moça, receber hospedes — circumstancia de todo o relevo — accudir ás visinhas e dar peitas aos conegos.

Ao papel de mirante de freira reunia a varanda o de despensa. Ahi pendurava D.ª Henri-

queta as pinhas de peras amorins, de melapios, de maçãs que lhe expediam as bôas almas do sertão, e punha em fileira geometrica as malgas de marmelada e os pires de compota, que uma hostia de papel protegia da poeira e das moscas. E, todas as manhãs, era seu primeiro cuidado contar a guloseima, não tivesse eu, a Amelia Violas, o gato, os ratos ou os vampiros commettido subtracção.

Na varanda, compunha ainda os chapéos tristonhos, macissos como catafalcos, e me incitava com vozes de domadora quando eu, peripatetisando no quarto, repetia de cór, com um bello ruido d'abelha, as especies do mundo vegetal:

— Trabalhe, senhor, trabalhe, se quer ser um homem!

Lá dormia a sésta nos dias grandes, e só a tolhia de estender alli uma rede para pernoitar, a ignorancia de redes e, talvez conhecendo-as, os escrupulos da castidade. D.ª Henriqueta, de sessenta annos para o S. Martinho, era uma creatura muito pudenda, que só albergava pintasilgas nas gaiolas.

Afóra esta exquisitice e os egoismos irritantes de molestia que se não via, uma *queixa* que a tisicava, minha senhora era supportavel. Em momentos de ternura, cheguei a crer que lhe merecia tanto mimo como monsenhor Silvano, que, todos os segundos e quartos sabbados de cada mez, se afanava a poeirar no confessionario sua alma sem joio.

N'esses dias D.ª Henriqueta reunia á mesa as pessoas amigas, o confessor, o chantre, um velho mestre de musica, um coronel reformado, irmão d'armas do major, e duas senhoras, ma-

nas de sacerdotes. Minha pitança particular era deixada de lado. E empazinava-nos com hostiasinhas de vitella e tachos de marmelada. No instante de passar ao salão, fazia-me signal e, simulando grande puridade, mettia-me no bolso uma fracção dos cinco tostões, que mensalmente me fôra abonada para extraordinarios.

— Pegue lá, — proferia ella patheticamente — navegue jogar o bilhar com os amigos. Mas cuidadinho, não vá metter-se em algum logar de perdição!

Eu alçava um olhar confuso aos presentes, e mais me envergonhava lendo-lhes no rosto um extatico sentimento de admiração pela generosidade e grande moral de D.ª Henriqueta.

E esta pergunta vinha sempre aos labios do commensal não vezeiro:

— E' seu parente este menino, D.ª Henriqueta?

Ella suspirava:

— Não é, mas quero-lhe como a filho meu.

O logar de perdição era a Micas Correia, monumento na cidade como a Sé e como o Castello, porque rasgava a innocencia a todos os novos, desde tempos immemoriaes. Em casa d'ella havia uma brazeira accesa no inverno, e uma mesa de pinho com um baralho de cartas hespanholas. Um meu collega chamado *Velhinha,* que se travou de amizade commigo, porque n'uma rixa de estudantes com um cabo, eu lhe arranquei a bayoneta, tomando a peito iniciar-me na vida marota da cidade, levára-me lá. O leito occupava um desvão da sala, sob velho docel de chita. Minha repugnancia foi grande e venceu-a menos minha vontade que a covardia de

fugir. Mas fui e voltei, sahindo sempre puro d'obras como entrára.

Nós os rapazes gostavamos de ir ao cavaco e jogatilhar a bisca a casa da Micas, onde se reunia o clero, nobreza e regimento 9. Para todos, pelo menos, era o botequim e o derradeiro salão *oú l'on cause*. Não havia coparceiras e tal facto, realçando a elegancia da porta da Micas, justificava, tambem, a idolatria de que era objecto.

A Micas, em hora romantica, desertou do posto, lograda por um mancebo, mais tarde cura d'almas. Tempos andou a cidade macambusia. A Micas, porém, tinha a nostalgia da Rua do Castello estreita e limosa, do estrado em que punha os pés, da hilaridade beduina dos sargentos, do olhar enlevado dos escholares e voltou. E lá está, lá deve estar, eterna como a Venus do Vaticano.

D.ª Henriqueta tinha ao serviço a Amelia Violas, irmã de Celidonia. Nos raros dias em que por instantes, a velhota desamparava a casa, a Amelia subia a escada quatro a quatro e precipitando-se no meu aposento, jubilosamente proferia:

— A senhora foi para o beaterio.

Entre mim e ella havia-se atado innocente maçonaria, porque eu era affavel e ella humilde. Eu escrevia-lhe as cartas para o Joaquim Fradão, do Mileu, seu desposado, e com sisudo parecer lhe escutava o classico libello de serva contra ama. Amelia era muito solicita em minha manutenção e, em doce melopêa, entretinha-me de S. Francisco e mais logares queridos, de Celidonia e outros entes amaveis, e em representação meu espirito ia visital-os e fallar-lhes.

Foi n'uma d'estas horas que Amelia me annunciou:

— Minha mãe mandou recado pelas oveiras que vem ahi com Celidonia.

Por isso, logo que a meus ouvidos chegou uma voz aspera de corculher, considerei: «é a mãe Violas!»

Era effectivamente Rita Violas em acrimonioso colloquio com D.ª Henriqueta, ante Amelia e Celidonia. Estavam todas quatro na cosinha, e eu ouvia-as atravez do soalho da sala azul, onde a patroa tocava cravo, mais raras vezes que a Virgem-Mãe o instrumento de dez cordas, em que era eximia, segundo a versão do veneravel Padre Frei José de Jesus Maria.

— Que remedio haverá, minha senhora — declamava a mãe Violas — Tivesse eu outra que não era a desboccada de mim que lhe vinha tirar a Amelia. Não que amas coma senhora D.ª Henriqueta são ruins de encontrar! Mas eu estou um cepo, as pernas, quando vou fazer o correio, fartam-se de bater uma na outra, e meu homem, depois que cahiu do castanheiro, é, mesmo, um castigo. Ficou-lhe pancada e, veja a minha negra sorte, não dá o dia, não move palha, não faz um mandalete e se se não lhe pranta para alli de comer e de beber e do bom, atira-se á gente como um cão de fila. Se a morte se lembrasse de mim...!

— Mas então, é coisa decidida? — interrogou D.ª Henriqueta.

— Decidida, decidida, é coma quem diz, minha senhora! Cá esta menina chora que se arrepella, que não e que não. Mas ella não tem querer. O Zé tira-lhe as teimas, e mais elle que fóra da sua sina é um leão.

A Amelia pôz-se a chorar.

— Senhora Rita — proferiu D.ª Henriqueta — ouça o meu conselho: não casem esta menina á viva força. Succedem tantas desgraças com os mal casados...!

— E quem a ha de manter? Não que elle ha muito que não entra tempero em nossa casa?!...

— Deixe-a ir servir...

— Quem lhe tem pegado? Servir não é para os gostinhos d'ella. Tantas vezes lhe arranjei bôs casas e de todas se me deitava aos joelhos, lavada em lagrimas, a dizer que se ia botar a um poço se teimassemos em a pôr com amo! Olha servir!...

— Então não gosta de trabalhar?

— Lá trabalhadeira é, e escrupulosa no arranjinho da casa. Mas mais cabeçuda não quero que haja debaixo da rosa do sol.

— E' muito novinha.

— Novinha? Está mulher feita; ai, minha senhora! é uma toira de força!

Huve uma pausa e soou risonha a voz de D.ª Henriqueta:

— Ora seja franca, menina Celidonia, o noivo não lhe agrada?

A pergunta quebrou-se no silencio e D.ª Henriqueta volveu:

— Que edade tem elle?

— E' mais edoso qu' ella — tornou a mãe Violas, no tom agro que lhe era peculiar — deve orçar pelos trinta e cinco para mais que não para menos. Mas já se teem visto casamentos mais desapparelhados. Não casam moças de vinte annos com velhos de sessenta? E ninguem os ouve...

— Esta rolinha queria fôrma mais do seu pé.

— Póde dar-se por muito feliz. Elle é um mocetão, bem fallante, bem apessoado, e então uma figura que nem de fidalgo.

— E' lá dos sitios?

— Não, não é; é filhote do Douro. Veiu com o Zé da estrada de ferro, onde fôram camaradas. O sr. padre-mestre deixou-lhes armar a cama no convento, e lá dormem de sociedade. Aquillo nem dois irmãos...

— Tem elle alguma coisinha de seu?

— Não sabemos ao certo; franco d'algibeira é elle; ó pé, ninguem é pobre. Mas que não tenha, é trabalhador, ganha a sua jorna.

Succedeu um momento de silencio e D.ª Henriqueta tornou a perguntar:

— Bem se vê, o noivo não lhe agrada; mas porque lhe não agrada, menina?

— !

— Tem derriço e não o dá a saber...

Esfusiaram gritos galhofeiros. Eu daria toda a minha arte em latim para ver o rosto de Celidonia. A voz estouvada da mãe Violas não tardou, porém, em clamar:

— Qual derriço!! — O derriço d'ella quando garota, era o Liborinho... Passou, o Liborinho está um senhoraço. Muitas zangas me fizeram ter! A sr.ª D. Maria José não andava com a maluqueira de que lhe queriamos tolher o fino!? Credo!

Calaram-se; este silencio era para mim mais ponderoso que todo o discurso. Mexeram, porém, em baixo os pantufos de D.ª Henriqueta a quem ouvi murmurar:

— Menina, não procure homem fóra da sua egualha que seria uma desgraçadinha.

Dito o que, subiu a escada, mal me dando

tempo a correr para o quarto, a debruçar-me sobre a Botanica, n'uma pagina ás avessas.

Um sentimento novo e embrutecedor brotava no fundo do meu *eu*, o sentimento de posição. Eu entrára no «absoluto»! E o absoluto era que eu achava-me no meio do mundo, e que o mundo se premia em volta de mim. Por outra, no jogo infinito dos concursos eu fôra elevado á cathegoria d'homem. Podia continuar meu caminho praino de creança em que tudo era accidente, poeira, forma, que uma razão profunda e universal, emanando do intimo dos seres e das coisas, me trataria em homem. A benigna lei da natureza, que dava ligeireza a meus passos e tornava imponderavel o meio em que me movia, cahira automaticamente. Tudo o que me tocasse, e tudo o que eu tocasse, guardariam um sello de definitivo. Podia matar, ou podia não matar em mim a creança; era isso um problema todo interno; eu era já um homem para fóra. Que outro significado exprimia esta imprevista intersecção de destinos entre mim e Celidonia? Era a primeira hostilidade *do de fóra*, pela força logica d'um movimento mysterioso que arrasta as vidas e gera em asperos choques a magnifica, a temivel, a maldita grande vida! Haviam-me levado para a liça.

Ao mesmo tempo a figura de Celidonia evadia-se das linhas com que a delimitara. Eu via-a quase geometricamente: um tenro teixo ruivo, de cabelleira vaporosa e haste esbelta. E, deparava-se-me uma alma amante, permanente e vibratil, mais perfeita que a mais perfeita custodia manuelina. Avaliara-a com a fatuidade do homem que sabe que a terra é talhada sobre

o redondo para o homem que o não sabe; e seu inconsciente de barbara era mais profundo que minha razão de culto. Eu não palpitára, sequer, que fôsse preciso ir buscar esse inconsciente até nossa mãe Eva e as sombras que amortalhavam o mysticismo do mosteiro. E só agora me apparecia como uma pupila mimosa do preterito e uma obra prima de feminilidade, constante a uma banda, resistente a outra em sua subtileza.

Afigurava-se-me, assim, que suas contradições não eram mais que as notas esparsas d'um sentido harmonioso e longinquo. Porque, mentalmente, a repudiara, sua fina sensibilidade devia ter sido offendida; d'ahi o conceber aggravo, mas não prejuizo, em sua constancia de amorosa. Para mim tinha a força d'um postulado que ella me amava, talvez ainda não com o amor ordenado de mulher, mas mais que com o capricho dolente de creança. Sua repugnancia em servir revelava-me a preoccupação de elegancia de sua alma; uma necessidade de pureza como ao arminho; sua rebeldia á voz da razão, quando se lhe offerecia um homem ganhão, a dynamica inteira do que era, do que defendia, do que haviam delineado nossas palavras face a face, nosso sentir, quando o remettiamos ao vento para que nol-o fôsse levar! Celidonia seria o primeiro torneio no meu romper d'homem.

V

«Um dia, estando no côro de S. Francisco, tombaram sobre mim o psalterio e o hymnario, livros d'estante, de envergadura a n'elles as vozes eternas poderem cantar, por todos os seculos, a eternidade do Creador. Com as costellas a ranger e a cara n'um santo sudario, arcabujava debaixo d'elles, quando meu bom mestre appareceu. E, ao tempo que com mão desenvolta me punha a pé, de labios sorridentes dizia:

— Um rato virava estes calhamaços e tu estás a deitar os bofes! Bravo d'uma canna... Anda commigo.

Segui-o por um caminho velho, pallido do sol-pôr, que trepava para alto monte.

— Encontrei a chave da phonetica latina — gritou elle, folgazão e bem disposto, ao meu ouvido azoinado. — Escuta...

E sacando um berimbau do bolso e levando-o aos labios, dedilhou. Ouvi, então, a clara e energica inflexão da lingua, que antes de louvar a Deus se aperfeiçoou a cantar Venus. E tanta expontaneidade inculcavam aquellas vozes, que me julguei romano, e ouvir no Forum um tribuno do povo, declamar contra os decemviros,

— Que tal? — interrogou meu mestre — O latim é isto... Valla, Sanctius, Antonio de Nebrija, Madvig, Riemann, andaram ás aranhas.

E o pifio e o sabio instrumento, com firme resonancia e o vero accento, recuperado, do idioma morto, recitou trechos que nossas larynges barbaras esfarrapavam.

Ecce autem gemini a Tenedo tranquilla per alta
(Horresco referens!) immensis orbibus angues,

e, muito admirado com aquelle interprete virgiliano e calculando o largo futuro do berimbau, aconteceu passar por nós um almocreve. Levava pelo rabeiro uma d'estas bestas ougadas, d'olhar falso e samarra a arregoar sobre os ossos, de mataduras sobre que viajam de terra para terra, bebedas de potrêa, nuvens densas de moscas. Chapéo para a nuca como um capello, vestia de montanhaque assertoada de serrobeco, o andar do homem era de bebedo. Desenrolada da cinta, a faixa de muitas voltas colleava após elle, varrendo a poeira e o cisco. *Laocoontis serpens* — pensei eu ao alamiré do berimbau; e ri, ri involuntariamente do almocreve patusco. Vae elle fitou-me, correu ao alforge, e engatilhando uma pistola fez fogo. Meu bom mestre atravessou-se; a bala, porém, descreveu um circulo em volta d'elle e veiu bater-me na arca do peito. Tombei, pronunciando n'um brado, que decresceu até o sopro, as ternas vozes: *Minha Madrinha me valha*... E mal vi o sr. padre Ambrozio erguer as mãos ao céo, o almocreve pular sobre o macho e, soltando uma gargalhada, partir veloz».

Estava morto. Sentia-me, todavia, na immensa

e negra catacumba como o morrão d'uma candeia que se apaga. E, phosphorescente, d'esse morrão exhalava-se uma ancia vaga, morna e profunda como as trevas: *para onde?*

Minha morte, porém, não acabava, e essa coisa confusa, feita de cisco de pensamento e sem realidade, perguntou-se: *onde estou?* E o echo rolando, *onde estou? onde estou?* foi chamando meus espiritos á carne. Minha alma crescia, e eu já a via crescer como um enorme e inconcebivel aerostato d'arraial. *Onde estou?*

Era na noite, uma noite subterranea que me deixava sem percepção. Meu mestre, o caminho velho, a poeira do almocreve haviam-se desvanecido. E a noção do volume em meu corpo revelou-se-me; depois senti-o susceptivel de agilidade e de movimento. E, a subitas, o cerebro descerrou-se á existencia: estava no mundo, n'uma velha cidade, no meu catre de estudante... Sonhára e n'aquelle pesadelo mandava-me Deus um signal... o signal da morte. E, desde aquelle dia, o pensamento da hora final introduzia-se todas as noites, no meu seio, como um ladrão em casa desamparada. E minha alma, batida de terror, errava n'um dormitorio de moribundos.

O burgo tamancava ainda, quando, dobrado sobre os compendios, o avejão surgia dentro de mim. Era hediondo e vago, como se fôsse feito de silencio e do negrume que se atropelava ás janellas. E ante meus olhos, que, por vezes, se fitavam hypnoticamente na rosacea doirada do candieiro, a morte bailava. Bailava aquella ronda sinistra d'Holbein, que meu mestre me mostrára um dia na livraria do convento, á margem d'um pergaminho francez.

Esta curiosidade de creança, furtiva e imperiosa, de espreitar ás portas dos cemiterios, ouvir o estertor dos moribundos, contemplar uma carcassa podrida de animal, a elle me tinham conduzido, mais vezes, a estudar o rythmo das tibias, reis, papas, medicos, e mulheres loucas do seu corpo com a morte desfilando. E, eu ouvia alli, no quarto vazio, na paz d'uma cidade antiga, a toada da morte:

Nous conduisons la grande dance
La seule ou chacun ait son tour
Et nul ne peut, tant soit-il lourd
Ne suivre pas nostre cadance.

O sr. padre-mestre apresentára-me o velho manuscripto para me instruir sobre as diabruras gothicas e não para me fazer do seio um ninho de phantasmas. E, comtudo, á obsessão do imaginativo vinha agora associar-se a loucura esthetica do irreal. A despeito de todo o meu nojo, mal a Amelia deixava de se ouvir na lide nocturna, a morte apparecia. Não eram as suas fórmas, que eu só via atravez dos olhos da phantasia, que me atemorizavam. Era o seu pensamento, a sua presença esparsa na luz e nos ruidos da velha morada, intrespassavel ao ferro, que me obcecavam até chocarem em mim o defuncto. E, tendo-se-me tornado familiar, era sempre empolgante e exhaustiva como amante monstruosa.

Dizia-me: vale a pena viver para morrer? Gosar para quê? O trabalho é mais vão que a poeira, que alevanta um cavallo a galope! Amigo, morrerás!

Este *morrerás* revestia no meu espirito a si-

gnificação exacta d'um prazo. Não era esta noção vaga «morrer», mas antes o juizo determinado «não viver». *Não viver* podia alongar-se no tempo e, todavia, não era ámanhã, era já hoje. N'elle se me sentenciava á vida a ablação, por inutil, de tudo o que ella representava no espaço, de goso, de posse, de sentimento de mim mesmo. E via-me entrar para a ante-camara do meu proprio celario.

Mas se este pensamento se encarniçava particularmente na esphera do *eu*, ás vezes batia azas para abranger o universo em suas finalidades. E proclamava: tu; os outros; todos; esta cidade; o reino; a terra. D'aqui a cem annos terão passado, em materia, os que te amam e cercam; mais uns seculos e a memoria d'elles será mais fugaz que a mente d'um recem-nascido. Conta mais uns seculos e onde estará o teu paiz? E se teu entendimento póde apprehender no relogio do tempo o ponteiro salvar os millenios, este planeta, em que ensaiais edificar o immortal, não será mais que cinza semeada no oceano sidereo. Vale a pena existir? Não ficará da louca e gloriosa Venus de Milo uma sombra, nem da Biblia sapiente um echo; da sciencia não se salvará uma lei. Tudo o que sahiu da bocca do infinito acaba na bocca do infinito, sem que elle caduque, o monstro! *Mors* de *morsu*.

Por este batalhar sem trégua, temia a noite que me levava a morte. Allucinava-me, sobretudo, a ideia de que podia vir, no transito do adormecer para o despertar, com seu grande abafador negro, os olhos fechando-se para sempre á formosa luz do dia, e sem que a garganta pronunciasse, sequer, um férvido amenjesus.

O pavoroso mal era mal morrer, cahir no logar, onde, como rezava o pergaminho, *jamais n'ara pais ne trive*. Minha consciencia religiosa, herdada de mil gerações de monges, tremia até o desvairamento. Porque eu peccára! Um saiote vermelho, no fundo d'uma baiuca, alevantára um harpejo de luxuria em minha carne; como um fino epicurista, saboreava, nas horas em que mais assiduo devia ser o estudo, perturbantes enlevos de ociosidade e devaneio. E mais d'uma vez, surprehendera minha razão, em vadiice transcendente, a perguntar a Deus se elle me fizera a mim homem, quem o fizera a elle Deus. E porque peccára, muito temia a morte, que podia levar-me em flagrante delicto das leis do Decalogo.

Além da razão mystica, razão terrena me tornava, tambem, a morte odiosa. Eu era curioso de viver, d'esta curiosidade que se traduz em amor pantheista pelo tudo, a luz, as coisas, os seres, em revolução constante com o tempo. Olhos e coração queriam continuar a ver e a sentir pelo prazer simples de ver e sentir; assistir ao desenlace d'aquella guerra que lavrava no mar, saber como o macadam em construcção modificaria o panorama e as relações, manusear o livro que levára ao encadernador. Era uma curiosidade assestada para o mundo dos phenomenos, abrangendo do mais transitoriamente mesquinho ao mais eternamente humano; o irradiar das divindades pagãs que a alma mais christianissima occulta em seus refolhos.

Por tanta aversão á morte e ainda maior apêgo á vida especiosa, todas as noites, ao deitar, ajoelhava sobre o catre, d'olhos em alvo, a pedir. Depois de protestar ser casto, pio e diligente,

supplicava a minha Madrinha, senhora na terra e no céo, senão de me advertir por um anjo da hora do trespasse, o que seria uma fineza desconforme com meu estofo de mortal, ao menos de me tomar em instante em que a alma estivesse pura como uma ovelha branca, depois de se dealbar n'um rio. E, sempre de joelhos, passava o rosario, esforçando-me, palavra por palavra, a penetrar o sentido d'uma prece que bolia automaticamente nos labios. E rezava não só por mim, mas pelo geral; pelos nautas perdidos em mar procelloso; pelo peccador que vae fallecer sem contricção; pelo homem que sahe de sua casa com o proposito de matar; pelo justo quebrantado em sua constancia; por meu bom mestre tão rendido aos annos; pelos Violas miseraveis, por Celidonia. Aqui minha prece era exhaustiva. A Deus rogava que em sua sabedoria infinita encontrasse a fórmula de, sem quebra de santidade, Celidonia ser minha e eu de Celidonia. Elle, que soubera descobrir um termo de conciliação entre um ventre que gerou e um ventre que permaneceu virgem, podia muito bem ordenar que Celidonia me fôsse entregue, ficando eu o integro afilhado da Virgem Maria. Eu não desejava Celidonia como presa incondicional de senhor; cobiçava-a muito em espirito, em carne o bastante para poder tocar suas mãos, roçar sua pelle, beijar, talvez, seus labios; ter a alegria suprema do possuidor sem possuil-a. Triste e angustioso me entregava, em seguida, á noite; e ás vezes adormecia, ajoelhado ao meu feretro, a soluçar.

Ao abrir os olhos, na manhã morna da alcova, meu jubilo tocava a embriaguez. Punha-me

a cantar como um melro: olari-lari-lolé! e olari-lari-lólá! e minha alegria branqueava a luz como um ramalhete de cravos descommunaes e cheirosos. Insultando em mim o pusillanime da vespera dispunha-me logo de animo alceiro, a ir cirandar com *o Velhinha*, mestre-escola de picaros, deante dos balcões em que eram constantes olhos de namorar.

Ora aconteceu, n'aquelle meu segundo anno de cidade, durante este periodo de terror, lavrar grande grita no reino contra frades e jesuitas, que roubavam meninos de mamma, para os derreter em oleo bento, e donzellas casadoiras para sacerdotisas, se eram bellas e prendadas, e para donatarias se eram ricas. Como o burgo fôsse refractario a movimentos, agitadores vieram da capital, e, mandando collar manifestos pelas paredes, acolheram-se ao Café do Rocio a ordenar a intriga, entre orchatas sorvidas por uma palha. As novidades, nos logares adormecidos, correm mais velozes que pés descalços, e nós os estudantes viemos estarrecer deante d'aquelles senhores que tinham ar dominioso, grandes cabelleiras, grandes gravatas, muito dignas de admirar. Figurões da terra, notados por seu odio ao padre, aparceiravam com elles, solicitos em prevenir-lhes os desejos e em celebrar-lhes as vozes. E, entre elles, lobriguei o sr. Chinoca boticario, muito grave, no fraque preto, d'uma gravidade de embaixador.

Os honestos moradores pararam ás esquinas a solettrar, a remoer, a commentar o cartaz, e n'essa attitude me lembraram a fabulosa assembleia das rãs, á beira do charco, quando renhiram a eleição d'um rei. *A cidade das nobres tra-*

dições era convocada, d'este modo, para um comicio onde, por oradores de marca, seriam versadas as monumentaes questões que agitavam o paiz. E a proclamação concluia: Abaixo a reacção! Abaixo o carolismo! Abaixo os despotas! Viva a liberdade!

Ao lusco-fusco, *o Velhinha* veiu ter commigo e disse-me:

— Vens ouvir os revolucionarios?

— Para quê?

— Minha besta, para quê?

A apostrophe persuadir-me-hia, se já não fôsse grata ao meu espirito toda a idéa de differir na noite os mysticos pavores. Fui.

Data memoravel ficou aquella nos fastos da velha cidade, d'uma quietude que apenas turvavam, como vinhetas á margem, morte de homem por amor de mulher ou em arruaça de bebedos. O theatrinho, onde ouvira com emoção a *Filha do marinheiro,* desempenhada por curiosos da terra, de barro a esmiolar-se nos taipaes, enchera-se com estudantes, artifices, sobretudo gente sem mister definido, e sapateiros, classe esta de cathegoria na cidade que calçou borzeguins pela Renascença fóra. Os senhores, que tinham vindo em apostolado de tão longes terras, mal pisaram a scena, fôram acolhidos em Messias. E, ao faro d'um meio propicio, todos elles, sacudindo a grenha e recolhendo os punhos, arrancaram do peito sua melhor solfa sobre *o esmagamento da liberdade a patas de cavallo, a patria esfomeada d'ideal, e os jesuitas cravando garras de abutres nos lares incautos.* E, escutando-os, meio convencido, recordava-me d'aquella palavra de meu mestre: «Dizia Kant, Liborio,

que o tambor rufa porque é oco; assim acontece com os oradores das turbas».

Recordava-me, mas tão vehementes e prolongados eram os applausos em tôrno de mim, que minhas mãos, imprevistamente, como se as movesse cordel forte, puzeram-se a bater.

Fóra, em arraial, aguardamos os tribunos; e entre ovações, dispensando á direita e á esquerda uma cortezia real, com tapar e destampar incançavelmente as cabelleiras romanticas, bateram para o *João dos Tres* na tipoia do Ceguinho. No encalço dos cavallos enfeitados, rompemos gritando: — *Abaixo os jesuitas! Abaixo a tyrannia! Viva a liberdade!*

Largo tempo calcamos seu trilho; um punhado de guardas seguia no couce, sem arreganho, no geito de pastores ainda bisonhos a conduzir rezes bravas. Em frente das Chagas a columna espraiou-se; e, perante o mosteiro, adormecido no luar baço do quarto, onde dormiam ou sonhavam amores as freiras e educandas, que nós na missa dos domingos iamos lampeiramente espreitar pelos ralos, o clamor elevou-se:

— Abaixo as congregações! abaixo! Abaixo os jesuitas!

— Seminario! vamos ao Seminario — vozeou alguem.

E a torrente, engrossada de todo o cisco humano, desceu em roldão as ruas estreitas, talhadas para o chouto vagaroso dos conegos. Cabeças tresnoitadas assomaram áquellas janellas, ennobrecidas a ver passar prestitos de prelados e vistosas procissões de *Corpus Christi*. As lageas reboaram como no tempo em que

corriam sobre ellas de sócas ferradas as cohortes do Fundador. Ás pedras do velho castello nunca soára d'aquella grita.

Estavam cerradas as gradarias do Seminario, em que medrava o alfobre de que se reabastecia toda uma diocese, tão famosa em curas de almas, caçadores de coelho e em nedios e prolificos abbades. Na casa de duas alas, nem uma luz a alumiar o Genuense ou o Breviario. Os sediciosos soffrearam-se um momento, porque n'aquella terra sem vida o Seminario era representativo como o regimento 9.

— Morram os jesuitas! abaixo a seita negra! — gritaram vozes á imperturbavel serenidade do edificio.

Responderam-lhes os echos que, alacremente, se alevantavam na encosta fronteiriça do Castello. Contra a portada corria um regato e, nos intervallos em que a multidão cobrava fôlego, a agua, grossa da chuva das trovoadas, ouvia-se murmurar. E tinha sua voz uma ternura de creança balbuciando n'uma feira. O torreão da Sé perfilava na penumbra espacial seu vulto compacto. O Paço, as casas solarengas, frias e tristes, inspiravam á calma.

— Abaixo a reacção!

— Abaixo!

A multidão já debandava, quando os vidros começaram a tilintar nas vidraças do Seminario. E, aquella pedra chamando mais pedras, foi a lapidação.

Um respeito, immoderado em mim por tudo o que está de pé, acobardava-me.

— Ao menos acarreta pedras! — berrou-me o *Velhinha;* e levando-me a um monte de brita, encheu-me as algibeiras.

N'este momento, os guardas, que mansissimamente nos haviam custodiado, sacaram os sabres e, á mão tente, puzeram-se a espadeirar. A multidão debandou, cainhando. A grandes urros, *o Visconde,* estudante barbaçudo e matulão, celebrado pelo genio rebentio, gemia alto, arrastando a côxa:

— Eh! rapazes, que me mataram!

Os guardas, ante aquelle alarido de bode esfaqueado, de nervos pouco affeitos a collisões, suspenderam a acommettida. Pesarosos, senão amedrontados das responsabilidades, deviam estar aquelles sustentaculos da ordem, todos elles de lombos maduros de carregar os filhos ás cavalleiras. E perplexidade foi esta que soprou ousio aos sediciosos. Mata! mata! que são carrascos! e um bando carregou sobre elles a pau e pedra. Um tiro partiu, depois outro e outro; limpo o campo, um operario escabujava no chão. Em vozes e gestos de perdidos, os policias cercaram o camarada que empunhava ainda o rewolver e os salvára; era o 49, que nós os estudantes traziamos de rixa por seu feitio fanfarrão e auctoritario.

O motim reaccendia-se, quando, rompendo a passo dobrado, uma força d'infanteria vedou as boccas da praça. E eu fui colhido com o *Velhinha* nas sombras do palacio que, da lembrança de nossos paes, um incendio devorára. No meio de escolta, conduziram-nos á egreja desaffectada de S.ta Cruz, onde sobre pilhas de madeira nos sentamos, esperando. Eramos para mais de vinte presos, todos, afóra *o Velhinha*, sem arrogancia nem assuada; alguns cabeceavam. Eu não tinha sentimento definido do lance; no fundo de mim, uma voz satisfeita dizia-

me a espaços: Liborio, a morte, hoje, não te topa na cama!

As horas passaram mais morosas e lentas que carros de bois; e tinham já cantado os gallos quando, apparecendo no recinto o senhor administrador com os escribas, se encetou o interrogatorio. Cabeça por cabeça desfilaram os presos perante sua importancia que, comminando-os de olhar e increpando-os, se remettia, lavrado o auto, a um plantão ou os mandava á vidinha. Os que largavam, faziam-no mudos, rapidos, sem olhar para traz, no geito sacudido d'um cão que escapou a uma saraivada de calhaus. O *Velhinha* foi d'uma galhardia girondina no depoimento:

— Sim senhor, atirei pedras; metta-me na cadeia. Viva a liberdade!

— Cale-se — trovejou o ministro do rei — o sr. é um rapazola que não sabe o que diz.

Foi n'este instante que entraram na egreja, a passo seguro, os tribunos do povo. Dois sargentos vinham com elles, mas a modo de guias que não de escolta. O sr. Chinoca parecia mais solemne no seu terno de andador de comicios.

A auctoridade levantou-se e, muito cortezmente, pediu-lhes para se sentarem. Na chusma dos presos passou um silencio de empolgante curiosidade. Officiaes do regimento entraram, tilintando as espadas.

O debate mal chegou a nossos ouvidos. Mas por aquelles gestos tão rasgados, descrevendo trajectorias analogas áquellas que a representação nos diz que deviam ser as das mãos de Pilatos na varanda, e a certas palavras que soavam mais altas, n'uma frequencia d'estribi-

lho: *desaconselhamos toda e qualquer violencia, amigos da ordem,* e pela attitude seraphica da auctoridade, conjecturei que os apostolos não offereciam corpo á justiça. E de verdade que elles não haviam dado recado para alvorotar o burgo, emmornecido entre lençoes, nem tão pouco para arremetter contra os leaes servidores d'el-rei. Aquelle administrador parecia-me recto, parecia-me um d'aquelles legionarios que os Cesares mandavam ao carcere dos christãos e se deixavam catechisar. E, foi de coração alliviado, que os vimos sahir direitos e altivos, sacudindo a grenha, sem ter olhos para nós, victimas necessarias de toda a causa que tenha de pegar. Maguados dos acontecimentos nos deixavam, assim pensaria a auctoridade, nanja eu que recebi n'um aceno do sr. Chinoca a certeza de seu grande jubilo pela bôa sementeira. E se reprobos d'elles ficavamos, assim tinha de ser, porque é dos apostolos á fé o ardil juntar. O *nós somos comvosco!* usava-se nos tempos sem rewolver.

Chegou a minha vez; e após as perguntas do estylo, proferiram:

— Foi preso em flagrante delicto de attentado contra a propriedade particular e desacato á auctoridade. Tem alguma coisa a abonar em sua defeza?

— Eu nada fiz.

— Mas acompanhou os desordeiros?

Não tornei resposta e o administrador ordenou para o sargento:

— Revistem-no.

O soldado metteu as mãos e achou-me nos bolsos duas pedras.

— O innocente! ah! ah! Castello!...

O inquerito aos outros presos proseguiu vagaroso e tropeçante, porque o escriba era surdo, e eu adormeci sobre um madeiro. Sonhava celestialmente com Celidonia, quando um encontrão de *Velhinha* me tombou para a banda:

— Acorda, estupor!

A força, de armas ao hombro, aguardava o alferes. E, somnolento e triste, atravessei a cidade que a luz da aurora arroxeava. Andava no ar o perfume errante dos cravos dos balcões e da alfazema das hortas. E os balsamos vegetaes, e as tintas do amanhecer deram-me o sentimento visual de que a atmosphera era violetas, violetas que choviam, um violal dançando no vento, como a neve dos invernos.

As ruas figuravam-se-me maiores e as casas mais humildes. E as paredes tombavam umas para as outras, até fecharem o céo como mãos postas a rezar. A treva corria ainda nas regueiras e acantoava-se em rocadas espessas pelos angulos. E o nosso tropel dava mais espanto ás casas espantadas. Do alto d'uma mansarda descia um chôro esbarregante de menino. A uma porta, um homem detivera-se de bater as fortes argoladas para nos olhar. Por sobre elle, uma cabeça assomou, dorida de colera:

— Só agora voltas do fado, ladrão!

Estava frio e meus pensamentos succediam-se e martellavam-se como as botas da escolta nas lageas da rua. E eram mais absurdos e fatuos que as sombras d'aquella hora. Trilhamos, finalmente, a rua do Castello fedorenta e aziaga. E, sobre aquella podridão, um rouxinol da cerca do Seminario rompeu a cantar. E eram suas notas tão maviosas, tão molhadas de infi-

nito, que me enterneci e debrucei sobre mim mesmo: porque ia eu alli? porquê?

Ante nós perfilava-se a empena tôrva do Castello, de que só as fendas, em que podiam penetrar hilros voando, desmentiam a bruta eternidade. O destacamento abriu alas e despejou-nos n'um boqueirão, que revessava a frialdade salitrosa d'uma caverna.

Era alli o atrio, e um homemzinho baixo, de tabardo abotoado até as chancas, e barrete de pelle de coelho na cabeça, abriu uma porta ao fundo, cosida de chapas de ferro. E, empurrando-nos um a um, em voz que testemunhava ante o alferes, foi contando: *um, dois, tres, quatro...*

Rolamos por alli dentro, n'uma penumbra oca e sem fim. Vinha do extremo um bafo venenoso, ignobil, lambendo-nos a cara como a lingua apodrecida d'um cadaver. E sentia-se n'elle a decomposição, os vermes, a banha fétida do homem, o carbonio dos bronchios escangalhados.

As trevas alagavam o calabouço, incertos ainda os alvores da aurora contra as frestas acachapadas na parede grossa, de grossura a dar vau a um carro de bois.

Mas rente aos muros, pedações da treva tinham vida, mexiam-se, resfolegavam alto. E, quando nossos olhos acabaram de devassar o escuro, sobre tarimbas de muitos metros, rumas de cabeças, repousando, depararam-se-nos. Não tinham edade nem sexo, baralhadas as guedelhas e as barbas intonsas, visinhas as boccas das boccas, com rictus ora de morder ora de beijar. Entre trapos e mantas de seriguilhas, braços e pernas andavam a monte, parecendo

o cahos macabro d'um necroterio. E sobre elles bailava uma onda podre de cebola e alho arrotados.

Vendo aquella estrumeira, tive a vera noção do carcere, onde o aviltamento de encontrar o homem amputado do sol, dos montes e dos valles, por onde correm os animaes do Senhor, me feriu mais que se na mesma da hora me marcassem na testa, a ferro em braza, a condemnação á morte.

E, além da repugnancia que me inspiravam, entristeci-me sobre elles e d'ahi sobre mim.

Depois de se familiarisar com a choldra, o *Velhinha*, alçando o braço como um maestro, desencadeou o côro:

Leva avante, portuguezes...

.....

e os encarcerados romperam em trovejantes surriadas.

Nasceu o sol e eu vi-o estender o sendal d'oiro fino pelas serras do Douro. E, como aquelle sol não rompia para mim, porque tão estupidas paredes me fechavam, as lagrimas vieram-me aos olhos. Celidonia poderia passaritar nas veigas, mergulhando o jarrete na herva fofa; meu bom mestre sahiria do presbyterio claudicando, com o calice embrulhado na saquinha de ramagens, as abas da garnacha a esvoaçar ao vento fagueiro, e depois de rogar ao primeiro passante: ó tu, toca-me alli o sino! diria missa santamente. Os caminhos eram-lhes livres como os habitos: os meus não; a mão forte do rei, que me não conhecia, vinda das profundidades do espaço, cortava-m'os alli a pi-

que. Não era o sacrificio de meus costumados movimentos que me pesava, era a impossibilidade de exercel-os. E, pela primeira vez, senti a oppressão do homem sobre o homem e a torpeza da mão que fere sem se mostrar.

Os reclusos, com o raiar do dia, saltaram das tarimbas, n'um tumulto de casa de malta, ao signal do arrebenta-diabos. Uns, quási em pêllo, misturaram-se comnosco, de focinho a cuscuvilhar e mendigando um cigarrinho. Outros tinham ido ao saquitel e, arrancando uma côdea e um trago de aguardente n'uma cabaça, manducavam d'olhos em nós. Só um se quedára entre as cobertas, de papo para o ar, alheio a tudo, disparando das ventas largas de cão inglez fumaças sobre fumaças.

A chronica do 49 foi então esmiuçada até a sua linhagem remota. Um dos penitenciarios, batendo com as costas da mão na palma da outra, por alma de sua santa mãe jurou que havia de virar á naifada as tripas d'aquelle malandro. Mas entre os detidos da vespera não poucos eram, tambem, os que reivindicavam a honra de lhe arrancar o chiadouro. E em phrase truculenta, perante Deus e os homens, alli se pactuou o exterminio do pretoriano.

Por volta da meia manhã, veiu o senhor reitor do lyceu, com o bedel, e a sua bengala de jacaré de prata por castão. Em lingua de trapos, porque sua excellencia tinha a dicção difficil, informou-se de quem e quantos eramos, do que fizeramos e não fizeramos, e do nome de nossas familias. E de tudo tomou nota n'uma d'estas agendas que os industriaes de especialidades pharmaceuticas semeiam pelo sertão. E, promettendo pedir providencias, com fim de

furtar-nos á promiscuidade da cadeia commum que degradava nosso nome d'academicos, abalou top-top, n'um passinho pinchado.

A visita do senhor reitor inculcou-me o exacto sentimento de minha situação. Fôra detido em nome da lei por sedicioso, o que era grave; acima d'isso, faltára aos meus mais sacrosantos e reeiterados votos, o que era enorme. Jurára observar a carta da minha terra, como um alcaide antigo; jurára conservar-me no bando que, por seus representantes, de vara e volta, beija as mãos ao senhor rei. Christo em suas arengas respeitava Cesar, e é de lei que um bom christão copie Christo, tanto ao menos como a luz, que alumiamos á noite, copia o sol em que resplandecemos de dia. Bandeára-me com os revolucionarios, não era pois vassalo; cobiçava a mulher, não era casto; orava, apenas sob a garra do terror, não era pio. Que força extranha me impellia para tão longe de mim?

O estribilho rolava nas abóbadas:

.....

Leva ávante, não temer
Pela santa liberdade

.....

soltado a plenos pulmões por todos os reclusos. E tão communicativo era, que eu associei-me com esta garganta que, tempos antes, só queria a entoar o *Salutaris.*

Correram as horas, cortadas por frequentes chamadas de presos ao atrio. Julgava-me já esquecido, quando o carcereiro, abrindo a porta, me convidou a sair fóra. Deante de mim estava D.ª Henriqueta muda e de semblante

carregado, a par da Amelia Violas de lagrimas nos olhos. D.ª Henriqueta trajava a capa de vidrilhos, escandalosamente antiga, um chapéo funebre e o adereço d'oiro de madona rural.

Approximei-me d'ella, de fronte dobrada, emquanto o *Velhinha* pelo postigo fazia motetes de salafrario.

D.ª Henriqueta encarou-me d'olhos muito fitos, turvos d'anathemas, um grande sulco pela testa abaixo. Depois, torcendo os labios e cruzando as mãos sobre os peitos mirrados em geito de dolorosa, rebolou-os para o alto em pathetica accusação. Volveu a baixal-os sobre mim n'um exame que me parecia medir as proporções do delicto e do corpo, e, sacudindo a cabeça, as narinas arrifaram.

— Que perdição! que perdição! — murmurou então, n'um tom tragico em ocarina, torcendo os dedos.

E, após isto dizer, quedou-se hirta como um phantasma; faltavam-lhe lagrimas nas conjunctivas viscosas, mas as gorovinhas da face apareciam e desappareciam, como riscos d'alcatrão em parede escura. A Amelia debulhava-se em chôro. O pé d'ella, após aquella pausa solemne, pôz-se ferinamente a bater as lageas; fôra a emoção; a pena; succedia-lhes o furor.

— Bonito, um fedelho e já armado em trincafrades! ah! ah! quem o havia de dizer! Que mal lhe faziam as freirinhas? os seminaristas pesavam-lhe na cabeça? Pouca vergonha! pouca vergonha!!... Não se lembrar que come dos padres, que se alguma coisa é, deve-o aos padres! O senhor Padre-mestre ha de sabel-o; a Rosa Fogueteira já lá vae pela estrada fóra, com o recado... Com que cara lhe ha de appa-

recer, diga? Se tivesse brio, até se mettia debaixo do cisco onde ninguem o visse!...

— Não commetti crime nenhum — balbuciei, ferido por aquellas palavras.

— Ah! então não é crime ir desacatar quem está quieto e tratar os policias como cães damnados? Muito pacificos elles fôram...

— Não me metti com ninguem...

— E está aqui? mentiroso; o senhor é um refinadissimo mentiroso. Já sabia que o era, mas tanto, abrenuncio!

O carcereiro presenciava esta scena, com as chaves a pingar da mão sobre a perna direita, de bocca aberta e olhos arregalados. D.ª Henriqueta, em trajo antigo, ficava alli bem, n'aquelle recinto de pedra mal lavrada, como uma castellã iracunda a fustigar o seu pagem. O *Velhinha,* por traz d'ella, desfechava os gatimanhos mais simiescos. Notando, afinal, minha frieza, a bôa dama destemperou. Eu não tinha lagrimas para dar ao seu sermonario e estava na indole d'ella contar com lagrimas.

— Sabe que mais, o senhor e todos esses tratantes vão parar á costa d'Africa. Não movo uma palha; pois póde-se lá interceder por um pedreiro-livre? Não póde. Mas tambem lhe digo, em minha casa não o queria mais. Acceitei-o por serdes vós senhor quem sois, para ser agradavel ao senhor padre Ambrozio que é um santo homem. Não preciso d'isto; estou gasta; outrem que o ature; a Amelia, tambem se vae embora, para a semana... Se o anjo da guarda lhe acudir, não conte com hospedagem em minha casa.

E, fazendo um gesto largo de reprovação, suspendeu-se á espera da resonancia que não

deixariam de ter palavras tão graves. Fiquei mudo e minha mudez devia tel-a aplacado, porque foi em tom brando que proferiu, emquanto caminhava para a porta:

— Amelia, dê-lhe lá o cabazinho. Ahi tem o almoço; coma se quizer.

A Amelia deu-me a cesta, segredando:

— Deixe-a fallar; a senhora já se foi ter com o senhor conego Silvano. A estas horas já elle mexeu meia cidade...

— Despache-se, Amelia! — gritou da porta D.ª Henriqueta, em tom de commando — que tem que cochichar?

— Logo, quando trouxer o outro comer, levo o gigo — declarou a creada.

— A Amelia vae-se de casa? — disse-lhe eu baixinho.

— Que remedio; a Celidonia já deitou os pregões.

Entrei no calabouço, atordoado, com o sentimento de que ia dobar pelo espaço, n'aquelle grande caixão de pedra.

VI

O ferrolho ladrou na fecheleira de castanho e pela talisga, a cabeça, toucada de samarra de coelho, despediu n'uma voz redonda e sem arestas, comparavel a um fuso de bronze fungando no ar:

— Liborio Barradas, apresente-se!

Os reclusos encararam-me, e no olhar d'elles, mais surpreso que mofino, li a mensagem d'uma bôa nova; *o Velhinha* correu para mim de braços ao alto, pinchando, semelhante a um urso que arremette.

— O' alma damnada, — berrou elle — tu irás-te embora?

O carcereiro abrira a porta o que bonda para minha passagem; e puxando-a com estrondo, d'uma pancada sêcca da mão travou o ferrolho. Depois, tornando-se para mim, ao tempo que com a direita dava voltas sobre voltas á fechadura affonsina, com a esquerda mettia-me nos olhos um papel encanudado.

— Chegou ordem para ser solto — disse elle, e, correndo a trancar-se na soleira da porta, plantou sobre o officio, que desdobrára, um longo e inseguro olhar de sabio ante papyro especioso.

— Não é o que aqui reza? — tornou, remettendo-o á minha prova, e quedando-se a espreitar-me, de beiça cahída, n'um ar aparvalhado de duvida.

— Parece...

E, hombro com hombro, deciframos aquelle documento, firmado de sinete a frio, em que a mão espinoteante da auctoridade me remia de ferros d'el-rei. Seu rosto desfranziu-se então, e por elle observei que á sua consciencia de servidor voltára a serenidade simples.

— Muito póde quem póde! — gracejou elle — Pois vida e não torne a cahir na ariosca. Cá a minha satisfação é vel-os a todos na bella da pireza!

E desandou pela escada arriba, d'onde o chamava o bafo salobre do refogado.

A rua galgava deante de mim estreita e suja, com cacos de garrafa a luzir ao sol e um sapateiro n'um desvão, a bater sola. E, ausente de mim, fui pisando a sombra que ora as casas, ora o muro da cêrca ecclesiastica, mosqueado de bostellas negras que vinham da primeira mão do caiador, e de moitas de arroz e de copilos, projectavam sobre a viella sinuosa naquella tarde de sol. Para lá do muro, as carvalheiras do Seminario ramalhavam n'um bracejamento vigoroso de fartas. E, atraz d'ellas, ao longe, as montanhas eram d'uma fluidez d'anilina fina.

Meus passos iam espertando as gallinhas, que á sombra dormiam a sésta, em seus espolinhadoiros de lixo. Uma mulher, por detraz d'um cancello, chamou:

— O' Ingelca! O' Ingelca! vae ver ó relogio do snr. Ferraz se são horas de levar a me-

renda. E uma rapariguita descalsa, em saiote de baetão, brunida como cogueda maduro, precipitou-se adeante de mim com o mandalete. A agilidade de suas ancas acordou em mim o sentimento de ser livre. Tambem podia correr como aquella cabrita, ir choutando semelhante a um senhor sério, ou marchar lesto como obreiro que dá a jorna! E na atmosphera subtil senti-me leve, como se força poderosa, borbulhando em mim, me quizesse alar nas alturas. O ar penetrava-me na arca do peito, que inchava como odre em cujas gelhas alambarou o mofo e que alguem se puzesse a soprar. A vista redouçava-se nas coisas, nunca me tendo parecido mais ternos aquelles casibeques de varandas pintadas a zarcão, em que enxugavam cueiros de meninos.

No tôpo da rua, dei de cara com a Amelia Violas, açodada, o lenço de silvas vermelhas ao pendurão pelas costas, menos vermelhas que o fogo que lhe floria a face.

—Inda cheguei a tempo! uff! — disse ella, arquejando — Os santinhos amercearam-se de nós.

E os olhos da escrava bemditosa devoravam-me.

—Está cá o snr. Padre-mestre, mai'la a fidalga de Santa Maria das Aguias. Foi ella que veiu tirar o menino do castello... O Chinoca cahiu lá em casa, teem-se farto de prégar com elle.

Sobresaltou-me a ideia de apparecer no pretorio de meu mestre e d'aquella tão grande dama. A Amelia socegou-me:

—Não tenha medo, está tudo manso. O que

o snr. Padre-mestre quiz foi pilhal-o cá fóra. E louvores a Deus, d'esta feita está o menino escapo dos tratantes da justiça.

—Tinha-me dito que o snr. conego Silvano...

—Olhe, menino, não lhe déram cavaco. A modos que os padres, agora, teem pouca acceitação. Mas chegou a fidalga e ageitou tudo emquanto o diabo esfrega um olho. O patife do administrador estava de peito feito para mettel-o n'um processo. Mas a fidalga foi ao telegrapho e botou falla para Lisboa. Aquillo foi um tornadoiro d'aguas. Veiu resposta que até fervia... O administrador, pelo que tosquei, quási se metteu debaixo dos pés da senhora. Aquillo é o chaço das damas...!

O lyceu mostrou-se-me á direita, com a fachada solarenga de cutelo, e uma curiosidade forte arrastava-me para lá. Tinha pressa em ver os rapazes em volta de mim, n'aquelle atrio humido em que jogavamos o eche-valdeche e a bofetada, a beber-me dos labios a odysseia toda, com o homem estrumado n'um alagoeiro de sangue, a barretina de coelho, a jogralidade valerosa do *Velhinha,* e a historia d'aquelle preso, que tinha morte d'homem ás costas, e aguardava, deitado invariavelmente de papo para o ar, fumando e scismando, guia de marcha para as Pedras Negras. Antevia-me celebre. E era impetuosa esta necessidade, que sentia, de communicação e d'uma roda attenta a admirar-me.

—Olhe que estão á espera—supplicou Amelia, cortando-me o passo.—O sr. padre-mestre tambem teria vindo, se não fôsse a fidalga segural-o. Venha d'ahi...

Agastado d'este estorvo e vagaroso de me-

lancolia fui descendo a rua, quando a Amelia me assegurou, tão certo como a luz do sol nos alumiar, que os papeis para o casamento de Celidonia andavam já a correr. Não era lá muito da sua tineira, mas tinha que se aguentar, pudera...

Eu encontrava na cidade, depois d'aquelles tres dias de cadeia, o odôr proprio de recosido e decrepitude, que farejei ao aportar n'ella. As lojas pareciam-me mais mesteiraes, como tendo recuado no tempo, com as mesmas peças de fazenda empilhadas á porta, e uma ao alto solta no rôlo n'um estimulo de pechincha, a lençaria para labregos exposta a cada canto, e um caixeiro, de borco sobre o balcão a vomitar tedio. Familias aldeãs passavam a trote mansinho, devassando n'um olhar desconfiado de raposas aquelle estendal de lindezas. Os cães catavam as carraças, martellando o trazeiro com a dentuça branca, deante dos donos aborrecidos. E, por sobre o rumor abafado do burgo, na luz branda do poente, pesava o silencio immenso que lhe vinha de sua alta e immovel velhice. Ao mesmo tempo, da inalterabilidade dos seres e das coisas manava uma melancolia de deserto; parecia que a morte e a vida tinham alli um campo neutro, d'onde fugiam de brigar.

De hombros descahidos, como homem de annos, passei afinal por entre os frades de pedra, que, mudos e gastos do canello dos bois, guardavam a porta silenciosa de minha patrôa. Meu bom mestre, a par do sr. Chinoca, esperava-me nos umbraes da salinha, onde o cravo exhibia a laca preciosa, floreada de madre-perola. Ao fundo, D.ª Estephania Malafaia, alva de rosto

e vaporosa, com um mantelete lilaz atado na cabeça, e casacão amarellento de botões grandes como pratos, parecia entreter-se com D.ª Henriqueta, muito empertigada n'aquelle vestido, que ha meio seculo ouvia as missas do domingo.

Achei meu bom mestre mais velho, a cabeça toda em neve, quando ha mezes o deixára com cabellos ainda castanhos. Na garganta sêcca as carotidas tinham um relevo de corda, e, de pé, as pernas figuraram-se-me uns tristes ossos, a nadar nas calças, como vareta em cano de bacamarte. O snr. Padre-mestre trajava á secular o casaquinho preto até os joelhos, muito limpo, e o cabeção de volta de borracha, brunida e sem quebra. Ao vêl-o assim ás claras correr para o apagamento, senti uma garra feroz lavrar-me o peito; apenas são eternas as coisas que nos são externas. O ladrão do tempo, passando por elle, debulhára-o.

No emtanto pareceu-me solido da arca do peito; intacta a sua voz quente de prégador e o mesmo gesto sacudido, educado nas funcções melindrosas de parocho e nas finuras do voltarete. Meu bom mestre nunca se pejou, bom christão que era, de fechar o ripanso e abrir um baralho. Jogar ás vezes e jogar moderado é urbano. — dizia elle — Jogador foi o evangelista S. João.

Estava tudo manso, como afiançára Amelia. A voz do snr. P.ᵉ Ambrozio tinha aquella tonalidade de doçura e de tolerancia que muito acalenta as almas doridas. O regosijo paternal, que estremecia n'elle, seccára-lhe nos labios de mestre a censura merecida ao discipulo ruim. Sempre affavel, recebia o filho pródigo de coração nas mãos. Os olhos de D.ª Estephania passeavam

sobre mim, vivazes e brilhantes como aves do paraiso.

—Está um homem—disse ella, com gentil disposição.

—Cresce sem licença de Deus—accrescentou D.ª Henriqueta, por chalaça.

Sentado perto da janella, o sr. Chinoca fazia bailar uma perna a cavallo da outra. E, d'olhos no sapato, semblante grave, pareceu-me trabalhado pelos bifes do *João das Tres,* em hora dispeptica.

Em bons termos, após os cumprimentos, inquiriu o snr. Padre-mestre das circumstancias da minha prisão. E eu fiz uma narrativa authentica, como se tivesse a mão sobre o evangelho, e fôra escrivão de puridade, d'um rei sério como Aristides. Chegado ao episodio das pedras colhidas no monte, D.ª Henriqueta ergueu-se, movida de colera:

—O menino não devia tolerar que lhe mettessem calhaus nos bolsos. Não devia. Esse *Velhinha,* vejam! sahido de muito bôa cepa, está o pedaço d'um mariola, um deslavadão sem lei nem santidade! Cruzes, irem apedrejar a casa dos padrinhos...!

—Não ha duvida que em bom direito, Liborio é culpado—retorquiu meu mestre em tom amavel—Mas como succede com a culpa humana, que provem d'um defeito inicial, o delicto d'elle não está em trazer pedras nos bolsos, mas em ter ido assistir a uma assembleia cujos propositos eram condemnaveis. Desde que lá pôz os pés, o delicto estava perpetrado, fôssem muito embora de grande ou pouca monta os successos que se viriam a desenrolar. Liborio já não era Liborio, meu discipulo, mas uma

simples unidade sujeita ás variações do numero. A multidão, D.ª Henriqueta, é a hydra de Lerna, ou como se diz entre nós, a Bicha das sete cabeças. Tendo sete cabeças, a fabula empresta-lhe movimentos coordenados. Cada uma das cabeças obrava como todas e seu instincto plural era para ser tremendo. D'ahi logicamente o monstro. A multidão é a mesmissima coisa. O individuo perde a vontade propria, ficando ella com uma mentalidade plural que é pavorosa e até certo ponto irresponsavel.

As duas damas apoiaram e o sr. Chinoca, de mãos nos bolsos, como um luctador que acceita o desafio, veiu postar-se ao lado de meu mestre.

— Que o meu discipulo quebrasse vidros — continuou elle — espancasse os guardas, berrasse contra o clero não me espanta e é ocioso verberar-lh'o. O que reprovo é essa curiosidade malsã que o levou a ir escutar uns senhores que sopram a desordem, a titulo de concertar o mundo que, em bôa verdade, anda desconcertado desde que é mundo. Esta curiosidade, para a qual vezes sem conto o preveni, é que eu condemno; ahi é que está a razão justiceira que o levou á enxovia.

— Você é injusto, Padre-mestre — respondeu-lhe o sr. Chinoca em tom vagaroso — Nós não procuramos concertar o mundo; isso é uma empresa de philosophos e nós não somos philosophos. Nós procuramos melhorar uma patria, e somos revolucionarios, porque estamos certos de que só um caminho vae ter á liberdade e é a revolução. Lamento que o rapaz estivesse preso, mas d'isso não sinto remorsos; ninguem lhe aconselhou tropelias...

Meu mestre encolheu os hombros, no ar de

singeleza, que é uma advertencia de scepticismo ao contendor gracioso.

— Certamente — replicou elle com vivacidade, mas sem desmancho, — os senhores são creaturas muito sensatas para ordenarem lá do alto: apupem as freiras, assaltem o Seminario, dêem catanada nos policias, e muito razoaveis para se pôrem á testa de doidos. Murros heroicos descarregam-nos, apenas, nos principios, e chega. Sabem muito bem, por experiencia ou simples intuição, até onde vae o poder de manobra quem teem sobre os nescios que os ouvem. A lei do menor esforço aconselha-os a não obter com alhas o que podem conseguir com maravalhas, a illudir a lei em vez de calcar a lei, a fazer fogueira sem carretar lenha. A lei é ridicula, dir-se-ha, e estou d'accôrdo; é ridicula como tudo o que na terra tem funcções de cathegorico e de absoluto. Essa mesma lei que lhes veda de dizer, matam, façam, aconteçam, auctorisa-os a colher os mesmos resultados por meios indirectos. Não é só ridicula, é estupida. Mas tudo é assim no mundo... O homem, desde que começou a viver, aprendeu a saltar para o lado.

Fez-se silencio, enchendo-se a salinha com as pancadas d'um relogio Jacquemart que havia sobre o cravo. Meu mestre foi á janella espreitar o céo, voltando ao tempo em que Chinoca retorquia a D.ª Estephania, que brandia o dedo contra mim n'um motete faceiro:

— Minha senhora, em Portugal, sob os Bragânças, não é necessario calumniar para demolir. Temos por nós a justiça e a fé, e bastanos. Vossa Excellencia é a esposa d'um deputado realista, mas isso não me acanha de

sustentar, com todo o respeito que me merece uma senhora, que o regimen não passa d'um rapinento e reles *sobbado*. Não, minha senhora, não é preciso calumniar para demolir.

—Assim será! — condescendeu meu mestre — mas dando de barato que assim seja, só o espirito desboccado de agitação os poderia chamar a esta terra. Todos aqui vivem em bôa paz, ricos e pobres, fidalgos e plebeus, padres e leigos. A desegualdade das classes ainda não penetrou a alma simples d'este burgo; as ideias aqui estão no periodo da arma de pederneira. E graças, porque nada ha mais fatuo que as ideias. Tanto são hoje uma paixão do espirito como amanhã o bolor do tempo que passou. Esta terra não faz historia e isso quer dizer que vae gosando uma parcella de felicidade.

A fidalga de Santa Maria das Aguias apoiava, d'olhos poisados em mim a estudar-me. D.ª Henriqueta cilhára as mãos no ventre rotundo, n'aquella posição das devotas, enlevadas no vôo eloquente d'um prégador.

— E que vão os missionarios do S. C. J. fazer pela Africa? — jogou o sr. Chinoca.

— Não sei, mas por certo não vão bolir com a paz temporal dos gentios. — E n'aquella voz, cheia de compostura, mas sem artificio, que me lembrava Boécio, o doce philosopho da consolação, accrescentou: — Vieram os senhores com intuito d'esclarecer? Mas que, se aqui não ha opinião? Esses problemas são tão alheios á cidade como a historia do Prestes João. E' inegavel que teem o direito de combater o mal nos ministros da Egreja. O mal existe n'elles como em todo o organismo que vive. Mas seria uma utopia se não denotasse um precon-

cebimento. A fazel-o, façam-no em logares onde é mister. Entre nós a religião é uma velha dama que tem os habitos contados, que não exige nada a ninguem, que não levanta empeços nem faz beneficios, e que passa tão ronceira que mal se vê. Se reparam n'ella, tiram o chapéo por vezo, e é tudo. A religião provincial é um boccado de côr no céo da provincia, mais nada.

E meu mestre abria os braços no grande gesto das coisas que brilham e se apagam.

— Os senhores — continuou elle, dirigindo-se a Chinoca — não se limitam a flagellar o mal em suas modalidades, arremettem contra elle em absoluto. E o mal é eterno e invulneravel. O homem é mau porque é insatisfeito; e porque é insatisfeito lucta, estuda e soffre; e luctando, estudando e soffrendo é mau fatalmente. A intelligencia é a potencia do mal. A intelligencia não se resigna á immobilidade e só o repouso é o estado do bem. A immobilidade seria a felicidade, mas seria tambem a morte. Quer dizer, o mundo é incuravel; só ha de ser curado quando estiver na agonia, quando perto da conjuncção maxima dos orbes já correr errante por rota não sua.

Meu mestre havia-se exaltado e eu não o comprehendera bem. No mesmo tom prophetico disse ainda:

— As formas sociaes podem substituir-se, o mal porém fica de pé. Que distancia vae de Abrahão, o patriarcha, a Bernardino, o republicano? Eu não a vejo. Em corpo recto nos deixaram a alma encurvada, diz S. Bernardo, e assim é. Os curandeiros das nações e do homem não minguaram, todavia, atravez dos seculos. Com um rei, juiz, dictador ou consul, os

povos fôram indifferentemente prosperos e desgraçados. Chamar pela liberdade é tão vão como invocar Sirius ou outra estrella do firmamento. Não ha liberdade na natureza. O homem é prisioneiro do logar, dos seus semelhantes, da terra; a terra é prisioneira do sol; este astro d'um systema mais vasto e profundo e incognoscivel; tudo de Deus. A liberdade que para ahi se préga é um contra-senso na cadeia infinita dos seres. E, afinal tanto vale o dogma do um, como o dogma dos muitos. Sob o ponto de vista da experiencia este impõe-se mesmo. Traz comsigo a pragmatica dos tempos, e para aquelles a quem apraz a ordenação, o rythmo, e que encaram o mundo com um estoicismo benevolo, a escolha não offerece embaraços. O mal é a raiz que prende o homem á terra.

— Padre mestre — proferiu o sr. Chinoca pharmaceutico, em tom jocoso — a sua doutrina parece-me immoral e heretica. Não é o baptismo um sacramento de regeneração? Por outro lado, diga-me: não devem ter os governados decoro civico como os governantes? Devemo-nos deixar morrer e deixar morrer a nossa terra?

Meu mestre não respondeu, certo de que duas ideias se podem defender e prolongar até o infinito em linhas parallelas, e n'isso está a inanidade dos debates. E só disse, encarando-me muito:

— Nasceste em ruins tempos, Liborio. A condição do homem dos nossos dias é soffrer. Vês como se envelhece depressa? Eu desejaria que fôsses um homem de serenidade tanto quanto póde ser-se com consciencia robusta e mente bem formada. Como Timão penso que a scien-

cia da vida está na tranquillidade. Não o serás; teu cerebro é impressionavel como a cera. Mas porque o não sejas, não te estimarei eu menos. O homem é uma palha no oceano que é a grande vida. Bemditos os que dormem a somno solto, e não conhecem outra escripta que a do arado!

E após estes dizeres, que derramaram sombra na salinha doirada pelo sol poente, havendo-se posto de pé a sr.ª D.ª Estephania, meu mestre declarou que achava bem eu ir passar ao mosteiro aquelles dias de aulas suspensas; seria uma trégua salutar para o meu espirito. A sr.ª D.ª Estephania tinha a extrema bizarria de nos conduzir no automovel, que já na vinda o trouxera a elle. A fidalga de Santa Maria das Aguias, n'um sorriso amavel, procurava apoucar sua mercê.

O sr. Chinoca, com muita venia e cordealidade, despediu-se; eu corri ao quarto lavar-me, pentear-me, matar em meu exterior o recluso d'uma prisão d'Estado.

Amelia veiu logo ter commigo, tristonha como Veronica, porque eu não quedava alli. E, dispensando-me seus afagos de cadellinha, disse-me:

— O menino é capaz de me levar um recado?

— Levo; para quem?

— Para o homem do Doiro, o desposado de Celidonia...

Amelia erguia ante mim o phantasma e eu fiquei silencioso.

— Senão — tornou ella — mando dizer pelas oveiras.

— Não senhora, diga lá.

Historia do matrimonio; faltava a folha corrida do nubente para o bispo poder dar a benção. Sem ella nada feito, dissera o sr. P.e Abi-

lio da Camara Ecclesiastica. E tinham de se despachar, quando não entravam as Temporas e o casorio botava lá para o tarde.

— Eu lá darei parte, Amelia; fique descançada — respondi á bôa rapariga já fóra da porta, porque D.ª Henriqueta chamava-a, clangorosamente, por todos os cantos da casa.

Já se podia olhar d'olhos fitos para o sol, fosco no occaso, quando subimos para o carro, que, rodeado de basbaques, trepidava. Debruçada da janella D.ª Henriqueta clamou ainda:

— Menino, encommende-se muito a N.ª S.ª para que o livre das más companhias!! — e sacudia o lenço branco d'assoar para a fidalga.

Abalamos, eu e D.ª Estephania n'uma só bancada, apesar dos rogos de meu mestre que reclamava para si o dever de ir menos commodamente que ella. Eu nunca viajára d'automovel e aquelle era magnifico, macio de molas e de estofo, que deslisava imperceptivelmente sobre a terra. E dava-me a impressão do veludoso, como quando nadava na agua dormente d'uma represa. Aquelle perfume inebriante, que ensopára minha cama n'uma noite de quaresma, deparava-se-me alli na luxuria do carro, vestido de almofadões e perfumoso de flôres como um ninho de peccado. Era elle, embora o atravessasse o aroma d'aquella braçada de violetas que iam na anilha ao lado de meu mestre. E a recordação da noite aziaga fez-me rir. A casamata e, horas depois, aquelle conforto pareciam jôgo da natureza, que pagava a tortura da primeira com a voluptuosidade do segundo.

O sol despenhava-se por traz d'uma barroca, d'onde desciam camponezas cantando. As

galas do maio tornavam a terra mais garrida, que um lenço garrido de cigana. A estrada estava deserta, e o vú-vú do automovel corria sobre ella deixando-a a dormir. Os postes telegraphicos saltavam rapidos, cortejando-nos. Parece que as giestas piorneiras nos fugiam admiradas.

Meu mestre, depois de celebrar a bondade da fidalga e os progressos da mechanica, abriu o breviario. E, apoiando-se á portinhola para colher toda a claridade fugitiva do crepusculo, pôz-se a rezar as Horas. D.ª Estephania desdobrou um chaile-manta e deitou-lh'o sobre os joelhos; desdobrou um segundo e envolveu-nos n'elle. Ia escusar-me, mas, no espelho defronte, o grande sorriso d'ella protestava a vanidade dos meus rebates. Seu corpo encostára-se ao meu, mais que tudo a perna, que eu sentia quente e roliça para lá da meia subtil. O chaile-manta unia-me a ella em roscas sedosas de cobra; e, não me sendo licito nem possivel esquivar-me, era-me caro o goso que me penetrava.

A' medida que o calor de sua carne se infundia em minha carne, o abrazamento trepava em mim, seccando-me os labios, fazendo-me tamborilar as meninges. Figurava-se-me que sua côxa premia a minha; mas não; mais vagaroso apenas, o sorriso d'ella, entreaberto, enrubescia o espelho.

O automovel rodava, rodava... Castanheiro do Ouro, Granja Nova, Leomil... Onde ieis vós, minha Madrinha, Celidonia, a prisão, a morte? Cahi quebrantado, e o sonho, que tive, banhou meu ser d'uma onda suave, nova, e mysteriosamente divina.

VII

O sr. padre Ambrozio, meu bom mestre, mandou chamar os Violas á Livraria do Convento. Estava uma manhã louca de regas, com um d'estes soes que no pino do dia azoam as rolas, e sombras muito frescas e negras, que até pareciam pintadas a baga de sabugueiro. Meu bom mestre tinha vindo dizer missa a S. Francisco no altar da S.ª da Saude, servindo eu de acolyto n'aquelle officio indumentado de roxo, muito suave e sonoro na nave adormecida. Minha mãe, depois, forçára-o a petiscar do nosso almoço, a que davam mimo umas trutas, por meu pae pescadas ao pardelho n'uma rincolheira do rio. E, entre duas garfadas, aprouve-se sua galanteria d'animo a reviver Fabricius, aquelle bom allemão, que compôz uma *Theologia da agua*, para celebrar a generosidade, a sabedoria e a potencia de Deus, creando tal elemento.

— Honra seja feita ao douto professor de Hamburgo, — disse meu mestre — que o Senhor é digno de todos os incensos por tão subida mercê. Sem a agua, não teriamos nós, agora, o paladar regalado por estes saborosos salmonideos, de habitos elegantes e casaca pintalgada como os marquezes do senhor D. João V.

E seu gesto, ao mesmo tempo que rendia graças ao Creador, epicuristicamente baixava uma benção sobre os delicados peixinhos.

Meu mestre, findo o comer, dirigiu-se para a Bibliotheca e do balcão eu via sua garnacha, desbotada a servir a Deus, ir roçando o buxo, como a sombra tenue e lenta d'um frei defuncto, saudoso do seu claustro. Lá no pateozinho, que subia para o mosteiro, voltando-se para mim, que tivera por delicadeza não assistir ao que ia passar-se, pronunciou:

— Liborio, bom seria que me ajudasses a passar a esponja do fel a esta pobre gente. Se te não custa, vem fazer-me companhia.

A mãe Violas chegou primeiro, aturdindo com as chancas ferradas o recolhimento do eremiterio a que a fonte estava contando melancholica lenda; só d'alli a pedação o velho, muito ronceiro, de cabeça ao leo, encolhido n'uma camisa de mondongos, n'uma casa da qual passava o nó vermelho do lenço d'assoar. Vinha de pés descalços, e sobre elles, á flor das calças arremengadas, as ceroulas de nastro pingavam, ainda, a baba lodosa do regadio.

Meu mestre atirára-se sobre a poltrona de coiro, de membros lassos, solemnisando, n'um enorme assopro, a ardentia d'aquella manhã sem nuvens. E, minuciosamente, com o vagar d'um monge dispondo as particulas no hostiario, pôz-se a limpar os oculos.

— Isso vae melhor, Manuel? — proferiu meu mestre, logo que reparou no Violas.

O velho torceu a cabeça n'um tregeito pessimista e foi ella que respondeu:

— Bem haja, senhor reitor, melhoras poucas. Depois que deu o trambolhão da arvore para

baixo, ficou offendido lá por dentro. Disseram que era a espinhela cahida, mas qual? Fomos ao boticario, fomos á benta das Dornas, nenhum adregou com a molestia. Não ha emplastro que lhe não tenha botado. Só a terra é que o cura... Depois é o que alli se vê, um molancão que nem já tino tem para abotoar a braguilha das calças...

E, com a mão desencabada do avental, apontava o seu homem, mudo e amachucado no meio da sala como um *zorato*.

— Mau é isso!

— Ai, senhor reitor, se Deus o não tira d'este mundo, derranca-me a passarinha! Está o cabo dos trabalhos, sempre rabugento, sempre a fedelhar. Disse o sr. Ferreira da botica que padecia tambem da figadeira; é mas é o porco sujo que anda mettido n'elle...

Meu mestre atalhou áquelle libello conjugal com dizer, sorrindo:

— A gente faz-se velha sem querer. E os annos, minha santa, são como o vinho filho da cepa, deixam borra; á mais ligeira sacudida temos a vasilha torvada... Mas tudo na terra é pena e estrago. Já rezavam os antigos, triste é que seja só trabalho o que se chama vida!... Mas vamos ao que importa. Chegaram-me aos ouvidos uns rumores, de que vos quero prevenir, ainda que arrenegueis do alviçareiro...

— Seja o que Deus quizer — respondeu a mãe Violas — quem nasceu em má estrella não esteja á espera do dia bô.

— Sentae-vos; sentae-vos!

E meu bom mestre indicou-lhes a preguiceira, onde os frades pregadores, depois de se empoeirarem nos *Zodiacos Celestes*, sesteavam com

beneplacito de Deus e aprazimento do corpo, porque sendo de rija taboa, em faia, era ao mesmo tempo longa, vasta e talhada á feição de leito. Eu quedei no poial da janella, a attenção distrahida, no semblante de quem se alheia d'onde não é chamado.

— Vieram-me dizer que a Celidonia não se conforma com a ideia de casar com o Rolim. Se assim é, mesmo que não haja outro impedimento, eu não os posso receber. Mas olhae, talvez a rapariga não ande falha de tino. O instincto da mulher é sagaz, ou, como o outro que diz, as mulheres teem um dedo que adivinha. Vocês conhecem bem o Rolim? Que sabem da vida d'elle?

O velho passeou os olhos, lentamente, pelo tecto, amortiçando-os d'ahi na mulher, que o esbulhára da voz de casal, porque estava morfanho e se lhe entaramelava a falla. A mãe Violas ficou um momento a malucar, de vista parada em meu mestre, e respondeu no seu geito estavanado:

— Pregunta bem, mas dos passos que o Rolim deu, antes de prantar os pés na freguezia, não lhe sei eu dizer. Quem póde dar razão é o meu Zé que lidou com elle na estrada de ferro. Mas eu perca o nome de Rita, se alli ha coisa que se lhe possa trancar por deante. Verdade seja que uma nodoa no bom panno cae... mas ná, por aquelle fico eu. Lá que a Celidonia está com fiducias, está; mas, coitadinha, as fiducias tiram-se-lhe. Aquillo inda não é arvore que se não vergue ó puxar. Era o que faltava se a lambisgoia nos havia de borrar a cara...

— Então o José é que póde dar razão, — re-

petiu vagarosamente meu mestre, em ar de scisma — chamem-no cá.

— Anda p'ra quinta na rega. Mal parecerá deixar a agua...

— De certo... de certo; em primeiro logar, a obrigação... Dizeis vós que desconheceis de todo os antecedentes do Rolim... pois espanta-me!... espanta-me!... O José nunca vos boquejou nada?

— Nada!

— Pois eu vos digo, este homem foi muito fallado em terras do Douro, ha obra d'uns mezes. Andava elle na tal linha que corta para Traz-os-Montes na empreitada da ponte. Foi um passo que deu brado!

E meu mestre, que com os simples era modesto, usando seu fallar sem artificio, disse aos Violas:

— Sim senhores, foi um passo que deu brado... Era empreiteiro da ponte um tal Diogo Ramalho, d'estes Ramalhos de Folgosa, que teem fama de gente rica e emprehendedora. Pelos geitos, homem de bons negocios mas aspero no serviço... d'estes homens com quem os operarios hão de dar quanta alma pódem. Ora um sabbado á noite, dia de jorna, contra todos os calculos, Diogo faltou na obra. Armou-se grande borborinho e, porque torna, porque deixa, uns que tinham pressa de cobrar a feria, abalaram em cata d'elle. Não tinham andado grandes leguas, quando fôram tropeçar com elle, estendido de bôrco n'um chafurdo de sangue, com o craneo mettido dentro, que parecia mesmo um chapéo amolgado. Aqui d'el-rei homem morto, acudiu enorme gentiaga e verificou-se que o empreiteiro fôra assassinado á marreta e roubado. Logo alli

se deitaram inculcas e, a uma voz, fôram acoimados d'aquella morte dois trabalhadores, que na ante-vespera haviam sido despedidos por arruaceiros e mariolões. A justiça pôz-se em campo e n'esse mesmo dia deitou a unha a um dos suspeitos. Submettido a perguntas deu respostas acertadas do que fizera e do que não fizera e, rebuscado de cima ao fundo, pouco mais lhe encontraram com que mandar cantar um cego. Tiveram de o soltar e correr sobre o outro. De pista em pista, aqui te apanho além te agarro, fôram-no caçar a um povo da raia quando se dispunha a pular para Hespanha. Chamava-se Luiz Reinol. Tinha os bolsos atestados de notas, mas abrir-lhe a bocca não houve tramanhos. Quando lhe perguntaram d'onde lhe viera tanto dinheiro, invariavelmente respondia: ganhei-o com o rico suor do meu corpo. Contaram-se as notas e avaliou-se que a somma orçava por metade d'aquella que o patrão devia trazer na carteira, em dia de soldo. Mau signal para o Reinol. De busca em busca, appareceram provas seguras de sua culpabilidade. Mas não era o bastante; ficava por resolver a segunda parte do problema: Quem arrecadára a outra metade do dinheiro? Quem ajudára o Reinol a derrubar o patrão que, sendo forçante e resoluto, era homem para homem? Encarceraram novamente o primeiro trabalhador. Mas, ou porque a justiça fôsse pouco atilada, ou porque o Reinol, tido e havido como homicida, confiasse a salvação ao systema de negar, negar a pés juntos, se bem o prenderam melhor o largaram. O Reinol foi sósinho a juizo e sentenciado á pena maior, embora protestasse até a ultima estar innocente. A' espera de sahida

para o degredo e no palpite, tambem, de que, dissipadas as esperanças, viria a fazer confissão inteira do crime, atiraram com elle para o castello de Lamego. E não se illudiram; se da confissão que fez ainda não foi lavrado auto, d'ella já são sabedores todos os presos que lá se encontram. A quem o quiz ouvir contou Reinol o crime por miudos, só lamentando não ter obrado como o parceiro, que escondera o roubo debaixo d'uma pedra. Já adivinhastes quem é o desgraçado que está na bocca da justiça? E' o João Rolim.

— Jesus! Santo nome de Jesus! — despediu a mãe Violas n'um engulho de vozes, de pescoço dobrado e tapando as faces ás mãos ambas.

— Extranho — accrescentou o sr. padre-mestre — que o José tenha sido tão reservado comvosco em materia que vos podia acarretar grande damno. A sua obrigação era inteirar-vos de tudo. Não o fez, lá sabe as linhas com que se cose. Não digo que para elle o Rolim esteja assente no rol dos matadores, não. Mas sabia muito bem dos dares e tomares que o Rolim teve com a justiça e da suspeita que lhe pesava sobre os hombros... Assim eu soubera da hora em que hei de ir prestar contas ao Justo Juiz!

A mãe Violas rompeu, afinal, n'uma gritaria que alarmou a paz centenar do mosteiro.

— Que sina a minha! Quando eu nasci, valia mais que Nosso Senhor tivesse dado vida a uma cadella!... Tenho muito amor á minh'alma, mas vou-me deitar a afogar... vou-me deitar a afogar!... Pois vale lá a pena andar no mundo!? Anda a gente negregada a lavorar

de sol a sol para ter um cibinho de pão que comer e vae o porco tinhoso arma-nos d'estas ciladas?! Benza-me Deus, benza-me Deus, ver a filha de minh'alma nas mãos d'um assassino?!

— Cala-te, que podem ouvir na estrada...— debalde meu mestre lhe dizia.

— Por isso elle era um mãos-rotas — rosnou o Violas — não lhe custou a ganhar...

— E guardar eu debaixo de telha um bandido assim? Oxalá que tudo quanto comeu, de minha mão, de rosalgar lhe sirva. Aquelle meu Zé é o ultimo dos malvados; foi elle quem m'o metteu em casa; tambem ha de ir morrer a uma cadeia?! oh! se ha de!!

E esbagulhava-se em lagrimas e imprecações, que meu mestre não sabia aplacar.

— Socega, Rita, que ninguem te culpa — exhortava elle — fôste victima da tua boa fé; assim como déste pousada a um mau homem, podias têl-a dado a um santo. O remedio é simples.— E, em tom receoso, meu mestre accrescentou: — Terá elle abusado da rapariga?

— Abusado?! — vociferou ella — abusado mas é da grandecissima e compridissima curta que o engeitou ao mundo. Olha lá? Nem tocar-lhe com o dedo molhado. A Celidonia fugia d'elle como da sarna! Ah! agora vae ella gloriar-se, mas nós, que ha de ser de nós?

E, passando ao inferno de sua negra vida, as lastimas eram patheticas.

— Inda se não fôsse o pegamaço d'este homem? porque isto é mesmo um foleiro. Só pensa em ter a morca farta. A pobre é que ha de ustir, que ha de pôr a trincadeira! Triste de mim!! Olhe, sr. reitor, elle o Rolim será um

perdido da alma e do corpo, mas comnosco era bom. Era elle que estava a sustentar a casa, cantés o Zé está um tunantão, que derrete tudo o que póde arrebanhar com as pandorgas. Que vae ser de nós sem este arrimo! Ih!!!

— Antes, não te ias governando sem elle? Tem coragem, minha santa. Com lamentações não endireitas vida; trata, trata mas é de pôl-o a andar o mais breve possivel.

— Pois que o despeça — retorquiu a Rita Violas, alijando o encargo sobre o marido — Para alguma coisa se tem um homem de portas a dentro. Eu sou fraca, sou mulher, não o faço. Nem que me dessem a salvação! E quem me diz a mim que não anda por hi traça do mafarrico para perder um desinfeliz?

Meu mestre meneou a cabeça dubitativamente; ella porém tinha-se aperrado áquella ideia, com todo o desespero d'uma ultima esperança, e dava-lhe corpo.

— Elle o Manuel Lascarinho, de Penso, não pagou sem dever?! Os exemplos, como estes, cobrem a rosa do sol. Que o despeça elle, eu não, nem a terra me comia se a minha voz se alevantava a condemnar um innocente!

— Não, não ha possibilidade de equivoco — disse meu mestre pezaroso. — Mas se quereis, chama-se o Rolim e desenganamo-nos. Tens medo?

A mãe Violas acabou por annuir e disse:

— Olha, ó Manuel, chega tu alli á janella do refeitorio que o sr. reitor dá licença e berra por elle. Não deve andar longe. Mas despacha-te, meigengro, que nem todos estão para os teus vagares.

O velho assim fez e nós ouvimol-o, ao cabo

d'instantes, bradar das janellas que deitavam sobre a quinta até o castello godo de Penedono, n'uma voz roufenha de folle roto:

— João Rolim!... ó João Rolim!... dá aqui um salto que te quer o sr. reitor uma palavra.

Feito o que, o Manuel Violas voltou a ter comnosco, lento pelo corredor fóra, mal acordando as pranchas ternas aos pés descalços, como sombra mortiça d'um frade que vagasse por entre aquellas sombras. Meu mestre no cadeirão abbacial puzera-se a rezar matinas. E no longo silencio que se seguiu, percebeu-se toda a vida mysteriosa do velho mosteiro, a traça que lima, uma lagartixa que corre, os ratos que moinam, uma taboa cujas fibras a fazem domar ao curso da seiva. E sobre ella, os suspiros da mãe Violas tremulos e entrecortados. A fonte suspirosa dos monges continuava a correr; e sua toada melancholica tão bem se casava com o silencio que d'elle parecia alma e não aggravo.

As arvores ramalhudas, que defronte da janella cresciam, coavam o sol, e o peitoril a que eu me encostava e um losango do soalho eram um sendal fino a negro e ouro. Uma silva macha trepava na parede, trazendo até a vidraça suas contas de coralina; eram ellas muitas e, por natureza, de ordenação rythmica e maravilhosa; e, vendo-as assim, singularmente dispostas e brilhantes, minha phantasia concebeu que eram ellas, com as amoras e os botões dos cardos, os rozarios em que das ruinas se rezava aos céos uma infinita e empolgante religiosidade. Nas estantes os velhos auctores, de lombadas graves, guardavam o ar solemne de juizes n'um pretorio.

Quando se sentiram no quintal os sapatos de Rolim, a mãe Violas pôz-se a chorar mansinho. Véstia pelos hombros, lenço de merino em gargalheira, boina á farçola, barbella de prata com um *centenario* ao pendurão, solido, mal assombrado, assim o vi entrar. Meu mestre tornou-lhe a salvação sem erguer olhos das Horas. E elle alli ficou de pé, a cara lavrada de receio do que via, os olhos claros e bogalhudos, de animal sadio, muito moveis de desconfiança.

— João Rolim — disse meu mestre, depois de se benzer e fechar o ripanso — tenho uma ruim nova a dar-lhe! — E, deixando-lhe tempo a fortalecer-se contra a surpreza, declarou: — O homem que está preso no Castello, por ter assassinado o empreiteiro de Folgosa, confessou tudo.

— Valha-me Nossa Senhora! — murmurou elle, batendo com a mão na testa; e a arquejar, despediu em volta um olhar allucinado. E foi tão cheio d'angustia, que se me figurou a salinha arejada entenebrecer no momento. Só por elle, o miseravel se remia, em meu foro, da nefanda acção que commettera. N'elle não implorava graça, mas exprimia um amor á vida tão affincado que havia de supplantar em seu transe a agonia do empreiteiro. E ao mesmo tempo que os olhos do pobre lobo traduziam: por onde vou eu saltar? — confessavam: sim, matei! Ao preso do Castello ouvira eu affirmar que Rolim era um alma damnada, bem fallante, seguro, *capaz de negar a mãe que o pariu.* E porque isso esperava, causou-me grande dó vel-o entregar-se, como um borrego, n'aquelle soluçar em que palpitava toda a sua torpeza d'homem.

Meu mestre ficára immovel e, depois d'um momento muito doloroso, o Rolim lançou-se-lhe aos joelhos a chorar alto:

— O sr. reitor perdoe-me! perdoe-me por alma de quem lá tem! Não me prenda.

— Deus perdoa aos que se arrependem — proferiu meu mestre, a voz embargada de pena e a tremer, levantando-o — os homens raramente. Por mim lhe perdôo.

O Rolim chorava em fonte e meu mestre, muito commovido tambem, depois d'algumas christãs lembranças, repetiu:

— A justiça póde não tardar; ganhe animo e fuja!

— Para onde hei de eu fugir? se me andam no rasto...

— Fuja, fuja emquanto é tempo! Passe-se para o Brazil e refaça lá a vida honradamente.

O Rolim correu para a sahida, desatinado; reparando, porém, na mãe Violas, esbagoada em pranto, e no velho d'ar carrancudo, disse-lhes:

— Tios Violas, perdôem!... Vomecês fôram muito bons para um malvado... perdôem...

— Desappareça e que Nossa Senhora da Guia o leve em bô hora.

— Tinha as mãos rotas... — murmurou o Manuel Violas n'aquella scisma que o trabalhava... — Não lhe custou a ganhar!

Depois que elles abalaram, meu mestre ficou triste e meditabundo. E, repentinamente, n'aquelle tom, que ao dar-se na missa a transição solemne das Orações Secretas para o Prefacio, enche o templo amodorrado de sublimidade sacerdotal, pronunciou:

— E' maior impossivel seguir a marcha aos

designios de Deus, que buscar no ar a linha que vae riscando o vôo d'uma andorinha. Deus levou-te ao captiveiro, Liborio, afim de exercer, estou certo, um acto da sua infinita misericordia. Tu fôste o anjo Gabriel que elle expediu ao Rolim, a annunciar que a justiça humana lhe vae dar batida como á rez dos montados. Ninguem me fará crer que o Senhor apoie este braço que fere sem corrigir. Ao mesmo tempo, por via tua, afastou dos labios dos Violas, o calice de triaga. Talvez Celidonia venha a encontrar varão limpo e honrado. E este Rolim, que aqui viste em sua compleição simples de bruto, póde muito bem regenerar-se. Já não ha santos, que se houvesse, podia mesmo ser um luminar da christandade. Santiago eremitão, Santo Ladrão, S. Guilherme, duque d'Aquitania mataram, roubaram e a Egreja beatificou-os...

E, após um grande silencio, em que cheguei a ouvir a fonte que calmou a sêde a S. Francisco, disse:

— Se te não pesa, vem jantar commigo. Não teremos lá pescado d'agua doce, mas certamente Gertrudes saberá regalar-nos com uns piteusinhos que nos façam esquecer das miserias humanas. Ella, quando quer, tem dedo inspirado.

E, cobrindo o chapelinho, russo de tantos soes ver, e sobraçando o ripanso, tocou-me brandamente.

— E vamos emquanto dura o frescor da manhã e ha uma fita de sombra á beira das paredes. Logo, vem uma récega que dá aos grilos azas com que chamar suas femeas de charneca para charneca.

Fomos trilhando a sombra da cêrca, que ve-

dava aos olhos dos monges as gargantas frescas das ceifeiras que iam pelo caminho velho, cantando. E, a alturas da morada do Violas, ouvimos grande altercação de vozes. Meu mestre deteve-se, não porque a curiosidade da vida alheia o fizesse, alguma vez, arripiar caminho, mas porque era do seu espirito caritativo apparelhar-se para o acaso de medianeiro.

Como a parede fôsse singela, as vozes soavam como soltas deante de nós.

— Restitua-me a bolsa que lhe dei a guardar — supplicava Rolim em voz dolente. — Eu não posso ir por esses mundos além sem dinheiro, coma cão vadio.

— Já disse, não tenho cá nada seu! — replicou a mãe Violas em tom enfadado.

— O' raios do céo partissem, vomecê será capaz de jurar aos santos evangelhos que não tem lá a bolsa? Lembre-se bem, olhe que lh'a dei no dia de S. Torquato, á noite, quando voltamos da romage.

— Andava você bebedo como uma cabra, seu diabo. Se não somos nós, os do Granjal não lhe deixavam osso direito. Dá o pago a quem o serve!

— E vomecê não me pegou no dinheiro?

— Peguei, mas pediu-m'o e tornei-lh'o a entregar.

— O que lhe pedi, tia Rita, foi cinco mil réis. Fóra d'ahi nem um puto real. Os cinco mil réis, veja se se lembra, até fôram para comprar, para sua filha, a saia de castorina aos contrabandistas.

— Tem-na alli, limpe o rabo a ella. A Celidonia tão bem lhe quer que nem aldemenos a estreou.

. . . . . .

Plangentemente, após um momento de silencio, tornou a voz de Rolim:

— Dê-me a minha bolsa; vocemecê não é má mulher para querer a minha perdição. Bem vê que sem dinheiro estou na bocca do lobo.

— Muitos sobejos elles andem.

— Mas o que vomecê me quer fazer é um roubo, tam grande que nem cabe na terra...

— Não tenho as suas manhas, seu safado! Você é que foi ladrão, mas tão grande ladrão que nem Deus o quer no céo nem o diabo no inferno.

.....

Chorava a voz, decorrido novo silencio:

— Por alma de seus paes, dê-me aldemenos metade do dinheiro. Eram trinta e cinco mil réis, volte-me...

— Homem, vá com Deus, não me consuma, senão grito aqui d'el-rei contra um assassino!

— Então hei de morrer a monte?

.....

Succedeu-se outra pausa e a voz era tão submissa que, dir-se-hia, rastejava.

— Dez mil réis que seja, por alma das suas obrigações...

— !

— Para acabar, dê-me cinco... dê-me cinco, de joelhos lhe peço... é só para não morrer n'um cabeço... para comprar n'uma taverna uma côdea de pão... Ande lá, que Deus ha de ajudai-a!

.....

Mais alta, a voz afoitou-se:

— Zé, tu que fôste tão meu amigo diz a tua mãe que me dê cinco, só cinco mil réis de tanto dinheiro que lá me tem. O resto dou-lh'o, que

se governe. Mas aldemenos cinco. Pois que ha de ser de mim por essas terras fóra?! Ninguem me dá a esmola, porque tenho bom corpo para o trabalho, e parar não posso que me prendem. Por quem és, Zé, diz-lhe tu que me dê cinco mil réisinhos. Eu tambem te fiz quanto pude... Não tenho commigo um vintem para cigarros... quanto ganhei n'esta terra tudo deitei no regaço de tua mãe para gastos de casa...

— Senhora mãe! — exclamou a garganta choca do Zé Violas — sabe que mais, dê-lhe lá os cinco mil réis e que vá para o inferno.

— Cinco vintens houvesse elle em casa, que não eras tu que descansavas emquanto os não roubasses. Olha com que menino, que é olho vê, pé vae e mão pilha. Se sabes onde estão, vae buscal-os e dá-lh'os! Mas sempre te digo, se quizesse comprar dez réís de *sénica* para me matar, tinha que pedil-os emprestados.

— Traste assim, mais refalsado, nunca deitaram ao mundo entranhas de mulher! — gritou Rolim n'um arranco de desespero.

— Eu sei lá quem mente, s'és tu s'é ella.

— Tu és da mesma laia, tem-lo de raça. Bem sabes que mente, que eu contei-te a minha vida toda. Mas o que tu queres é palmar-lhe o dinheiro. Tu inda és mais ladrão que eu. Mas já que assim é perdido por dez, perdido por cem. Ou escarram pr'ahi o dinheiro, ou vae ser uma açougada!...

Palavras ditas ouviu-se uma grande bulha de peleja; corremos; ao acabar de passar o portão velho da cêrca, já o Rolim rebolava no terrado, com a camisa em frangalhos, as ventas

a escorrer sangue. Do humbral, o Zé bramiu, jogando-lhe a trouxa feita d'um lenço:

— Larga, malandro!

O Rolim ergueu-se com presteza, apanhou a mochila e, espiando á direita e á esquerda, metteu para o teso do monte, atravez do campo de relvão. Quási no seu caminho estava o Manoel Violas, as mãos sobre o cabo do sacho a amparar o queixo, d'olhos lentos a ver o larapio que se ia; mais longe, a Celidonia mondava no batatal. O Rolim passou, sem fazer reparo, dobrado, a grandes pernadas. E, arrancando uma estaca de feijoeiro, enfiou o bornal, pôl-o ás costas e subiu o cerro. Nós vimol-o marchar, marchar cada vez mais curvo e rapido.

— Lá vae trepando o calvario, o miseravel! — proferiu meu mestre em voz muito triste. — Aguia que passa veloz, chamou Job á vida; a do criminoso deve ser mais que millenaria e damnada como agua sem corrente. Vêl-o no meio d'aquella encosta? Mais d'um seculo terá passado sobre elle! Que Deus o leve, que Deus o leve depressa a porto de salvamento!

VIII

Ao abeirar-me do povo, no campanario despedia o terceiro e ultimo dobre para a missa conventual. Lá estava o gallo, todo repimpado no coruto, mais farofia que gallo de capoeira, de grimpa aproada a éste a proclamar o bom tempo. O sol acabava de saltar como um enxame de abelhas alvoriçado, derriba das serras de Penedono. Já se não ouviam por quintãs e pateos as sóquinhas lepidas das moças, correndo á missa. Os cravos e os mangericos eram os senhores solitarios de balcões e varandas. Mas ainda cheguei a tempo de ser dealbado pela agua lustral, como ordenava a lithurgia d'aquelle domingo terceiro.

O sr. P.e Ambrozio, meu bom mestre, revestido de pluvial a lhama de prata e franja d'oiro, com o Thiago do Eido de caldeirinha á mão esquerda, brandindo o hyssope por sobre as cabeças submissas, passeou o recinto em cruz. Ao tempo que seus labios proferiam a antiphona *asperges me,* o movimento do braço, repartindo a agua com a cadencia ordenada d'um semeador, afugentava dos corpos e das almas os espiritos malignos, os genios do mal e toda a classe de potencias do reino das sombras. E

era ao cabo d'aquella prática, que os olhos ditosos de D.ª Ludovina, beata que floria os altares e commungava todas as sextas-feiras, viam enxames de diabinhos largar pelas portas e pelas janellas, arrepellando-se e batendo as nadegas, furibundos.

Finda a aspersão, o sr. P.e Ambrozio trocou a capa pela casula e pelo manipulo para encetar a representação da divina tragedia. E no templo humilde, em que Santos, Anjos e Senhoras teem aquelles semblantes familiares que se vêem mondando os trigos e amortalhando os mortos, vestindo dos teares rusticos os padrões rusticos, em que a luz entra em toda a pureza como nas eiras, respirei o grande e ineffavel sopro de bondade divina que, sem esforço nem angustia, alli penetra as almas.

Todo trespassado da voluptuosa lança da devoção, a cada passagem d'aquelle tremendo theatro, em que se figura a morte d'um Deus, fui encommendando minhas fraquezas e expondo meus votos ao Eterno. Ao *Introito,* que celebra o suor de sangue que Jesus verteu no horto das Oliveiras, roguei-lhe que me enriquecesse de lagrimas para d'olhos maguados chorar os desatinos; á *Epistola,* que é a acta da sua affrontosa prisão, que se amerceasse do João Rolim e, por trilhos doces, o conduzisse a salvo da justiça humana, implacavel; e ao *Evangelho,* elle que foi a infinita estabilidade e andou, no emtanto, de Herodes para Pilatos, com fervor suppliquei que désse firmeza a meu pensamento movediço. Depois do *memento pelos vivos*, quando perpassa a memoria de sua cabeça empastada de sangue, volvendo-se para as mulheres lacrimosas de

Sião: chorai, antes, sobre vós e vossos filhos! implorei que Celidonia fôsse o raio de sol, que me alumiasse no transito d'este valle de negruras. Mais lhe pedi, ao *Agnus Dei,* já que elle tambem morreu, que libertasse minha alma dos tormentos iniquos da morte. E, finalmente, á benção derradeira, antes que o officiante desça do sublime Thabor com os apetrechos do sacrificio, em memoria da incomprehensivel sciencia que infundiu nos discipulos, invoquei-o com porfiado empenho para que, regando de luz minha cabeça, me tornasse sapiente; bafejando graça á minha memoria, meus bons propositos estivessem sempre accesos como diamantes limpidos; e, incutindo vontade a meu animo, não cobiçasse a mulher alheia, a fidalga de Santa Maria das Aguias ou seductora igual, para aborrecer os falsos apostolos e, para na paz do coração, fielmente o servir dia e noite, na dôr e na alegria.

Tendo assim projectado minha sombra no rasto de Jesus, desde a casa de Cleophas ao monte das Caveiras, jubiloso e limpo como menino circumciso, lancei-me ainda no regaço de N.ª S.ª, minha fragrante Madrinha. E a ella que alli estava em trajos de camponeza, e a quem todas as modas e todos os titulos assentavam bem, desde egua de Christo, pela bocca de Matheus Cantacuzeno, a bezerrinha loira, por D. Epiphanio, consagrei o dia, aquelle dia que estava discorrendo mansamente no espaço como o azeite na azenha.

Lá fóra, sobre o telhado bornido de sol, os pardaes continuavam a cantar ainda o kirie, que meu mestre proferira ha muito tempo, e de que a benignidade de Deus no maio era me-

recedora. Valles além, até montanhas de Tavora, a terra exultava, exultação que deve ser o reflexo da divina graça lançada do alto para os homens.

Em caminho para a residencia, meu mestre disse-me:

— O Thiago foi adeante apparelhar a besta. A manhã já vae alta, não te demores, que o sol anda envenenado e a poeira e as moscas são os ferozes salteadores do meio-dia. Só a poeira seria de sobra para damnar um santo, mas peior ainda é o ferrão das moscas. E ora vê lá tu, Liborio, tudo foi maravilhosamente ordenado na natureza, e os theologos ainda não descobriram o sentido divino que preside á existencia de tão importunos insectos. Os sabios referem que são terriveis propagadores de molestias. Terão razão, mas Deus tambem a deve ter tido. E a quem ella sobeja, acima de Deus e dos homens, é á minha pobre egua, que, em ellas se lhe collando na região da serventia, torna-se mais endemoninhada que o cavallo de Absalão. Dejejuaste tu já?

Declarei-lhe que tomára o mata-bicho com meu pae, antes de sahir de casa.

— Pois então, põe-te a caminho. Por volta do meio-dia podes estar de regresso, tendo a fortuna de encontrar a pé a sr.ª D.ª Estephania. Apresenta-lhe as minhas homenagens, e não sejas parco, mas tambem não sejas prodigo a agradecer-lhe. Olha que as palavras teem quilate como os metaes; quanto menos abundantes mais finas. A fidalga de Santa Maria das Aguias, embora muito d'ella se occupem os maldizentes, parece-me creatura amavel e de bom moral. Não é defeito ter boa presença e alegrar os

olhos. Prenda de Deus, chamou Santo Agostinho á formosura; assim penso, e, ao contrario de muitos grandes doutores, mais vejo no rosto de bello parecer o lume cheiroso da graça, que um chamariz do inferno. Sê cauto, mas não tenhas medo da mulher deliciosa que, se comsigo traz o mal, comsigo traz o remedio. Já Homero, a todos os que celebrou de gentis, louvou de virtuosos!

O Thiago do Eido ageitava a egua contra a escaleira do patim, para eu montar mais commodamente.

— Pois vae, vae, — pronunciou meu mestre, subindo os degraus — manda-te a gratidão e é tambem um pequeno seguro contrahido sobre o porvir. Ninguem tem tão temperada a viola da ventura que em má hora se lhe não quebre corda. Ainda mais que Portugal inteiro é um retabulo das almas do Purgatorio. Tudo anda de mãos postas a pedir! Ora, já que é esta a condição dos portuguezes, tenhamos boas madrinhas e D.ª Estephania está na volta da edade em que é agradavel ser fada. Adeus, cá te espero para o jantar.

Larguei ás upas pela rua de seixo arriba, pus-catrapuz, alvoroçando os meninos que patinhavam em agua de preza, pela valleta abaixo muito atarefada e tramela, direita ás hortas, a matar a sêde dos batatais. O ar começára a aquecer, mas as arvores, as balseiras e os concavos revessavam ainda a frescura perfumada da noite. No céo não havia o tição d'uma nuvem e os nimbos, que bailavam sobre a Serra da Lapa, eram como um vélo de ovelha branca, muito carmeado, fugido com o vento. Um marantéo cantava para os soutos; e sua voz tão

modulada era, tão cheia de côr, que me lembrou um arauto, vestido de amarello, pregoando em gamma amarella: *Arraial! arraial! pela rainha primavera que noivou!*

E, de verdade, palpitava-se na terra o ultimo tremor da hora voluptosa. As giestas brancas e as giestas loiras tapetavam de flores a orla dos caminhos; no monte, os rosmanos erguiam ainda, com firmeza, suas pequeninas massas de Hercules apendoadas; as estevas tinham ainda bem aberta ao alto sua sombrinha indiana, d'uma brancura immaculada de neve; mas iam-se extinguindo as lentejoilas dos sargaços, as lagrimas do tojo, a farfalha iriada das urzes, essa copia de flôres que dão ideia, ao lance d'olhos, que na serra choveu oiro, estrellas d'oiro, um grande diluvio d'oiro.

Alastrava, pelo contrario, a invasão do verde, este verde em cujos laivos negros estremece a luxuria secreta da vida vegetal. Padejavam já borboletas pelo ar; um sardão de casaca esmeralda, polvilhada de fogo, rompia do boião ao encontro d'outro que perto morava. O trote da egua espavoria-o; um rostolhadoiro de folhas, um relampago d'oiro e reseda que riscou a terra. E lá do limiar de sua casa, assente sobre as mãos deanteiras, a ponta do rabo atravessada n'uma porta falsa, na cabeça erguida os olhos vivos e a bocca aberta pareciam perguntar: mas onde vae este centauro? Porque os lagartos teem a phantasia de nos dizer por sua fórma heraldica e natural mythico que ainda acreditam em centauros.

Chilreavam os passaros nas sebes, e os tentilhões dependuravam-se quási sobre mim, para

caçar um mosquito. A distancia, ajoujadas de branco e preto, passavam as pêgas de vôo preguiçoso. Dir-se-hiam damas ligeiras que voltassem enfadadas d'uma festa.

Era aquella uma das horas da natureza em que o viandante não escuta a voz interior do «tyranno». Em imaginação vadia, dispersava-me pelos seres e pelas coisas, atraz d'um cartaxo vaidoso, no soluço quebrado da poupa, na chama fugaz d'uma imagem. E foi apenas ao avistar os eucaliptos e acacias que agalôam o braço d'estrada, largo como avenida, que conduz a Santa Maria das Aguias, que entrei em mim mesmo, com o amargo confrangimento d'um goso que se quebra.

Em D.ª Estephania, apparecia-me menos a complacente maravilha do Senhor, como discorria meu mestre, que a sensual maravilha da terra com aquelle brincar dos olhos, tão comettedor, os peitos altos e os cabellos loiros que nem ensopados em mel á antiga moda veneziana. Devendo-lhe um alto beneficio, d'ella guardava, acima de tudo, uma lembrança voluptuosa; nunca mais podéra esquecer aquella noite de Paschoa em que a minha alma, consagrada a Jesus, se embebedára abominavelmente no perfume de seus póros; dias antes, á hora violeta do crepusculo, a carne d'ella collára-se á minha carne e eu sentira que meu sangue trocára effluvios com seu sangue. Não o sabia eu, mas inculcava-me o instincto que grande amorosa devia ser D.ª Estephania com aquelle rebite petulante do nariz e a tez transparente, polvilhada de fogo! Uma harpa de profundas e maviosas vibrações para um rei David voluptuario!

Ella era, entretanto, uma grande dama e eu um pobre moço. E, insensivelmente, do sentimento pessimista de mim mesmo regressei áquelle outro *eu,* formado pelas ruinas de S. Francisco, o snr. padre-mestre e a memoria ascetica dos seculos religiosos. Ahi, no primeiro plano, deparava-se-me Celidonia; mas já não era esta a rapariguinha-fragrante teixo ruivo, na minha thebaida a unica e incomparavel. Era a filha dos Violas, descalça, crestada do sol, de dedos sujos, embora d'unhas côr de rosa, assoando-se á dobra do avental. A sombra soberba de D.ª Estephania, deitando sobre ella, apoucára-a em sua formosura selvagem. Encantadora ficava, mas sem sal, graciosa mas sem requebro. E, enternecendo-me sobre a mulherzinha, que tanto pedia a anjos e santos, assim pallida de brilho, encommendei-me á Virgem Nossa Senhora para que estancasse em meu cérebro o pensamento ruim, este vento maldito que soprava a guerra na alma dos anachoretas, o ladrão que estrangula a innocencia como á pomba o milhafre. Antes ser pobre do espirito, que ser o joguete miseravel d'um oceano interior, traiçoeiro e tenebroso, ó minha santa Madrinha! E foi n'este enfado de espirito que bati ao portão de Santa Maria das Aguias, sobre a torça do qual, de pedra corregida, se alçava o escudo dos Malafaias, em campo vermelho um castello de prata de tres torres, coticado de negro, e sobre, um côrvo de sua côr.

A fidalga sahia do quarto lá para as onze; tinha que esperar!—respondeu-me em tom elevado um moço, que fleugmaticamente viera ao meu appello, em mangas de camisa, chapéo braguez sobre a nuca e petisca na orelha, na mão

o arreio que estava lustrando, á sombra do cabanal.

Prendi a egua no alpendre com vénia do homem e, de cabeça murcha, calcando nervosamente uma área estreita, ás chibatadas ao saibro, sob os platanos do largo, aguardei. Passou uma hora e essa hora, entre a teia emmaranhada de meus pensares, mal a vi passar. Depois os minutos começaram a correr aborrecidos, como os passos dos homens pelas ruas d'uma grande cidade, em dia de morrinha. O selvagem crescia em mim, á medida que os olhos se iam senhoreando d'aquella casa de alto pé direito, cheia de imprevisto, por detraz das persianas immoveis.

As creadas, que vinham a uma janella com airado topete; a capellinha lá atraz, n'um segundo plano, cuja construcção o domingo viera interromper, com uma pedra içada, ao alto, no guindaste; aquelle homem, cheio do algo dos seus patrões, que polia, de camisa arremengada até os cotovellos, as lanternas do automovel; mesmo aquellas arvores limpas e escaroladas, com um ar de quem faz o toucador todas as manhãs, tão differentes das de S. Francisco que medravam á rédea solta da creação, aggravavam minha extranheza. Vinha da quinta, que se extendia de cerro para cerro em terra de vinhedo e d'alqueive, um rescendor forte de rescaldo. Cantava para lá a poupa, que é a trombeta mesmo da canicula. O sol trepára para o alto, a mais não poder, e, no silencio que me rodeava, ouvia as ferraduras da egua, apoquentada da mosca, baterem a trabuzana. Um molosso veio estirar-se, ao meu lado, na frescura dos platanos, rolado sobre a ilharga, na enorme

cabeça branca, laivada d'ocre, os olhos fechando-se e abrindo-se fitos em mim. Trechos de vozes, como pedras n'um tanque adormecido, cahiam a espaços da janella em que passaritava a figura alvarinha das moças.

O sol fervia como um enxame d'abelhas alvoriçadas quando, se meus olhos não mentiam, D.ª Estephania se mostrou no balcão a par da irmã, a fidalga das Poças. Uma camelia na blusa branca, de largo decote e solta, os cabellos mal rolados esborrifando d'oiro a face, e pareceu-me ella uma das gentis madamas que vinham nas caixas de phosphoros, para damnação dos rapazes.

Mal deu de cara commigo, prazenteiramente, convidou-me a subir.

— Aqui está o meu prisioneiro! — disse para a mana gracejando, após os cumprimentos — Não tem o ar tão traga moiros como isso, ham Seraphina?

E, medindo-me ambas dos pés á cabeça como um objectozinho curioso, tornou D.ª Estephania:

— Não é certo o que te disse?

Ao que a fidalga das Poças, estorcendo-se toda n'uma guinada de riso, sem rebuço respondeu:

— E', é muito sympathico.

Aquelle meneio descomposto enleava-me, e incutia-me, ao mesmo tempo, um forte sentimento de repulsa para com ellas. Por isso, mui atabalhoadamente murmurei o meu recado, que, tendo de voltar no dia seguinte para os estudos, me vinha despedir e receber as suas ordens.

— Não, não, — atalhou ella, apercebendo-se

por minhas fallas que me ia retirar — ha de almoçar commigo e deixar que passe o calor.

E, como presentisse reluctancia, levando o dedo até o labio n'um geito amavel, accrescentou:

— Não seja tão envergonhado! Veio a cavallo?

— Vim na egua do snr. Padre-mestre.

— Ah! e como está elle? bom?

E sem aguardar resposta, voluvelmente, disse para a irmã:

— E' um velho adoravel, o Padre-mestre. Ora ahi está uma cabeça em que assentava bem a mitra...

Este pensamento, enternecendo-me, levou-me a consideral-as com menos selvageria. Ainda que o riso d'ellas me parecesse licencioso, reflecti que podia muito bem ser o feitio natural de duas senhoras, ricas, mimosas e desenfadadas.

E, além d'isso, os dentes eram alvos, muito agradaveis de ver em rostos tão decorosos.

O canzarrão havia acordado á sombra dos platanos e, como péla muito elastica, galgou pela escada arriba. Gemendo de prazer e saracoteando a cauda farfalhuda, ergueu a pata sobre o joelho da ama e, meiguiceiramente, pôz-se a roçar-lhe o seio.

— Viva! viva seu Nicodemus! — proferiu ella afagando-o — Seu tolo, não faz outra vida, senão dormir.

E como os transportes d'elle traduzissem uma alegria sobrehumana, tomando-lhe a pata e mantendo-o na postura de animal heraldico, disse-nos.

— E' da Serra d'Estrella e tem obra de onze

mezes. Esta cicatriz na orelha foi de andar a luctar com um lobo, alli na matta. Era um lobo agigantado e, sendo o cão tão novinho, se não acodem os creados, matavam-se um ao outro. Está alli a pelle que se póde ver. Já tivemos um cão do Monte S. Bernardo, morreu com a esgana. Mas gosto mais d'estes, são mais vivos e teem o ar menos monge. Os cães do Monte S. Bernardo dão-me a impressão de terem fugido debaixo da arca dos mausoleus. Entristece-me ver aquelles olhos em que parece haver um convento d'ascetas a rezar. O meu Nicodemus não é menos fiel que o outro e é um grande folgazão. Quando vem a neve faz ahi mais travessuras que um palhaço. Fui eu que o baptisei, por signal que frei Waldamar enfadou-se. Bem sabia eu que Nicodemus fôra discipulo de Christo; pois por isso mesmo; Nicodemus é um nome cheio de perfume biblico, que recorda, pelo desdobramento do som, tamarindos, sycomoros, Magdala, Galileia, que sei eu?

E, sacudindo o cachorro com blandicias, sorridente disse para nós sorridentes:

— São horas de almoçar. Vamos, tenho fome.

E empurrou-nos atravez do corredor para a sala de jantar, clara de tintas e fresca da sombra, que lhe vinha da banda norte.

— Já disse, não almoço — declarou peremptoriamente a fidalga das Poças. — Tomo dois goles de café.

E lançando mão do bule, ella mesmo encheu a chicara, que ficou sorvendo d'afogadilho e aprumada.

— Acompanha com biscoito...

— Não, que se abro o appetite, não despego sem me fartar. A estas horas, está meu marido

apprehensivo com a demora. Estou mesmo a vêl-o á janella, d'olhos na estrada, a ver se me avista. Se saio de casa sem dar cavaco, ou chego tarde, não ha quem o ature. Creados e creadas andam n'uma dobadoira com elle. E o que tem mais graça é que sendo um mazorreirão, dá-lhe para os insultar... para lhes bater. Depois, julgando que me faz grande picardia, passa o dia inteiro em jejum. E' um homem muito exquisito...

— Othelo! — murmurou, a rir, D.ª Estephania.

A mana encolheu os hombros e correu ligeira para a porta. Lá, voltando-se, chalaceou:

— Queixas-te do teu? Eu trocava comtigo.

Sentámo-nos no angulo da mesa, voltados para a luz, tão perto um do outro que, se não fôra meu ceremonioso resguardo, nossos joelhos se tocariam.

— Gosta de frango com ervilhas? — perguntou-me ella.

E empunhando o garfo e a colher, com aquelles dedos pallidos e longos, que me lembravam os dedos subtis, nas estampas gothicas deitando os bilros, serviu-me uma rosada perna sobre aromatica duna d'ervilhas. Ao mesmo tempo, encetou-se o colloquio sobre os meus estudos.

A fidalga das Poças não tardou, porém, em apparecer, mais estouvanada que um pé de vento, de luvas postas, e mantilhina de viagem sobre os cabellos ruivos.

— Que torreira vaes apanhar, menina!

— Paciencia. A tua casa é a torre da preguiça; dormi como um prego. Mas não tem mal, levanta-se a capota, d'aqui ao Prado é um

ai. As estradas, a estas horas, estão desertas. Que lhes preste, adeus!

D.ª Estephania deu-lhe a face, sem se mexer da cadeira. Eu ia a levantar-me, ella deteve-me:

— Deixe-se estar. Adeus! Divirtam-se! — accrescentou ella, rindo, d'olhos buliçosos, aquelle riso que me molestava.

E abalou.

— E' uma cabecinha de arolo — disse-me D.ª Estephania n'um tom intencional de franqueza, como se de animo afoito buscasse reparar a impressão de despejo que sua mana podéra ter suscitado — mas no coração uma excellente rapariga. O marido não vê outro sol e, naturalmente como muito lhe quer, um pouco a ha de aborrecer. Lá vae, lá vae, como quem a tira pelos cabellos! Eu conheço bem meu cunhado, o gosto d'elle seria tel-a mettida n'uma rodoma para elle só! O senhor ri-se; é verdade! Capricho, assim, nem nos reis de Bisnaga!

Ouviu-se lá fóra o rá-rá do automovel desamarrando. E sobre o prato, embalando a cabeça n'um motete jovial, repetiu:

— Vae como se a tirassem pelos cabellos!

Após um momento de silencio, que occupou a trinchar no capão, proferiu de garfo á bocca:

— Já meu marido é outra especie de senhor. Lá está para Lisboa, ás vezes mezes inteiros, deixando-me em liberdade absoluta. O que tem é escrever-me cartas mais compridas que missas de defunctos. Não se passa dia que não receba uma d'essas volumosas epistolas, em que me dá conta do que faz e do que não faz e me tece madrigaes. Meu marido é poeta; nunca leu os versos d'elle? Ha quem diga que não

são ruins de todo. Eu, com esta lasseira do campo, escrevo-lhe uma vez por semana... e graças. Vá, mais uma colherinha... um estudante deve comer como um rei d'armas.

A fidalga de Santa Maria punha grande cuidado em meu comer e, de verdade, eu fazia honra á sua cozinha com um appetite, que ha horas me estava beliscando as entranhas como mil diabinhos rabiosos. E, de palato voluptuoso, não menos se regalavam meus olhos, quando a cortezia me ordenava de ser attento ás suas fallas, no jogo de suas bochechas floridas e de seus dentes alvos e bem emparelhados. Mas eu alli admirava com aquelle sentimento impessoal, com que ouvia a meu mestre uma leve historia da carochinha.

— A mim enfada-me muito escrever cartas. Não vale mais que duas pessoas, que se estimam, repousando uma na outra, se communiquem pelo espaço em pensamento? Disse isto uma vez a meu marido, deu por paus e por pedras. A ideia suggerira-m'a elle d'uma maneira muito ratona. Imagine que uma manhã recebo carta d'elle, mais derramada que d'ordinario e muito mais extensa; d'estas cartas que os senhores representantes da nação devem escrever, quando se discute o orçamento, ou a irrigação do Alemtejo. Dizia-me n'ella: «Lembras-te d'aquella estrellinha muito luminosa, que fica para as bandas da matta, e que tantas vezes contemplamos juntos da janella do nosso quarto, em noites claras? E' uma das Cassiopeias. Amanhã, ás onze horas em ponto, peçote de olhares para ella; eu tambem olharei. Vamos a ver do encontro dos nossos olhares o que ella me dirá de ti e o que ella te contará

de mim.» Como lhe disse, meu marido é muito dado ás musas e esta era uma chochice poetica como outra qualquer. Pois não olhei para a estrella... esqueci-me. Dias depois recebo carta a agradecer-me as doces confidencias, as supremas ternuras que tinha dito á Cassiopeia e que a Cassiopeia, como intermediária fiel, lhe havia communicado. Ih! ih! ah! ah! Tambem me vira de pé, á janella, a fallar para a estrella! ih! ih! ah! ah!

Celebrei como era de bom tom, com uma risada, a boa fé lyrica do deputado.

— Já se viu coisa assim, paes da patria e trovadores!? — tornou ella, animando-se com me ter divertido — O que me causa ferro é que cada um não occupe o seu lugar nesta terra deseixada. Antes de casar, julguei que os membros do parlamento eram uns senhores muito sisudos e solemnes, assim a modo de margraves. Qual?!... sahem uns rolinhos!

E, como risse desassombradamente, eu segui-a, como pagem ainda bisonho, em seu folguedo.

N'um geito hieratico, a creada entrou com a travessa do peixe n'uma palma da mão, na outra as batatas rachadas, a esfarelar-se em flocos d'espuma de alvas e succulentas. Meu estomago, rebelde a toda a policia, elevou sentido hossana. A fidalga fez o meu prato e segunda vez me encheu o copo, d'este vinho sobre cuja cepa passaram os soes que pellam a serra e seccam as fontes, e cujo segredo Satanaz devia trazer do céo, porque, como as mulheres, — diz o Ecclesiastico — faz renegar os sapientes. D.ª Estephania temperava o seu vinho com agua.

— Ninguem está contente da sua dita — exclamou ella — e assim succede com minha irmã Seraphina. Não tenho razão de queixa; meu marido é boa pessoa; não o conhece?

E, como eu respondesse negativamente, sahiu da mesa para voltar ligeira com tres photographias, que pôz ante mim. Representavam ellas Miguel Baila Taralhão Morrafóra e Galafura de Malafaia, seu esposo, em modos differentes: com a mão abarcando a fronte, em pensador; repimpado n'uma poltrona de coiro, a mão de luva n'um castão de bengala, a mão nua segurando á distancia visual o *Diario do Governo,* em estadista. N'este retrato Malafaia figurou-se-me dos cavalheiros colhidos pelo instantaneo na sala d'espera d'hoteis e de navios, e que se vêem nos guias de viagem, salvo a indole da gazeta, já se deixa ver. O terceiro retrato pintava o homem d'acção, á americana, mãos nos bolsos, olhar direito, leve flexão para a frente. Era de typo trigueiro, pelo que deixava entrever a photographia e o bigode farto, repolhudo sobre o labio espesso e com dois caracoes imponentes. Sua excellencia não tinha, porém, aquelle nariz fino e ossuoso, nem aquella fronte acantoada, que são o jaez de todos, a quem não mareou sangue vilão.

— Que lhe parece? — perguntou-me ella.

— Que me ha de parecer, minha senhora? Vossa excellencia não podia ser facil na escolha — creio, em termos menos exactos, que lhe respondi.

Ella sorriu benevola e lisonjeada. E, depondo o garfo, disse-me:

— Não creia! A faculdade d'escolha, o embaraço da escolha não existe para quem quer.

O senhor sabe muito bem que a gente é conduzida e não se conduz. Com muito mais a proposito poderia dizer que a mulher não é senhora de seus destinos. Não! não! Eu casei com meu marido por casar, toda a gente o sabe... Meu pae, que o senhor deve ter ouvido nomear, José de Sande Matagatos, malbaratára a fortuna com politica, jogo e uma especulação mal succedida no Brazil. A nossa casa era o club de toda a provincia. Lembro-me de ver lá muitas vezes o sr. Padre-mestre, quando era rijo e ainda tinha os cabellos pretos. Olhe, tem aqui uma truta mais tomada do escabeche; não quer? Metade para cada um, vá, não seja envergonhado.

E depois de me servir, parou com o garfo perto dos labios, a contemplar um dos retratos e a ler no verso.

—Este... veja, foi tirado vae para cinco annos, esse pouco ha. Não parecem photographias da mesma hora? Verdadeiramente meu marido mudou pouco; um tudo-nada de ventre a mais, não?

E, no mesmo tom de quem divaga e se está embalando com a propria voz, confessou-me seu gosto pelo movel. A's vezes—dizia-me ella —acordava de malucar se a immutabilidade constituia um vicio ou uma virtude. Sem duvida o homem que não envelhecia era, em regra, uma chapadissima besta; mas seu marido, ainda que deputado, não estava n'esse caso. Suppunha que aquella resistencia aos annos lhe vinha da alma fatalista de pachá, com que N. S. o deitára ao mundo. Não era sujeito para grandes canceiras de cabeça... nem de consciencia. Era só ver como o tempo passára por elle, mal lhe roçando; aquillo era fixo como panno de

raz. Se tudo, porém, variava, distingia, se contrapunha, o eterno era um aleijão nos mundos. A terra seria mais aborrecida que um aquarium se não tivesse as estações, o sol, os nevoeiros, os vendavaes, Paris e o Marão... Não era um quadro triste a mulher intelligente e de nervos acorrentada a um d'estes homens inalteraveis, sempre as mesmas palavras, as mesmas meiguices, o mesmo corte do fato e a mesma risca á banda; em summa, a mesma regra de viver? Chamavam-lhe caracter, chatice é que era o nome. Ella, porém, era senhora d'um temperamento que se accommodava a tudo. Imaginasse! quando ainda era solteira, nutria pelos homens morenos a mais viva das repulsas. Um dia lera n'um velho chronista que os selvagens d'Africa chamavam aos primeiros portuguezes, que eram alvos e loiros, Filhos do Sol, e não podéra reter as lagrimas. Onde parava a casta dos Filhos do Sol n'uma terra onde se viam mais os mestiços e os mulatos que as moscas em vidraça de tendeiro? A raça morena era, certamente, menos perfeita; dizia aquillo não porque ella fôsse loira; conhecia morenas encantadoras; mas porque os traços eram menos puros, mais violentos, mais animaes, ou se preferia, menos super-homens. Pois bem, apesar d'esta sua aversão, casára com um homem mais bronzeado que a cabeça do peixe que alli via!

E envolvendo-me n'um olhar d'extase, como de devota ante o menino Jesus, declarou-me, sorrindo:

— O senhor é d'um loiro raro e curioso. Não esse loiro derramado das raparigas, mas um loiro mate, sério, como sahia da paleta de Ticiano. Quadra-lhe muito bem.

D.ª Estephania, não cessando de me fixar, extendeu a mão para o copo d'agua. Eu julguei-me obrigado de prevenil-a de que distrahidamente se servia de meu copo; mas já ella bebera gole sobre gole.

— Não tem mal — respondeu ella, sorrindo á minha observação — Já se não lembra que bebemos d'uma vez, pelo mesmo vaso?!

— ?

— Não se lembra dos exercicios espirituaes em S. Francisco, ha dois annos? A' mesa da communhão, depois de absorver a particula, não bebemos do mesmo calice?

E como eu acenasse affirmativamente, retomando o garfo, commentou:

— Esta prática é muito christã e muito adoravel dentro de certos limites. Assim, a monte, é ascorosa. Não estamos d'accordo?

Eu approvava sempre, embora algumas das suas theorias brigassem com meu systema de ideias estabelecidas. Que não perdoaria Pascal a uma *preciosa* entre duas taças de vinho velho? A sua nostalgia do loiro pareceu-me revelar um espirito paradoxal e caprichoso. Mas além de que essa impressão era dubitativa, defezo me estava o contradizel-a, não só porque eu era seu hospede, e tambem porque me acobardava aquelle face-a-face, embora meu mestre me houvesse inculcado, ao contacto da sua muita urbanidade, a arte difficil de me banquetear em mesa fidalga. Minha sciencia do mundo estava, porém, desprevenida para aquelle lance, uma mulher de elevada senhoria, de maneiras soltas e pensamentos exquisitos, que me gasalhava e me lia a romanesca da satyra soledade. Porque D.ª Estepha-

nia devia resentir-se d'aquelle isolamento, e ver correr as horas mais lentas que os bois na lavoura. E eu procurava conciliar seus ademanes livres com a necessidade d'expansão.

— Pois esse loiro vai-lhe a matar — foi dizendo sempre risonha, depois de me servir da empada d'ovos. — A pennugem que começa a apparerecer aqui e alli está a contas, dentro em pouco, com a navalha de barba. Dou-lhe um conselho, rape a cara toda; é menos vulgar e mais espiritual. Nada mais monstruoso que o bigode para beijar.

E, agrupando as photographias em gesto indolente, proferiu:

— Meu marido é um homem sympathico, e mais seria tendo menos côr. A verdade é que eu detesto esta negralhada de portuguezes... Portugal inteiro, afóra este torrão onde nasci. Não sei se sabe que fui educada no Sacré-Coeur, em Paris, e estive dois annos em Viana d'Austria, quando meu marido alli era ministro. Gosto mais d'aquillo, d'aquella gente, d'aquellas terras, d'aquelles habitos...

E a fidalga de Santa Maria suspirava. E, depois de suspirar, novamente levou a mão ao meu copo e bebeu. D'esta feita não a estorvei. Aquella familiaridade tão singular, apenas explicavel entre gente rustica, espantava-me. Talvez que ella penetrasse o curso de meus pensamentos porque, a rir, os olhos mais buliçosos que cabritas, disse, apontando o copo:

— Ficará sendo a taça do rei de Thule.

D.ª Estephania assaltou-me, depois, no meu silencio. Só mais tarde reparei bem no engenho subtil e mofino que punha a abrir uma porta fechada. Meu entendimento, porém, estava obtu-

so com todo aquelle imprevisto, e a minha palavra era mais sêcca que o clap-clap d'uma telha a pingar sobre uma pedra. Ella foi felinamente mulher, mantendo ou cambiando as perguntas, insistindo, em particular, sobre meus amoricos d'estudante, uma menina da cidade, deante de cuja janella eu passaritaria e repassaritaria, os livros debaixo do braço e o chapéo ás tres pancadas. E como aquillo era imaginação, eu negava e ella, chalaceando, não me cria.

O almoço terminou quási em silencio; D.ª Estephania pareceu-me languida e enfadada. E debruçando-se á janella, para a qual subia o rescendor da estiagem, murmurou:

— Que desejos não é licito ter com um tempo d'estes?!

E calou-se, a olhar em vago, as mãos enclavinhando-se e desenclavinhando-se fóra do peitoril. Puz-me tambem a olhar sem sentido. Lá no tope do outeiro, alastrava a mancha esmeralda d'um pinhal velho. Era um grande borrão no saibro e no céo. O saibro scintillava como uma almofia mouresca. O céo era uma presa d'agua que se entornava d'um jacto. E na renda das verdes filigranas descobri parques versalheses de interminaveis e regulares alamedas, sobre que passaros de mil côres rodopiavam. As côres, porém, eram sonoras, d'uma sonoridade de carrilhão pascal, e via e ouvia as gammas verdes, roxas, amarellas e rubras, entrecruzar-se e ruflar n'uma scheherazade phantastica. O baile das côres desfilava ora longe de mim, nos confins do espaço, ora tão perto que parecia precipitar-se em catadupa das meninas de meus olhos. O verde era vivaz e agudo, o

vermelho compacto e alegro, o doirado lento e smorzo. Por vezes cessavam o volteio, convertendo-se em rosacea gothica, d'uma riqueza infinita de tons rigorosamente geometricos. E, subitamente, recomeçavam a ronda delirante, correndo de mim e volvendo para mim na doce e vertiginosa fuga das estrellas cadentes. Eu sentia o corpo aligeirar-se e o espirito ir-se desprendendo, como papagaio que sobe, sobe nas nuvens. Mas voltava-se a casa, acabava de voltar-se o grande açude azul do céo. E no torvelinho das coisas, sob o concerto diabolico das côres, percebi o estribilho imbecil d'uma cantiga:

E ó menina arrepanha a saia!
E ó menina arrepanha-a bem!...

E eram notas ethereas e um pensamento augusto o que ellas me suggeriam. Figuraram-se-me tão graves e tão profundas como a primeira visão do mar. Mas o pinhal avançava contra mim n'uma carga informe d'agarenos. Eu ia tombar... tudo tombava...

— Sente-se incommodado? — proferiu n'uma voz branca, sobre mim, D.ª Estephania.

— Não! — e mergulhei a cabeça no ar livre. Lá estava o pinhal toucado dos milhares de lanças, d'onde ia desenrolar-se, quando as rolinhas novas já voassem, o pendão das mil filigranas. N'elle palravam os gaios, que nem temem o sol nem o vento. Lá estavam as fructeiras da quinta, manchando o ar como carvões. A tarde ia passando, passava, e eu sem a ver passar.

A creada veio com o correio e meu sentimento todo reaccendeu-se. Porque me não ia

eu d'alli, d'onde não era minha plana? Porque bebera eu, fóra de medida, d'aquelle vinho velho que enlouquece os sabios?

— Cá está uma! — pronunciou D.ª Estephania, apartando na correspondencia uma carta encimada da chancella de S. Bento. E, palavras ditas, com fastio atirou tudo para cima do aparador.

Automaticamente olhei para a grande pendula ingleza que alli mascava as horas, como velha sem dentes, n'um rilhar desesperador.

— Quer retirar-se? — disse ella, ao surprehender meu desatino.

Sua voz não tinha aquella brandura de accento que lhe era peculiar, e eu comprehendi que me tornára enfadonho. Para lhe dar razão, com parvoinha mesura invoquei a impaciencia do meu mestre e o preparo das malas. Ser-me-hia grato que ella protestasse; mas não; acompanhando-me á escada, onde a vira horas antes alegre de si e curiosa de mim, sem me fitar, de mão fria, despediu-me:

— Adeus! Cumprimentos para o sr. P.ᵉ Ambrozio.

Eram tres horas e a terra ardia. Na alameda, sobre que deitavam as vistas da casa de jantar, a egua, de afogueada, desatou aos caracolões, em grande rebentina. Voltei-me para lá, por reflexo interior, para erguer o chapéo se ella me observasse. Ninguem!

IX

— O ladrão não vae contente — murmurou meu pae, enfiando o cabaz na joga do outro braço, para desembaraçar a mão direita. — Pesa mais que o meu dinheiro.

D.ª Henriqueta e Amelia sahiram logo ao nosso encontro, n'aquelle patamar, tão poído dos sapatos dos senhores conegos. A face da minha patrôa era grave; mal, porém, a condeça se pôz a espinotear, o iris dos seus olhos entrou no amollecimento beatifico d'aquelles que contemplam ao Senhor. Oh! a regalada sensação do receber!

Destapou-se a cesta, e um gallaroz, empennachado de rutilo capacete, e de farda mais vistosa que a d'um general, pinchou pela sala fóra, sem embargo dos atilhos que o manietavam. D.ª Henriqueta, temendo por sua olaria, largou á caça d'elle, e n'isso era graciosa como urso atraz de borboleta. Elle cacarejava e, com grande denodo, ia rojando pelo soalho sua fogueira de côres. A Amelia foi filal-o a um canto, de crista afocinhada, a mascar um gó-gó colerico.

— Deita um braço abaixo — disse ella.

— E' de muito boa semente — esclareceu meu

pae — cada galladela seu ovo... e então ovos abençoados...

D.ª Henriqueta, pudendamente, fez derivar a attenção d'aquelle rei prolifico com encarecer os queijos serraninhos que lhe levavamos, muito fulvos, uma das faces praina da francela, derramando um aroma acre de coalho. E ante o sacco com feijões burros, e a taleiga de castanhas piladas, agradecida, suspirou:

— Tanto incommodo! A D.ª Maria José derranca-me. Ai! que alminha aquella!

Minha mãe apparelhára o presente, adrede a dissipar as prevenções, que D.ª Henriqueta podésse ainda nutrir depois de meus destemperos. E logrado pareceu tal intento, porque vindo ter commigo, com discreta benignidade me deitou ao pescoço os escapularios do Anjo da Guarda e de Nossa Senhora da Purificação, bentas armas com que muito encavaca o Tinhoso.

— Traga-os sempre comsigo; e agora juizinho! — disse-me apenas.

Sem solavanco de monta, reingressei na lide escolar d'aquella cidade, desterrada do tempo. Apenas D.ª Henriqueta me apparecia em aio escarmentado, que tudo submette á censura e rege d'ampulheta em riste, na vida do principe. Minhas horas eram chronometradas e, semanalmente, emquanto Amelia punha os talheres, o boletim de minha applicação era materia de aturado exame entre ella e monsenhor Silvano. D.ª Henriqueta velava por mim como por sua alma, de noite e de dia, amofinando-se, por certo, de que o entendimento fôsse uma arca cispada, onde decorriam coisas espantosas, fóra do alcance de seus oculos. Porque D.ª Henri-

queta, quando lia o *Progresso*, os meus cadernos de frequencia, ou tocava cravo, punha uns oculos de abbadessa, com grande diametro, em aro de tartaruga.

—Em que está a scismar?—perguntava-me ella a miude, sobresaltando-me. E d'olhos duros e direitos, em cuja retina eu via passar, bailando, côxas nuas e roliças de magana em reflexo invencioneiro de minhas meditações, accrescentava:

—Matute mas é na lição, ou na vida e morte de N. S. Jesus Christo que veio ao mundo para nos remir e salvar!

Eu redarguia-lhe em tom humilde, de dentro da pelle do *Menino da matta,* que está no regaço maternal repeso da cabeçada. Porém, ella acolhia minhas palavras com a quarentena de quem sabe que o peccado é porfioso e tençoeiro. Verdade seja que tão extremosas aprehensões eram mais sobre si proprio, que sobre mim. Pude descobrir mais tarde que, em consciencia espantadiça, a horrorisava a ideia de que o peccado podésse cavallar n'aquelle ambiente, que só gemia a uma rarissima fuga de Bach e ás vozes melifluas dos monsenhores. A bem dizer, imagem projectada de mente lasciva n'aquellas paredes era, mais que enlamaçal-as, para lhes abrir brécha. Durante meio seculo de vida devota, tinham-se coberto de imagens do Paraizo, imagens de santos, imagens de virgens e de confessores, toda uma rica e variada tapeçaria theologica. Eu não as via, mas, como deviam ter passado por lá, é de crer que lá estivessem, sobrepostas como folhas no missal, inaccessiveis á vista e ao tacto, sacrando o recinto de jucundidade celeste. Estava, pois, ella

no direito de me pôr de Santo Officio, e só pena tinha eu que esta exquisita machina de viver se não veja trabalhar por dentro, como qualquer fabrica de distillação, para, cicerone de mim mesmo, lhe rir em rosto:

— D.ª Henriqueta, vocemecê é pancracia!

Eu vivia muito interiormente para notar travões na roda da minha liberdade. Sem ruido, por mãos invisiveis e arte occulta, uma casa nova se edificava em meu ser. De sua architectura não tinha noção alguma, mas apenas o sentimento d'uma baralhada de linhas, que se dilatavam e se cruzavam em madeirame informe. Minha alma estava cheia de escombros; minha alma era um canteiro. N'um repente, descobria ás vezes em mim uma ancia nova, de vulto mais pequeno e fatuo que um pyrilampo, para, horas depois, tomar o corpo preciso d'um cuidado. Noções curiosas, de grande imprevisto, bruxoleavam e apagavam-se em meu consciente, sem poder fixál-as. Uma razão que me passára occulta entreabria-se-me; uma determinada queda para sentir affirmava-se. Minha alma era um terreno de milagres, d'onde brotavam searas sem mão de semeador.

A par com este repululamento infinitesimal, collossaes direcções, vagas e sem termo, abriam-se ante mim e uma força poderosa arrastava-me por ellas fóra. Assim fui levado para uma quási indifferença religiosa, morno meu fervor antigo, não sentindo já esta sombra de infinito que o ser humano projecta de seu andar na terra. Se orava, em meus labios as preces corriam mais soltas que, em roldana, corda desatada. Bemdizia ao Senhor e frequentava seus templos é certo, mas a ideia já não en-

contrava aquelle arroubo, que a conduzia ao seio ineffavel. Continuando a ser crente, deixára de ser devoto, mau grado meu. E a terra, que d'antes considerava traiçoeiro pégo, parecia-me agora digna de ser amada. Deus lá estava, sabia que lá estava, mas não erguia olhos para o ver.

O pensamento da morte filava-se me, por vezes, á garganta, nas horas profundas da noite. Mas já não vinha lento, em pés de lã, como fera fleugmatica, segura de sua presa; surgia brutalmente o ladrão. Pelejavamos curta briga e eu sacudia-o. E já me não deitava, considerando com febre: amanhã poderei acordar na eternidade! mas sereno como um animalzinho dos bosques, largando-se ao sentido da vida corrente. A existencia, pelo contrario, antepunha-se-me como um problema d'extensissima cifra. Não raro, surprehendia-me a decompol-o em seus factores, desde os imponderaveis aos mais gravosos, Celidonia, cheia de novidade, a meu tio Fome-Negra a rebentar d'oiro.

Celidonia continuava perfumando de ternura as horas vadias. A miude, em representação, encontrava-me com ella, e sua alma enigmatica e selvagem abria-se cautelosamente como um cofre precioso. N'ella ainda havia o Paraizo com Adão e Eva, animaes ferozes em liberdade, e bandos, céos cobertos de pombas brancas. Punha-me a afagal-a em seu instincto luminoso e arisco e beijava-a. O grande passo entre nós era este, os meus beijos. E eu cria que sua carne, a ponto de puberdade, não ficaria inerte aos fluidos voluptuosos que, em horas d'evocação, minha carne exhalava. Celidonia descera, d'este modo, dentro de mim um

degrau para a natureza. A fidalga de Santa Maria das Aguias n'isso fôra d'alguma coisa. Eu não podia cobiçar uma, sem ao menos lograr outra.

A casa nova erguia-se, lentamente, sem rumor, na monotonia da cidade adormecida. A certas horas da tarde, quando a aragem desencalmava o monte de Santo Estevam, D.ª Henriqueta chamava-me para a varanda. O sr. conego Silvano aconselhára, como concessão á curiosidade mundana da minha edade, o recreio n'aquella varanda, d'onde se enxergava o bairro d'Almacave veneravel como um relicario, e onde ouvia as castas palestras dos Rochas, das Marinhos e das Albertas, d'uma vetustez ao rez da Sé. De lá pude, no emtanto, relacionar-me com as meninas Arminda, Alzira e Eva, emquanto em baixo o funileiro, matraqueando na lata, vozeava o *Rebola a bola*. A' cauda de D.ª Henriqueta, encontrava-me com ellas na missa conventual das Chagas ou nos officios funebres de S. Francisco. E, emquanto as mamãs imploravam a Santo Antonio, S. Gonçalo, Santo Hilario, solicitos casamenteiros, que deparassem marido ás suas pombinhas, trocava eu com ellas olhares ternamente bucolicos, como quem executa em tres teclas um rondó d'amor. Finda a cerimonia, regressavamos em comitiva, a mocidade adeante galrando, disputado eu, sem aziume, pelas tres, as mamãs atraz em chouto vagaroso, com altas na loja do Santos ou do Azeredo, onde compravam estampas de bemaventurados com cercaduras catitas, ou na baiúca d'um sapateiro a apreçar um concerto de meias solas. A pallidez d'ellas derretia-se com o ar livre; as

risadas provocavam risadas aos papagaios das janellas. Uma das Albertas punha-se a gritar com uma estrondosa voz de baritono:

— O' meninas, vejam lá, não percam o assento!

Nunca pude fixar o meu estado d'alma em face da Eva ou da Armindinha. O seu discurso no destino occupava, por vezes, minha phantasia ociosa. Deviam dar em honestas mães de familia com as mamas á dependura!

Por todos aquelles compridos mezes de verão, d'indolencia e de lasseira, a obra interior martelou. D.ª Henriqueta andava toda entregue á sua «queixa de peito», que desvelava como a paralytico estremecido, prestes a render o ultimo sopro d'um instante para o outro. Por môr d'ella emmudecera de todo o cravo, e a cabelleira russa, tão fiel ao estylo das eras empoadas, cahia-lhe sobre as temporas em grotescas regueifas. E eu já não via aquelle cherubim, sem, azas a guardar a minha honorabilidade.

A queixa enchia-lhe o silencio, supprindo-lhe os conegos, o mundo visivel e as Marinhos. Era o seu livro d'Horas, o mandil por onde coava o tempo, uma terna irmã de leite. A's vezes pilhava-se atufada na marmellada, de palato cheio de regalo e alma docemente adormecida, para exclamar inquieta: ah! lá me esquecia da minha queixa! Ao sabor da constancia, preciso lhe era ouvil-a, sentil-a, dar-lhe de comer. Imaginária ou realmente, a queixa era d'ella e ella era da queixa. Compungidas, as vizinhas cobriam de mimalhos a entidade incuba:

— Como vae a queixazinha, D.ª Henriqueta?

E minha patrôa, feliz, d'ar jucundo, agradecia como se se tratasse do querido entrevado:

— Vae indo, bem haja, vae indo.

Por via d'este achaque indeterminado, a casa alvoroçava-se; de tempos a tempos, ouvia na escaleira de castanho ranger as botas dos doutores e vozes alertas despedirem-se:

— Adeusinho, D.ª Henriqueta, nada d'excitações e cuidado muito cuidado com as correntes d'ar.

Pelo regimen, se não fôra as botas, figurar-se-me-hia que tinha alli entrado o sr. Zacuto, physico-mór do reino, do tempo das drogas e dos simples. A' noite, D.ª Henriqueta deitava-se rabugenta, gritando mais que o leito velho de bilros. Era a queixa, era a fallar com a queixa. E tanto a castigava umas vezes em termos de nobre iracundia, como a acalentava, outras, de expressões babosamente meiguiceiras. D'ordinario chamava-lhe cadella; D.ª Henriqueta lera Camões e eu ficava sem saber quando esta palavra, em seus labios, representava um affago ou uma vergastada.

Ao sahir da cama, as ordens á Amelia eram regimentaes: — olhe, menina, prepare-me um arrozinho de frango para a minha queixa! Os successos da cidade, faustos ou infaustos tanto monta, tinham estreita correlação com a queixa. «Bem me palpitava a mim — proferia ella — a queixa fartou-se de me tisicar toda a santissima noite!»

A queixa era uma personalidade; fazia-a viver de fóra para dentro, amplamente, a plenos pulmões. E assim a encarava, com seriedade não fingida, villa e termo. Nas festas de caridade, nos bodos aos pobres, quando se sentia

a escassez d'estas damas revéches, tom de velha açafate, murmurava-se:

— Quem estava na altura era a D.ª Henriqueta, mas aquella queixa...

D.ª Henriqueta, entretanto, parecia-me bem ditosa com aquelle relogio interno que lhe dirigia os actos e as necessidades; suas horas, assim, eram cheias, como de vigario em semana santa. Seria balda, embora; aldemenos atravessava o calvario da vida, com o voluptuoso sentimento de levar ás costas uma cruz bem carpintejada; e o que era mais, n'aquella cidade embalsamada, os dias passavam... passavam, mal a roçando d'aza d'algodão em rama.

Um dia ouvi a um zoilo: Esta D.ª Henriqueta, com achaques e capa de vidrilhos, é Lamego pintado! E fiquei a scismar, se a cidade era um ponto do planispherio, ou uma estampa d'um livro de paleontologia.

Em dias de tão grande quentura, que os pardaes mal esguirilhavam de suas rotulas nas paredes do lyceu, prestei provas das disciplinas, que um anno levára estudando. E, sem saber para que serviam as mathematicas, porque nem os compendios nem os mestres m'o tinham dito, e sem que das sciencias physicas e naturaes visse um apparelho ou estudasse um talo de couve, os conspicuos mestres *nemine discrepante* me approvaram. Estava apto para ir versejar a Coimbra, ou endossar a batina e volta de ordinando.

D.ª Henriqueta regalou-me com uma travessa d'arroz doce, sobre que polvilhára a canella as iniciaes do seu nome e os ramos de louro de todos os triumphos. E, ajuntando um

dedal de vinho fino, d'aquelle licor votado ás libações mansas dos conegos, rogou-me:

— Agora vá á N.ª S.ª dos Remedios agradecer-lhe tão grande mercê. Vá, não tenha medo do calor, para sempre ser favorecido.

Fui de animo alegre, porque em meu espirito estava escripto que tudo vem de Deus e tudo se deve dar a Deus. A canicula tremulava nos longes, e a escadaria do santuario, poida dos joelhos dos penitentes, luzia como uma cachoeira. A's bandas, os soutos do tempo do Bispo Azul derramavam uma sombra em que era appetitoso correr de pés descalços e de cabeça ao léo, chupando talhadas de melancia. As montanhas do Douro mostravam uma carranca torva de sequiosas.

No santuario, d'uma frescura deleitavel, ajoelhei, para com todas as véras da alma louvar minha Madrinha e encarecer suas graças. Os meus vôos, porém, eram mais rasteiros que de gallinha de casal, ante ella rainha das aves, que aves são todas as almas que d'aza inquebrantavel se lançam para o céo. No throno d'oiro eu bem a olhava e, em vez de sua santa face, a meus olhos, offerecia-se n'aquelle mez das messes, um grande ramo de papoilas n'um seio branco, e era D.ª Estephania; um lenço vermelho de ramagens sobre uma face crestada da poeira dos caminhos, e era Celidonia. Minha Madrinha ficava nos céos e eu na terra, só lhe restando do meu esforço o rosario do suor que vertera a subir o oiteiro, onde os melros e Pam cantavam pela madrugada.

D.ª Henriqueta, quando Amelia sahiu com o meu bahu de folha á cabeça, para o pôr na diligencia, disse-me em voz quebrada:

— Estou velha e gasta, não o tornarei mais a ver. Quero deixar-lhe uma lembrança, mas primeiro ha de prometter que reza todos os dias uma salvé-rainha por minha intenção particular.

E da algibeira do avental tirou um rozario d'azeviche engranzado em arame, com N.ª S.ª das Dôres pendente n'um medalhão de cobre. — Olhe que veio de Jerusalem!

A contextura do rozario era fina, e triangulosinhos de delicado lavor apartavam as avemarias dos padrenossos. As contas estavam muito luzentes de n'ellas rolarem as preces.

— Estime-o — tornou ella d'olhos vidrados de lagrimas — e quando souber que morri, passe-o, ao menos uma vez, pelo descanso da minha alma.

D.ª Henriqueta chorou e eu chorei.

Quando voltei costas á cidade, regada do entardecer, senti que uma hora ligeira tinha dado no relogio da minha vida. Que levava eu d'alli? Sabia lá?... talvez o conhecimento de que a existencia, mais que tudo, é uma lucta formidavel de corpos e de sombras.

A familia esperava-me jubilosa, á beira da estrada; e depois de voltarmos do presbyterio para S. Francisco, minha mãe veio com o relogio de grossa barbella de prata e de pinto ao dlamdão.

— Pegue lá que o merece! — pronunciou ella, passando-me a tranqueta na casa do collete. — O pae já não está para amar, não precisa. Sempre quero ver o tempo que lhe dura.

— Hoje não lhe mexas, que leva a corda toda — recommendou meu pae que rectificára a doação tacitamente. — Isso é o rei dos relogios! Comprei-o ao imaginario de Aguas-Boas por

uma moeda, depois de muito marralhar. Escuta-lhe a pancada... nem os pisões. Adeanta-se uns minutos, mas antes assim. Quanto mais cedo canta o gallo, melhor vae para a jornada...

No dia seguinte, muito cedo como fôra ajuste, fui surprehender meu bom mestre a colher ameixas pela orvalhada.

—Os sabios d'hoje aconselham a fructa, logo de manhã, como dedejum — disse-me elle, prazenteiramente, logo a seguir aos bons dias. — Não é novo, já os Arcadios se alimentavam de bolotas. Se não tens medo, prova. O meu estomago está muito derrancado para ser um laboratorio fidedigno d'experiencias.

E, notando que n'isso lhe dava prazer, sem hesitação immolei um punhado de gulosas ameixas.

Depois do almoço, que se succedeu á missa, puxou-me para o cartorio, a cujas janellas uma latada fazia sombreiro contra os ardores do sol. Era aquella uma salinha rectangular, forrada a latas de pinho, com o soalho mordido dos tamancos de varias gerações. Para muitos, aquellas taboas guardavam os unicos vestigios de suas passadas na terra. E, habituando-me a ver n'ellas uma especie de santoral da freguezia, nunca as pisava sem veneração. Nas paredes, branqueadas a cal, um velho painel esmaecia em seu caixilho azul; era uma S.ª do Carmo, de faces muito nacaradas a vermelhão, tendo ao collo um menino rechonchudo. E era uma doce simplicidade a que se derramava d'aquella Virgem-mãe. Na estante, entre obras profanas de discreta leitura, sobresahiam as filas graves dos Vieira e Malhão. E não longe dos melifluos Thomé de Jesus e Pantaleão de

Aveiro, berrava a farda amarella dos livros brochados de Renan.

Estava rota n'umas, amolgada n'outras, a palhinha das cadeiras, de velhice e dos corpos, pesados d'annos, que n'ellas repousaram. Acolhiam, talvez por isso, affavelmente os recemvindos, ao contrario dos moveis modernos, impertigados. Sobre a mesa, entre folhinhas de capa desbotada, a par com a ambula e o candieiro, via-se o calice envolvido em saquitel de chita. Apetrechos de caçador, em metal e coiro, baralhavam-se com a papelada.

Havia n'esta sala, cheia de céo, a marca de mão complacente com a terra. N'ella tinha meu bom mestre dealbado na confissão as almas rusticas, peccadoras; n'ella, talvez tivesse, nas horas vagas da sua celeste industria, amado e sonhado! Aqui vim não raras vezes aprender humanidades, e os curas das redondezas, quando havia funcção na parochia, abancavam á jogatilha, pão de ló a uma banda, cangirão a outra. Agradava-me, agradou-me sempre esta salinha com os muros intelligentes á força de presenciarem coisas tão extremes, com a janella em guilhotina, por onde se coava uma claridade terna, claustral.

— Liborio, meu homem, — pronunciou o snr. padre-mestre, de rosto bem ensombrado, apoiando o cotovello á escrevaninha — concluiste os preparatorios sem desmancho nem empenho, acceita os meus emboras. Uma das bolsas do alforge, com que has de jornadear pela vida além, está provida. Resta munires a segunda, que é habilitares-te, mediante um curso superior, a abraçar um mister. Penso eu que a carreira ecclesiastica, não é assim?

E, como eu não respondesse, brandamente tornou:

—Para outra, não disporiamos nós de meios. Mas em summa consulta a tua vocação. N'estes dois mezes de férias tens margem para reflectir e repousar. Repousar, nanja no sentido rigoroso da immobilidade. A creatura que é trabalhadora e proba não repousa, muda de actividade. O homem de lettras repousa trabalhando ao torno; o homem d'Estado compondo as suas memorias ou pescando á canna. Conta-se que se não passava um só dia que Apeles não lançasse linha. Por sua vez, o torneiro em dia de sueto dar-se-ha á leitura e o pescador á politica. Na aldeia, o domingo é tão esforçado como qualquer dia de fazer. Olha-me para essa rapaziada a jogar a barra, de guião nas unhas, ou de andor aos hombros, cabrazando pelos pateos, ou bailando nos terreiros? Será isso o descanço semanal? Não; mas é, em termo de parada, um render d'energias, o deixar em folga forças affeiçoadas a determinada funcção. Nas terras industriaes, a expressão de repouso será, talvez, mais exacta. Mas que repouso? A taverna. A verdade é que todo o repouso, que seja ociosidade, é condemnavel. O homem ocioso é um sacco de vicios e de fraquezas. Não conheces a parabola da ociosidade? Não vem nos Evangelhos, mas tão bem a urdiu a phantasia popular á feição d'aquelle que vergastava os vendilhões e intercedia pela adultera, que S. Marcos podia tel-a deixado da sua penna... Andando Jesus pela Galileia, aconteceu-lhe passar á porta d'um homem rico que, deitado em fofos tapetes, rezava. Jesus cortejou-o, dizendo: Deus te sal-

ve, porco! Mais adeante, encontrou um lavrador que praguejava e blasphemava na arada, atraz dos bois. E Jesus saudou: Deus te salve santo!

E, depois de mansamente abanar a cabeça, d'olhos em mim, saboreando a magnitude dos conceitos, disse:

— Aconselho-te a buscar, para este tempo de férias, uma occupação airosa e varonil. Os livros, que serão o teu ganha-pão, não m'os deixes cobrir de pó; trata-m'os, porém, como pessoas a que se dá os bons dias, dois dedos de cavaco, e toca a andar. Mais que isto, não; a puxar á nóra só os pobres brutinhos. Distrae-te, mas intelligentemente; nada mais triste que ver correr o ponteiro dos minutos!

Ouviram-se as chancas da snr.ª Gertrudes pela casa fóra; e logo nos appareceu, de rosto sorridente, com duas perdizes no dedo, á entrada da porta.

— O Thiago do Eido manda-lhe aqui esta peita, para o jantar.

— Quem as trouxe? — perguntou meu mestre, depois de contemplar as aves, com grande enlevo.

— A rapariguita, a Adelaide.

— Dá-lhe lá para comprar um lenço e que eu agradecerei.

A senhora Gertrudes foi-se, e meu mestre exclamou:

— Ahi está um passatempo decente, a caça. Gostarás tu?

E, sem dar tento ao meu regosijo, d'entre os papeis exumou os apetrechos de caçador, o polvorinho de chifre mosqueado de pregaria amarella e toscos entalhes, a chumbeira de ca-

bedal, e o correame d'anta, lustroso de servir. Em seguida, atraz da estante, foi buscar duas espingardas, cobertas de pó e com ferrugem, na bocca d'uma das quaes uma aranha tinha tecido seu boeiro.

— Aqui está — pronunciou, sorrindo e passeando por ellas um olhar d'amor — a minha espingarda de espoleta e outra de fogo central com que meu compadre Almeida me convidou, quando veio de Manaos; é bôa, mas dei-lhe muito pouco uso. Precisam limpas; a falta de manejo estraga tudo. Ha que mundos já não caço! A ultima lebre que virei foi ha obra de tres annos, lá para as devezas de Soutosa! Ha que mundos! Se um anjo hoje me dissesse: pede e serás ouvido! queres saber o que pedia? Afóra a salvação, Liborio, pedia-lhe pernas e peito com que poder estafar um bando de perdizes.

E sua voz era molhada de saudade e melancolica.

— A caça é barbara, é; mas que outra coisa é a creação senão uma chacina constante e reciproca? O homem é o animal mais feroz da creação e, talvez, por isso seja o rei. Para nosso regalo, assassinam-se nos açougues as innocentes vitellinhas, tão enternecedoras que dá vontade de as beijar, e Gertrudes, a bôa Gertrudes que alli vês, não se benze para cortar o pescoço a uma d'essas gallinhas, que despreoccupadamente catam os vermes da terra. Que queres: é a nossa condição. Dir-me-has tu que na caça se dá, muitas vezes, a circumstancia cruel de se ferir a peça sem a pegar. Não ha duvida que tem esse lado deshumano. Mas um bom caçador, que põe brio no tiro, quando

dispara, abate. Um codigo d'honra está a reger-lhe o dedo quando preme no gatilho. Podes crer, um tiro á aventura, ou soffreado, signaes são de caçador de borra. Eu podia não fazer cinto, mas polvora aos pardaes não deitava!...

E meu mestre, muito animado, terçando a velha companheira, puzera-se a manobral-a baixando e armando os cães, ajustando-a á face, volvendo-a e revolvendo-a da mira para o guarda-matto. E, n'isso, dava-me a impressão de estar deante d'um amigo, que tornou de longa viagem.

— Esta espingarda — disse elle — mette-se muito bem á cara e é leve como uma roca. Já com a de fogo central nunca cheguei a ageitar-me bem. Mas tu leva-as ambas, experimenta-as, e fica com a que melhor te servir. Os canos d'esta velhinha são raiunos, allemães legitimos, e a fecharia é segura. As armas de fogo central são mais commodas innegavelmente, mas menos certeiras. E eu te digo porquê. O cartucho, preparado d'ante-mão, não vale o tiro carregado no monte, adequado ao genero de caça que na hora mais salta, á temperatura do dia, e á natureza do terreno que se trilha. Assim, por exemplo, a caça de pello requer menos chumbo e mais polvora para embuchar o tiro; já, pelo contrario, a de penna, de volateria lhe chamavam os antigos, mais chumbo e menos polvora para esparramar. Ha tambem as polvoras; o calor esquenta-as, de maneira que é absurdo atirar n'um dia de cresta com a carga d'um dia de frio. A natureza do montado tem tambem a sua importancia; logico é que no descampado os canos puxem, e que nos mat-

tos os canos chofrem. Tudo isto são particularidades que a cartucheira mais meticulosa não póde prever. D'aqui resulta que a espingarda de carregar pela bocca é mais malleavel, mais sensivel, n'uma palavra, mais conforme com um atirador experiente. Mas eu estou-te a prégar o elogio da velhice nas escopetas de caça... Se aprecias semelhante desporto, leva d'aqui isto e vae ter com o Thiago do Eido que te industrie. Elle e o Raposo de Villa-Chã são as melhores espingardas que por aqui passeiam.

Manifestei a meu mestre o prazer que me dava ensaiar a nobre arte venatoria. E elle, satisfeito com a minha resposta, mostrou-me como a caça, approvada desde Ovidio a S. Thomaz, contribue para a saude physica e moral do homem. O oxigenio das montanhas não lava apenas os pulmões, varre tambem os miasmas da alma. Talvez, porque as montanhas estando mais perto do céo, se exerçam lá menos as potencias do mal. Tinha eu reparado que as cruzes, que por esse paiz fóra testemunham morte d'homem, ficam todas nos valles e nos caminhos agachados? A gente das serras é, mesmo, mais amoravel, posto que mais grosseira. A terra, na pureza dos céos descobertos e na inteireza de seus rigores, é um livro que deixa a quem o folhear tão grande saber como edificação. A bater um montado, em que a caça amuou, adquire-se vontade e resistencia; a seguir pelos nevões um rasto de lebre, sempre fugitivo, tenacidade; os dias d'azar, abatendo a prosapia dos dias prosperos, precatam o homem contra a vangloria. Os cães ensinam-nos a ser fieis e, no regresso ao lar, as vozes dos caçadores são

tão tomadas de doçura, que o infinito parece suspenso a escutal-as. Além d'isso é formoso não temer o sol, nem a invernia, nem os sincelos, integrar-se o homem no seu papel de Filho da Terra.

E, dito isto, remettendo-me ao Thiago do Eido, meu bom mestre abriu o Breviario, como quem torce para o céo uma saudade muito da terra.

X

N'aquella tarde, larguei da Casa dos Terceiros para a caça, com sol ainda alto, muito antes de horas de merenda. Estava um vento levantisco, viam-se os borborinhos peneirar pelas aradas, e as rôlas que são caça mui captiva, atreita ás mudanças de temperatura, em dias assim, recolhem cedo. Agosto lá ia levado e já ellas abandam para migrarem, esquivas ao homem e vigilantes.

Quando alcancei o pinhal em que era manha emboscar-me, ainda o sol batia de chapa e os rebanhos pastavam, face voltada aos curraes. Abrandára o suão, as rôlas andariam mondando os restolhos, onde para ellas o Senhor fizera cahir do punhado dos ceifeiros o grão maduro. Antes, pois, que o bater d'azas me désse a senha d'alerta, tinha tempo de solettrar, de caravelas sobre a caruma fofa, espessa, a pedir dente d'engaço, um capitulo do *Doctor Perfectus* do eruditissimo Sousa.

Era aquelle pinhal corredoiro certo de rôlas, por ficar no ermo, junto do rio, e n'isso se comprazer seu animo timorato e seu asseio de meninas alegres e perluxadas. Galgando, galgando a mata-cavallo uma planura enorme, da

côr da cinza depois dos fogos da canicula, o maninho começava alli. Muravam-no ao longe, a todo o correr, uns barrocaes de assombroso silencio no fundo azul do céo. Para lá repercutiam, ás vezes, echos destemperados de á côa! quando, ao dobar do crepusculo, mais torva era nos penedos a carantonha de chimeras.

Para a outra banda, d'onde vinha meu caminho, a folha de duas aldeias extendia-se por entre tapadas e mattas. N'ella, engolido o verde pela relha e pela estiagem, as moitas eram borrões de tinta muitc escumada, a dissolver-se em amarello na cheia amarella que cobria a terra. Nos visos dos oiteiros, os pinhaes resistiam em seu taciturno extase. O sol, sobre o poente, punha a arder com a sua labareda a rama para lá virada. E lembravam, nos fumos dos longes, a nave d'uma cathedral, orando, com as luzes todas accesas no altar-mór.

Os restolhaes, que vomitam sol, não se extremavam dos caminhos velhos barrentos. Um penedo, no meio d'elles, tinha mais pasmo que um canzarrão perdido. Misturavam-se na mesma mancha baça de cobre os pousios de feto e as chãs já redradas; esbranquiçamentos de panno cru a corar accendiam-se sobre o panascal das belgas deixadas a monte. Os tons todos entravam na gama doirada, d'um verão que ia passando.

Um dos povos cavalgava o topo da collina, tão negro e montesinho que mal se descortinaria entre as arvores, se não fôra os palheiros nas lageas, e as casas do padre e d'um tio Brazileiro, de lanços caiados a luzir. Do meu refugio, sentia os rumores abafados da pequenina

cellula e o halo quente que exhalava ao céo. E por alli ficava em communicação com o mundo, e meus sentidos tinham de trabalhar ao rythmo universal que arrasta a vida.

Afóra isso, o silencio envolvia-me, tão profundo, que n'elle se projectava, confiadamente, a lide secreta da creação que tem no homem inimigo jurado. Acima das orgueiras, que sacudiam sobre mim uma poeira de café mal moído, os mosquitos davam um baile phantastico. Dançavam, porque gostam da frescura dormente dos bosques, e porque no que nos homens é correr talvez n'elles é dançar. Suas farandolas deixavam um doce adagio de rabeca em surdina; e tão constante era, que eu ia desdobrando n'elle uma musica melodiosa. Uma carriça, padejando o ar, surgia no meio das danças. Emmudecia a toadilha, debandavam os bailarinos e, aos saltos, a aguçar o bico na corcodia, a carriça trepava por um pinheiro. Pouco a pouco, voltavam a fungar os elytros; e, nas vesperas encantadas recomeçavam o balancé, porque é sina d'elles dançar, dançar.

Um saltareco, attrahido pelo verde da queiroga, pulava sobre mim; immovel, com os olhos de jaspe, armadura de guerreiro egypciano, contemplava-me. Eu devia apparecer-lhe como a fera monstruosa que papa os animaesinhos do deserto; porque, retesando as patas, n'um galão elastico, projectava-se. E lá ia, refeito e circumspecto, á cata da fêvera tenra que refresca a goela dos grillos e dos coelhos bravos.

Na espessura mais ennovelada do pinhal, os passaros brincavam; eu sentia o rumor de suas rapaziadas de ramo para ramo; e pelas vozes, figuravam-se-me os estorninhos que ciciam como

as beatas, quando se encommendam a Deus. Tangaranhão, soberbo, desfraldando a sotaina preta e vozeando, um corvo empoleirava-se no cocuruto mais alto. E, respeitosos, elles calavam-se; o senhor padre-prior subia ao pulpito.

A natureza entregava-se-me no seu plano primitivo com os habitos, os transes, as jerarchias, equilibradas entre a lei da força e a lei de conservação. E os infinitamente pequenos iam deixando ao meu entendimento fabulas com que edificar-se.

A meus pés, a menos de tiro, passava a ribeira sobre areal e terras de paúl, um cabello d'agua com a estiagem, onde as rôlas vinham espennujar-se ao sol poente. Marginava-a da banda de lá uma lameira, de que só os juncos e as rabaças verdejavam, porque são hervas indigestas ao vivo e lhe desbotam os dentes. De longe em longe uma pastora vinha para alli apascentar as vaccas, e eu muito lhe admirava a cinta pura e flexivel e o jarrete nú sob a saia de grande roda. Não presentindo viv'alma por aquelle descampado, todo o seu instincto animal se lançava á franca na natureza. Acocorando-se á beira d'agua, abria a saia e o collete e espulgava-se. Seu corpo era viçoso e bem entroncado, da côr do trigo quando está na eira. Catava-se, coçava-se, e com curiosidade ingenua punha-se depois a arrepelar o vello loiro e os mamillos vermelhos dos seios. E, nubil e desejosa, eu sentia-a já a embalar um berço, ao som maguado da Rosa-tyranna. As vaccas, tasquinhando a herva rapada até o sabugo, derramavam das campainhas lagrimas, guinadas de prata; ella, desatando as negras tranças, com um caco de pente amanhava o

cabello. Outras vezes, de saia arregaçada até as virilhas, ia chapinhando pela corrente fóra atraz dos peixinhos. Macissas e tentadoras eram as côxas, mas os requebros innocentes como de pomba e descuidados como de nympha. E porque assim era, porque seu geito se fundia na sinceridade da natureza, minha mente vibrava d'aquellas ineffaveis delicias do anjo, ao surprehender no toucador á Virgem Maria.

No pasto pellado, sem detença de maior, as vaccas moscavam; a boieira despedia atraz d'ellas, e só então a luxuria se me ateava nos nervos, accesos pelo lume vermelho do lenço vermelho a esvoaçar.

Eu recahia na soledade, e novamente se percebia o fremito remoto d'uma aza de vespa. Olhando ao longe, por entre os troncos, meu espirito emmornecia do estado somnolento da terra inteira. A tarde dobava, e nuvens brancas, muito altas, fugiam sobre os cerros como bandos de grous. O sol derramava a claridade terna d'um palacio antigo, pintado a ocre em bons tempos. Lá ia serra fóra, mas ainda soberbo, que nem o senhor bispo em visita pastoral pela diocese.

Na ribeira, uma truta pinchava á borboleta e eu ouvia o marulho, distinctamente, como badalada de sino. Um pica-peixe postava-se sobre uma pedra, a meio da veia d'agua, immovel e recolhido na farda côr da herva, como um rôlo de lã. Não lhe bolia uma penna n'aquelle plantão, que incançavelmente se prolongava. E, de repente, após o galão ligeiro á boga descuidosa, eil-o que alevanta. Aquella bolazinha de côres soltava então um grito estridente de triumpho, *ceix! ceix!* e ao lume d'agua,

veloz, riscando no ar um traço verde, se partia a outras paragens.

A tarde de verão não tinha fim e, pouco a pouco, eu era trespassado da religiosidade da terra em seu mysterioso quebranto. Da chã punha-se a soprar um vento fresco que sacudia os pinheiros; e nas ramas, entre os estalidos metallicos das franças carivelhas, a serenata do vento desferia-se, piano, piano, em murmurios remotos d'açude, n'um rocegar de sedas em muda gavota. A campina estremecia toda como alguem que acorda; o sussurro accelerava-se e era uma orchestra gemebunda, como se tocando entre os astros alli remettesse um espaçado echo. O sentimento de mobilidade que se desprendia de tudo, do vento, do rio, das nuvens, arrancava-me ao marasmo. E, escorregando para dentro do *eu*, como tartaruga para a carapaça, por môr de regra, deparava-se-me ao espirito minha mãe, D.ª Estephania ou Celidonia. Ao chegar a férias, soube que a fidalga de Santa Maria partira pouco antes para o Cairo, com o esposo, guindado a plenipotenciario n'um tribunal de nações desenfadadas. Pateta de mim, a voluptuosa corria aquellas paragens em que o desejo arrancava Aphrodite da escuma do mar. Na cidade das palmeiras e dos langores teria amado como um jovem francez, que andasse bebendo as melancholias dos seculos mortos. Eu entrevia-a nos braços do libertino, delirante, aquellas suas narinas roseas rufando a pantomima do deleite, emquanto Malafaia, nos Passos Perdidos, com pachorrenta gravidade, fumava o tabaco dos kedivas. E experimentava grande nojo e revolta contra minha necedade. E quem sabe? talvez nossos

caminhos voltassem a encruzar-se, em hora que fôsse amavel n'ella e teria de ser ousada em mim! E n'esta esperança, entre remorso, despeito e concupiscencia, me entardecia a sonhar-lhe com a carne. Em meu sentimento, porém, D.ª Estephania era pouco; o logar, aqui, era de Celidonia. Era esta a sempre-mesma enternecedora, recatada e gentil imagem d'uma taboa bysantina; a inalteravel alma barbara, cercada d'espinhos como flôr de roseira brava. E porque assim era inaccessivel e permanente, um laço forte me prendia a seu destino. Abandonos seus, só alcançára um, deixar-se amar em pensamento. Ante minha ternura, eu palpitava o alvoroço de sua ternura e o consolo de quem se vê realçada de agrados, que se desconhecia, nos olhos leaes d'um amante. E, como a mulher é vaidosa de si e de quem bem lhe quer, Celidonia, d'este modo, approximava-se de mim.

Perluxosa em seu fazer, crestada dos lumes da canicula, alta e loira mais que razão, assim a trazia em meus olhos. Minha mãe, cujo entendimento parecia devisar a vida por traz d'uma vidraça fumada, tudo lançava entre mim e Celidonia á conta de porcarias. Que nos surprehendesse juntos, e logo uma feia palavra castigava aquelle nosso peccado:

— Estaes a malucar a pouca vergonha? Ah! cães, encangados entreis vós nas profundas do inferno!

Eu retorquia ao seu insulto com insultos, e uma contumelia execravel ateava-se entre nós. Os improperios, que despediamos, degradavam o recolhimento d'um logar, tão affeito aos murmurios e aos extases com o divino. E mes-

mo dissimulando, o rancor d'ella e o meu azedume ensombravam o convivio d'uma sombra molesta. Meu pae, que não sabia impor auctoridade, olvidando que suas disputas conjugaes corriam, em natureza, parelhas com as minhas, tomava o partido d'ella e ameaçava de me matar a tiro. Seu rompante, posto que me não intimidasse, fazia-me sentir a injuria de me ver reprobo e abandonado. Os soalheiros começavam, mesmo, a apontar-me como filho qu'ergue mão pr'ós paes! Debalde tentava evadir-me de tais galés, transigindo e apoucando-me. Mas, porque comia o pão pelas mãos d'elles amassado, julgavam exercer um direito, tyrannisando-me com humilhações e maus tratos.

Nunca cheguei a penetrar o fundamento d'aquella cizania, por meus desmanchos e rebeldias serem materia muito futil para guerra tão lassa. Talvez a «antecipação espiritual» que ha em certas naturezas simples contra aquellas que sahiram, distanciando-se, da sua plana. Talvez a ruim balda d'elles ou minha; contrariamentos inexplicaveis do caracter; horas do peccado... A verdade é que d'este conflicto resultava levar eu muitos dias sem outro passadio que o pão centeiúdo e a agua da fonte. Meu trajar era sordido e, tendo pejo de me apresentar a meu mestre, d'elle me escondia e d'elle escondia, como sarna, estas desavenças todas. Vezes houve em que minha tortura foi mais que infernal. O *Velhinha* com as suas botas á Frederica, o seu pingalim de hipopotamo, com pedra flammante na gravata, concebera um dia o desaforo de visitar-me. Como a hora da refeição retardasse, em termos humildes questionei minha mãe. — Quer comer

mail'os seus hospedes? — retorquiu-me ella — vá para a estalagem!

Violenta foi minha sanha ante tal aggravo, feito a quem alli vinha em cortezia. E, altercando na mais vil linguagem, cobrimo-nos de lama. Meu pae e o *Velhinha* assistiam immoveis e eu concebi por elles grande desprezo. O *Velhinha,* tambem, devia ter ficado a desprezar-me.

Hora foi essa que, sempre que ao portão da cêrca tropeava cavalgadura, punha-me a tremer todo, na scisma de que apeasse algum janota de collega, de mãos enluvadas e ar exigente de grã senhor.

Minha mãe tivera sempre aquelle feitio descaroavel, desde que eu me conhecia, e no emtanto, minha sensibilidade ante ella não se embotava. Sensibilidade esta, como a do corpo coberto de cicatrizes, que experimenta a mesma dôr da lançada. Eu estava-me fazendo homem e não queria reconhecer-me foros novos. E ahi residia, talvez, a sua desculpa. As mães tiveram-nos meninos e rapazes e, porque n'essa condição queimaram sua melhor ternura, teem a illusão em sua alma de nos guardarem sempre em meninos e rapazes. Pobres! não sabem que o tempo é um quebrador de lapides!

Fazendo acto de attrição, sem profundar mais a causa d'aquella malandança, penava-me o ver-me filho desnaturado, quando por lei devia ser extremoso e sujeito. Affirmava minha mãe que não havia de ser ajudado de Deus, e bem certo que me minguaria pela vida fóra o amparo benefico dos lares. Quando procurasse, não encontraria esse sorriso celeste, debruçado sobre o berço, exprimido na voz não banal de

que os filhos são a alegria dos paes. Que fadario podia ser o meu! Que porvir me esperava, formado entre coisas tão disparates, aquelle logar de mansissimas sombras, a suave tutela de meu mestre, a desordem familiar e uma sociedade revolta? Eu era uma palha n'um torvelinho.

Escorraçado da Casa dos Terceiros, recolhia-me na livraria do Convento e, sob o olhar piedoso do Christo, lia as obras revolucionarias ou de contextura amena, que o snr. Chinoca boticario me emprestava. Os Engelgrave, os Bolandistas, os S.tos Anselmos, de seus lombos sobrios em carneira reprehendiam minha impia curiosidade. As teias d'aranha occultavam em alguns os titulos d'oiro. Eu familiarisava-me, desdenhando-os, com o mundo que galopa.

Nas horas em que o sol não causticasse, partia á caça e, com a fé inextinguivel de fazer cinto, batia os plainos e os montes. No alto das serras, as nuvens corriam sobre minha cabeça como cabras bravas. O infinito mostrava-me nos longes, no recorte dos cerros e na curva ordenada dos valles, as linhas graves que deixou cahir na terra. E meu peito alagava-se de ancias, ante immensidade tão enorme a envolver o meu destino tão pequeno.

A lebre rompia-me debaixo dos pés, nas urzes da coutada; eu mal a vira; fôra uma mancha fugaz que mal se dissociava da terra. Mas lá se avistava a borboleta branca voando á flôr do matto... lá ia .. lá desapparecia a borboleta do rabo branco da maçarica! E, quando de sangue a cachoar nas meninges, encontrava o gatilho, já a lebre tinha dobrado a lomba da eveza.

O mesmo logro me occasionavam as perdizes. Eu não tinha este faro do caçador matuto que as sente sem cão, e as palpita pela estampa do terreno e o cariz do céo. Meus olhos, de resto, tinham pouco a manha de se fitar no solo, com o qual ellas se confundem por graça da Providencia. Em regra, trazia sempre commigo uma d'estas scismas, que distrahem mais que uma feira. A aza veloz erguia-se ruflando e riscando o ar. E, quando eu voltava do aparvoamento, a guiseira tinia longe.

— O senhor não descorçôe — dizia-me o Thiago do Eido.—Ha de botar muita polvora ao vento até calhar. E arranje um cão que, sem cão, um caçador é coma cego sem muleta!

O sr. Chinoca, que manifestava por mim grande sympathia, prometteu dar-me um cachorro que a perdigueira d'elle estava aleitando. Entrementes, malavindo com o montado, entreguei-me á caça da rôla, que não requer esta sciencia do repente e do olho manhoso, antes paciencia e geito. Embuscado no fundo d'um pinhal, sombra que lhes é grata porque se conserva morna na frialdade das noites, esperava que désse a hora de recolher. Por vezes, antecipava-me tanto, que cançado, desistia. Senão, tinha margem para observar o mundo, ler, perdidamente seguir a estrella dos reis magos d'um devaneio. O sol, finalmente, empallidecia no horizonte; no rio, uma rã começava a coaxar. Era a senha, e rompia dos rabaçaes um concerto barbaro de pretos embriagados.

Pelo restolhal abaixo, dois gaios vinham saltitando e voejando. O palrar d'elles tinha um accento mais aspero que o das rãs, na suavi-

dade do poente. Eu via-lhes o paletot de gente pobre, a cabeçorra estupida, as pernas pouco ageis em descuidada farofia. A' beira do rio bicavam duas minhocas, descreviam um sarambeque e, a um ruido imaginario, ou ao baque das rãs na corrente perseguidas pela cobra d'agua, elevavam-se grasnando, saraivando a fralda de pobres, remendada de preto, com debrum de verde. E aos voltejos, soltando sempre vozes mal humoradas, entravam para um pinhal novo que, ao longe, traçava na vèssada uma direita barra escura.

Os gaios vinham avisar como bobos da côrte antiga. Altas, porque andavam escarmentadas, passavam no céo as rôlas; tão altas, que borrão ridiculo, que se move, lhes ha de parecer o homem.

Punha-me a seguir-lhes o curso ligeiro, no azul transparente do entardecer. Uma até tres descreviam sobre a lameira uma curva graciosa e pousavam no areal. Com pressa, porque a rôla é timida, começavam a lavar-se na pocinha d'agua que reminiscera da pégáda d'uma vacca. Uma mais afoita, saracoteando-se toda, avançava para a corrente e as outras seguiam-n'a. Bebiam, e com manifesto prazer, procediam ao asseio em aves elegantes e escaroladas. D'um lanço agil da cabeça, sacudiam a agua sobre o cêrro n'um jorro forte de gottas ou, de azas abertas, a espadelavam em chuva miudinha. A meio do banho, punham-se a passear no areal em ademán airoso, e todas se espreguiçavam, d'aza desembainhada sobre o lado. E subitamente, n'uma estrelouçada alegre, despediam para longe, ou vinham, direitas, empoleirar-se no pinhal. Seu primeiro geito era

inspeccionar o chão, mais para temer lhes parecendo o homem que a ave de rapina. Exame summario, lance d'olhos. Depois, fincando-se no ramo mais a contento, de cabeça inclinada e aos sacolejões do pescoço, como se estivessem contando os troncos dos pinheiros, perscrutavam á direita e á esquerda. Se o exame as tranquillisava, transferiam o poleiro para logar apto a poderem armar o toucador de noite. Ahi, n'um abanar vigoroso, sacudiam primeiro as particulas d'agua que se lhes tivesse infiltrado no saiote; depois, com a mão espalmada, como se manejassem o pente, anediavam e ordenavam a plumagem da pôpa. Com o bico proseguiam no amanho, catando-se, riçando-se, enxotando a penna morta. Mais uma bicada, ás vezes, ao insecto que passava, e cahiam em immobilidade que parecia uma oração muda á grande e hospitaleira terra!

Eu presenciava estas delicadas manobras, com gosto sim, mas com a attenção profissional do caçador que quer plantar bem o seu tiro. Quando o alvo me parecia seguro, desfechava. O estampido reboava pela chã, campos fóra, e correndo a colher a ave acoitava-me de novo a carregar a escopeta, sabedor, como era por experiencia, que logradas pelo echo e não enfeitiçadas pelo cheiro da polvora, como pretendia o Thiago do Eido, outras, bandos d'ellas, alli viriam pousar. E a fuzilada succedia-se pela tarde adeante.

Assim passei as tardes caniculares d'agosto, emquanto pelas eiras os mangoaes zurravam, e o pendão lilaz dos milhos se esfarelava em cinzas. Todas ellas assim lentas e assoalhadas, mas tão abundantes em modos, que meus olhos

tinham sempre coisas ineditas a solettrar. Uma vez, apenas, alli apparecera a Maria Folexa que, não tendo leira nem beira, andava ao rebusco da lenha carivelha pelas tapadas e das pinhas sêccas pelas mattas. Fôra aquella uma tarde de sol descompassado, em que a boieira descera ao rio com as vaccas a beber. Vinha da chã um rescaldo de queimada, tornando mais afogadiça a sombra dos pinheiros. A Folexa meneava-se toda descuidosa a amanhar o molho, mas porque me conhecesse de S. Francisco onde ia ás vezes, a rogo, lavar as alfaias brancas da egreja, de prompto socegou quando deu de cara commigo.

— Então as rolinhas cahem? — disse ella, n'um sorriso muito lampeiro, acercando-se.

E plantou-se deante de mim, boquiaberta, a admirar meu arranjo e esquipação. Estava descalça, e por baixo da saia de burel eu via-lhe a perna nua, mordida do sol e castigada do matto. Tinha uma patorra larga, cavallar, mas o porte não era desairoso. A tromba, porém, era de bruta, com o nariz esparramado, a bocca muito fendida, pescoço chaveiro e pinta de cobra negra. Um magarefe da villa tinha-a montado, fazendo-lhe um filho que morrera das bexigas. Depois fôra de quem a cobiçava, de cão e de gato.

Como era uma pasmada, puxou logo alli paleio commigo, curiosa de saber quanta caça matava por dia e porque vinha para tão longe do convento. E lentamente, manso, manso, depois impetuoso, o desejo ateou-se em mim. Com ar de quem está contrafeito da posição, erguime e longamente espreguicei a molicie. A Maria Folexa, entretanto, volvera á sua lide.

— Queres que te ajude? — disse-lhe eu.

— O Libórinho tem as mãos muito mimosas... — retrucou-me n'uma gargalhada.

— Qual...

E hombro a hombro, metti-me a apanhar pinhas e tangos seccos do chão, sem voz, nem saliva na bocca. A fugir áquelle estupido enleio, fui a um pinheiro e rijamente puz-me a abanal-o. Como, porém, as pinhas não despegassem, em voz automatica murmurei:

— Não cahem!

Ella esganiçava-se toda, voltando para os meus seus olhos zarcos de olharapa. E não vendo outro recurso á denguice, peguei d'uma França verde e fui-lh'a pôr na abada.

— Isso não, — proferiu ella arrifando — que carrega muito.

Os raios azues de suas pupilas banhavam meus olhos torvados; travei-lhe do braço e ella, sem fazer força para desprender-se, exclamou baixinho:

— Ai! deixe-me!

Terçando-a então pela ilharga, tombei-a de costas. Soltou-se o avental e ella ficou estatelada no chão, de papo muito grave e olhos immoveis, fitos em mim. Lancei-me sobre ella, quando se pôz a espadanar com as pernas nuas, grossas e desconformes como caudas de peixe. E aquelle geito e a compostura sombria do rosto causaram-me tal confusão que, aparvalhadamente, levantei-me. Ella ergueu-se, tambem, n'um salto agil de cabra e, concertando a saia e espennujando-se toda, cacarejou:

— Sempre está um mau!

Depois que a matteira partiu, comprehendi, por associação dos outros animaes, que é pe-

cha da femea ser esquiva para dar aciume ao macho. A Maria Folexa não voltou, e nas horas lentas de lasseira, a imagem d'ella, por entre os troncos, fazia-me motetes chulos de magana.

Todo o longo verão eu repassava em mente, n'aquelle dia em que minha mãe, de dedos ageis, ficára concertando, d'uma velha garnacha de meu mestre, uma sotaina de ordinando. Porque já estava decidido que iria cursar theologia na velha cidade do Bispo Azul. A despeito de minha surda repugnancia, tive de render-me; rendi-me á força das coisas e, não menos, ás bôas razões de meu mestre.

— Liborio — dissera-me elle — a vida é curta e a pobreza longa e negra. A grande questão é menos viver a nosso gosto, que viver sem custo. Quem está contente da sua dita? Não creias que as coisas revistam na prática a rigidez que se lhes inculca em theoria. O homem é peccador, porque não havia de ser natural e, portanto, escusavel peccar o sacerdote? Não, não receies peccar racionalmente, sempre que a machina de viver para lá incline. Entra para a carreira ecclesiastica com animo de ser cumpridor, mas de modo algum a ser um menigrepo. As leis teem a maxima tensão para que d'ellas reçume alguma força. Assim na Egreja; muito rigor, muita ameaça, mas tudo apparente, tudo invencioneiro! Deus é melhor do que o que pintam os theologos; fez a vida, sabe que se não póde torcer o curso á vida. Se outra reluctancia não tens que a de ver a tua existencia mutilada dos raros gosos com que é licito contar um leigo, não te detenhas. Nosso Senhor fez nosso coração de molde a sentir o que é bom e a amar o que é bello. O

que é preciso é não ser escandaloso, porque não é a paixão que deslustra o homem, mas o escandalo. Póde-se muito bem ser cauto sem pedir a Satanaz a capa da hypocrisia. Muitos dos padres do meu tempo são honrados paes de familia, e ninguem lhes pede contas de tal humanidade.

Estavamos no presbyterio, á sombra dos carvalhos, e meu mestre, inadvertidamente, pôz-se a riscar com uma varinha o chão moido. Em sua fronte eu sentia a serena philosophia do homem que avista a tumba.

— E olha — tornou elle — eu sinto, tu não sentes? o vento de tempestade que sopra sobre esta terra de dez seculos. Longe vá o agouro, mas ia jurar que tristes dias vão amanhecer para ella, tão estimada que foi, n'outros tempos, do Senhor. E verás, as cidades hão de converter-se em charcos de desordem e de chacina. Por isso, mais vale o remanso da aldeola, onde os homens e as ideias sempre são menos feras que as feras! Deus ordenou-nos de viver, vivamos! ou n'outros termos, fujamos da dôr e da morte!

Com este e outros discursos e com o argumento esmagador de nossos poucos teres, preparou meu animo a requerer admissão ao Seminario. Minha moral havia-se amollecido e eu pensava que, ungido d'ordens maiores, não sendo honesto cobiçar uma D.ª Estephania, seria razoavel amar uma Celidonia. O problema do futuro expunha-me, mais que outro, o lado sexual. Não tinha bem o sentimento da vida, condemnada por fado nosso a comer, a vestir-se, a albergar-se, a viver materialmente, se bem que n'aquella tarde de rôias esquivas, cortando

d'aza veloz o céo alto, apreciasse por desaforo de minha mãe os horrores do estomago vasio, com tanta abundancia alli chasqueados pelo doutissimo Sousa, no *Doctor Perfectus*. Tratando das refeições do mestre eximio, ordena-lhe elle uma mesa selectissima de imperador romano da decadencia. Toda a volateria lhe poderá servir o mordomo desde o melro á gallinha de matto, o pescado d'agua salgada comtanto que fresco, e o marraninho que passou pelas unhas do capador. *Gallinarum carnes, gallorumque gallinaceorum, tum phasianarum avium, perdicum, columbarum, attagenum, turturum, turdorum, merularum et passerculorum omnium. Caro vervicina seu arietina bene digestiva et nutritiva et generat bonum sanguinem et maximé vervex qui est juvenis et castratus.* Mas acautela-o dos estrugidos e dos guisados, *quia ista cibaria et alia grossioria non conveniunt judicibus.* Para o meu appetite, n'aquella hora, acceitára, certo, linguas de sabiá e ovos de pingoim, mas sobre pratada de feijão fradinho.

As rôlas, porém, não vinham; talvez que uma presciencia mysteriosa as advertisse da sentença que alli lhes lavrava o *Doctor Perfectus*, a bem do entendimento fresco e ajuizado. E, em conformidade, considerei que se todos os doutores e mestraços, de que esta terra é alfôbre, trinchassem ave a modo de comer á tripa fôrra, se despovoaria o céo. Ia, entretanto, passando a hora em que a aza flebil ruflava sobre minha cabeça. O sol afundava-se n'um lençol de purpura para traz da Serra. O fumo negro da queiroga já subia lá em cima, em serpentes, sobre o logarejo negro. As rôlas, intimida-

das pelo vento que soprava sobre a tarde, teriam demandado acolheita mais benigna, no concavo dos oiteiros. Já ellas não appareceriam, que as peneirinhas planavam no ar e o hujo começava a carpir-se: *viram bois!* para os barrocaes.

Desilludido, pegando do alfarrabio e da escopeta, a passo lento metti para o mosteiro, por um crepusculo mansissimo. Um carro lá para a estrada romana que cantava—*chi-chi-herú*, os abelhões sarabandeando sobre as giestas n'um *ram-ram* de volante, eram todo o aggravo ao silencio.

Já tinham dado ave-marias, quando cheguei a S. Francisco. Meu pae esperava-me ao portão, para me dizer, mal assombrado:

— Vem a bôas horas! O snr. Padre-mestre está farto d'esperar por você.

Na livraria, a rezar o breviario á luz d'uma vela, defrontou-se-me meu bom mestre. Seu rosto estava muito triste, os hombros abatidos.

— Liborio — disse-me elle de chofre — não fôste admittido ao Seminario! A razão allegada é que quem entrou em arruaças contra padres não tem vocação para padre. Que ha de ser de ti? que ha de ser de ti?

XI

Saltava eu o muro da cêrca, muito sorrateiro e embuçado, quando minha mãe se descoseu da sombra, clamando:

— Foi para isso que mudaste a cama para o convento, piranga? Foi para isso? Oh! tolhidas te sejam as pernas! Vaes para a vida marota, oxalá que seja preciso ir buscar-te n'uma padiola! Malvado! Meliante! Tanto dinheiro que tem custado, e armar em trancarruas e jogador de quartilho! O senhor padre-mestre ha de saber a boa peseta que tu és...

— Vá deitar-se, santinha, que póde arrelampar! — respondi a minha mãe, em sotaque escarninho, já a cavalleiro do muro.

— Malvado, era o nosso ai-Jesu, deu-nos bom pago! Porque lhe não torci eu o pescoço ao nascer? Até Deus perdoava... Vae... vae, que muito pouco contará quem te não vir n'uma cadeia, ou de guarda-portão a uma casa de tias! E queria este figurilha dinheiro para ir para a Africa, ou lá para os cascos do demo? Cave-o, roube-o, peça-o ás favelcas, que de nossa mão não recebe mais uma sêde d'agua.

Pelo caminho fóra, as pragas zuniam como pedras. Eu parava-as de animo mais cascudo

que pelle de caimão, por serem proverbiaes na bocca de minha mãe e meu sentido estar longe.

— Excommungado sejas! — bradou ella mais forte — e que tanto descanso tu tenhas como descanso nos dás!

Cerrando-me mais no casaco de montanhaque, apertei o andar, para não a ouvir. Cahia uma d'estas geadas que sobradam a terra de codão tão duro, que os passos reboam como sobre abóbada. O frio mordiscava a orelha que nem dente d'alicate.

Para lá da revolta do caminho, ao tempo de ter depistado minha mãe, detive-me. Uma portaleira esborrondára-se na parede da quinta e abria o horizonte. Tudo era silencioso em tôrno a mim, um silencio leve, fluido, que parecia mesmo suspenso das malhas do luar. Só depois de ouvir o coração bater, percebi a cantilena da agua de mina e o rumor distante dos açudes. Era pelo janeiro, e uma lua muito estanhada branqueava de cal a terra. Os campos alagados das chuvas scintillavam; e, na manta alvacenta da noite, pareciam o lume muito vivo de espelhos descommunaes. Em baixo, para as bandas da Rua, as almargens brilhavam como lustres de cathedral; mais ao longe, na aduela do Tavora, a cheia do luar tinha uma côr opaca, de leite, que tudo confundia.

No espigão de S. Francisco mal negrejava a fiada longa das mattas; mas perto de mim os castanheiros, immensos em seu bracejar esqueletico, escorriam luar, bategas de luar. Uma tinta egual trocava-se entre o céo e a terra, dando ás coisas um vulto desconforme e phantastico. Como urca mysteriosa o convento sos-

sobrava n'um mar de fumo. Mais para baixo, a quinta parecia uma eira branca, d'uma brancura cortada a golpes rijos de luz.

Era esta uma das noites em que os lobos veem uivar na limpaça dos tesos; o céo estava coalhado d'estrellas e a terra, toda, possuida d'um frio são, de grande dignidade.

A furta-passo, rente ao muro, puz-me a arripiar caminho para a cardenha dos Violas. Estavam todos a pé e, muito lépida, no rosto um sorriso que alumiava, Celidonia veiu abrir a porta:

— Bofe, não tem medo ao frio!

Os Violas faziam serão na cozinha, em tôrno da boa braza de torgo. Um fumo leve vadiava, até encontrar respiradoiro nas raleiras da telha vã. Presa d'uma corrente de ferro, ao alto sobre o lume, a candeia de petroleo dançava. Dançava e lentamente ia passeando a sombra em redor, como a assignalar com o risco o trasteio da casa. A mão da dona não indicaria mais officiosamente que ella.

«Aqui está o galheiro! — enunciava — um, dois, tres, mais d'uma duzia de dentes... cada um para sua panella. Assim bocca para baixo, cu para riba, no ar borraçudo de gallinhas empoleiradas, não roubam assento, nem as quebra o demo. O tanheiro é este rolo de castanho prantado a pino; negro, seboso, como não? Dentro está o sal, o unto e a carniça sentenciada a fazer olha. E' a succursal da salgadeira e, ainda que os Violas não matem *preto,* sempre ha uma alma boa que, por um mandarete, um recado, sete fallinhas doces, os convida com a sua chouriça moira, o naco de cobro ou de pespé. Lá presunto não que é petisco d'en-

cher e anda ahi o Paulo de Segões, que arrebanha tudo quanto lhe offerecem, de porco mesmo que não morreu no chiadoiro tanto lhe monta, a quatorze vintens o kilo, para os figuros de Lisboa. O cantaro, sobre uma rosca de palha por môr dos toques, assesta aquella bocca redonda da cantareira. Está desazado, como bombarda provada no zafarrancho das batalhas. Uma espiga de centeio veda-lhe no bojo a veia d'agua. E, alli na sombra, a par das pilhas de malgas emborcadas, com o ventre desmedido de tarraco, parece um manipanso affavel e protector.

Na pilheira branquejam as cinzas, que nunca o fogo se apaga em casa dos Violas. Louvores a Deus, póde faltar o pão no açafate, mas nunca a lenha no canto! O matto apodrece nas tapadas ricas e com o inverno afrouxa o olho do dono e do couteiro. A mãe Violas tem pé leve e, nos dias em que faz o correio, tango aqui, toco acolá, molho á cabeça e ala que se faz tarde! O Zé Violas tambem não é fruste a mattejar; podôa n'um bolso da véstia, enleias no outro, zas-traz moitas do diabo, e bufa para ahi ladrão de vento, vae roncar a outra porta que a braza está bem accesa! D'este desbarato de lenhas aufere a mãe Violas boa propina; a cinza vende-se mais cara que o sal, para as barrellas, os linhares e os alqueives cançados. E veniaga, então, de mais procura que os *póses* da botica!

A casa é de pobres — parece dizer a candeia á gente extranha — mas não deita mau olhado. Negra, sim, que o fumo é um tintureiro de má morte; mas varridinha, escarolada, mais que as casas de grande lide, onde ha de tudo muito.

Celidonia é uma mulherzinha muito governada e videira!»

Telha vã, cozinha á entrada, dois quartos divididos por taipal de ripa, era toda a choupana dos Violas. O José dormia no sotão independente do mosteiro, que pega com a sacristia. Meu bom mestre dera-lhe a chave e, como era d'abóbada e com soalho ainda que sem janella, estava aposentado que nem um principe.

Nas noites d'inverno, como aquella, os Violas seroavam. A mãe Violas, acocorada sobre o borralho, espigava uma rocada d'estopa e Celidonia fazia meia. Com deleite eu via seus dedos finos e ageis arrancar dos moldes a malha bem urdida. Escarranchado n'um mocho, o velho concertava um galrito. Eu sentára-me ao lado de Celidonia e sentia contra minha perna seu corpo quente e confiado.

— Então esses peixes, tio Manuel? — disse eu ao velho.

A mãe Violas atravessou-se como era balda sua.

— E' pouco afortunado! — exclamou ella — Só pesca kágados.

— Havia de pescar bacalhaus! — rosnou elle, sem parar d'entremetter os liços pelas malhas desfeitas — Estuporaram tudo com a coca...

— Faz o que póde! — proferiu Celidonia — Um dia d'estes, senhora mãe, não trouxe uma grande truta?...

— O tempo não vae bom para galritos — tornou o velho. — Com o luar que faz, os peixes vêem a rêde e arrecuam. E mais as trutas, que são umas matreironas!... Noites boas são as dos quartos, quando está manso e escuro.

Pr'a então, os peixes pellam-se por passear nas regueiras...

E, sobre a resposta do velho, ficamos silenciosos, porque tendo eu entrada assidua na casa o silencio entre nós já não era molesto. Umas noites por outras, ia alli passar um boccado de serão, desde o dia em que o José Violas topando-me tresnoitado pelos caminhos, porque minha mãe me trancára as portas, para lá me puxára. Eu sentia-me ditoso n'aquelle lar pobre, que a face florida de Celidonia alegrava. De tempos a tempos, nossos olhos, encontrando-se, trocavam uma longa palestra d'amor.

— Ai! — não se esquecia de exclamar a mãe Violas, n'uma careta de susto — Se a D.ª Maria José soubesse que o Liborinho está a par de nós, cahia p'ra ahi o mosteiro com berros.

Para socegal-a, revelava-lhe meus ardis de prudente, mas o instincto selvagem mantinha-se álerta. A's vezes figurava-se-nos ouvir sapejar no caminho; a mãe Violas levava o dedo aos labios e, pé ante pé, ia ao buraco rolhado ao inverno que deitava para o oiteiro. E voltando, n'um grande arrepio de frio, declarava:

— Não se tosca viv'alma! Aquillo foi por lá cão... Mas por quem é, Liborinho, abrande a falla, que sua mãe não é mulher, é o demonio!

Dia em que fôsse afortunado na caça, ceotava-se em casa dos Violas. Deixando cahir a noite, a furto vinha trazer-lhes o coelho fisgado no covil e até a lebre, abatida por um milagre da minha pontaria esparvadiça. Em tal contribuição, punha grande contentamento não só pelo orgulho que me reportava, mas tam-

bem pelo regalo que os Violas, na condição de pobres e portanto de lambareiros, tinham com a comezaina. A Rita Violas enchia um prato para mim e uma almofia commum para elles. Sôfrego, atolambado, sem erguer olhos, o velho devorava; não era uma bocca, mas machina a retraçar; o garfo d'elle, ás vezes, encontrava a posta espetada e, rape, bifava-a.

— Homem, sempre está um lambão! — dizia o José olhando-o de revez n'um grande ar de nausea. — Parece que tem fome canina!...

— Não se arrufem, — intervinha conciliadora a mãe Violas — que a caçoila ainda tem.

Ao fim da festança, o velho limpava a barbella ao canhão da véstia e, cilhando as mãos na barriga farta, ficava-se a namorar a botelha, d'olhos muito bogalhudos, na febre de lhe metter uma ultima estocada. Mas o José só lhe cedia os escorrilhos, e o Violas, depois de a empinar, de a escorripichar, de lhe sorver o tarro, mofino murmurava:

— Não tinha p'ra regar o umbigo!

A queiroga ardia rechinando; Celidonia punha-se a lavar a loiça, n'um cascalhar alegre de cymbalos. No telhado, a invernia fazia um restolhadoiro de vaccada a correr pelos milharaes. Com o ventre fôrro e o cadaver emmornecido da pinga e do brazido, era a hora da franca cavaqueira. O José alardeava sua ropia de malhador e de ganhão; ninguem, como elle, fazia zurrar uma lagea; nas malhas da Serra é que se via, cant'és no valle eram eiradas de borra e quemquer era boa mangoeira!... O verdasco tambem levava o catatau; cabaça aos beiços e ou ella escangalhava para alli as tripas, ou dava um estoiro que nunca mais era

vasilha. Rebentar uma cabaça só uma vez o vira fazer ao Carradas de Soutosa. Tambem era o *alamão* d'um homem! Peito que nem os encontros d'um boi!

O pae, d'olhos no brazeiro, bambaleava a cabeça, á qual as sombras carregavam o tom melancholico d'orate. De mãos enclavinhadas, os dois pollegares bailavam um com o outro uma ronda furtiva e interminavel. E pareciame ver-lhe passar no cerebro, lenta como larva, a longinqua prosapia de moço.

— Rapazes d'agora só para fanfar é que servem! Ah! Cristina! — gosmava elle.

Muito amorudo de sua pessoa e desboccado, o Zé fazia estendal de façanhas, as mulheres que se babavam por elle, os barulhos que punham uma feira d'alevante, os despiques á zanguizarra. Tambem tinha mais fama que o capador de S. Joanninho! Lá vem o Zé Violas na malta, eh rapazes! e os varapaus tumba, catumba uns nos outros, até á tropa mettiam respeito! A chronica do valentão topava, ás vezes, com nome do Rolim, e eu sentia uma sensação de nojo passar rastejante. A mãe Violas, se estava a fiar, torcia-se mais sobre a rocada a lamber a estriga. Que era feito do pobre lobo? — perguntava-me eu. Mas, sem demora, meu sentido seguia o rumo feliz, gosando o joelho de Celidonia amparado ao meu joelho.

Enfadado, ou excitado pelo echo de suas andanças, o Zé Violas punha-se a pé com o cheiro na fragalhotice. A mãe Violas detinha-o:

— Espera lá, cabo dos trabalhos, que ainda não démos graças a Deus. Reze lá, Liborinho...

Escusava-me, allegando a ignorancia do devocional. Ella, então, porque seu marido ha

muito que não sabia encarreirar, puxando para o meio da roda o açafate em que haviam sobrado migalhas, em voz cantante officiava. Tinhamos as mãos erguidas, e os padre-nossos e as aves passavam ciciando nos labios. Na fogueira estralejavam os tocos e ouvia-se um vento damnado assobiar no morro de S. Francisco.

— S. Gonçalo nos dê boa companheira para a noite e para o dia, p. n.

A este voto, eu e Celidonia cruzavamos uma ligeira e jovial momice de amorosos. A anjos e a santos, a virgens e doutores se expunha requerimento e se offerecia oblata. Cançadas de tão longa romaria pelo reino da gloria, as mãos do velho pendiam. Com redobrado fervor a Rita Violas elevava a supplica derradeira. E, rumorosamente como quem larga laboriosa faina, persignavamo-nos.

— Deite-me a benção, senhor pae! deite-me a benção, senhora mãe! — exclamava Celidonia, de mãos postas para elles.

— A benção de Deus te cubra e te faça uma santinha! — respondiam ao mesmo tempo.

O Zé abalava, fazendo martellar a porta contra a fecheleira, n'um grande alarido de tamancos ferrados.

— E' um lériante, este meu filho! — murmurava a mãe Violas, volvendo-se para mim — Olhe que a estas horas ainda vae para a maroteira.

Fazia-se silencio e n'elle, como aza de passaro, atravessava o doce fungar do fuso. Lentamente, a vozes espaçadas que eram borbotões do pensamento não se suspendendo de correr, alludiamos a minha mãe como crea-

tura de mau genio, e a meu bom mestre que já tinha marcado um logar no céo. O velho tosquenejava e, erguendo-se de arrepellão, apoiado á pedra da pilheira plantava-se sobre um pé e passeava o outro vagarosamente sobre as brazas. Depois, feita a operação ao invez, com as solas a escaldar, arrotando de farto, dava as santas noites e ia á deita.

Celidonia espevitava o lume, pondo um cavaco mais. Em voz muito terna, quási confidencial, Rita Violas afoutava-se a inquirir dos meus planos de futuro, como mãe que, sem o denotar, estava ao corrente de inclinação para com a filha e d'ella era gostosa cumplice. Em seu foro humilde, devia andar lisonjeada que um fidalguinho de tanto saber, que não fossava na terra, requestasse Celidonia. Eu comprehendia seu jubilo e vaidade, não lhes soprando porque era indole minha ser timido e recatado. Seus silencios eram mais indiscretos que as fallas na arte de dissimular. O regalo d'ella seria que eu lhe declarasse: Tia Rita, gosto de Celidonia, dá-m'a? E eu só me pronunciava com o enleio do coração simples que ainda não ordenou seu destino. Uma subtileza singular, instinctiva, á *maître Renart*, resguardava-a, no emtanto, de fazer taboa raza de meu affecto. Mas bem se lhe percebia no pensar ter-me como cahido n'aquelle estado da luxuosa manobra, de envolvente tagaté do sexo que padrea: anda a rentar á rapariga!

Em nome dos cabellos brancos, pela longa prática que tinha da vida, dava-me conselhos. «Pena era que me não tivesse ordenado, que os padres são uns regalões, que fazem o que querem com uma perna ás costas. Gos-

tava d'uma moça, quem me pegava de viver com ella de cama e mesa, em boa maridança? Pena era!... mas havia outros ganha-pães, se havia... Não me agradava ser escrivão, um d'aquelles soberbaços com os dedos cheios de anneis e então com uma coronha que parecem senhores do mundo?! Aquillo é que era vida! Quando ia a Moimenta buscar o correio, raro era o dia que não topava o Callixto recebedor, em passeata pela estrada, muito liró, bengala na unha, todo farofia. Só de vel-o, se podia avaliar o que vale a um homem ter mammadeira do governo. Eh! e nada lhes chega! Já ouvira por ahi dizer que este tal Callixto era um ratoneiro de sete costados, que roubára a um padre já velhinho tres centos de mil réis, por artes da vermelhinha. Afinal eu lá sabia! Ir para a Africa ou para o Brazil tambem podia deixar, mas era lá tão longe!... quem sabe das voltas que o mundo dava?...»

O receio d'ella era comprehensivel e socegava-a; tinha em mira, sobretudo, socegar a minha doce Celidonia que, muda e d'olhos a pestanejar mais que de razão, ouvia como se fallassemos d'ella por detraz d'uma porta. «Sim, talvez embarcasse, mas depois de deixar minha vida determinada, como quem se despede para todo o sempre d'um passado que se não pensa recorrer.» Ambas comprehendiam e, d'olhos postos nas brazas, que se esfarellavam em oiro, scismariam, de certo, n'essa hora livida da aurora em que eu de sacco na mão, e Celidonia embrulhada n'um chaile novo, a tiritar, tomariamos a carripana do Céguinho para longes terras.

A noite ia dobando... fallava em retirar-me e

não despegava d'alli. A mãe Violas, queixando-se muito de dôres nas cruzes, despedia-se e deixava-nos sós á lareira. Era por este instante, que só de melindre não prolongava, que daria todas as canceiras de mil vidas que tivesse. Celidonia, já nada esquiva, vinha a um aceno meu sentar-se no banco em que eu me sentava, e, como era acanhado, nossas carnes fundiam-se. Passava-lhe o braço na cintura e um pouco pallida, os olhos mais lentos, sua bocca submissa cedia á minha bocca. Não diziamos: amo-te! Celidonia tinha a aversão das palavras e um pudor de virgem selvagem em assoalhar sentimentos. Mas entre os ligeiros fremitos da desejosa, distinguia a ternura ineffavel. Silenciosa, delicada, instinctiva, Celidonia era minha! seria minha! E partia d'alli, inundado de uma consolação altiva que branqueava a noite, e depunha em minha alma uma força inexgottavel de optimismo para renhir o mundo todo.

Manso, subtil, leve da força que me alava, recolhia-me ao mosteiro, onde transportára o aposento, como resolutivo ás brigas com minha mãe. Alli aldemenos era senhor; batendo o dente de frio, com o estomago muitas vezes a ladrar, sentia-me n'aquelle paredeiro como castellão que desbaratou a fazenda mas não perdeu a altanaria.

Pata-ao-léo, o cachorro com que me brindára o sr. Chinoca, era-me solicito como um escudeiro. Ao desandar a chave da porta, já o ouvia gemebundo de prazer, prestes a saltar-me ao peito n'um desafogo prolixo de saudades. Tinha uma cabeça muito grande e massiça, quási comica pelo movediço e rasgado dos olhos, todo negro afóra uma das patas que era branca de

neve. Por isso o parecer d'elle era pittoresco, figurando-se que trazia a mão enluvada, ou que de todo o corpo trajado de béca sómente a mão punha a nú. As sombras das grandes salas desertas não lhe causavam medo; em espirito forte, só cria nas ratazanas que sarabandeavam pelos escanos do soalho e nas aves nocturnas que se esganiçavam nos forros. Nos olhos e nos geitos lia-se-lhe um sentimento muito materialista d'aquella mansão dolente, tão populosa em espectros. E eu que nunca apreciei os poetas, por este caracter prosaico o estimava.

O perfume dos tempos roçava-me a face qual mão amollecida d'um morto, mal transpunha os humbraes. Riscava um phosphoro e as sombras punham-se a bailar contra mim, a arremetter, a querer apagar a luz, n'um saracote lugubre de machabeos que avançassem por detraz de mantos negros. Um clarão salitroso esverdeava as paredes, velhas de cinco seculos. E entrava na livraria, perseguido pelo roldão de vazios das salas incommensuraveis.

A preguiceira dos frades servia-me de catre e de armario. No vão profundo recolhia, ao levantar, a enxerga e as cobertas, a bem do decoro que convinha manter por um recinto em que formavam conclave os famosos luminares da Egreja. E ainda sobrava o espaço d'um esquife para me amortalhar dentro.

Pata-ao-léo, sentado sobre os quadris, d'orelhas derrubadas e focinho marralheiro, espiava-me o deitar. Até me ver na cama, não se lhe extinguia nas pupillas a esperança de que de meus bolsos, miraculosamente, despegasse côdea de pão ou coisa com que regalar a gula. Esta mania aprendera-a com os garotos que,

arreceando-o, o convidavam. Desilludido finalmente, rolava-se na esteira á borda da cama e, estendendo a tromba sobre a pata branca, fechava as palpebras. Se o gosto de ler me detinha de castiçal acceso, a qualquer movimento mais accentuado, alçava a cabeça a contemplar-me. E percebia-lhe no geito esta pergunta:

— E' preciso alguma coisa?

A's vezes, insomnia, pezadelo, a bulha infernal das corujas levava-me a accender a vela pela noite alta. *Pata-ao-léo* acordava, miravame e, percebendo sua orelha subtil um ruido qualquer para as cellas distantes, de focinho em riste, largava de rota batida em exploração. E, tornando á beira do catre, meneando a cauda, d'olhos muito ironicos dava-me conta do recado:

— Pateta, tens medo?... Eram os musaranhos.

Estendia o braço e, afagando-lhe a cabeça fiel, murmurava:

— *Pata-ao-léo,* não tenho medo; deite-se.

Dobrava as pernas... quedava-se um momento a scismar de fronte erguida, e adormecia.

De muito má andança foi aquelle longo inverno em S. Francisco. As nuvens, quási sempre mais pejadas d'agua que odres, e então um suão que parecia todos os foles do inferno a bufar ao desafio! Eu enregelava no convento, como nobre senhor arruinado, soberbo de seu pendão e caldeira. A invernia assediava-me, espichando a agua pelas vidraças partidas que debalde calafetára com os massudos tomos do *Zodiaco Soberano.* A atmosphera andava impregnada do mofo dos velhos ser-

monarios, desfolhados pelo vento. E, quando ao deitar soprava a luz, sentia-me nas trevas d'um antro, bafientas e densas de mil seculos immoveis. Porque meu espirito estava com Celidonia na leda e imprecisa vagueação de quem ama e é amado, toda a secreta convulsão do mosteiro decorria, sem me ferir. O madeirame podrido estoirava, e era no silencio a explosão imprevista d'um estertor. Os ratos corriam velleiros tap-tap, escarmentados das aves que, de pupilla em fogo, devassavam suas passeatas nas sombras. Ouviam-se piar e espennujar-se para a egreja que, d'aquelle piso, se afundava no solo como porão de navio. Alli era a sua acolheita predilecta, porque a nave era espaçosa como gare e emmaranhada como bosque. Ronceiras, na noite calada, se iam á caça pelo corredor e pelas cellas. E, quando preavam o morganho, que famelicamente roia a taboa do soalho, um motim d'azas e de vozes, fanfarrão, por sobre a chiada da presa, alvoroçava o silencio. A vida tambem alli se revelava n'um cyclo fatal de violencias. N'aquelle meu paço solitario, a fome, desde o castellão aos ratos, tinha uma agudeza cruel de feudalidade.

Nas noites de temporal, succedia o vento desconjunctar dos encaixes, na ala que abatera, a empena d'uma fresta. E com ella se ficava a rufar um batuque monotono, insupportavel, contumaz como pancada de relogio. Agastavam-se-me os nervos a ouvil-o e não podia cobrar somno. E toda a noite decorria aquelle compasso cyclopico, tão molesto, que dava vontade de ladrar.

O convento tinha uma grande vida nocturna

que as trevas avolumavam. Importuna aos sentidos e não menos louca ao pensamento. Alli, n'aquella preguiceira em que dormia, tinha-se recostado uma geração de monges; alli, n'aquellas taboas, aspirando o ar na mesma cubagem onde eu o estava aspirando. Alguns teriam amado uma doce Celidonia; e de tanto amor não perdurára um soluço. Lá em baixo, na egreja, sob as lanchas quadradas do lagedo, dormiam bem adormecidos. Pensava n'elles! não como defunctos que viessem, quebrado o somno, esvoaçar em tôrno de meu somno; mas em que eram a desesperadora resultante de tanto amar e soffrer, a minha resultante. Tinha d'este geito os pés n'um cemiterio e a alma no paraizo que forjára com Celidonia. A imagem de minha terna amiga fallava-me:

— Que importa a morte, se na vida ha uns segundos d'amor satisfeito?

E, ao lado de *Pata-ao-léo,* positivo e equilibrado como Voltaire, adormecia.

Acordava tarde, quando já se ouvia o chocalho dos gados, tasquinhando os codeços do oiteiro. O cãosito trotava pelo corredor ou, decima dos poiaes das janellas, contemplava, ganindo de impaciencia, a cêrca onde lhe seria gostoso cabriolar. Mal que me via d'olhos abertos, saltando sobre a preguiceira tentava lamber-me o rosto, cheio de lamuria e de denguice; mas porque era sabio, conhecendo por experiencia que o homem é tyranno e caprichoso, rolava-se-me aos pés grunhindo, resignado a que a porta se abrisse por alvedrio de seu senhor. A's vezes apiedava-me e ia-lhe abrir; e como setta atravessava a rua de buxo, direito á casa

dos Terceiros onde havia migalhas e, de longe em longe um sarrafo de carne, esquecido sobre a mesa, a bifar.

Como era cão de caça e lazarento, tinha manhas de larapio o que o tornava detestavel a meus paes.

Levantava-me tarde, depois de grande lucta de vontade. A luz turva da manhã d'inverno, o vento que ringia na ala desmoronada, a immovel paz dos livros, devaneios, enliçavam-me na preguiceira, lasso e frouxo como um canarim. Deante, sobre a peanha d'anjos, o baldaquino brilhava, batido de chapa pela luz do dia. Para que os olhos maguados do Christo não presenciassem minhas cerimonias intimas de toncador tinha corrido a cortina sobre elle. Por cima de minha cabeça, Fr. Encerrabodes continuava a presidir áquelle concilio de prégadores portentos e de doutores irrefragaveis. E, como pessoa muito cortez, parca de vozes, d'olhos sorridentes, parecia incitar-me á benignidade, virtude muito favorita do Espirito Santo. Ocioso, vagabundo, meu espirito focava-se nas prateleiras raleadas das estantes. Mentalmente, punha-me a contar os auctores, a decifrar as lombadas em que havia esmaecido o oiro dos titulos, a discorrer sobre suas excellencias. Uma capa em pergaminho, anonyma, espicaçava minha curiosidade; e n'um salto veloz ia harpoar, entre a população dos doutores, um moralista que offerecia o tratado á *Beatissimae Virgini Deiparae!*

Estes lazeres, Celidonia, a tineira da caça e, muito de passagem, o problema do futuro enchiam as manhãs d'inverno. Abominavelmente ia resvalando na ociosidade e, quando decidia

vestir-me, estava cançado como homem que andasse a pegar toiros.

No teso, os pinheiros engalriçados e o souto sem folhas tremulavam aos açoites da ventania. Uma atmosphera mais opaca que panno de tomentos entristecia a terra. As aguas corriam a monte das minas e, extravasando, afogavam a toada do chafariz, tão melancholica pelo estio fóra. A cêrca, sem outra vegetação que os renques de buxo e os loireiros, com as latadas despidas, era mais soturna que uma lauda d'antiphonario.

Na casa dos Terceiros, meus paes tinham almoçado, ha que mundos. Sem proferir palavra, ia ao rebusco do que sobejára ou do que havia em reserva. Na sala, muito perto da janella por môr da claridade, minha mãe, proseguia na costura, sem se importar commigo. A's vezes, quando para refeição se me não deparava mais que uma côdea de broa, uma palavra d'enfado fugia-me dos labios. Minha mãe quebrava, logo, o mutismo com me conjurar a que fôsse ganhar a vida ao Ladario ou a casa do diabo, e não estar alli a sorver o triste suor dos velhos. E porque taes palavras não me pareciam falhas de justiça, cheio de tristura ia enclausurar-me novamente no mosteiro, se o tempo me tolhia de bater as devezas atraz d'um bando de perdizes até o estafar, ou na cóla d'uma lebre, escapa ás montarias do outomno.

Passeando de cá para lá e de lá para cá no corredor, desde a livraria á janella que distinguia o morrião fusco de Penedono, deixava-me encharcar de grande taciturnidade da natureza. Para que se me alegrassem os olhos, era pre-

ciso ver passaritar Celidonia pela quinta como nas formosas tardes de verão. Mas ella lidairava na casinha pobre, trazendo-me por certo no pensamento. E, julgando-me presente comsigo, espalhava tambem com ella minha soledade. Meu regalo seria que as horas fôssem tomadas de vertigem e que uma a uma, como gottas ligeiras, cahissem no açude sem fundo da eternidade. Mau grado meu, corriam molles, silenciosas, carregadas do torpor d'aquelles dias de morrinha, vendo-se os minutos singrar n'ellas mansos e sorrateiros como palmipedes pretos n'um charco.

Por vezes vinham-me phrenesis de negregado, e debaixo d'aguaceiro mettia para o presbyterio como para logar de consolação. Meu bom mestre, mais abatido e mais lento, mas immarcessivel aquella bizarria d'animo, que parecia flôr de todas as quadras. Ao proposito reiterado d'embarcar para a America ou Africa exercer um mister tão vago como o meu destino, respondia-me que andava estudando o assumpto. De sobra sabia eu que seu coração velava; Gertrudes, que era linguareira e a bondade em pessoa, punha-me ao facto de instancias que, só por baldadas, meu mestre me escondia.

— Anjo bento! — exclamava ella — ir viver para terra de pretos... Isso só os degredados!

Havia sempre um talher á mesa de meu mestre, para mim, mas esquivava-me de ser assiduo. Em seu parecer tão doce e extremoso sentia, por contraste, a reprovação de meus dislates e a vergonha de minha inutilidade. Amando-o cada vez mais, alliviava-me; e grande regosijo

era o meu, quando lhe remettia as primicias de todas as caçadas venturosas.

Com o snr. Chinoca boticario, compartia tambem os morosos dias d'inverno. O snr. Chinoca olhava-me com muito agrado e acabára em me tratar por tu n'um ousio á confiança. Em voz altiloqua lia-me litteratura avançada e artigos virulentos de gazetas tangefolles. A sua garganta desconhecia o tom usual da voz humana; declamava. Os monarchicos caçoavam d'elle, endossando-lhe a truculencia e as apostrophes de Marat. Aborrido d'uma parte, enlevado d'outra no amor de Celidonia, respeitava-lhe aquella sua ideia fixa de catechisar-me. Em tom orgulhoso, assentando-me uma palmadinha na espadua, dizia:

— Ainda has de deitar bombas! Tão certo!...

Como prevenção d'ordem alguma lastrasse meu entendimento, certas ideias de muitas que me prégava, pareciam-me sensatas e acceitaveis. Pobre, desvalido, amante só lhe antepunha a resistencia das opiniões claras de meu mestre. A casa nova, que havia tempos se carpintejava em mim, mobilava-se.

A minha maior occupação era desbaratar os dias; á noite abalava de meu paço senhorial e, se o fito de depistar minha mãe e de ser discreto perante a Rita Violas e o filho me apartava de Celidonia, seguia para os povos visinhos, Arcozellos ou Mileu, onde pelo inverno fóra ha serões nos estabulos e jogatilha nas vendas. Aparceirando com maltas de varapau e capucha, brigava uma partida de chincalhão ou de bisca samarreira a bolos de pataco e a quartilho. A's vezes arranchava comnosco o senhor mestre primario e a banca urbanisava-

se. O meu rol na taverna da Bonifacia e no Joaquim da Belisarda subia já a somma de enforcar um labrego.

Nas noites de descante, acompanhava a rusga para os serões das Barrocas e da tia Songa. As raparigas sacudiam o *artaficio,* e aos pulos, atropelante, brutal, a kermesse desfilava sobre o palhuço das vaccas. A viola do Caria couteiro, damnada, desemperrava pés e gargantas. Sobre ella, um cantador de petisca a pingar dos beiços, a mão tente na ilharga, improvisava:

Ai! quero bem ó cigarro,
Indas que custa dinheiro,
De noite, quando namoro,
Serve-me d'alcoviteiro.

E dlam-dlam, dlam-dlim; dlam-dlim, dlim-dlom, as danças rodopiavam. Uma atmosphera peganhosa, feita de suor, vapores d'excrementos, halitos irrenovados tornava mais sensual a chula sensual. Depunha a um canto o brejoeiro e, na muda expectação de todos, punha-me a aparar o fado com a Anna Poteborneo, moça rija e desenxovalhada. E noite alta, já os gallos tinham cantado pelos poleiros, sahiamos do serão das Barrocas, pela quintã escura fóra, abraçadinhos e cachondos. Foi n'uma d'essas largadas que a Anna me deu um beijo, rapido, imprevisto, que me não deixou pregar olho toda a noite. Aguardei; e um dia que, por estar perto a alva, se decidiu pernoitar no serão e apagar a luz, ciosa mas temente, esquiva mas intimidada de aboccanhar minha porfia, a Anna entregou-se. E foi aquelle um

abraço em que se polarisou toda a minha continencia de donzel.

D'essa hora em deante a Anna Poteborneo, minha prazenteira mestra d'amor, recebeu-me algumas vezes em sua cama de bancos, entre mantas de burel. O padrasto, com que vivia, era um velho morfanho e desconfiado e estorvava-nos. No campo, uma occasião ainda, a Anna abriu-me os braços entre duas tojeiras, ao abrigo d'uma giesta. E, porque não perdera de todo a memoria classica, aquella scena fôra entranhadamente Theocrito.

Uma luxuria impetuosa, insatisfeita, estuava em meu ser até esparrinhar sobre Celidonia, a minha coelhinha loura. Mas a reserva dilatada em que medrára este amor continha-me. Celidonia ficava Celidonia. N'aquelle longo inverno em S. Francisco, cercado da natureza na feição primitiva, regressei; regressei á minha cepa plebleia, de pau e manta, que não sabia latim e ignorava as theorias da felicidade.

XII

O sr. Chinoca pharmaceutico, por uma tarde de borraceiro, despachou um proprio com carta sua a dizer que tinha necessidade instante de me fallar. Uma só phrase, lettra nervosa mais que de razão, ainda para homem que o commercio de botica, durante meio seculo, conduzisse a arremedar a escriptura dos doutores. Em consideração, pois, d'um accidente imprevisto na vida do sr. Chinoca, puz-me logo a caminho, seguido de *Pata-ao-léo,* e de espingarda, porque á volta fazia escuro e os lobos andavam sobejos.

A casa d'elle erguia-se ás portas da villa, por traz d'uma parede mestra de quintal com cancella vermelha, em boa pedra de fiada e cornija bojuda d'abbadia. Uma varanda alpendurada a nascente banhava-a de sol. O sr. Chinoca passava alli n'uma cadeira d'embarcadiço os dias benignos d'inverno, devorando leitura de pedreiro livre entre os voejos das pombas que vinham, mansas, comer á sua mão. Como não tivesse mulher nem filhos, acasalou Chinoca com a moça, creatura séria e escarolada, que não punha pé na egreja, nem tampouco rompia sola em festas. Chamava-se Angela e,

além de airosa e delicada, parecia-me contente d'amar e de servir. Eu nunca descobri fastio em seus labios sempre risonhos. Chinoca tratava-a como escrava gentil, que entra no leito senhorial. Guardando seu plano humilde, ella dava senhoria a Chinoca e n'isso eu via o sentimento d'uma alma pudibunda e inalteravel. A estes dotes tão adoraveis, alliava a virtude antiga de não saber ler nem escrever. Angela, cozinhando bem, era quási uma mulher de patriarcha.

Chinoca, pouco prestadio e mazombo, não era estimado. A villa, que aos domingos arrota mão de vacca, apontava-o dispicientemente: é um javardo! Chinoca, não sendo mexeriqueiro na terra mexeriqueira, vedava-lhe a porta. A outra parte, a dos tendeiros, dos beleguins, dos carroceiros, dos *mechanicos* tinha-o na conta de um judeu com pacta com o demonio, não se passando dia que não jogasse naifadas á hostia santissima. Eu professava um conceito favoravel sobre o sr. Chinoca, rebelde a Deus e aos homens.

Cheguei á villa, entrada já aquella noite choviscosa d'inverno. O sr. Chinoca, advertido por *Pata-ao-léo,* esperava-me no alto da escaleira, risonho, gososo, de candieiro em punho. O aperto de mão, que me deu, foi cheio de boas e mysteriosas alviçaras e, ao reparar em meu fato encharcado, longo de bem-hajas.

E, arrastando-me para a alcôva, pôz-me por deante umas pantalonas russas de pernalta e umas chinelas de liga, que os joanetes tinham assignalado de bossas respeitaveis.

Quiz recusar, mas elle fulminou-me com um

das suas sentenças, provadas em meio seculo d'espatula e de almofariz:

— Vale mais apanhar um tiro que rheumatismo. Muda-te, homem! E' emquanto se não enxuga a roupa.

Obedeci; e ridiculo, melestreado, a cheirar a tunica de defuncto, levou-me para o escriptorio, onde uma roda de sujeitos estava praticando em tom acceso.

O meu trajo devia escandalisar alguns d'aquelles cavalheiros, porque de subito lhes descobri, á flôr do rosto, uma ironia sacripanta. O sr. Chinoca apressou-se, porém, a cohonestar meu estrambotico guarda-roupa, referindo, em seguida, que debaixo de molha já uma vez, em terras do Barroso, enfiára á falta de trajo mais digno uma vasquinha de mulher. E oh! meus amigos, deitava um rescaldo ao bodum!...

Celebrou-se a anedocta e, com grande engenho de traça, o sr. Chinoca passou, ao apresentar-me, do tom jocoso ao tom solemne:

— Liborio Barradas, que aqui vêdes, correligionarios, já tem esporins d'oiro, ganhos em Lamego a batalhar pela liberdade. E' um heroe e um crente! E ainda mais que isso-é uma victima! O Seminario fechou-lhe as portas, e perdôe-me elle esta manifestação egoista, aos padres d'aqui envio o meu bem-haja por nos terem devolvido um luctador! Outrosim me felicito, por ser o meu braço que o conduziu definitivamente até nossos arraiaes! Esses livros (Chinoca apontava, com o dedo ennegrecido das drogas e do tabaco, as duas estantes de casquinha) communicaram expressão ao seu instincto de revolta; a todos leu e ponderou. E hoje, podia jural-o pelas cinzas dos nossos

martyres, Liborio Barradas não é apenas o revolucionario capaz de empunhar uma espingarda, mas o cerebro apto a fazer vingar uma ideia. Meus amigos, aqui vos trago um valioso combatente!

E o sr. Chinoca foi declinando nomes e eu apertando mãos. Seriam passante de dez figuras, entre as quaes algumas já minhas conhecidas e, de todo, não me extranhas outras.

O Nagoza, que tinha uma lojinha de barbear e que a este mister reunia o de servente e distribuidor dos correios e telegraphos, cresceu para mim de mão alçada, exultando:

— Toque!

E o sr. Manuel Antunes, com fabrica de manteiga e loja de seccos e molhados, n'um equivoco de parentesco, veiu entoar o elogio do sr. Padre-mestre, «meu padrinho», um caraunhaca de sacerdote, com quem dava pena não ser christão. Lá com elle ainda seria capaz de baptisar os filhos pelo ecclesiastico, se adregasse a tel-os, que a mulher era enxuta como sardinha corchada.

Entretanto o snr. Chinoca, de mão ao alto a adejar como aza de açor, requeria silencio. Mas a balburdia não desatava em volta de mim, neophyto e martyr, e o Zé Nina que, além de primo em quarto grau de Chinoca, possuia seringais no Amazonas e era da maçonaria, clamou n'uma voz forte de tonel:

— C'os diabos! mettam a sanfôna no sacco e haja compostura!

— Convoquei-vos para um assumpto muito grave e urgente... — pronunciou o snr. Chinoca, em tom vagaroso, sobre a assembleia

acalmada. — De mão propria me foi entregue, esta manhã, o documento seguinte...

E desdobrando um papel, na syllabação estudada de joven cura ao ler a epistola *in illo tempore,* declamou-nos uma longa circular da Junta republicana. Terminada a leitura, passeando um olhar pathetico sobre os semblantes patheticos, murmurou:

— Como d'aqui se deprehende, a revolução está á porta...

— Bravo! — exclamou Padua, moço de bota á prateleira, cadete d'uma familia que na região gosava de fama de liberal e de limpa.

— ..... e n'esse sentido nos dão instrucções. Vejamos...

O snr. Chinoca tornou a abrir o papel, salvando os periodos, a apanhar as deixas.

— ... activar a propaganda, e armar o nucleo... E' muito importante! A meu ver, não é menos importante organisar as listas brancas e negras do concelho com as pessoas, que nos são declaradamente hostis, e as pessoas que nos podem ser favoraveis.

— Apoiado! — vozeou Nina. — Na lista negra põe lá o padre Jacintho.

— Mai'lo meu chefe! — proferiu o Nagoza.

— Vamos por partes — tornou Chinoca, muito cordato — Examinemos, primeiro, o problema da propaganda. Á semelhança do que se tem realisado n'outras localidades, sou de parecer que se organise um comicio, convidando-se para esse effeito oradores de nome. O Bernardino, se tiver um momento de folga, não nos regateará o concurso...

— Ou o Antonio José!... — aventou Olindo, que era alferes em Lanceiros da Rainha e no

sofá, repimpado e brilhante, tinha um ar de rei d'espadas.

— Bem lembrado! — apoiou Sebastião Arruda, senhor que os correligionarios tratavam com deferencia, vermelhusco, asthmatico, ar de homem endinheirado. — Para as turbas morteiros, sejam elles de rhetorica ou de polvora.

— O meu alvitre — esclareceu Chinoca — obedece ao seguinte criterio: tranquillisar a classe conservadora d'estes sitios que anda com um medo da Republica que se pella. Em seu pensar, nós somos o partido da arruaça e dos que não teem que perder, e Bernardino é um argumento de segurança. Veiu da monarchia, foi conselheiro, está a apontar o caminho a outros que fluctuam entre duas aguas. Mas tambem não ha duvida que Antonio José offerece certas garantias. Antonio José é apostolo e como tal converte; Bernardino é um papa, um pisa-mansinho, e o seu forte é inspirar confiança. Tanto dou o meu voto a um como a outro.

Optando-se por Antonio José sem celeuma de monta, ventilou-se, em seguida, a questão dos oradores regionaes que tomariam a palavra.

— Você Laurentino?

Muito desvanecido, o secretario da Camara confessou que com todo o gosto, se não fôra a certeza de comprometter-se. Elle a abrir bocca, e um decreto no *Diario do Governo* a atirar com elle de pernas ao ar.

Todos lhe déram razão, o que, por exaggerado, soprou a revolta de sua alma republicana contra o envite de Chinoca:

— Homem, parece que tem empenho em me perder! Fôsse eu livre e capitalista, como você!...

— Socegue, Laurentino, que não quero o seu damno. Se não fiz reparo na sua situação de funccionario, foi cegado por seus meritos d'orador.

Com estas palavras, que testemunhavam da boa fé e finura de Chinoca, se encerrou o incidente ao grado de todos.

Chinoca, á falta d'outrem mais competente, acceitaria a missão de representar os republicanos do concelho. Tinha até já um assumpto em vista, que submettia á consideração dos correligionarios: a tutela ingleza como labéo supremo do glorioso Portugal. Porque era bem notorio: quem nos governava? o pingalim inglez; quem nos corrompia? o oiro inglez; quem nos humilhava? a soberba ingleza. A Inglaterra tinha-nos empobrecido, roubado, vilipendiado e, consentia-nos um resto de vida, porque sempre eramos carneiro que dava lã. O seu thema, ainda que affixado pelo programma do partido, não deixava de ser escabroso, por os Braganças e seus testas de ferro serem submissos lacaios do inglez. Deixal-o, tapar-lhe a bocca só a mordaça da morte e, se o encarcerassem, haviam de soltal-o. Um cavalleiro do Kadosch não ia para Timor com duas razões.

E Chinoca, ao ostentar a alta dignidade das lojas, espairecia sobre nós um olhar ufano e resoluto.

— Eu tambem posso botar falla! — disse José Nina com rompante.

— Sobre que materia?

— Sobre os padres, que são uma grandecissima corja de calaceiros e de velhacos, que só andam para sugar o sangue do pobre.

— Mas ouve, primo — objectou Chinoca em

tom affavel. — A tribuna não é conversa de compadres. Que os tonsurados são impostores e ralaços sabemos nós, está-lhes na massa do sangue ou, antes, na logica da educação que tiveram; e todavia, vê lá, essa verdade, assim nua, não se póde gritar em comicio. Seria ridiculo!

— Pois já aqui não está quem fallou! — regougou Nina d'ar agastado, enviezando-se na cadeira.

— Você, Arruda?

Arruda declarou sorrindo que, só uma vez, quando de rapaz, lera em publico o testamento do gallo e que mesmo assim se engasgára. Não tinha queda...

Ao fundo da sala, o Nagoza fazia grandes momices, ora aos pulos na cadeira, ora enristando a mão para logo a deixar pender desfallecida, muito aporreado de que Chinoca não invocasse o seu nome. E como já todos se tivessem escusado, afóra Padua e o Olindo que á noite no Club, versaria a these, disfarçadamente heterodoxa «A liberdade e o bello sexo», o Nagoza decidiu-se a reivindicar foros de cidadão:

— Eu tenho muito geito para a oratoria, — balbuciou elle, n'um pathetico arquear e desarquear de sobrancelhas — mas estou nas mesmissimas condições do snr. Laurentino!

Manuel Antunes advertiu que quantos mais padres ha n'uma missa cantada, mais ella é de truz. Porque se não rogava tambem Affonso Costa, o temivel demolidor do throno? Que diabo!... banquete para um banquete para dois...

E a proposta parecendo sensata, ficou o sr. Chinoca d'envidar todos os esforços para que os dois marechaes viessem fazer a boa sementeira

áquellas terras de tortulhos, fidalgos morfanhos e abbades. Redigir-se-hia, além d'isso, um manifesto e esse encargo se delegou no alferes, em mim e em Laurentino do Carmo, correspondente, na região, das gazetas do Porto.

Em materia d'armas, o debate foi longo e contumelioso e o sr. Chinoca n'elle fez prova de alevantado bom senso.

— Vale mais prevenir que remediar — disse elle.— Não precisaremos d'armas, mas é de toda a prudencia têl-as. Quem nos diz a nós que seremos dispensaveis n'outros pontos, na cidade por exemplo? E póde muito bem acontecer, como receia meu primo, que os padres subam ás torres a tocar os sinos a rebate e que se levante o povoléo. Armemo-nos!

Nina tinha dois rifes, mas d'esses não abria mão; um era para elle, outro para seu compadre *Sem-tempo,* um homem que pegava d'um almude pela aza e bebia. E então damnado como a onça, e fiel como um cão. Tambem era elle que lhe matava a fome mais á mulher e aos filhos! O secretario tinha uma antiga pistola de coldres, que pertencera a um parente, capitão de cavallos; dependurára-a na parede, que aquillo era traste mais para vista que para entrar em danças. Mesmo assim, estava á disposição do *comité.* E foi n'um silencio circumspecto, que Padua saccou de sobre a nadega o browning de calibre 12, d'uma bella côr d'azeitona madura. Aquillo, sim, era a ultima palavra das armas d'algibeira, uma molazinha corrida e pumba! lá estavam sete balas mettidas no canastro d'um thalassa, emquanto o diabo esfrega um olho. E, como se puzesse a manobral-a

desassombradamente, Sebastião Arruda soltou um berro:

— Homem, vire lá a pistola para o chão. O diabo deu fogo com uma tranca.

— Ah, não arria! póde-se jogar a choca com ella sem receio de que dispare.

— Com esses estupores, nem descarregadas! — rosnou o alferes.

Manuel Antunes promptificou-se a encommendar a um arraiano, que d'Hespanha lhe trazia mecha e outra veniaga, uma meia duzia de Smiths. Deitava-se uma finta pelos amigos, em lote e de contrabando não sahiam fóra de conta.

— Esses rewolvers são mais perigosos para o que desfecha que para o alvejado; — referiu Padua, em tom depreciativo — são uns canifrechos. A bala sahe do cano, quando sahe, que nem cuspo da bocca!

— Pois olhe — replicou Antunes — sei de fonte limpa que é com Smiths de fabricação hespanhola que estão armados os revolucionarios da capital.

— Então que façam o testamento! — sentenciou o moço.

— Os brownings custam os olhos da cara — declarou Chinoca. — No tempo das partazanas, a revolução estaria feita ha muito tempo!

Melhor ou peor era preciso equiparmo-nos. De animo alegre se devia arrostar o sacrificio em prol da redempção da nossa querida terra. Recorrer para a Junta Districtal ou para o Directorio, até podia parecer troça; o dinheiro nunca andava com as boas causas. Forçoso se tornava, além d'isso, passar revista ás forças de que dispunhamos e alliciar homens seguros.

Quantas praças eramos ao todo, capazes de jogar a vida pela causa da liberdade?

E, improvisando-se um censo, offerecendo cada um a vida de seus parentes e proximos, galhardamente, para não contar o meu esforço isolado, alli prometti aos manes da Republica, o braço e alma do Zé Violas, antigo cavallaria, creatura para estoirar as cangalhas ao catano. Seriamos, ao todo, uns trinta para implantar o novo regimen n'um concelho populoso de mais de vinte leguas em redondo.

Animadamente, Nina proclamava que a fortuna esteve sempre pelo lado do direito e da valentia, quando a sr.ª Angela, entreabrindo a porta, pela fenda trocou um signal com Chinoca. A salinha estava cheia do fumo dos cigarros e muito quente da brazeira de torga, que, sob a mesa, se ia esfarelando em cinzas de uma branquidão escumada. Atravez da atmosphera nevoenta, reluzia o oiro e vermelho dos chromos de calendario, ostentando republicas, com que Chinoca alegrava as paredes. A symbolica matrona repetia-se alli em varios modos, vestida de minhota ao lado de *Marianne* em trajo tricolor, com um raminho de loiro na mão, de sorriso nos labios para um Zé Povinho muito agallegado e bilontra. A par d'ellas e entre ellas, cravados com percevejos ao estuque branco, em photogravuras de industria allemã, os grandes vultos do partido enchiam o ambiente de sua grande fama. Sobre a escrevaninha, caricaturas de reis e retratos de correligionarios encavallavam-se, atropellavam-se, teciam toda uma demagogica tapeçaria. E, ainda sobre o cofre forte e sobre o bordo do guarda-pó, havia bilhetes postaes commemorativos de

datas revolucionarias, com assumptos revolucionarios. O escriptorio do sr. Chinoca pullulava d'imagens como uma egreja; os motivos e, mais que os motivos, as côres formavam alli uma atmosphera vermelha. E, paradoxalmente, era cheia de mansidão, inspirando ao respeito menos a ingenuidade scenographica dos symbolos que o geito idolatra com que o sr. Chinoca se enlevava n'elles.

A amiga do sr. Chinoca, pedindo vénia, entrou com uma bandeja de chavenas. Trajando rusticamente, era muito agradavel á vista, com as tranças colladas sobre a nuca a modo de passamanes, e o rosto de alegre parecer e bem proporcionado. Além d'isso, forte d'ancas e alta dos peitos, seu corpo seria como o maior entre as mulheres de meã estatura.

— Esta sim, é que é uma Republica! — segredou ao meu lado o Rôla dos impostos para o secretario da Camara — Onde iria o coirão do Chinoca desencantar um *pente* d'estes?

Angela trouxe mais um xarão atestado com falgaros da Taboza, cavacas das recolhidas de Freixinho, doce da Teixeira e um pão de ló. E ia a servir o chá, mas, muito desembaraçado para o corpo rebolão, Arruda atalhou:

— O' D.ª Angela, isto é uma mesa de baptisado! tanta iguaria! Mas, verdade verdadinha, cá o pão de ló e os petiscos pedem mais murraça que chá. Amigo Chinoca, se v. dá licença, opto pela pinga.

— Temos ahi um vinho branco da Bairrada, muito espelhadinho e gostoso — disse Angela sorrindo.

— Pois vae buscar — approvou o sr. Chinoca.

Ella sahiu a passo lesto, emquanto o Nagoza,

esfregando as mãos, dizia para Arruda que mal se dignava ouvil-o:

— Eu tambem sou do seu partido, illustrissimo senhor! Para pão de ló chá de parreira.

Chinoca, entretanto, passeava a travessa das guloseimas por deante dos correligionarios no movimento onduloso d'um sacerdote ministrando a eucharistia.

— Quando vier a Republica, teremos pois que nos privar d'estes mimos?! — gracejou Laurentino, que tinha pretensões a chistoso, ao servir-se das cavacas.

— Jejuar? — recalcitrou Nina. — Onde é que o credo republicano manda jejuar?

— Não percebeste, homem! — corrigiu Chinoca. — É que estes doces são feitos pelas recolhidas de Freixinho. A Republica, sendo laicisadora, tem de todo que fechar os conventos.

— Haja elle pão e presunto!... As freiras que vão fazer filhos, que a patria precisa de soldados.

— São durazias!

— Pois se são durazias que peguem na roca e fiem. De madraços e madraças está Portugal farto.

Veiu vinho; Arruda pegou do copo e, ante Angela que sorria o seu bom sorriso de mulher lhana e amavel, brindou:

— A' saude de D.ª Angela.

Esvasiaram-se os copos; sobriamente, Chinoca bebia chá.

— Falta-nos aqui o P.e Ambrozio para compôr um dithyrambo a este nectar, capaz de dar vida a um morto! — proferiu Laurentino, castanholando com a lingua.

— Lá para isso é elle um barra!

— Ha de ser o bispo da diocese, quando implantarmos a Republica! — accrescentou Manuel Antunes, atolado n'um falgaro.

— Depois, com a Separação da Egreja do Estado,— esclareceu Chinoca sempre mentor — a faculdade de eleger bispos reverte ao Pontifice.

Mas logo Nina levantou a grimpa:

— Qual pontifice? O Pontifice que mande lá na terra d'elle. Em Portugal só portuguezes.

— Uma egreja nacional será difficil d'estabelecer...— opinou Padua que tinha estudos — Que lhe parece, sr. Chinoca?

— Não tenho duvidas que póde. E' um problema de vontade.

Continuavamos atufando-nos em gulosaria; do pão de ló restava apenas uma fatia costaneira, negra do forno, com sarrafos de papel adherente. Nagoza estendeu a mão direita, empunhou o copo com a esquerda e, n'um gesto habil de coveiro que baixado o caixão á cova puxa a terra, sepultou-a sob uma boa gólada.

Chinoca olhava para elle com a melancholia pezarosa de amphitrião forra-gaitas.

Laurentino, n'um ar solemne, avançou para o meio da sala. E, circumvagando o olhar, elevou o copo:

— Meus senhores, bebo á prosperidade de Hypolito Chinoca, futuro membro das Constituintes!

Chocaram-se os copos; sempre discreto, depois de agradecer, Chinoca salvou á Republica e a todos os queridos correligionarios alli presentes. Padua brindou aos heroicos martyres de 31 de janeiro e Nagoza ao operariado. Mais terreno, d'olhos em Angela, muito firme em sua

estatura de serrana, Arruda bebeu á bizarria dos senhores da casa.

E com saudes se despejaram mais dois cangirões e outra barcaça de doce.

— Hoje foi um dos dias mais ditosos da minha vida — proferiu o sr. Chinoca. — Quando esta manhã recebi a circular, tive mais alegria que se meu pae voltasse do tumulo a visitar-me! Vieram-me as lagrimas aos olhos, a estes olhos onde imaginava que não havia lagrimas. Estou convencido que o grande dia se approxima. Que venha, que venha, e depois que me leve a morte! Só quero vêl-a, deixal-a a estes moços que a saberão defender pelo cerebro e pelo braço.

Applaudiram todos, porque a voz do sr. Chinoca era molhada d'um mysticismo tão ardente, que se communicava. Angela, muito commovida, tinha preso nos labios, como passaro d'oiro em esvoaçar mansinho, um sorriso commovido.

Nina quebrou a pausa solemne, com dizer:

— Morrer, morram elles que os ha de levar *S. Pelicardo*. Haja alegria!

— Haja alegria! — repetiu Nagoza em voz já tartamuda.

Arruda foi de relogio em punho ante Chinoca; e, logo este batendo as palmas, clamou:

— Meus senhores, está aberta de novo a sessão.

Volveram todos aos seus logares, afóra Nagoza que dizia a Angela:

— O' patrôinha, uma pingoleta a mais não se engeitava!...

Chinoca dardejou-lhe um olhar comminatorio, mas já Angela largava para a adega, garrafa

na mão, sempre solerte, pistada por Sebastião Arruda muito baboso e deslavado. Percebendo o que, Manuel Antunes cochichou-me ao ouvido:

— Aqui onde o vê, é o maior cadeleiro da comarca.

— Temos que deliberar sobre as listas negras e brancas — propunha Chinoca. — O assumpto é muito delicado e requer o maior dos escrupulos. Lembro-lhes que a indicação que dérem, póde representar uma sentença de morte. Toda a ponderação é pouca...

— Já disse! — exclamou Nina — põe lá o padre Jacintho.

— E o meu chefe! — accrescentou Nagoza.

— O teu chefe, Nagoza, porquê?

— Porquê? Então querem malvado maior?! Ainda hontem disse na Havaneza, deante d'uma sucia de gente, que os republicos o que queriam era trincadeira!

— Anota lá! — apoiou Nina, para quem, em homem farto, o testemunho adduzido era concludente — Mais um, menos um no mundo, não se acaba a semente humana.

Nagoza desentranhava-se em accusações contra o chefe dos correios e telegraphos, porque á d'el-rei o tratava como um cão, e abria as cartas dos republicanos e até as gazetas...

— Pois melhor! — redarguiu Chinoca — Á força de ler a boa doutrina, acabará por catechisar-se.

— Aquelle... eh! O que quer é saber as novidades para fazer chacota. E' um mula!

— Pois ficamos de sobreaviso. E quanto a auctoridades?

Laurentino, vendo os olhos de Chinoca pregados n'elle, respondeu que não era o filho

de seu pae que dava os nomes das pessoas com quem lidava. Era uma questão de dignidade.

— Pois olhe, — redarguiu Padua — se meu irmão fôsse reaccionario eu era o primeiro a denuncial-o! Eu cá sou assim, quando se trata de fazer vingar uma ideia, ponho de parte todas as considerações d'ordem pessoal. De resto, aqui não ha Judas.

Porque eram declarados inimigos, de quem não havia a esperar tregua nem quartel, encabeçou-se a lista negra pelo Delegado, o Administrador e o Visconde. De perigoso, mesmo muito perigoso, havia o fidalgo de Santa Maria das Aguias, estava longe. Padres é que eram uma praga.

— Padres, quero vel-os a todos na lista negra! — vociferava Nina.

— Alto lá, amigo e sr. Nina! — contestou Nagoza — O padre do Castello não é padre com'ós mais. Jacobino é elle até Almeida. Basta dizer que traz duas de ganho.

Riram todos, com o que se animou o barbeiro a reforçar o depoimento.

— Sim senhores, garanhão maior não quero que passeie por estas redondezas. Um dia d'estes, se se não pira, apanhava com uma tranca que lhe não ficava osso direito. Imaginem quem o mariola foi commetter, a filha do Bocca-Negra de Baldos, o arganaz d'um homem que de faca nos dentes e de lodam nas unhas desafia uma feira em peso. Este póde ir para os brancos, sr. Chinoca! Por elle respondo eu.

— Homem! — ponderou Chinoca — com padres nem para o céo!

— Aquelle é padre só na corôa. Se ouvisse

com que labia falla dos republicanos? Parece que toda a arte d'elle torceu para a nossa banda.

— Pois embora! A nós não nos serve. Eu tenho mais medo d'uma sotaina que d'um batalhão. Basta-lhes ter passado pelo Seminario para trazerem a tinha.

Laurentino, com o rito e a medida de sempre, interveiu:

— O ser ecclesiastico não constitue motivo bastante para que o repudiemos. Ora digamme, na maçonaria não entram padres?

— Entram — apressou-se Nina a responder — mas mais mexidos e remexidos que o centeio na eira. E são ralos...

— Diz bem o primo. As lojas são particularmente severas na admissão de sacerdotes. Depois, o facto de ser frascario não é recommendação.

— Pois olhem!... o padre do Castello é menino para dar com o bispo doido! — dizia Nagoza, desesperado.

Angela reappareceu com a garrafa de vinho, no seu passo airoso de matrona romana. E, enchendo um copo que vestiu a côr transparente do topazio, deu-o a Nagoza que, depois de o consagrar á sêde das alminhas do Purgatorio, o virou d'um trago.

Em voz muito doce e aflautada, Manuel Antunes, fabricante de manteiga, veiu declarar que tambem indicaria um nome para «os negros», se não fôra ter tido dares e tomares com o sujeito e lhe pôrem pecha de vingativo. Que outrem o fizesse, que não elle...

— E' o Zé Lameira! — exclamou Nagoza — Olha que bisca!

— E' esse mesmo! — tornou Antunes. — Não é

lá porque seja meu inimigo e me tenha roubado os leites da Serra, mas é um grandecissimo velhaco.

— E'! — apoiaram vozes.

— Mas ouça lá, Manuel Antunes, — disse Chinoca — aqui não se trata de bons nem de maus. Aqui trata-se de politicos favoraveis ou desfavoraveis á nossa causa. Não estamos a organisar um tribunal, mas um cadastro com fins politicos, com um ideal mais elevado que julgar crimes e aggravos...

— Não é elle, — insistiu Antunes — não é elle que arrasta a serranada a votar com o fidalgo de Santa Maria?

— E', — confirmou Arruda — mas isso não basta. Se tirassemos os nomes a todos os que vão ás urnas com os realistas, não chegava uma resma de papel. Até você, Antunes, até você para lá ia.

— Isso são contos velhos — respondeu o outro sorrindo. — Agora este Lameira, além d'eleiçoeiro e tratante, é um miguelista dos quatro costados. Hão de o ver saltar-nos á frente de bacamarte...

Por condescendencia, como para o chefe de Nagoza, se lhe fixou a quarentena de pestifero.

A lista branca organisou-se, sem controversias, a contento de todos. Apenas suscitou uma leve troca de palavras o nome de meu mestre. Manuel Antunes queria a todo o custo que elle fôsse taxado como um dos grandes liberaes da comarca. Mais experto dos homens, ou instruido dos pensares de meu bom mestre, Chinoca contestou. P.e Ambrozio era um homem tolerante, amavel, cheio de mansidão para todos, sem hypocrisias nem prevenções, mas liberal, não. Pelo contrario...

— Não é?

— Não. Para elle, todas as ideias politicas se valem. Creio que se dependesse d'elle a instauração da Republica, nunca a veriamos; como creio que, uma vez proclamada, se estivesse na mão d'elle a sua queda, a Monarchia não seria restaurada.

Citado a dar o meu parecer, só tive que confirmar o juizo do snr. Chinoca.

A hora ia adeantada; na brazeira o lume apagára-se de todo. Manuel Antunes estendeu a mão pela fenda da vidraça, d'onde entrava uma lança d'ar frio, e recolheu-a perlada de gottas:

— Está a molinhar — disse elle. — Não pára o ladrão do inverno.

— Pois agora á dar-lhe! — perorou Chinoca, emquanto fechava no cofre o expediente. — Já que a revolução está á porta, mais umas horas de sacrificio e poderemos folgar; folgar, no sentido de não sobrecarregar nosso orçamento com despezas d'ordem politica que, se até aqui temos trabalhado, mais devemos trabalhar no futuro. Temos que refazer uma patria, sacudir o jugo inglez, crear escolas, sanear a justiça, podar a burocracia, neutralisar o clero, arrotear baldios, que sei eu? Vejam a grande obra para Pombaes, para uma duzia de Pombaes. Felizmente, vejo nos grandes nomes do partido outros tantos Marquezes. Tenho fé: em cinco annos Portugal mudará de face; em dez annos será um outro radicalmente; em vinte, poderá marchar no caminho do progresso, á testa das outras nações!

Applaudiram todos, e Nagoza pediu licença para beber mais um copinho.

— Isto é que é uma sanguesuga! — murmurou Nina.

— Só no vinho afogo o ferro de morte que tenho contra aquelle meu chefe! — declarou o barbeiro, trôpego de pernas, a alva dos olhos muito amollecida. — Se não tivesse mulher e filhos cravava-lhe uma choupa no bandulho.

— Guarda essa coragem para a grande bernarda — disse-lhe Nina.

— Eh! caramba!!

Angela e uma servilheta vieram com braçadas de casacos e agasalhos. Muito rendido, o sr. Chinoca insistia com os de fóra da villa a pernoitar em sua choupana. Mas todos declinavam allegando suas razões; Nina, o compadre *Sem-tempo* que o esperava na venda do Gallego, sem arredar pé; eu, a minha caçadeira.

Quando sahi, depois d'envergar o fato já enxuto, a revessar uma quentura voluptuosa, apenas avistei o Nagoza e o Nina, muito collados um ao outro pela estrada fóra.

O céo borrifava e no largo os lampeões municipaes derramavam sobre as pedras humidas uma claridade livida. As janellas estavam apagadas e um silencio de pantano cahia sobre a villa.

Em voz peganhosa, Nagoza pedia a Nina dinheiro com que pagar a renda da casa e comprar um saiotinho para a mulher que estava ethica. O outro respondia-lhe rudemente, como era balda sua.

— Lá fazenda para o saiote vou-t'a mandar. Dinheiro, nem um real; gastas tudo nas tavernas.

Nagoza jurava por todos os anjos e santos que não, que era uma calumnia que lhe ale-

vantavam. Lá de mofo, como em casa do Chinoca, bebia a sua pinga regaladamente, mas do seu bolsinho, tó carocha! Não que tinha de dar muita tesoirada e distribuir muito papel para o ganhar!...

Nina soltou uma grande risada:

— Olha que marau!

— Sabe o que quero mal venha a Republica, senhor Nina? é ser official de diligencias, ou secretario da Camara, se o tratante do Laurentino deixar o cargo por outro. Posso contar com o amigo?

— Pódes, mas nunca fiar. E quem sabe lá quando a coisa estala...?

— O Chinoca disse que estava á porta...

— Homem, andamos assim ha vinte annos.

— Se todos fôssem coma mim!... Era p'rá rua:

A's armas, ás armas
Sobre a terra, sobre o mar.

E, retumbante, a voz bêbeda alagava a noite escura d'um rubro cantar.

— O' alma do diabo que te compromettes!

Adeante d'elles, no meio da estrada, estava um automovel, radiante de luzes e silencioso. O *chauffeur* vestia a libré dos Malafaias. Envolta n'um grande roupão açafroado, de olhos somnolentos contra os coxins em que, a seu lado, um dia me recostára, reconheci D.ª Estephania. Tive vergonha de mim e, como um foragido, metti a passo offegante, pela longa estrada escura.

Nagoza, debruçado sobre o automovel, soltava o urro thermidor:

— Viva a Republica!

XIII

Com o sr. P.e Ambrozio, meu bom mestre, fui assistir á benção da capella, que faltava na casa solarenga dos Malafaias. Os senhores da honra, distrahidos por suas funcções na côrte, haviam menoscabado este artificio, accessorio indispensavel d'um paço nobre. Apenas um João Baila Taralhão, quinto morgado ascendente na arvore genealogica dos Malafaias, védor de D. Pedro II, armára oratorio n'uma saleta, acanhada como cella, com privilegio papal de ahi celebrar missa.

D.a Estephania, que tinha o animo rasgado e liberal, gisára aquella capella á invocação de Santa Maria das Aguias e alli se erguia ella em platibanda, um covado acima do largo, de cantaria lavrada, com a sineira e as pyramides em pedra lioz, e o telhado côr de rosa, da telha moirisca novinha. Era por um dia de março, alviçareiro de primavera, com os caminhos enxutos e uma atmosphera tão benigna, que dava vontade de, cavalleiro andante, correr as sete partidas em pós de chimerica dona. Por isso, do clero comarcão apenas os adversarios politicos do fidalgo — que os tinha d'aquelles que á bocca da urna aperram o trabuco — nega-

ram o latim a obra de tanta piedade como de alta senhoria. Os nomes mais castiços da provincia puderam etiquetar-se alli, pelo cheiro a camphora e mentrastos d'um luxo, alvoraçadamente exumado das velhas arcas. A burocracia e a magistratura trouxeram a sua reverencia; o povo o seu espanto. Arraial tão imponente não se fizera, depois de João Baila Taralhão, á sombra do corvo, poisado no castello de prata de tres torres, do escudo dos Malafaias.

Depois do copo d'agua, quando os convidados debandaram pela quinta muito digna de se ver, acompanhei meu mestre e Miguel de Malafaia á livraria. Era esta uma comprida estancia, de tecto formando caixotões e com portas almofadadas de mui curiosa talha. As estantes succediam-se sem descontinuidade por sobre portas e janellas, ao longo de tres muros, com cornija achaparrada e alizares azues a veios d'ouro. Na parede meã, entre retratos a oleo de grandes de capa e volta, pannos de raz descreviam a gesta apparatosa da côrte de Trebisonda. N'um, sobre sitiaes de miraculosa trama, o rei obeso e careca, a rainha moça e casquilha viam tornear bailadeiras em espiras ageis de cobra; aos pés do rei um anão disforme; aos pés da rainha, um pagem loiro e o pavão heraldico empoleirado ao braço direito; cortezãos, ministros e paceiros mordiam do olhar as ancas bronzeas das corifantas.

Faisões d'oiro sulcavam o céo; na cola do veado rompiam pelotões e matilhas reaes; as buzinas soavam ao hallali, emquanto que a coberto de moitas em flôr, uma amazona desfallecia nos braços de Céladon. E porque os corseis, de rédeas a rastos, tinham um ar soffreado,

não se sabia bem se era aquella scena desastre de caça ou maré de carvoeiro. Só por este segundo arraz, d'uma vivacidade á Wouwerman e tom amavel a Watteau, tinha um americano offerecido ao pae de Malafaia somma com que derrubar da sella dez amazonas pudendas.

O terceiro representava, n'um jardim d'emmaranhados caramancheis e florescencias fabulosas, a côrte descuidada jogando o cache-cache. E era todo um odeon de amor, por entre as arvores e as relvas. Ao pé do rei, molle e zoupeiro, o pagem beijava a mão, dissimuladamente cahida na sombra, da mui formosa e arveloa rainha de Trebisonda. Abaixo d'esta tapeçaria, uma enorme veladora, no estylo de Beauvais, convidava aos devaneios doces do espirito. E parecia aquelle recanto, na grave mansão dos livros, feito para dama em penteador de rendas, perna cruzada, e chapim á dependura da ponta do pé, ler a pastoral voluptuosa d'um Longus.

Depois d'um breve e discursivo exame pelas prateleiras, meu mestre e Malafaia fôram debruçar-se á sacada que deitava para a matta. Eu fiquei, alheadamente, passeando os seculos mortos, atravez dos nomes que sobresahiam immortaes na hoste solemne das lombadas. Fallavam elles de Deus, que alguns tinham visto, e de princezas que outros haviam amado. Era sempre com agrado qne ouvia seu murmurio d'açude, cada vez mais longinquo contra a onda de tempo que nos leva. N'aquella hora, porém, eram-me mais indifferentes que lapides d'um cemiterio. Não era eu que alli estava, mas um outro *eu*, monstruoso, contradictorio, a arder e a gelar sem causa, contente ou triste não sei,

sem juizo e com a percepção desesperada de meu nada, ante D.ª Estephania que mais capitosa volvera da romagem, por terra de magos e anachoretas.

Por certo, que uma mola intelligente faz mover as volições dos homens, no espaço e no tempo, com incrivel brusqueria e prodigioso rythmo. D.ª Estephania, que acordára meus sentidos n'um estremeção tão violento, pouco a pouco fôra-se amortecendo em meu desejo como um sonho lubrico da madrugada. Se ás vezes tentava reconstruir-lhe a imagem, minha visão porfiava com uma sombra. D.ª Estephania fugia-me n'um vago mais chimerico que o das mulheres irreaes que, de salto, na mente se formam e se apagam. Bem sabia eu que sua pelle era branca e transparente, d'uma velludeza de lyrio; sua bocca rosada, cheia d'esta purpura saudavel que rareia nas portuguezas; a testa solemne como lanço de torre; cabellos loiros; olhos para confundir quem os olhe. Tinha a paleta com as côres, mas faltava-me o condão de tirar d'ellas o fugitivo retrato. E desesperava-me, assim, a procurar n'uma via lactea a imagem que meus olhos possuiram.

Lentamente, porém, aos brandos e silenciosos effluvios da carne de Celidonia, a chaga rubra foi fechando. A ausente distanciava-se. E eis que a subitas nossos destinos faziam nova encruzilhada. O cartão dos Malafaias, que me citava o nome, ao convidar meu mestre para a inauguração da capella, alterou-me, como se uma fogueira de lume alli rompesse envolvendo-me. Meu bom mestre tinha-me dito:

— Acho conveniente vires, porque poderemos solicitar o fidalgo a bem do teu futuro.

Estás a perder-te!... Verdade que o vestuario já te não inculca, sequer, como um bacharel sem officio. Mas podes ir ainda hoje ao alfaiate, que te aprompte um fato para a cerimonia. O habito não faz o monge, é certo; mas o descuido no trajar é indicio de juizo descomposto e de caracter tambem pouco exacto... O Evaristo da villa não veste mal.

Observei a meu mestre que aquella andaina, desencardida a pau de sabão e bem passadinha a ferro, ainda faria decente figura.

— Não, não! — replicou-me elle. — Vae ao Evaristo. O homem, que põe pés em boda de farpella coçada, é ludibrio dos outros, e a menos que não seja philosopho, ludribio de si mesmo, o que é mais. Não tem serenidade no que diz nem segurança no que faz; a elle proprio vê no pelourinho!... Triste é que o homem não tenha uma samarra sedosa como os tigres, e que tecelões, negociantes e alfaiates abusem da nossa necessidade! Já dizia Plinio: não podemos decidir se a natureza nos é mãe ou madrasta, pois que entre todos os animaes só ao homem veste do alheio. E, olha, não são apenas os rusticos que medem a auctoridade pelo ornato, mas até os proprios politicos que nem a cavallo nem a homem deviam avaliar pelo jaez. Pois onde ha elle politicos na nossa terra? Malafaia ha de olhar-te para o nó da gravata.

E, enroupado como mocinho rico, alli appareci aos olhos d'ella, a tentadora que os soes dos Pharaós não haviam mareado.

— Então acha-me muito mudada? — questionára-me ella, olhando-me de face.

— Não — respondi-lhe eu simplesmente.

— Pois o senhor mudou; está um homem! Já notei que se barbeia, e a sua voz perdeu aquella inflexão infantil que dava gosto ouvil-a.

Permaneci silencioso, e ella tornou, sorrindo:

— Mas tudo vem em sua hora; lucrou; tem mesmo um ar garboso de homem feito no *tennis* e no club.

Encarei seus olhos maliciosos, e ella, travessa, acudiu:

— Então não mudei? Mal de mim! Quer dizer que estou no ponto morto do meu apogeu.

Retorqui-lhe boloniamente que os ares do Cairo lhe tinham feito bem, ao que parecia.

— Ai o Oriente é uma bella fabula! — exclamou ella, depois d'esboçar um motete amavel.— Aborreci-me hediondamente, póde crer. Muito sol, muita côr, muita areia, tudo com um tal cunho d'uniformidade que é de fender-se a bocca com bocejos. As ruinas são uns pedregulhaes sem graça, e nunca vi maior estupidez que as Pyramides que ousam á eternidade. Pois não é verdade que, só de vêl-as, se gastariam com os olhos? Ri-se; eu creio que os olhos desgastam mais que o tempo, e d'isso me parece prova a belleza de certas mulheres que conheço. Mas como lhe ia contando, as coisas no Egypto teem apenas o encanto de que as veste a imaginação. Quando fomos ás Pyramides, contractámos um judeu com prática do deserto e das curiosidades egypcias, para nos pilotar. Fallava francez, um francez mascavado de hespanhol. Afinal era elle, com o charabiá e as finuras de gajão, que me distrahia. Alto e magro, ás vezes, na roda boquiaberta dos fellahs que corriam a admirar-nos, lembrava-me, com o balandrau apertado na cintura e o fez vermelho na nuca, um charuto

acceso a andar! Era muito comico!... A cada pedra branca, esquecida á flôr do deserto, atava uma historia. Meu marido ouvia-o com muita circumspecção, mas eu ria e o maroto piscava-me o olho. Deante da pyramide de Kheops, creio bem, puxou da sua lenga-lenga: N'esta obra, uma das sete maravilhas do mundo, trabalharam 600.000 artifices em mais de dois seculos; só em rabanos, alhos e cebolas gastaram além de 1.800 talentos, somma com que pesar cem vezes *señorita*, a diamantes do Cabo. — Josuha — disse-lhe eu — estás a aldrabar! — *Señorita* — retrucou-me elle — é tão certo, como ter em meu poder o annel que foi de Nitokris, *la belle Nitokris aux joues de rose, señorita*. Bifei-o ao *cochino* do inglez que veiu para ahi e revolveu todas as pyramides de Gizeh. Estava nos dedos da mumia, rape, nem deu conta! Vale uma fortuna... para a *señorita que es buena con su guia* são cem duros. E' *poquito*... mas *desdichado de mi* perdi quanto tinha aos *petits chevaux!*... — Comprei-lhe a joia, embora meu marido tivesse escrupulos, por suspeitar que proviesse d'um roubo comettido, pouco antes, no museu do Cairo. De Nitokris ou de outra deliciosa, é authentica... veja...

E estendendo a mão, mostrou-me o annel extranho, d'um dourado mortiço como as dynastias pharaonicas trabalhadas pela loucura da eternidade. Uma cocinela verde-rubra encimava a argola, que eu via com todo o prestigio de joia encantada nos tumulos e desencantada só para enfeitar d'aquelles dedos longos como o caule dos lotus, pallidos como os papyrus que proclamam ainda as excellencias de Osiris, o Senhor das sombras.

— O macisso dos velhos monumentos embrutecia-me — reatou ella, depois que eu, contemplando a joia, lhe admirei os dedos — e causava-me dôres de cabeça aquella immobilidade aggressiva das estatuas. Um dia, ao sol-pôr, marchavamos nós na sombra das Pyramides, que se projecta áquella hora por sobre os desertos d'areia até as searas verdegando lá longe, fui presa d'um tal sentimento d'oppressão deante d'aquellas bizarmas, aquelle desafio á immensidade, que pouco faltou para perder os sentidos. Um horror!... Por vezes cheguei a perguntar-me se não era uma aberração de meu gosto o desprazer com que encarava tudo aquillo. Mas não, o Egypto é uma phantasia de francezes. Adoeci de melancholia e de pasmo e tivemos de largar.

Quedou-se um momento silenciosa, a brincar com o annel que, de novo pensei, fizera tão grande salto nos seculos até achar as mãos dignas.

— Tanto o levantisco como o oriental enfadam-me. No Cairo sentia-me proscripta, sem ter o direito de chorar-me. Meu marido, agora, está em requerer uma embaixada para o Norte. O senhor não quiz ordenar-se, foi pena!... levava-mol-o comnosco. Sempre tive a mania de que um capellão novo, elegante, trajando rigorosamente de preto, dá um tom muito distincto a um salão d'embaixador.

Depois, derivando, D.ª Estephania pareceu interessar-se pelo meu futuro. Declarei-lhe que contava embarcar, dentro em pouco, para a America ou Africa.

— Jesus! — exclamou ella — Vale mais procurar thesouros escondidos.

— E' a vida, minha senhora.

— A vida somos nós que a fazemos. O homem passa metade da existencia a tornar a outra metade miseravel.

— Sempre a vida...

— Não! é um erro d'entendimento. Eu o que quero faço-o. Nada desejei que não realisasse!... Deixe estar, hei de ensinar-lhe a *martingale de la réussite*, verá que tudo se reduz a um problema de vontade.

Caminhava para ella seu cunhado, o fidalgo das Poças, e ella deixou-me, sorrindo:

— Quando tivermos vagar...

Tudo isto me redemoinhava no espirito, andando meus olhos distrahidamente de prateleira para prateleira, quando da sacada meu mestre fez signal para que me approximasse. O fidalgo passeou-me com o olhar, dos pés á cabeça, do alto da sua estatura armoriada. Era a primeira vez que o via bem de frente. A cara era bonacheirona, de lua cheía, salpicada da escumilha azul d'uma barba turca. Sua excellencia tinha, além d'isso, uma papeira incipiente e ventre bondoso. Lembrei-me dos commentarios de Chinoca, dos dizeres de D.ª Estephania ao retrato, e tudo me pareceu que lhe assentava bem. Eu sentia uma grande aversão por aquelle homem, que nunca me fizera mal.

— Então o senhor quer um emprego? Que emprego deseja? — perguntou elle, depois de se ter informado de meus diplomas.

Não respondi, tão ignorante como elle de minhas aptidões e de sua utilidade.

— Ainda não reflectiu? Pois veja lá o que mais lhe convem e diga aqui ao Padre-mestre.

Ia a voltar-me costas, se D.ª Estephania, tendo chegado inopinadamente, não atalhasse:

— Mas, Miguel, este senhor não está ao facto dos logares que poderão servir-lhe, que podem vagar, nem é facil sabel-o d'aqui da provincia. O melhor é tomar isso a seu cuidado. O senhor Barradas, certamente, não pretende nenhuma embaixada ao papa, nem o cargo de pagador-mór do reino.

O fidalgo sorriu complacente e, sacando uma agenda do bolso, de mão molle gatafunhou a requesta.

— Póde demorar... — disse para mim, arqueando as sobrancelhas, d'uma espessura em que fazia represa toda a sua gravidade.

Sua senhora, que pela apparencia se me palpitava trabalhada por uma ideia, disse subitamente:

— Mas não anda a procurar quem lhe catalogue a livraria? Tem aqui...

Malafaia não respondeu.

— Não lhe parece?

— Hum — resmoneou elle. — Ha para ahi muitos livros em latim e em gothico... codices, uma trapalhada...

— Mas o snr. Barradas sabe latim?! — tornou ella, affirmando e ao mesmo tempo questionando meu mestre.

— Sabe.

— Então ahi tem.

— Mas ha o gothico e a escriptura dos codices que são ruins de se lhes metter dente... E' preciso saber paleographia.

D.ª Estephania jungiu os hombros despeitada e, pedindo vénia a meu mestre, foi postar-se contra a grade, de face voltada para nós,

batendo o pé. Alli, contra o céo de tintas suaves, o pinhal riscando o fundo de mil lanças verde-escuro, figurava-se-me a bella madona d'um retabulo florentino que eu vira. A aragem fazia-lhe ondear os fiapos loiros da cabeça, trançada de tempe a tempe. Trajando um vestido entre malva e morango, alto e de muitas pregas, como requeria a moda, por sobre o cano da bota lobrigava-se um guloso pedaço da perna. No decote, quási honesto, brincava uma enorme perola, presa d'um trancelim. Toda a belleza das linhas, na attitude immovel em que se pregára, se lhe punha em evidencia, a lançatura do tronco, vigoroso sem demasia, jogando em seu arredondado com as ancas, os peitos altos, a garganta muito fresca e sem sombras. Até meu bom mestre admirava!

Mas já Malafaia acudia condescendente, após aquella pausa, fitando-me:

— Se se julga com forças?...

Tanto meu mestre como eu, discretamente, conservava-mo-nos silenciosos. D.ª Estephania olhava fito, deante d'ella, para as amenas patuscadas da côrte de Trebisonda. Suas pupilas tinham uma dureza metallica que lhes desconhecia.

— Que lhe parece, padre mestre? — interrogou o fidalgo.

— Que me ha de parecer? Este pequeno, sr. Malafaia, fez a educação na livraria de S. Francisco. Lá tambem temos livros raros e preciosos. Alguns manuseou, mas, é claro, sem o interesse de bibliophilo. Poderá d'ahi não saber-lhes o valor, mas não duvido que saiba decifral-os. Paleographo não é e não sei se os

manuscriptos da casa são tantos e remontam a era em que seja preciso recorrer a um perito. Quanto aos caracteres gothicos são-lhe tão familiares como os romanicos. A' falta de peor, foi n'uma edição do seculo XV que estudou Horacio.

Miguel de Malafaia ficou um momento perplexo, depois disse:

— Podemos experimentar...

— Nem mais — apoiou sua senhora.

— Toda a questão — proferiu meu mestre — se resume, afinal, em Liborio aproveitar ou não o tempo ao serviço gracioso de Vossas Excellencias. E, porque lá diz o proverbio, «quem não tem que fazer todo o tempo é seu» póde muito bem arriscar uns dias, sem pezar.

Meu amor proprio sentia que o snr. padre mestre n'esta prática fôsse mais persuasivo que de razão. Na reluctancia, ao parecer toda technica de Malafaia, vislumbrava uma antipathia instinctiva, de retorno á que eu lhe votava. Seria presumpção minha; talvez; se eu porém o detestava sem causa, era natural tambem que elle sem fundamento me detestasse. Meu mestre, alheio a esta corrente de fluidos, deixava fallar seu coração todo paternal e seu gosto de bem servir. E quanto a D.ª Estephania, com grande alvoroço meu, quiz-me parecer que pleiteava uma demanda muito sua.

Miguel de Malafaia deu uns passos para a sala e, d'olhos lentos, percorreu as prateleiras. Uma ou outra faisca d'oiro relampejava viva na phalange das lombadas. E, a par de pergaminhos d'um tom sujo de velho marmore, carneiras havia arregoadas, negras, crespas como o coiro que envolvera os pés das Thaïs, exhumado dos sar-

cophagos de rocha e cypreste. Na rigidez vertical das estantes e das lombadas, os tons do ultimo raio fundindo-se na côr ferrugenta do tecto, era o passado que alli se erguia d'um trago, como muralha alta, eterna, terminal onde os mundos e o tempo suspendessem sua carreira e se amontoassem.

— Ha aqui trabalho para muitas semanas — disse elle, despregando a beiceira cahida e melancholica. — São alguns milhares de volumes...

E, após demorado colloquio sobre livros em que meu mestre e o fidalgo discutiram o processo e a fórma mais prática de catalogar, despedimo-nos, dizendo-me elles adeus até o dia seguinte.

— Ora aqui está um dia que devemos marcar com uma pedrinha branca! — pronunciou meu mestre, quando iamos choutando pela estrada fóra, á rédea bamba das cavalgaduras. — Se cahires no agrado d'esta familia, por certo terás ganho o seu valimento, que é muito. E' questão de te sahires bem da empreza, o que não é difficil com um pouco d'arte e d'applicação. A livraria dos Malafaias é uma outra que tal de S. Francisco. O recheio é fradesco. Foi um monsenhor Taralhão, conego prebendado da Sé de Vizeu, que disfructava fama d'erudito e compôz em latim a chronica, ainda inédita, dos senhores de Malafaia, que a colleccionou. Alguns livros vieram, mesmo, do mosteiro, mas não faças reparo á rubrica. Este Taralhão, por modos, não deixou collegiada ou casa de religiosos que não salteasse. Que a terra lhe seja leve, uma vez que a sua rapacidade salvou o que o abandono e a estupidez teriam destruido

E meu mestre, espaçadamente, foi-me dando instrucções sobre a arte de conhecer os livros raros, ordenar uma *reserva*, servir-me dos tratados de bibliographia.

— E' muito agradavel viver entre livros — disse-me elle. — Está-se só e, apenas de vêl-os, tem-se o sentimento d'uma numerosa e discreta sociedade. Todos elles, com as suas capas diversas, os seus titulos, os seus ferros d'estylo vario, teem sempre muito que dizer. Fallam todos e é a ordem na multidão. Conhecêl-os, folheál-os, é para o alfarrabista de lei e os monsenhores Taralhões um empolgante deleite. Pódes crer! Guttemberg, Liborio, foi mais que Prometheu porque espalhou a luz!

Ainda havia ar de dia, quando chegámos á vista do convento, agachado placido e suave por entre os castanheiros. Meu mestre fez-me varias recommendações e, na encruzilhada dos caminhos, disse-me:

— Vae, vae preparar as tuas coisas, para poderes partir pela manhãzinha. Eu vou bem só... Ouve, quem manda n'aquella casa é a fidalga, mas não busques a sua privança. Lá diz Origenes que o demonio faz guerra aos homens por meio da mulher e *hoc tripliciter, per colloquium, per aspectum, per tactum*. Sendo solicicito, não deixes de ser cauto.

E, dizendo isto, olhava muito direito em meus olhos.

— Adeus, vae na boa paz do Senhor. Quanto a *Pata-ao-léo* eu direi a Gertrudes que o mande buscar.

Depois de acommodar a *Carriça* na estrebaria dos Terceiros, subi a informar meus paes do que se passava. Sentia uma grande neces-

sidade de expansão, de discorrer sobre D.ª Estephania e ponderar sua alta senhoria.

— A arca está aberta, — minha mãe apenas me disse — tire a roupa branca que precisar.

E, como não tivesse appetite á ceia, recolhi-me ao convento. *Pata-ao-léo* tinha sahido a receber-me ao portão, gemebundo, queixoso do afastamento e muito sôfrego de caricias. Dei-lhe o tropeço de broa que pude escamotear na Casa dos Terceiros e que elle immolou com grande voracidade. Depois, achando-me sentado á mesa pensativo, poisou a cabeça sobre os meus joelhos, emquanto a cauda gingava em brando saracoteio.

— *Pata-ao-léo*, meu amigo, — disse-lhe eu, afagando-o — temos de nos separar por alguns dias. Não te levo, porque além de seres importuno, envergonharias o dono. Não tens habitos civilisados, não tomas banho e levantas para toda a gente uma venta humida de mendigo. E's um cão plebeu; eu tambem sou plebeu, mas sabes tu, aprendi latim. Para alguma coisa presta o latim! Ficas com Gertrudes, que te servirá boa pitança... e pau se não perderes a ruim balda de mexeriqueiro. Tem juizo, *Pata-ao-léo*.

Eu fazia-lhe este pequeno discurso, accelerando elle o movimento da cauda, signal evidente de que me ouvia com agrado e cortezia. Pelo que, folgadamente, lhe disse ainda:

— E eu tanto como tu! Imagina que vou catalogar alfarrabios para casa da fidalga de Santa Maria das Aguias. Ham! a mesma coisa que mandarem-te tocar rabeca n'uma coelhei-

ra!... Que farias tu, *Pata-ao-léo?* Se fôsses cavalheiro tocavas rabeca, mas ná... Pois aqui te juro, vou para catalogar livros, d'ahi não passo. Nem que ella se me deitasse ao pescoço a suspirar, ai filho! Bem sabes que é feia acção abusar da casa de que se é hospede. Todo o meu bem tem dono. Celidonia é pateguinha, bem o sei, mas seus olhos são humidos d'amor e fieis como os teus, *Pata-ao-léo.* Não tem as mãos pallidas como a outra, mas não ha bonifrate algum que se gabe de lhe ter visto os dentes. E' o que te digo! Se a fidalga é rosa, Celidonia é açucena!

E, como minha voz se tivesse animado, elle de gaudio pôz-se a ladrar á tramontana.

— Cala-te, *Pata-ao-léo*, teus transportes são absurdos como os meus. Ambos peccamos por loquazes e immoderados, porque somos simples. Cala-te, vou ter com Celidonia, tu ficas, que de noite, julgando ver inimigos, ladras e minha mãe conhece-te o ladrar. Guarda esta velha casa, e deixa que teu coraçãozinho tolha com o bater afoito a dança da morte.

E, descontente e muito extranho de minhas singularidades, me viu partir.

Como fôsse aquelle um dia santo de guarda, os Violas estavam já deitados. Chamei; Celidonia veiu descalça, em saiote, um chalinho sobre os hombros, abrir a porta. Fiquei com a mão d'ella entre a minha e, em voz alta para que a mãe Violas ouvisse, dei o meu recado. Fazia escuro e não enxergava o rosto de Celidonia, mas sentia-lhe o sangue latejar e os langores do corpo pubescente desenvolvendo-se n'um halo voluptuoso. Celidonia ouvia-me sem dizer palavra.

A certa altura, como corresse alli no traço da porta um golfão d'ar muito rijo, que entrava pela casa dentro com um rompante de quadrilheiro, a mãe Violas, por detraz das taipas, exclamou:

— Mas entre, entre, que está a ganhar ahi a morte! Accende a luz, Celidonia.

Instado, accedi e fui postar-me na boqueira do quarto em que os Violas dormiam. Celidonia voltou com a candeia e reparei que tinha os olhos molhados de lagrimas. O saiotinho vermelho, os cabellos destrançados mais ruivos que a luz, os seios muito puros a amojarem, como borrachos brancos, davam-lhe um ar de virgem louca d'uma velha biblia bysantina. As lagrimas das mulheres são deleitosas aos amantes e eu, envaidecido, julguei comprehender a razão d'ellas. Meu pensamento era para Celidonia um livro aberto em que seu instincto lia com uma lucidez de maga. Via-me trabalhar por dentro como uma machina que não tem segredos, d'ahi o ser quási certo que seu inconsciente de amorosa fôra advertido do desvairo que me tomára. Acima d'isso, que agouro lhe podia ter ennevoado os olhos azues de sibylla?

Permenorisei aos Violas os passos d'aquelle dia e o encargo para que fôra commettido. Celidonia ouvia-me encostada ao frontal, muito mansa e triste. A mãe sentára-se na cama e com a saia pendente dos hombros, os cabellos em ouriço, estendia para mim seu pescoço de gralha.

— Eh! conheci muito bem a familagem dos Malafaias e dos Matagatos! — exclamou o velho d'entre as mantas. — A mãe da fidalga morreu

com o demo no corpo, a dar risadas. N'esse tempo era eu criado do sr. Padre-mestre...

— Cala-te! — comminou a mulher. — Deixa fallar quem é mais qu'a tu!

— A D.ª Estephania é que se pôz de testa dura, — disse eu reatando — o fidaigo mostrou-me pouco agrado.

— E' um salafrario que, quando dá um cigarro a um trabalhador, joga-lhe com elle aos pés! — tornou o velho.

— Este papa-assorda não calará a buzina?

Manuel Violas voltou-se a resmungar e eu disse:

— D'aqui até amanhã podem mudar d'opinião. Deixal-o...

Fez-se um grande silencio e a Rita Violas disse para a filha:

— Vae ver se ninguem está a escutar no caminho.

Celidonia obedeceu e ella, acenando-me para que me acercasse, em voz ciciada murmurou:

— Ouça o conselho d'uma tola: se elles o occupam, mostre-lhes boa graça. Lá gente de poder são e podem-no metter na carreira. Mas pelas cinco chagas de Christo lhe peço que se não metta com a fidalga. Olhe que as mulheres são *má* gado! D'um figurino sei eu qu'ella deitou a perder; e sabe Deus o rôr d'elles... Aquillo é mistela que lhes dá a beber... E' uma cabra...

A filha voltava e o colloquio derivou, molle e somnolento. Despedi-me; Celidonia, á porta, deitou-me os braços ao pescoço a soluçar. Apertando-me muito, toda ella parecia querer entrar dentro de mim, sommar-se ao meu corpo.

— Tenho tanto medo! Tanto medo! — balbuciou.

— De quê?

— Eu sei lá?!

Parti d'alli, lavado de ternuras este campo da consciencia, onde ha pouco ainda, tortuoso, covarde, colleando em penumbra, discorria o pensamento perverso. Dentro de mim uma voz ironica, de sineta rachada, soava:

— E' uma cabra!... é uma cabra!...

XIV

Tinhamos ido espairecer pela cêrca, porque o senhor da casa sahira para a villa a apadrinhar um réo de morte d'homem, e estava uma manhã tão voluptuosa que pela primeira vez se ouvia o cuco cantar nas casticeiras. Brotavam já pelo monte estas florinhas amarellas, campanuladas, que parecem lagrimas de sol e annunciam a Paschoa. Estephania puzera-se a colhel-as, e seus pés eram quási espirituaes, singrando entre as urzes e os tojos. Seu vestido todo branco enchia d'uma alegria de neve a terra assoalhada.

— Toma — disse ella, vindo pregar-me o ramo na lapella — são doiradas como os beijos.

— Os beijos são vermelhos.

— Não; quando tu me beijas tenho a sensação de que derramas sobre mim uma cascata d'oiro.

— Deixa pôr o ramo — murmurou Estephania, como eu lhe poisasse a bocca sobre a fronte.

Com sumo deleite via-lhe a pupilla palhetada d'azul tremeluzir sob a minha e o labio inferior repregar-se, no canto, sob o canino alvo, emquanto os dedos me empavezavam. E, de-

pois de me tornar o beijo que lhe déra, continuamos, de mãos dadas e silenciosos, por uma vereda que mergulhava nas sombras. A caruma crepitava mollemente sob nossos passos; um gaio saraivava no folhedo sua fralda indiana. No recolho da matta enlacei-a e ella perguntou, suspensa de meus olhos:

— Amas-me, como quê?

— Como nunca amei...

— Não sou pois a primeira?

Conservei-me silencioso e ella insistiu:

— Não?

Fiquei perplexo, porque amava e não sabia illudir este amor, amára e não podia atraiçoar o outro.

— Não?

E, lentamente, ante meu mutismo, sem desviar os olhos de meus olhos se me desvincilhou dos braços.

— Não? — repetiu ainda, recuando.

Corri para a abraçar, diluir em carinhos o pensamento mau; ella estendeu o braço ante mim como uma lança e, sem um gesto nem uma voz, ao passo medido de quem segue sua róta, metteu para casa. Fui após ella, e melancholico e desgraçado me acolhi á bibliotheca a trabalhar.

Menos de dois mezes que levava ao serviço dos Malafaias, e já o meu trabalho corria com ordem e aviamento. Indeterminadamente, porque o conego Taralhão apenas tivera tempo d'arrebanhar, ia catalogando livros que vinham da Renascença com os licornes batalhantes das edições Keruer até as obras de Nietzsche, impressas de fresca data, a sete tostões. Nas primeiras semanas, todas as manhãs, Domin-

gos, o lacaio, ageitava o escadote contra as estantes e, trepando arriba, com a serena azafama d'um trolha demolindo um muro, despejava sobre o tapete os seculos veneraveis. Tratados e analectos, sermonarios e encyclopedias, malhavam em baixo impiedosamente; e, com os pergaminhos lividos e as carneiras de tom melancholico, os fechos de bronze abertos e os nervos desconjuntados, pareciam-me nobres finados cuspidos da tumba. O senhor Miguel de Malafaia, porém, recommendára:

— Atira, Domingos; sacodem o pó e sahe-lhes a traça.

De casaco branco e cara rapada, como estava na etiqueta d'um famulo d'embaixador, Domingos construia no chão a meda de calhamaços. E, feita ella, de vulto a illustrar dez doutores e a fornecer-me occupação para todo o dia, ia-se para a varanda espanejal-os, catar-lhes a traça, batendo-os no balaustre, passando-os ao esfregão, soprando-lhes. O seu recado era fazer guerra á poeira e grande sanha punha em servir. A's vezes, o frontispicio gasto d'um volume, sahido dos prelos imaginarios do seculo XVI, voava em faúlhas. Eu fazia-lhe uma advertencia cortez, quási medrosa, que elle escutava, suspendendo automaticamente a faina, mas sem me encarar. E, proseguindo na sua teima idiosyncrasica de lacaio de tudo lavar e brunir, ia vandalisando livros, em que cheguei a ver a marca dos leões affrontados do inexcedivel impressor Jehan le Petit, das officinas *Lilium aureum*.

Domingos tinha para commigo a *morgue* proverbial do criado de casa rica por todos os que se lhe figuram abaixo do amo. No dia em que

na doce mollicie da veladora, D.ª Estephania e eu, lendo Daphnis e Chloé, imitamos o lance dos namorados de Trebisonda dos pannos de raz, tirei de sua sobranceria uma ironica vaidade. Meu amor revia-se em tudo, mesmo na alma d'um lacaio.

Domingos era um estorvo entre nós, e Estephania, sem suscitar suspeitas, teve artes de afastal-o. Eu fiquei senhor da livraria e, no silencio, meu trabalho animou-se d'uma poesia extensa e perfumosa.

De penna em punho a apontar os velhos auctores, sentia-me o freire guardião que, no cartulario, vae descarregando os monges que reveem da Terra Santa. Todos tinham que contar, e de curiosidade apressava o verbete d'um para tomar conhecimento d'outro. A livraria dos Malafaias, como afiançára meu mestre, era além dos classicos gregos e latinos, muito rica em theologos e prégadores. Entre as edições sagradas da Renascença, algumas eram d'uma belleza mais ordenada que um contador florentino. Na portada livreiro e typographo punham rubricas orgulhosas de creadores. O tudesco Johan Treschel, estabelecido em Lião, dizia de si proprio *virus hujus artis solertissimus*. Thielmann Keruer, um dos emigrados do Rheno, abaixo do emblema heraldico dos licornes exclamava na *Vida de Christo* de Ludolpho Carthusiano, n'um transporte patethico de mystico: *Yo. amplexor ad lectorem. Ut sine labe fuit Christi sanctissima vita — Sic ea pura tibi sic sine labe datur.* Aquelle *Yo*, grito de bachantes e de triumphadores, enchia minha alma d'um tumultuoso sonho.

N'essas antigas obras, livreiro e auctor asso-

ciavam-se n'um pacto estreito e harmonioso. Um creava, outro creava; no livro sentia-se a fronte acantoada do monge e as mãos amorosas do compositor. E resultava d'alli um objecto animado, pessoal, digno successor dos manuscriptos gothicos de delicada cópia.

O illuminador antigo de pergaminhos prestava-lhes muitas vezes o concurso do lapis mystico-burlesco. O frontispicio do livro apparecia então curioso e cheio de diabruras como um tympano de cathedral; nas iniciaes, subtilmente gravadas, um menino tocava tamboril, uma cabeça barbada d'anachoreta gemia, passava uma scena do paiz de Moab. Os enquadramentos, as vinhetas, os *cul-de-lampes* fallavam da terra ou do céo com a candidez de Santo Antonio prégando aos peixinhos. Não me cançava de admirar a portada gothica dos Sermões de Fr. José Barelete, impressos por Stephane Gaynard.

Era um subido regalo o que experimentava ao palpar, ao familiarisar-me com os velhos livros, desde as composições tão sabias, e symetricas sem seccura, de Aldo, á elegante impressão de Gilles de Gourmont, cujo escudo de corsas aladas enfaixava a sentença:

Tost ou tard
Près ou long
A le fort du febre
Besoing.

De começo, não apreciava estas delicadezas d'uma arte que se industrialisou tão barbaramente. Depois, pouco a pouco, pela razão mesmo de minha empreza, guiado pelos trata-

dos de bibliographia, aprendi a conhecer e a estimar esta poeira tão graciosa d'uma éra nobre. E o massacre, que um dia praticára na livraria do convento para ser bemquisto a Celidonia, remordia-me como o maior dos sacrilegios.

N'aquella sala de tecto em caixotões, que recebia a luz peneirada do norte, meu espirito alcançava uma elasticidade de gnostico. Como o vidro que se deixa atravessar pelo sol, sentia-me penetrado da atmosphera douta dos Origenes, dos Plinios e dos Maimonides mysteriosos. Não era debalde que estavam n'aquellas prateleiras, em seus coiros mirrados, aguardando de minhas mãos o numero regimental. Ao escrever os verbetes, um pouco da alma longiqua d'elles passava em minha alma. Eu não cria que materia e espirito se repellissem, mas como um philosopho da Escola d'Elea, que aggregados, vogassem indefinidamente no tempo e no espaço. Sentia-lhes a inspiração e, ao desfilarem ante meus olhos, a todos rendia homenagem de latino, porque elles tinham formado a latinidade.

A este sentimento absoluto, vago como o affecto familiar no meio da familia, um mais directo e immediato me dominava. Nos pannos de raz, a côrte amoruda e descuidosa de Trebisonda incitava-me a amar. E era de D.ª Estephania que recebia aquella grande ternura com que folheava os velhos auctores. A cada passo, nas illustrações ingenuas dos primitivos, ou nas composições galantes da Regencia, via-a meiga, sorridente, travessa, no ar empoado de pretenciosa. E a minha tarefa perfumava-se com esta miragem dos sentidos.

Para ella, que era curiosa de tudo o que é

curioso, reservava minhas descobertas de catalogador. A's vezes, no mesmo pacote, entre duas obras sagradas de piedosa redacção, deparava-se-me um bello livro de texto licencioso. Assim singularmente me appareceram os *Discursos sobre a Belleza*, do cavalleiro de Minut, senescal de Rouergue. E vendo-o em morigerante companhia, associou-o D.ª Estephania ao peccador libertino que, sendo devoto do santo escapulario, tem de custodia, mesmo nos desvarios, os anjos Gabriel e Raphael. E bem seraphicos eram os cartapacios que ladeavam na estante o in 8 de Minut, em marroquim azul, marcado do escudo partido em chaveirão, tres caldeiras d'oiro, de Feydeau, senhor de Brou, guarda dos sellos de França. Um o *Sugillatio Ingratitudinis* do arcebispo de Lisboa, Sebastião Cesar de Menezes. A capa d'este, em bezerra estampada a frio, era grave e solemne como setial de Sé. No frontispicio as armas episcopaes timbravam uma pomposa cercadura com anjos. Este livro estava composto em gordos caracteres romanos, d'um ar austero.

O outro, de cobertura suja como alva em missa d'aldeia, era o *Côro Celeste a quatro vozes* de Luiz Botelho Froes de Figueyredo, philosopho, canonista, natural da villa de Santarem. Minut contava em dezasete capitulos os dezasete mimos da bella Paula, *le poil, l'œil, la bouche, l'encolure, les tetins, le ventre, la porte de la sortie des enfants, les fesses, les cuisses...*; Figueyredo *a vida musica em solfa metrica, da esclarecida augustiniana Beata Rita, advogada poderosa dos impossiveis com um ramalhete dos seus milagres, colhidos na Flo-*

resta de suas virtudes. O acaso, que é um jogador de cartas, emparceirára com o vate da serva de Deus, o cortezão da peccadora. E, afinal, quem sabe? talvez Minut ajoelhasse na vida a um painel de Virgem e o canonista a uma estatua nua e quente de Venus! O coração é mais mentiroso que a palavra.

— Afinal de contas — exclamou D.ª Estephania rindo — ambos se occuparam do divino.

E, como eu lhe mostrasse no *Côro Celeste* o rimance, que d'este modo proclama o poder miraculoso de Rita:

Tambem parece que ás vezes
Nos santos ha desenfados.
Para gastar o seu vinho
Pôz hoje Rita o seu ramo,
E da taverna celeste
Fez almocreves aos anjos

pronunciou:

— Mas é encantador. Parece um periodo do Padrenosso Pequenino.

— Estes discursos de Minut — disse Miguel de Malafaia, que tinha acompanhado sua esposa — devem ser um dos muitos livros que o meu avô, embaixador á côrte de França, trouxe para o reino. Estou em jurar que não foi acquisição do meu tio conego...

D.ª Estephania debruçou-se sobre a mesa a folhear o *Tratado das licções da espada preta,* por Thomaz Luiz, rei d'armas na cidade de Lisboa, sahido das officinas de Domingos Carneiro, tão perto de mim que sentia na face o halito d'ella. Do outro lado da mesa, o fidalgo computava o trabalho feito.

A D.ª Estephania, monstro de sensibilidade, interessava-a menos o livro raro e precioso, que o alfarrabio humilde que, á margem das paginas, muitas vezes em escriptura revessa da côr da ferrugem, contasse um pouco a historia do seu transito. N'elles procurava, sob o traço ligeiro d'uma annotação, as almas anonymas dos que os leram; e n'isto me dava a ideia d'uma pesquisadora de sombras. O nome do possuidor, um ex-libris, uma nota reverente ou galhofeira, uma rasura do texto menos orthodoxo, laboriosamente reconstituido, deleitavam-na mais que a mais delicada vinheta. Sequiosa de inedito, tudo o que a mão posterior ao typographo tivesse posto no livro attrahia-a. Fiel a este capricho, eu percorria os in-folios fradescos e as brochuras galantes á caça de manuscripto, como um paleontologo á caça d'ossos anti-diluvianos. Um dia, deparou-se-me no ante-rosto dos Sermões de Bernardino de Bustos, impressos nas officinas milanesas de mestre Leonardo Pacixi, incunabulo estimado pelas lettras iniciaes e as esbeltas figurinhas, o soneto d'um Frei Antonio Tibidabo. Estava escripto em lettra floreada, d'uma côr pallida de sangue sêcco, mas tão desbotado que mal se distinguia do tom desbotado do papel *vergé*.

Ella, o marido e eu curvamo-nos sobre a pagina amarellecida, por muito tempo, decifrando aqui uma palavra, além uma linha. Por muito tempo, e Malafaia devia ter notado que os fiapos rebeldes do penteado d'ella me tocavam a face, porque levantando-se de rompante, proferiu:

— O senhor veja se decifra. Ande, Estephania, não cance a vista.

E, travando do braço de sua mulher, arrancou-a d'alli.

Com benedictina paciencia, porque n'isso dava contentamento a Estephania, tirei cópia do soneto:

Per Apolo y su corte, en triunfal himno
de los tronos y virgens sublimado
con muy incienso y palmas celebrado
debéis de estar, celeste Bernardino.

Que tus méritos premie lauro digno,
pues su Dafne sagrada habéis mostrado
haberse concebida sin pecado
por querer preservala el rey divino.

Con diadema de oro en la cabeza
laureado os contemplo con razón!
Bustos, que honraís la Madre al mismo Dios

Pues ninguno escribió la gran pureza
de su inmaculada concepción
con tan hermoso estilo como vos!

Frei Antonio Tibidabo, exaggerando o gosto classico, identificava Apollo com o Padre Eterno e a Virgem Maria com a nympha Daphne, e isso dava sabor á rima. Por certo que o Santo Officio e o Paço não lhe outorgariam alvará de correr, se tivesse a veleidade de imprimir. Este fradinho devia tanger viola entre matinas e laudes. D.ª Estephania folgou muito com a maravalha, dizendo:

— Este soneto, sem ser um primor, é preferivel ás poesias modernas em que é cantado o burro, o tojo e os longes luarentos. Tem, ao menos, um fim.

Datas havia em que o fidalgo, solicitado por negocios do vasto morgadio, desertava pela manhã para só voltar a casa noite baixa. Eram os dias de ferias e nós amavamo-nos gulosa e abundantemente, com o vigor selvagem d'Adão e Eva no paraiso. Estephania, que era muito sensual, dizia-me:

—Tens os rins solidos como Achiles!

Fechavamo-nos, tambem, na Bibliotheca e ahi passavamos as horas, rolando na veladora ou percorrendo os livros á cata d'emoções como caçadores da jongla. Foi d'este modo que veiu parar ás nossas mãos os *Commentarii loculentissimi in 4 evangelia Don Thomae A Vio Caietani, Card. D. Xisti,* impressos em Lião em 1556. Logo aos primeiros folios, encontramos uma passagem, cortada a largo traço, d'uma côr pallida e mordente de corrosivo. Laboriosamente, fronte contra fronte, refizemos o texto, exclamando Estephania á medida que a reconstituição progredia:

—Que ferro sinto em não saber latim!

Commentava o illustre cardeal D. Thomaz as vozes do anjo fortalecendo a S. José: «Não tenhas receio de receber Maria como mulher», detendo-se a penetrar-lhe o sentido mediato. *Hinc apparet quod ita erat desponsata quod erat conjux. erat enim inter eos verum conjugium: quia erat vera copula conjugalis.* Entre Maria da Nazareth e José havia o verdadeiro matrimonio, visto que praticavam a copula conjugal. Maria casára, era conjuge. E a virgindade da mãe de Christo? A sua virgindade não era physiologica, mas mental. Maria submettia-se voluntariamente ao coito com o marido, mas seu corpo não vibrava mais que uma rabeca

sem cordas. Consentindo em potencia, não adheria ao acto visado do amor. E assim perdurava donzella a Flôr de Jerichó. *Copula enim conjugalis potentiam significat ad copulam carnalem.* Da mesma maneira que um rei em potencia não é rei, Maria, dona gelada como o marmore, não era dona.

— Este bom cardeal ha de estar nos céos a guardar o rebanho das onze mil virgens — disse rindo D.ª Estephania. — Por certo que morreu donzel quem ignorava as leis mais simples da natureza. Não é verdade que a carne se inflamma ao contacto da carne como tenho ouvido dizer que dois pedaços de madeira, que se esfregam, se inflammam? Diz?

— Assim o creio.

— Pois claro; Maria, concebida sem macula, não podia ficar insensivel aos jogos do esposo.

— E o milagre? — atalhei eu.

— O milagre é que este cardeal escape á regra dos cardeaes. Mas deve ter sido feliz, porque não conheceu os beneficios nem os maleficios do amor. Toda a corrida para um goso é soffrimento. Quanto me fizeste soffrer até me adivinhares?!...

Beijei-a e cahimos abraçados na veladora.

— São gentis estes velhos theologos, — murmurou ella — a sua ingenuidade acorda-nos em nosso saber...

Estephania, deante do marido, tratava-me com uma familiaridade tão prazenteira, que trahia movimento secreto em dama de tanta senhoria. A' mesa era ella que me servia, despachadamente, sem aquelle tom ceremonioso, exhortante, sega-rega da civilidade luzitana. O marido manjava a seu talante, eu á discrip-

ção, solicitamente maternal, de Estephania. Eu era mimado por suas mãos finas como um potro de raça que vae entrar em *steeple-chase*.

Malafaia, apercebendo-se d'esta desegualdade de fortuna entre nós ambos, deitava-me, por sobre a gazeta que lia, um olho vesgo e insidioso. Estephania dava-me senha com o pé, e lá se ia todo o appetite de comer. Meus nervos carregavam-se d'uma electricidade taurina, oppressiva, que me punha o sangue a escaldar.

A' tarde, quando a luz minguava na livraria, iamos espairecer pela quinta. Debruçado sobre os velhos chronistas, ouvia a voz de Estephania repercutir pelo corredor; alegre e crystallina como sineta em recolhimento de noviças.

—Senhor Barradas, venha d'ahi; é noite!

O marido, no limiar da porta, com o chapéo molle dêscido sobre os olhos, o charuto entaliscado nos beiços, esperava. E seguia sempre adeante de nós, silencioso, bambaleando a cabeça á direita e á esquerda como um avô. Peripatetisavamos pelos comoros ou pela estrada, até que a noite fazia de nós sombras movendo-se na sombra. Estephania, que era de natural alegre e galhofeira sem demasia, soltava na doçura dos céos sua jucundidade. Ás vezes punha-se a pular pelas veredas e pelos muros como uma cabrita nova. Malafaia ria facetamente; eu tinha o ar d'um pagem bem-creado que vê folgar sua rainha. E ella voltava a casa, as maçãs do rosto rubras de sangue, o vestido amarrotado e desfeito o cabello, como uma nympha que mãos sensuaes de faunos amarfanhassem.

N'aquella manhã de primavera em que Estephania me perguntára d'olhos frios: «não

sou pois a primeira?» almocei só e fraco foi o meu banquete. A comida não me passava na garganta, como se n'ella tivesse um nó. Com uma leve ponta de malicia, a criada disse-me que a senhora mandára pôr o talher no quarto.

—Aquillo foi por lá pancada de sol que apanhou esta manhã—proferiu ella n'um tregeito, cuja ironia mal vislumbrei ao voltar costas.

Melancholica e interminavel foi aquella minha tarde, na companhia de auctores que governam o mundo com fastio. Recenseando-os não ouvia o echo, que tanto me deleitava nas horas desafogadas, de suas vozes a fallar de longe. E, para meus olhos, todos eram vãos e inanimados nas samarras sujas. Não, nenhum d'elles conhecia o remedio que cura do mal d'amor. Receitas davam, nenhuma porém valia mais que o elixir, para crescer o cabello, dos barbeiros que vivem calvos. Pela primeira vez, o trabalho enfadava-me; e, comtudo, tinha dado n'uma colmeia de mysticos que d'entre as nuvens do céo, com donaire divino, fallavam a lingua da terra. Tudo me era molesto, mesmo a matta de pinheiros que, no horizonte visual, me parecia a enorme tristeza revessada do peito, alastrando de mim pelo mundo. Estava doido por aquella mulher, mas isso não me tolhia de me sentir nas garras terriveis d'uma aguia!

Á hora de jantar encontrei o fidalgo á mesa, lendo a gazeta como era seu costume. D.ª Estephania, de guardanapo estendido nos joelhos, a terrina da sopa destampada deante d'ella, estava n'uma attitude muito protocolar de dona de casa. Boiavam na atmosphera os vapores aromaticos da olha de vacca.

O jantar decorreu silencioso e d'ahi moles-

to, porque infringia os moldes de nossa convivencia. D.ª Estephania não era a minha desvelada madrinha nem a minha jovial amante. Era uma dama ingleza em pensão ingleza. Não só não olhava para mim, mas não proferia palavra, e muito sentia eu a falta da sua tagarelice, alegre como o chocar dos copos, e de seus sorrisos, vermelhos como o vinho.

Foi n'este silencio glacial que o fidalgo, erguendo repentinamente a cornadura do prato, soltou esta exclamação estupenda:

— Estão zangados?

Eu fiquei mais perplexo que se o propheta Elias, apparecendo deante de nós no manto estrellado de buracos, me increpasse, á sua maneira, de adulterio. Estephania olhou para o marido e desatou a rir — uma gargalhada cinica, escarnenta e superior, de dois gumes. N'ella zombava do desconchavo e de minha pessoa, que remettia a uma condição humilde e inoffensiva. Soava a desprezo por mim mas embora, cohonestava o dito atroado do marido, que era mais.

Malafaia deitou tambem a rir, dizendo:

— Papagaios mudos, é caso.

— Deixe-me; tenho a enxaqueca! — sibilou ella, alçando os hombros.

— Ah! bem!

E durante o resto do jantar, tão largo para mim em interrogações, com as lettras «estão zangados?» traçadas no muro a vigas lagareiras, bailando-me deante dos olhos, apenas se ouviam os queixaes do fidalgo, mascando o pato assado, digno de hora melhor.

Voltei á Bibliotheca a catalogar e n'esse dia não vi mais Estephania. Passei uma noite

horrivel, d'estas noites d'enfermo, em que se acceitaria o fim do mundo pelo fim d'ellas.

De madrugada, estava o céo a branquear, bateram-me á porta. Não duvidei que fôsse Estephania, porque era habito seu, deixando o marido em somneira, commetter a adoravel imprudencia de me visitar áquella hora. Era com effeito ella, embrulhada n'um roupão de lã, os pés nús nos chinellos, as tranças dos cabellos cahidas pelos hombros, tão doiradas que pareciam dois archotes ardendo do coto ao pavio. Entrou silenciosa e grave, sem aquelle ar prazenteiro que illuminava o quarto. Tomando-lhe as mãos, beijei-lh'as e puxei-a para junto da cama.

— Não me demoro — pronunciou ella, repellindo-me brandamente.

— Ainda estás amuada?

— Amuada?! ah! ah! Faz de mim uma ideia muito baixa...

— Ahi está...

— Não venho para discutir... o senhor, hontem, portou-se indignamente commigo. Tal coisa não esperava... Largue... largue-me as mãos... tudo acabou entre nós. Póde continuar ao serviço de meu marido, eu não lhe pego, mas eu deixei de ser a que era. Ouviu bem? Digo-lhe isto, para que á mesa se não ponha com carantonhas de condemnado, e meu marido não cobre mais suspeitas. Não o viu já hontem? Olhe que é menos asno do que parece...

Estephania despedia estas palavras, de golfada, n'uma voz sêcca de mestra de meninos. Fiquei esmagado, embora me sobrasse sentimento para lhe admirar o sobrolho colerico de seraphim.

— Perdoa, não quiz melindrar-te! — balbuciei em voz tartamuda.

— Não o auctoriso a tratar-me por tu; não lhe disse já que tudo acabou entre nós? O senhor não me melindrou, offendeu-me irreparavelmente.

— Porquê?

— Porquê? Que innocente! Não sabe que ha palavras soltas da bocca que ferem como pedras? ah!...

— Mas em que a offendi, santo Deus?

— Offendeu-me. Quando hontem lhe perguntei quanto ou como me amava, deu-me uma d'estas respostas de chichisbéo, que nenhuma mulher, que se preza, toleraria. Falhou-lhe o espirito, pois largasse uma tolice, mas uma tolice limpa. Dissesse que me amava como burro, e estava entendido...

Sorri, em despeito da tortura que me trabalhava.

— Não ria! — exclamou ella de labios colericos, batendo o pé. — Com quem julga que está a lidar?

Senti uma grande vontade de rir, d'exaggerar meu riso torpemente e remettel-a á cozinha a quebrar dois pratos para refrigerio dos nervos, mas reprimi-me, fincando mandibula sobre mandibula. Parece de lei que o homem chore nas horas difficeis; eu, antes de chorar, era sempre acommettido por frouxos de gargalhadas. O nosso desmancho tinha, é certo, muito de comico, mas eu via minha grande felicidade feita em frangalhos.

— Está a armar em homem superior — proseguiu ella em tom aggressivo — e profere babozeiras d'aquellas. Depois, chamado á ordem,

fica salamudo, sem saber desculpar-se, nem ao menos ter arte para mentir...

— !

— Ria que me diverte, ria! Não imagina como é engraçado! Ah! ha de comer ainda muito sal para brincar com uma mulher como eu. Creia! O senhor não sabe nada do mundo...

— Mas oh! senhora!...

— Oh! senhora!... — repetiu, dando á voz uma curva meliflua e ironica de piedade. E, meneando a cabeça, tornou: — A uma mulher nunca se deixa ver que se amou outra. E' uma bestialidade. A mulher é mais ciumenta do passado que do futuro. Não sabia? pois fica sabendo. Nós somos egoistas do amor que nos votam e queremos ter a illusão de que foi, é, e será unico. Percebeu? A verdade é que a nossa alma é feita de nuvens, emquanto a dos homens é feita de barro. Por isso nos não comprehendemos. O ciume nos senhores é todo material e em nós todo espirito. Sei isso por experiencia. E succede assim, porque o amor nos senhores é uma série e em nós um perpetuo renovamento. Verá! Por isso mesmo quando encontram um rival no caminho, o amor dos senhores inflamma-se; eu cá gosto do meu horizonte desimpedido. Nem todas serão assim; eu sou eu. Tenho muito pouco prazer em que por traz dos beijos, que me dão, esteja a espreitar *uma Lilia abandonada*... E' assim mesmo! Do passado d'aquelle que eu amar, quero que os vestigios ainda sejam menos que epitaphios do que morreu.

Estephania acabára a falla no tom mavioso que lhe conhecia; seu ar era, porém, sisudo e maguado. O roupão abrira-se e eu via-lhe po-

jar o seio na camisa de rendas. E ante aquellas carnes brancas que se me negavam, minha voluptuosidade aguçava-se do appetite anthropophago de mordel-a... devoral-a.

— Se não amo outra!... — exclamei.

— Pois sim, mas deu-me a perceber que amára. Foi involuntariamente, emendasse. Porque não negou? O senhor é dos taes que entendem profanar um sentimento, mentindo. Holá, mentir! E vê, depois do disparate, a mentira era mais moral e mais necessaria que a verdade...

— Pois se eu nunca amei!?

— Agora é tarde! — replicou ella, rindo — dissesse-me isso hontem.

— Perdoe.

— Não perdôo. Adeus! durma, não pense mais em mim...

Ia a retirar, e eu saltei da cama como estava, a prendel-a.

— Deixe-me...

— Não!

— Deixe-me...

— Não, Estephania, não!

Debatemo-nos eu com desespero, ella com porfia.

— Deixa-me; meu marido póde acordar...

— Deixal-o! Que venha elle, que venha o diabo, que me matem, pouco importa!

Presa pelas mãos, apercebendo-se de minha desatinada angustia, deteve-se.

— Que homem!

— Ouça, Estephania...

— Que me queres?

Que lhe disse eu? Chorando, confessei-lhe o peccado do meu primeiro amor. E, como ove-

lhinha branca ás iras celestes, Celidonia foi immolada á aplacação da minha deusa. Reneguei, e renegando me alliviava.

— Procuro sempre que no passado os meus dias fiquem sem sentido, — disse ella, lentamente, dando-me a bocca — assim como tumulos abertos á beira d'um caminho...

Desejoso, apertei-a contra mim.

— Não! — respondeu ella — primeiro me has de mostrar a rapariguinha.

— Estephania...

— Não; não. Logo, depois de beber nos olhos d'ella o amor que lhe déste! — despediu n'um gracejo, correndo para a porta.

Vesti-me pausadamente, dando tempo a que a casa espertasse. Quando sahi do quarto, o fidalgo, com o automovel a trepidar fóra, sorvia de pé, a grandes goles, a sua chicara de café com leite. Estendeu-me a manapula larga e patuda, desafogando commigo seus enfados.

A audiencia do réo, por que estava empenhado, deitára para aquelle dia. Ia ver se livrava o homem da Costa d'Africa, que o advogado tinha-o posto em muitos maus lençoes. Um tal snr. Mantas, filhote dos sitios, que imaginava que fallar bem é defender bem, d'ahi o estar com os olhos no juiz e no publico a procurar o effeito do palavrorio, sem se importar para coisa nenhuma com os jurados. Grandecissimo burro! E andára o pae a vender esteiras pelas portas, n'um macho, para fazer d'aquillo bacharel em direito! Além de ser ôco, mais ôco que um ôvo de museu, o alma do diabo não tinha intuição alguma da psychologia dos camponezes. Elle mesmo lhe fôra dizer: trabalhe-me o jury que o juiz está na unha! de nada

valeu. Podia eu suspeitar a orientação que aquelle alarve imprimira á defesa? A defesa d'um réo que matára a sangue frio o marido da amante para casar com ella? Sustentar que o homem estava na cathegoria do criminoso nato de Lombroso. Ah! ah! Bons advogados da velha guarda! Estava a ver o dr. Ginesio, em tom quási confidencial, de lagrimas na voz e nos olhos, affirmar aos honestos pategos do jury que as coisas se haviam passado assim porque tinham de se passar assim; estava escripto, era da sina com que se nascia! Elles punham-se a chorar, e absolviam em nome do fadario, unico Lombroso que conheciam e acatavam! Para a gente portugueza o destino levava a um sentimento tão profundo, tão mysterioso, que n'elle vinham morrer todos os outros!

Malafaia depuzera a chavena e roia nervosamente a unha já roida do meiminho.

— Minha mulher mandou atrelar a victoria, — pronunciou elle de subito — podem vir ao julgamento. Levava-os commigo, mas estou com pressa. Palpita-me que o patife do Chinoca me anda a cortar o jogo. E sabe porquê? porque o réo é um dos meus braços direitos nas eleições.

E Miguel de Malafaia, rico-homem e deputado ás côrtes, abalou apprehensivo e praguejando.

Estephania veiu fresca e viçosa do toucador, como se tivesse brotado da espuma do mar. Communiquei-lhe o convite do marido e ella respondeu:

— Não, vamos antes a S. Francisco. A tua namorada interessa-me mais que o homem que assassinou.

Ainda não tinha dado meio-dia, chegavamos na estrada real á eminencia que sobrepuja os telhados verde-limosos do mosteiro. Para não dar alarme, descemos a pé o caminho de lageas, poido por quatro seculos de mendicantes. Nicodemus, que teimára em nos seguir, esbofando e de lingua babosa á dependura, trotava na deanteira.

O silencio grave das ruinas envolvia S. Francisco. A maviosa fonte voltára a cantar com a primavera e a voz parecia vir do fundo dos tempos. Era a estação de semear os agros e, a perder de vista, os campos enxameavam de camisas brancas de cavadores e ferros reluzentes de sacholas. As arvores erguiam, na luz suave, grimpas floridas e phantasticas de andores.

Fui guiando Estephania, de parecer alegre se bem que de coração inquieto, receoso de poisar em Celidonia estes olhos que sua presença enchia de festa, chamal-a com esta voz que tanto lhe jurára amor. Ia expol-a no pelourinho e d'isso concebia uma secreta e funda repugnancia. O meu passado não era vazio como uma fieira de tumulos á beira d'um caminho. Confiava, porém, em minha hypocrisia, na fidalga altura d'Estephania, e na estoica sensibilidade de Celidonia para d'aquelle passo me sahir com honra. Acima de tudo tinha a preoccupação da fórma. Renegar, achincalhar a pessoa que eu fôra e os valores que havia sagrado, era o menos; nos braços delirantes d'Estephania, em poucos mezes, adquirira uma alma de italiano.

Bati á choupana dos Violas, adormecida no silencio.

— Quem é?

Era a voz de Celidonia d'uma brancura e pureza de fonte que respondia.

— Gente!

A porta abriu-se de impeto e eu notei o movimento impulsivo do peito e dos braços que vinham abraçar-me. Nos olhos e nos labios d'ella havia a expressão d'allivio de quem muito penou de saudades. Mas dando de cara com uma dama de tão perturbante senhoria, estacou no limiar, pasmada e sem voz.

— Passaste bem, Celidonia? — pronunciei eu, esforçando-me por dar naturalidade ao lance.

— Passei bem...

Estephania assestára sobre ella a luneta de cabo d'oiro, n'um gesto impudente de preciosa. Pallida, d'olhos a pestanejar, apoiada á humbreira, Celidonia pelejava a peleja, que eu sentia, de seu instincto subtil com seu coração muito leal. Figurava-se-me um pouco mais franzina, mas ainda mais fragrante em seu talhe esbelto de teixo. O cabello, muito ruivo ao sol, cobria-lhe o rosto como um capacete de cobre. E nos olhos, que a timidez dilatára, um azul franco, retinto, immenso, tão differente da palheta anilada que dava á pupilla d'Estephania um tom agudo de felino, trasbordava para a face n'uma mancha celeste, de grande suavidade.

Celidonia trajava pobresinho, os pés descalços n'umas chinellas velhas de coiro, uma blusa a estalar nos seios, sobre um avental de chita que uma queimadura tinha escantoado n'uma enorme boccada.

E, tendo-as alli face a face, não me pude tolher de comparar; mulher uma de enlouque-

cer, porque sua carne era uma harpa de ineffaveis melodias, e seu espirito inquieto e mysterioso como o fogo e como o mar; formosa senhora outra d'alma de tão puro quilate que nunca cofre d'amor se forjára em metal mais raro. E senti orgulho, á vista d'Estephania, de ter amado Celidonia e por ella ser amado, um orgulho maior que a vaidade de me lembrar, deante de Celidonia, que Estephania se deitava no meu leito.

— Então não se fallam? — exclamou Estephania, deixando cahir a luneta n'um gesto sêcco.

Sorri parvoamente e Celidonia manteve o seu parecer grave, mais hostil apenas.

— Vá, troquem um beijo, — tornou ella em tom d'ironia — eu dou licença...

Eu desejaria que o chão se abrisse sob meus pés e me tragasse, tão envergonhado estava. Apercebendo-se d'isso, Estephania desatou a rir, a rir n'uma casquinada tão falsa e sem proposito que me horripilou. E, passando o braço sobre mim ao modo maternal e brincão de quem afaga uma creança, a rir sempre, deu-me uma dentada na orelha.

Voltei-me para a planicie, sobre a qual as vessadas punham um tom tostado de burel velho. Em baixo, a um vôo de perdiz, uma malta laborava na terra. Curvado sobre a rabiça, um lavrador dirigia a junta de bois. Uma serena paz exhalava-se da gleba na luz tamisada do abril. Meu Deus! meu Deus! porque não era eu cavador?!

Mas ouvindo os passos d'Estephania, que se afastava, tornei a vista d'alli e pregando-a no chão murmurei:

— Adeus, Celidonia!

E, sem aguardar resposta, fui atraz de minha amante, que de cabeça alta parecia seguir no céo um vôo de chimera. A chave do convento estava no esconderijo em que era habito deixal-a e, sem proferir palavra, entramos. Estephania foi sentar-se na Bibliotheca, no poial da janella, d'onde se ouvia o gorgulho da fonte, soltando a amarella balada da melancholia. Ahi se quedou por muito tempo, d'olhos em alvo, perdidos no espaço.

— Choras? — exclamei eu, quando lhe vi correr pelas faces grossas lagrimas.

— Deixa-me chorar...

— Que tens? que tens?

— Deixa-me...

XV

Estava eu na Bibliotheca dos Malafaias, redigindo com recalcado desassocego o verbete dos *Dialogi di amore*, que a edição aldina apostilla de *composti par Leone medico, di natione hebreo et dipoi fatto christiano.* Leone, de nome de raiz Juda Abarbanel, filho de Isaac Abarbanel, almotacé que foi de D. Affonso V e commentador muito douto das Escripturas, emigrára para Italia sob D. Manuel e em italiano compôz uma philosophia que tudo retira do amor e tudo volve ao amor. Este elucidario ia eu annotando á cota do exemplar rarissimo dos filhos d'Aldo, quando Domingos, em ademanes de gravidade, veiu ter commigo. Trazia na mão notas de banco que, em voz alta, sob meus olhos se pôz a contar.

— Aqui tem Vossa Senhoria; — disse elle — meu amo dispensa-o do serviço e pede-lhe para se retirar immediatamente.

Sem sobresalto, porque me tinha armado d'animo para gravame maior, respondi ao lacaio:

— Sim, senhor. Quanto ao dinheiro, queira devolvel-o a seu amo. Não vim para aqui por soldada.

— Meu amo — tornou elle — deu-me ordens terminantes. Se Vossa Senhoria não acceita, terei de mandal-o ao seu mestre...

E, tendo dito, endossando o ar solemne dos diplomatas aprendido á entrada das portas, sahiu da sala.

Arrumei a mesa e, melancholico de ter de abandonar para sempre a casa que gasalhou minha felicidade, subi ao quarto, que era no segundo piso, entrouxar os trastes de meu amanho. Fôra alli que, uma hora antes, Malafaia viera surprehender a mulher, quando eu, deitado, e ella em bata azul-turqueza, debruçada contra mim, preludiavamos com amaveis fagatés.

— Saia! — exclamára elle, apontando a porta.

Estephania, sem desmancho, celeremente, jogára-lhe uma justificação de grande peso.

— Saia! — repetira elle, desfechando a mão engatilhada n'um bote terrivel.

E sem me olhar, sem outras vozes, marchou após ella.

Estephania vinha todas as manhãs, antes que o sol começasse a doirar o coruto dos platanos, bater-me á porta. Com ouvido precatado de desejoso, sentia-a trepando a escada, furtivamente, pé ante pé. E o breve espaço que decorria até beijal-a era longo, lento, toda uma fieira d'horas rolando interminavel como interminavel comboio de mercadorias. Entrava luxuriosa, sorridente, perfumada dos langores inextinctos da noite e, nas meias tintas da alcova e na modorra da hora, era como a louca apparição dos anachoretas. Trazia os cabellos ageitados na nuca com um toque de mão, boa branca ao pescoço e bata. Nossos jogos eroti-

cos, nas barbas de Miguel Baila Taralhão Morrafóra e Galafura de Malafaia, exigiam aquella presteza no trajar. Os pardaes piavam no beirado scharriu! scharriu! scharriu! a casa toda dormia, e nós vogavamos na onda que deve ter embalado o nascer do mundo.

Estephania fazia-me estas visitas em penteador, penteadores ligeiros e fluctuantes, como luar escorrendo dos ciprestes. De tres que usava, cada um tinha para nós sua significação esoterica. Um era em seda azul, com ramagens doiradas, e nós chamavamos-lhe a *bata celeste* em virtude do matiz e porque fôra, por assim dizer, o corporal em nossa consagração. Quando Estephania me apparecia assim vestida, senha era de que nos podiamos amar a talante, como noivos abençoados por Deus e reconhecidos pelos homens. Miguel estava ausente, ou resonava mergulhado em rijo somno, depois de noite tresnoitada ao voltarete, a compôr um discurso, e não raras vezes com dôres de barriga. O penteador celeste symbolisava a continuidade do goso, como prenda do paraiso para seres do paraiso.

A outra bata era preta com reflexos violaceos, e muito me deleitava vêl-a n'esta côr que lhe dava ao semblante um tom singular de marfim obrado. Depois, meus sentidos, quando a bata se desabotoava emmoldurando de negro o corpo de grande mimo, tocavam a rebate, como se sobre elles passasse o sopro da morte. Eu tinha a impressão de violar um cysne branco sobre uma eça. De resto que é amar senão dar combate á morte? O estertor dos homens, quando amam, é o mesmo que o dos homens quando morrem. Estephania era super-

femina nas azas abertas da bata negra. Este era o *penteador voluptuoso*, já por sua sina, já porque exprimia em linguagem convencional: «Othelo dormiu como um justo. Amemo-nos a galope.» O galôpe sobre precipicios é medullarmente delicioso. Othelo, aqui chamava-se Miguel.

Havia ainda um kimonõ ordinario de burguesinha, com fundo vermelho estampado de gaifonas japonezas. Estephania punha-o para não ter necessidade de me dizer: «meu marido, esta noite, tocou-me.» E, porque a julgava poluida, com escrupulos de puro amor, era protesto meu abster-me. D'essas vezes, Estephania chegava muito derramada e, parando de rosto triste á beira da cama a contemplar-me, jungia os hombros. Comprehendia e, entretanto que a scena abominavel se representava a meus olhos, um tigre trepava-me no peito, marinhando, marinhando com garras d'aço. Minha amante, penetrando o transe feroz que m'empolgava, d'olhos no chão proferia: «Podia enganar-te, mas não. Quero ser sincera comtigo!» Eu conjurára-a a sêl-o e no emtanto reflectia: «Para que m'o diz?» E injuriava-a com raiva e com desespero, anojado ao mesmo tempo que cobiçoso de beijar-lhe o corpo profanado. Ella, então, punha-se a chorar um choro em que passavam todas as dolentes harmonias da terra. Descahiam-lhe os cilios e as commissuras dos labios, e a face toda tomava uma expressão infantil de grande suavidade. A minha rainha de Sabá chorava! Se Eva assim soubesse carpir-se, não estariamos alli n'aquelle paço dos Malafaias, mas rebolando nas relvas do paraiso, entre giboias e leões innocentes,

nossos corpos de bemdita gula. Aquellas lagrimas enchiam-me d'uma soberba maior que a d'um rei antigo. Eu era bem poderoso, senhor de soberania nunca sonhada, fóra do contingente. Mais que árras de humilde, aquelles soluços eram o cantico de minha força. Eu reinava no tudo, porque dominava n'ella. E ao volver d'esta sensação, a fera do ciume deixára-me cedendo o passo á ternura, e eu acabava nos braços d'ella formidavel, delirante, queimado do desejo como uma floresta a arder.

No quebrar abrupto do deleite, abalada de todo o ser, Estephania voltava a chorar:

— É tão estupido recomeçar a viver!...

— É!

— Morrer deve ser assim: uma grande mola que salta, depois descer... descer n'um precipicio forrado de velludo... velludos incriveis.

Estephania era senhora d'uma alma multicôr, negro, oiro, fogo, da pinta das salamandras. O marido, a bata japoneza, as lagrimas marcavam as altas na curva delirante do nosso amor. Por verdadeiras tinha as lagrimas, que lh'as via cahir dos olhos; que a bata fôsse um estimulo, ou o marido um pretexto, não cuidava de decifrar. Cria em tudo, afinal, e egualmente a amava risonha na bata celeste, trémula na bata voluptuosa, soluçando no kimono. Apenas, porque este trazia alguma coisa do inferno, eu, como S. Ludovico, sentia melhor os prazeres do céo.

Estephania despedia-se quando o sol começava a dobrar o cunhal da casa, por cima dos velhos platanos. Assobiando o fadinho, vestia-me e, alegre como o paladino que bebeu os balsamos, entrava na Bibliotheca. E na minha

beatitude, parelha só á d'Eneas na côrte de Dido, os veneraveis auctores recebiam, como de burocrata portuguez, mui lento e penosissimo despacho. Passante a primavera, com os fogos do estio, abrasou-se nosso sangue em grande febre d'amor. Desde a veladora em tapeçaria de Beauvais, tão propicia ao galanteio, até o leito de bilros dos Malafaias, em talha nobre da Renascença, iamos esperdiçando pelo dia fóra nossos beijos. Era aquella uma cama gemebunda, com docel em seda branca damascada, e eu julgava ouvir n'ella os suspiros de cem e um Malafaias que alli haviam gerado, amado e fallecido.

— Que importa? — dizia Estephania — a existencia vem d'um deleite e não d'uma vontade. Nada se lhes deve.

Ao entardecer, quando a terra se cala e se envolve n'um véo penitencial de cinzas, tão dolente e maguado que parece ser aquella a hora santa, iamos vaguear pela cêrca, se o fidalgo andava distrahido de casa pela politica ou morgadio. Estephania gostava tanto d'embrenhar-se nas sinuosidades d'um devaneio como nas veredas d'um bosque. Eu seguia-a com delicia, porque seu corpo era tão esbelto na marcha como seu espirito gracioso na phantasia. A's vezes dava-lhe para revestir-se d'uma alma de monja que não era sua; outras vezes, entregava-se a diabruras de perversa, que tambem me não pareciam fôro seu. Por uma ponte corrediça, que se não via, passava insensivelmente d'um estado a outro. Um dia, ao boiar das trindades pelo valle, no caminho solitario topáramos um besouro rolando com as patas trazeiras a bola ascorosa. Estephania detivera-se a con-

templal-o n'aquella sua engenhosa traça d'illudir peso e volume.

— Vês, tu? — murmurou ella. — Tanto livro, tanta philosophia, tanto padre, e melhor que tudo ahi está o trabalho d'estes immundos animaes a attestar a existencia de Deus!

E desatou a chorar.

Seus caprichos eram horriveis como gazometros; e ria, ria ás vezes desconchavadamente, arripiando-me como a pianista uma tecla desafinada. Com segurança de maga, d'este geito, ia do absoluto ao pueril. Entre os livros e ella tinha o mundo todo. Era um regalão!

Tudo isto eu repassava, com roedora saudade, no meu paço lugubre de S. Francisco, esperando-a. Esperando-a dia e noite, a cada palpitação que ouvia no caminho, a cada vulto que avançasse ao longe, porque a criada, entremettida em nosso commercio, viera bichanar-me á boqueira da quinta:

— A senhora manda dizer que se não apoquente. Quando tudo socegar, lá irá vêl-o.

E passaram-se dias sobre dias, tão ôcos de presente, mas tão cheios do preterito, que eu era como um tronco abatido que vive da seiva estancada. De cá para lá, de lá para cá, nas salas desertas, suspendendo-me a olhar o caminho, ante cada janella em que vinham quebrar-se os primeiros borrifos d'inverno, arrastava a sombra de minha felicidade. A toada da fonte dava ao fluxo de meus sentimentos um rythmo monstruoso e incançavel. A som d'ella, os monges repetiriam o nome de Deus, eu o d'Estephania. Aquella fonte induzia á eternidade.

Sobre a mesa havia duas cartas fechadas de Chinoca; ainda não fôra visitar meu bom mes-

tre, nem lembrança me vinha que d'uma d'aquellas janellas, com desatinada impaciencia, tantas vezes espreitára o apparecer de Celidonia! A presença de meus paes causava-me tambem grande enfado; sentia-me tratal-os com o desdem de quem viveu mezes n'um regaço de alta fidalguia. Era outro.

Uma manhã, finalmente, apercebi-me d'uma silhueta fina que baixava da estrada nova para o caminho de S. Francisco. Um canzarrão malhado d'oiro e preto trotava á banda, e n'elle reconheci Nicodemus.

Era ella, era ella, tão formosa e fragrante que no meu entendimento não cabia que me tivesse amado. Vendo-me, sorriu do meu desafogo e o sorriso d'ella maguou-me. Seu parecer era prasenteiro e folgado, quando eu a sonhára pallida, abatida, doente do mal d'amor. E, involuntariamente, lembrei-me que a alma feminina é contradictoria como o fogo e como o mar.

— Meu lobinho,— proferiu ella sorrindo, emquanto desalfinetava o chapéo — já fiz as pazes com Miguel! Irritei-me, bati o pé, quebrei uma jarra da China, e elle acabou por me pedir perdão da grande calumnia que me lançára. No fundo não me acredita, mas pouco importa. E' o marido ideal!

Cobri-a de beijos desde as mãos pallidas aos olhos risonhos. E, travando d'ella nos braços, fui deital-a na preguiceira, onde com ella aquellas noites sonhára. Emquanto tirava o espartilho, fui correr o toldo sobre o Christo do baldaquino.

— Para quê? — exclamou ella. — Elle vê-nos sempre!

E com Nicodemus deitado a nossos pés, de pu-

pillas enormes curiosas, Fr. Encerrabodes espargindo do alto seu olhar benigno, os prégadores e os santos espreitando da sombra das estantes, amamo-nos vorazmente.

Ella retirou-se e eu fiquei no limbo aguardando sua revinda. Soffrendo da inconstancia da fortuna, deixára-me nos beijos e na esperança d'outros consolo para as horas. E, cheias d'este sentido, deslisavam não menos monotonas, mas mais ligeiras.

Foi n'este comenos que meu bom mestre, n'uma tarde entre duas limpaças de céo, veiu bater á porta do convento. Vi-o vir pelo caminho, de suã mais dobre, encostado a uma bengala de marmeleiro, da côr da cidra. Seu passo era tão incerto que dava a ideia do homem que anda a procurar a tumba. E tão caduco estava que senti a raivosa dôr de bradar aos céos e rasgar o peito com as unhas. Se n'aquelle momento, a minha vida ou a vida d'Estephania pudessem dar-lhe o vigor de moço, dar-lh'as-hia. E, no emtanto, fugi, fugi d'elle, indo acoitar-me como um ladrão nas cellas desmanteladas. Meu bom mestre entrou, chamou por mim e, lentamente, a passos quási surdos, se foi d'alli.

Estephania volveu a visitar-me dias passados, trazendo-me a noticia de que o marido ia occupar a legação da Suecia.

— Tão cedo não nos veremos! — suspirou ella.

— Porque não?

— E' tão longe a Suecia...

— Tambem vou...

— E Miguel? Era capaz de nos ferver em azeite.

— Hum! Saberei ser discreto.

— E como te havias de aguentar n'uma terra tão outra?

— De qualquer modo. Serei carregador, serei criado de café...

— Que loucura! Bem se vê que és uma creança que ainda tem os olhos fechados para o mundo. Eu amei Liborio rapaz galante e bem posto, mas quem te garante que amaria Liborio, criado de botequim?

— Só aprecias então em mim o apparente?

— Não; mas quem está segura das voltas que o coração dá? Não me dizias tu que o sentimento é um cavallo sem brida, que traz uma serpente ferrada na garupa?! Vá lá saber-se para onde mette o doido.

— Estephania, não te reconheço, não és a mesma!

— Sou, mas porque muito te estimo, muito prezo o teu socego. Um anno, dois annos correm depressa. Mandar-te-hei regularmente o meu diario, tu mandar-me-has o teu diario, encurtaremos assim os longes... Depois, ao regresso, teremos redobrado prazer em reatar o fio de nossas vidas. Teremos a sensação do novo, e porventura seremos bem outros. Tu mais homem, em pleno triumpho...

— Em pleno triumpho...! ah! ah!

— Deseja, deseja, deseja. Não te disse eu que é esta a *martingale de la réussite?*

— Phantasias!

— E' preciso não duvidar. Deseja no tempo, a longo prazo, deseja com fé e firmeza, que todo o teu ser seja tendido para um alvo como arco que despede a flecha, e verás! A vontade é a potencia dispenseira dos milagres. Ao seu serviço deve haver um agente secreto, sobe-

rano, feiticeiro, que, se lhe dão tempo e apoio, prepara as possibilidades mais remotas, remove os contingentes mais contrarios, traça a via viavel para que a ideia se converta em acto. Deseja, deseja, deseja sem quebranto!

— Desejarei que nunca te levem de meus braços...

— E' indispensavel desejar racionalmente. A vontade é intelligencia e não sentimento. E desejar a distancia, no silencio e tumulto, rindo e chorando, sempre, sempre! Podia contar-te mil prodigios do meu talisman...

— Porque não impede o nosso afastamento?

— Foi elle que te trouxe. Diz, não sentias por vezes, nas horas mais descuidosas, um repellão do teu pensamento para mim?

— Sim, por signal tão forte que sentia-o torcer-se... olha! como além aquelle loureiro pelo vento.

— Era a minha vontade! Deseja como eu desejei e serás venturoso. Cobiça uma mulher...

— Estephania!!

— Exponho uma theoria, meu pequeno.

Muito tempo durou nossa disputa, durante a qual rojando-me aos pés d'ella, implorei, implorei. O desespero deu-me vozes com que protestar uma certeza. Fui mais eloquente que Bossuet. E enternecida, abrazada de minha paixão, fez promessa de me levar.

Desde aquelle dia, pois, encetei meu trasteio de viagem. Empenhado em me apresentar cavalheiro digno d'uma ministra, só em vestuario desbaratei com poucas sobras o peculio de catalogador. A aventesma apocalyptica do capital passava-me e repassava-me deante dos olhos, pela primeira vez, com canellos e den-

tuça d'oiro, grave e respeitavel. Era-me preciso dinheiro, boa somma, porque não só me repugnava estender a mão a Estephania, mas nem ella se me offerecera, nem era para mim materia de fé que, particularmente, dispuzesse de recursos. E, trabalhado por este problema, como homem atolado n'uma tremola, deitava olhos em roda. Entretanto, Estephania não me dando novas suas, fui desassocegado rondar Santa Maria das Aguias. E bem succedida foi minha temeridade, porque avistado pela criada, esta deu parte á ama que me foi fallar á matta. De afogadilho nos encontrámos n'uma d'aquellas brenhas onde, tanto a meu vagar, a tivera nos braços. Mal me deu os labios e me fixou o dia da partida: para d'alli a uma semana. E sem embargo de rogativas se foi, dizendo:

— Não venhas mais, que nos póde acontecer alguma desgraça! Eu te avisarei.

Porque a data da partida se acercava, e eu não havia sonhado com riquezas de moiras, decidi-me a appellar para meu tio Fome-Negra, que algumas escorralhas podia verter a bem urdida treta. Metti, pois, pés a caminho e, de passagem para a serra, não resisti a espreitar a casa em que morava meu pensamento. Domingos appareceu-me pela espadua, n'uma trajectoria gingada para ser casual, e eu segui adeante, inquieto e apprehensivo, censurando-me de não ser cauto e insistindo mais que de medida na sem-razão das duvidas que me assaltavam. Não tinha Estephania jurado, de coração nas mãos, que me levaria?

Estava um dia frio e immovel, d'estes dias d'inverno, em que o rumor dos passos dá o

rythmo do pensamento e se vêem os gaios, muito murchos, pincharolar na orla das mattas. Uma atmosphera egual, sem nuvens, d'estanho novo, abaixava a abóbada celeste, até se diluir ao longe em empoeiramento pardo contra a Serra da Estrella. Nem bafo d'ar pelas arvores, nem respiração de vida pelos campos. Por entre o bracejar da agua de lima, d'um branco crystallino, as ferrãs eriçavam seu tapete de indolente e frio verde. Nos outeiros calvos, mal se apercebia uma rabugem de matto, ferrado n'elles como sarna. E n'esses morros tristes, um carvalho erguia, ás vezes, uma silhueta nodosa e nua de gladiador. A terra toda tomava uma catadura hypnotica, enfadonha sem ser oppressa, parecendo acabada de conceber do silencio.

A passo de soldado, fui atravessando a região alta que defronta a Serra da Estrella, e que de lá reveste a fórma d'uma negra e immensa masseira emborcada. De longe, sobre as aldeias intanguidas entre as hortas, via alastrar o fumo baço dos fogos. Um fumo lento, teimoso, como avejão que pairasse. E com os telhados negros, os palheiros em capindó em tôrno das lágeas, a sineira d'uma só empena, extatica no espaço, appareciam-me sossobradas em dormente immobilidade. Mas nas abas dos povos baliam chocalhos e, pelas rampas dos caminhos, ligeiras, n'uma sofreguidão em que havia fleugma, as rezes espontavam os codeços. Parado sobre uma penha, dentro da capucha de burel, o pastor recortava-se no céo sem profundidade, como um velho santo de pedra.

Logarejos, nichos d'almas, cruzes d'assassinados, cemiterios d'um vazio horrendo, atados

ao nastro tortuoso do caminho, pareciam-me todos suspensos n'uma grande espectativa. E a mesma impressão me davam os pinhaes, muito engalriçados de seiva, abatendo de suas ramas uma sombra melancholica. De espaço a espaço, encavalleirava-se no meu horisonte uma penedia phantastica. E, ainda mais que as outras coisas, tinha uma physionomia affrontada e mysteriosa na creação. Os penedos, trepados uns sobre os outros, eram no pasmo do dia singularmente informes e desconformes, assim a modos de pesadelo d'emir, deante de cuja tenda se ergue o monte de cabeças dos inimigos decepados. E, como ellas, mostravam um ar bronco, de tortura quási animal.

O ar gelado penetrava-me até os ossos, não obstante a marcha. Um viandante, de saquitel ao hombro, ou um almocreve com o macho pela rédea, encontravam-se commigo. Vinham de róta batida, dobrados, rapidos, sob o aguilhão do frio. A bafoeira que lufava das ventas da besta envolvia o homem n'um halo doce. Antes que cruzassemos, iamo-nos mirando e, depois de tornar costas, a meus ouvidos soava sempre dolente e agradavel, até se embeber de todo na terra amodorrada, o echo dos passos.

Era já tarde, n'aquelles dias pequenos de dezembro, quando cheguei a Barrellas, moradia de Fome-Negra. O céo muito baixo peneirava uma claridade diffusa, de vidraça fosca. Para as bandas da Serra da Estrella, uma vaga alvacenta com laivos ferretes, enorme, a todo o horisonte, amarrára. O fumo quente da lenha verde ia rastejando pelas ruas até se enroscar pelas paredes e subir; a povoação estava mergulhada em paz morta.

Resolutamente, na cola d'uma mulher que levava um cantaro d'agua á cabeça, fui surprehender meu tio acocorado ao borralho, a assar batatas para a ceia. Estando eu mais homem e ajanotado, não me reconheceu ou fingiu não me reconhecer, e eu tive de me nomear. E, de bocca escancarada de pasmo, redobrou ainda sua estranheza ao ver que me assentava ao lado d'elle, de maneira desenvolta, na cozinha que era de bancos. Meu tio estava decrepito, escanifrado como um chacal de jaula, mas era um d'estes velhos sobre que se não vê dançar a morte.

— Homens, botar-se á Serra por um tempo d'estes, é obra! Veem lá as moscas brancas — disse elle.

Para o socegar, adverti-o de que ia pernoitar aos Alhaes a casa do sr. Monteiro que me tinha cama preparada.

— Pois ao ermo não havia de dormir. Louvores a Deus, sempre ha uma enxerga e um par de mantas. O tempo vae uma peste, não se governa vida...

— Venho despedir-me do tio — exclamei eu, cortando afoito na lamentação. — Parto na semana que vem para a Suecia como secretario d'Embaixada.

Fome-Negra abriu a bocca, e pareceu-me que não eram os olhos, mas os dentes miudos e intactos que me fitavam. Com grande volubilidade expuz-lhe onde era a Suecia e o que valia um cargo, d'onde se fallava ao rei, em que a dinheirama cahia a rodos como o trigo da moega.

— Está um graúdo! — exclamou elle — oxalá que não tenha recahida...

— Agora! Se o tio quizesse, ainda o havia de fazer administrador, ou presidente da camara...

— Ná, ná, grandes naus grandes tormentas! Sabe o que lhe peço... é que me atire lá para longe, para casa do diabo, com este escrivão de fazenda, que me está a sugar a madre!

— Ainda é o tal malandro?

— É, o ladrão deitou raizes.

— Pois amanhã já fallo com o fidalgo de Santa Maria, que elle ha de ser corrido. Vae ver, é só aquelle meu grande amigo abrir bocca...

— Deus o ouça.

Figurou-se-me ser aquelle o instante propicio ao salto de onça. De cabeça, lanceime:

— Sabe, tio, tudo vae bem, d'aqui a meia duzia d'annos estou rico como porco, mas o diabo está no principiar. Para preparativos, para a viagem, precisava que o tio me abonasse algum dinheiro, claro, sobre lettra...?

Fome-Negra permaneceu um momento calado, depois fungando, disse:

— Acuda Deus ás faltas, meu senhor. Não tenho a dentro de portas com que mandar cantar a um cego. Se o tivesse...

Calei-me, vencido pela inanidade de minha astucia. Cuidára eu que se caçava o velho raposo, offerecendo-lhe grillos! Fome-Negra devia ter este faro metallico, sexto sentido dos avarentos, que raro os deixa lograr em sua industria. Vendo abaixo de mim, emquanto descascava as castanholas, seu pericraneo odiado de fuinha, tive ganas de o esmurrar, de lhe assentar um par de sôcos e escaqueiral-o como uma

abóbora madura. Mas elle quebrou o silencio por dizer:

— Não é servido d'umas batatinhas? Deita-se-lhe um golpe d'azeite e dente d'alho. E' o que se póde arranjar. Bacalhau está carissimo, é só para os ricos... e é dia de magro, não se come carne.

— Muito agradecido, comi de jornada — affirmei eu, não obstante a fomaça que me roia.

Elle manjava, soprando e fazendo dançar nas mãos as batatas emborralhadas.

— Mas ouça, tio — tornei eu, recalcando meu desengano — eu não o quero prejudicar, pago-lhe juros!... dez por cento; não é essa a sua tabella?

— Agora já não empresto dinheiro a ninguem. Foi tempo, quando o tive! A fazenda, os moços, as más tornas deixaram-me na penuria... estou reduzido a dois cibos de terra.

— A 20 %, serve-lhe?

— E elle a dar-lhe...

Estava julgada a minha deprecada e valia mais retirar-me. Mas eu queria viver! De S. Francisco até alli, tivera sobrado tempo para estudar o lance e impol-o d'uma maneira geometrica ás minhas faculdades de jogo. Com Fome-Negra seria preciso renhir, malhar, moer até o infinito. Porque renunciava eu, após a primeira refrega? E porque m'o ditava a razão e me constrangia o sentimento, do ardil passei ás supplicas. Implorei, tornei a implorar, invocando as coisas mais sensiveis á piedade dormente do homem, e por tudo recebi a invariavel réplica:

— Não tenho chavo!

Insisti, revolvendo-me na mais dorida humil-

dade, até lhe abraçar os joelhos. Eu esperava o milagre d'esta vontade afflictiva que, nos crentes, abre as portas do céo e que é, posto que mysteriosa, a mais estupenda victoria do esforço humano sobre as forças occultas e barbaras da natureza. Fome-Negra, porém, sacudiu-me com brusqueira e levantei-me indignado:

— O senhor é um miseravel!

— Ham? — resmoneou elle, erguendo-se tambem e estendendo para mim o focinho n'um arreganho de desafio.

— E' um miseravel! é um immundo avarento! é o ultimo dos sevandijas!

— Veiu... veiu para me insultar? — gaguejou elle, ante minha tresloucada decisão — olhe que grito á d'el-rei!...

E esboçou um gesto de ameaça, que lhe abriu violentamente para as bandas as abas da jaqueta. Na algibeira interior uma carteira volumosa, de marchante, vermelha, em grosso coiro, cinturada de comprida correia, saltou-me á vista. Alli estava, por certo, a minha felicidade, a Suecia das neves puras com a promessa d'amor ardente, Estephania na bata de frenesis mortuarios, a vida contente de viver. Alli, n'aquellas notas de 50 e 100$000 réis, menos engorduradas que as outras, por serem captivas como as mulheres formosas e não se entregarem, como ellas, ao banaboia vulgar! E a tentação tomou, fulminantemente, corpo em meu cerebro.

— Perdôe, tio — disse eu, agarrando-o, quando subia os bancos da cozinha — eu nem sei o que digo!

— Pois tenha mais tento na lingua, não

trate mal quem está manso em sua casa. Cá por...

Pulei sobre elle descuidado e ao primeiro empuxão deitei-o a terra. Metti-lhe a mão no bolso, mas Fome-Negra, fincando o cotovello, segurou-m'a, gritando:

— Aqui d'el-rei, ó ladrão!... ó ladrão!...

Com a esquerda apertei-lhe os gorgomillos raivosamente. Rolamos, rolamos, ora de baixo, ora de cima.

— O' ladrão!... — uivava elle, sempre que as minhas mãos, em movimento de defeza, lhe largavam a garganta.

Minha impetuosa furia e seu desesperado instincto egualavam-se a luctar. A garra d'elle tinha-se-me cravado no queixo como a dentuça d'um mastim. E tive que sopesal-o, e deixar-me cahir sobre elle com toda a força dos rins para que desamarrasse. Debaixo da cabeça d'elle o sangue corria.

A carteira estava pejada de papeis, documentos com selos de muitas côres, lettras com chancella preta enramilhetada, titulos d'uma escriptura cursiva de tabellião. Dinheiro nenhum. Estava roubado! Fome-Negra, entretanto, tinha-se erguido e avançava para mim, medonho, de bocca escancarada, coberto de sangue. Atirei-lhe com a carteira e fugi. Lá fóra cahia neve...

Atravessei Barrellas a passo estugado, mas logo que me vi fóra de portas deitei a correr. Corri, corri por muito tempo sob os flocos que me cegavam. Era a hora crepuscular, e da neve e da luz esmorecente a terra cobria-se de muito livida e melancholica mortalha. O horisonte cerrava-se n'uma opacidade esponjosa,

um muralhão como feito com o barro lodacento dos caminhos. Não se avistava viv'alma e eu sentia grande consolação em entrar na noite, uma noite sem estrellas, sem testemunhas, com homens e animaes recolhidos aos apriscos. Eu via sempre o phantasma sangrento de Fome-Negra crescer para mim desmesuradamente, uivando ao ladrão!

Quando desceu a noite de todo, os longes esvahiram-se. A lua nascia, porque se enxergavam os flocos a peneirar no espaço e descer ao solo n'uma curva mansa de vôo. O luar, muito tenue, d'uma côr de lhama velha, animava-os d'uma alegria buliçosa de farandola. E' açoutando-me docemente, pousando-me nos hombros, insinuando-se-me por entre o coiro e a camisa, consolavam-me, porque traziam refrigerio a meu fogo. A grande vaga branca, pouco a pouco, foi apagando todos os borrões negros da terra; e nichos do purgatorio, cruzes d'homem morto, cemiterios, logarejos, suavemente cediam á alvura sua tristeza inconsolavel.

Ao abrigo d'umas lapas repousei. Achava-me exhausto de forças e o mysterio augusto da natureza acabára por diffundir minha alma em paciente calma. Quando acordei, a lua redoiçava sobre o oriente uma bochechuda e clara face. Cahiam umas raras arestas de neve e a terra era um mar de prata e de silencio.

Puz-me a marchar, revivendo no conflicto de mil pensamentos, meu grande sonho d'amor. O caminho fôra entupido pela neve, e eu ia pelo tacto, tomando como referencia as ladeiras e os pinhaes toucados de trémulas phosphorescencias. Opprimido entre dois infinitos, a per-

cepção do *eu* trabalhava-me obstinadamente. Viera desemboccar áquelle descampado áquella situação de criminoso como?... pelas veredas loucas que ha muito ia trilhando. Reconhecendo a efficacia dos valores antigos, negava-lhes, de todo, meu enthusiasmo. Talvez fôsse salutar ser pio; eu estava sceptico; ser conservador, e detestava a ordem actual que me comprimia a personalidade. Remordia-me na consciencia o ter infamado as mãos no roubo e no sangue, mas não renegava a causa de tão feio desatino. Oh! não era culpa sua que a bella creatura do Senhor fôsse seductora e liberal de suas graças, nem minha de ser seduzido! Que ha de mais deleitavel que amar e ser amado? — suspirava um santo. Eu queria viver! queria viver! mas não descobria uma ruptura no circulo de fatalidades que me esmagava!

Clareou a madrugada e a extensão retiniu da alegre symphonia do branco. As aves sahiam a terreiro, uma lebre esmoitava as fêveras emersas do centeal. E o meu sonho d'amor bruxoleava, bruxoleava, mesmo quando ouvia a voz pavorosa de *ó ladrão!*

Passei ao alto de S. Francisco, tão transfigurado na neve, que só lhe faltava o frei hortelão abrindo caminho na cêrca, para se imaginar habitado de monges. Ao pé, a casa dos Violas parecia uma capellinha branca, dentro da qual, sobre altar branco, se venerasse uma linda Virgem Maria. Estava lá Celidonia e como a Virgem e como a neve era casta, formosa e forte!

Inadvertidamente segui o caminho que levava á aldeia e achei-me, já manhã alta, no largo do presbyterio. No quintal, Gertrudes, de

chaile cruzado do peito para as costas, ensocada na neve, toda se atarefava a apanhar versas. A porta da casa estava apenas encostada ao batente, como era costume, e entrei. E só depois de me ver lá dentro me perguntei que vinha alli fazer? *Pata-ao-léo* sahiu-me ao encontro, muito alceiro, de rabo no ar. Afagámo-nos, fallámo-nos, elle fairou-me, tornou-me a fairar, ganiu, ladrou á trabuzana, bateu a cauda mil vezes, e, só depois de esbanjar todas as effusões ante minha tibieza volveu ao somno interrompido, detraz da porta. Do escriptorio vinham vozes e detive-me. E, com grande espanto, notei que Malafaia estava alli em prática com meu mestre.

Dizia o fidalgo n'um tom lento de puridade:

«— Eu cá n'estas historias sou pelo abafarete. E não porque seja um cynico, muito longe d'isso, mas porque temo o escandalo.

— Com razão — apoiou meu mestre.

— Por isso mesmo o Padre-mestre tenha a bondade de o admoestar; que não volte a rondar-me a quinta e põe-se pedra sobre o caso. Agora se teima, se não quer ter emenda, arrisca-se a apanhar uma valente sóva dos meus criados. Que escolha...

— Vossa Excellencia, tendo a summa bondade de avisar-me, praticou a correcção fraterna que recommenda o Evangelho. Com dobrada obrigação reprimirei meu discipulo.

— E' o que desejo. Poucos dias estaremos em Santa Maria das Aguias, mas esses poucos dias quero vivel-os em paz. Os meios violentos repugnam-me... E entre nós, Padre-mestre, amigos como d'antes.

— E' Vossa Excellencia muito benevolo...

— Ora!... Que o rapaz se abandalhasse, nem é culpa sua nem eu lhe venho pedir contas. Ninguem é propheta! Minha mulher, tambem, sendo muito boa rapariga, é ligeira... é ligeira... Mas nunca imaginei que descesse a disparates como um garoto. Ah! isso?!... Verdade, de principio ainda manifestei uma certa repugnancia em o levar para casa...

— Mas está Vossa Excellencia seguro do que diz?

— Segurissimo! Estephania contou-me tudo; fartaram-se de me borrar as barbas honradas. E, vê, perdoei-lhe, porque quando ella me conta tudo é signal de emenda! O periodo de reconciliação entre nós é um periodo de noivado... Sou fraco...!

— Não, é Vossa Excellencia uma alma forte e bem formada. Perdoar é um grande mérito.

— Será, mas eu preferia não ter que perdoar! Minha mulher é leviana... é!

— Livre-me Deus de pronunciar um juizo sobre sua esposa, — tornou meu mestre — mas tambem nunca me passou pelo espirito que um entendimento de tal natureza se viesse a dar entre ella e meu discipulo. Os verdes annos d'elle, a altura em que sua senhora se encontra permittiam-me de não calcular. Enganei-me... de minha falta de tino peço muito perdão a Vossa Excellencia.

— Não tem de quê. São coisas que passam á margem da melhor boa fé... e são o fructo natural dos tempos.

— Assim me parece. O meu discipulo não escapou aos vicios e virtudes da epocha, vejo bem agora. Julgava-o resistente, mas não! Tem

isso tudo que constitue a têmpera dos portuguezes d'hoje, a uma parte uma grande impressionabilidade intellectual e nobreza de consciencia, mas d'esta nobreza, não esqueçamos, que luz e não é oiro. A outra parte, pouco, muito pouco caracter e então uma carencia absoluta de disciplina moral. Repare Vossa Excellencia, são intelligentes e náda produzem de prático, idealistas e dão largas aos prazeres mais baixos, teem como pessima a ordem das coisas e figuram-se virtuosos. Do alto do meu empyrismo antigo, condemno-os como bastardos da boa tradição portugueza, tão ella, tão adversa ao demonio da analyse, animada, bem embora se diga o contrario, de espirito realista, e inexgottavelmente forte porque era cegamente crente. Se fôsse novo, talvez que, envergando a tunica de Pedro Eremita, me mettesse a prégar pelas praças aos lusitanos de boa vontade. Porque sinto, sinto tanto na geração que entra como na geração que vae passando, que a raça desce a curva d'uma velhice sem honra.

Malafaia ficou calado e, após curta pausa, meu mestre proseguiu:

— Pois luctei, luctei com ardiloso esforço para furtar Liborio á corrente que tudo vae levando. Com magua reconheço que foi debalde!... Não ha um destino absoluto, certamente, mas ha um destino relativo que é o corpo mesmo do tempo. E' esse que meu discipulo vae cumprindo. Agora reparo que me tinha posto sobre os hombros uma empreza bem pesada. Eu formava um conservador, predicado este de nossos paes que fôram fortes e mais felizes que nós, e a familia que é boa, que é simples, mas anarchisada

como toda a familia portugueza, dava corpo a um rebelde. Os logares em que cresceu, tão cheios de mysticismo e de silencio, deviam conduzil-o ao culto da personalidade e ao gosto da disciplina, e elle a beber no ambiente da nossa pobre sociedade a tara do medo á vida, do escrupulo excessivo em determinar-se, o desbarato da vontade prática ao guerrilhar incançável dos sentimentos... os loucos... os perdularios sentimentos d'uma grei degenerada. Depois veiu a cidade, esta cidadezinha das nossas provincias, tão dissolvente em seu parasitismo e em ver o individuo e se ver o individuo, o ensino official, francisante, tão vazio de sentido como pretencioso em considerar a vida como um debate em que só jogam elementos racionaes, a rajada de idealismo revolucionario e acabaram de destruir a minha obra, realisada na calma e no amor. E quer Vossa Excellencia saber, fui mestre transigente e benevolo porque, além de ser esse o meu feitio, fugi sempre a que no meu systema houvesse a quebra das coisas sujeitas a pressão. O homem é uma folha, senhor, no tempo que voa! Mas digne-se Vossa Excellencia considerar o trajecto d'este moço até a puberdade, destrambelhadamente pio e irreverente, casto e hereditariamente sensual, laborioso e no fundo minado por uma vaga percepção da inanidade do esforço, até dar em atheu ou coisa parecida, republicano, epicurista? Para onde correrá a via sinuosa? Não sei, mas estou em jurar que meu discipulo será bem desgraçado!... Ah! mas eu importunava Vossa Excellencia, com as lamentações de Nestor ante os miseros restos de Pisistrato... queira perdoar!»

Sahi a passos lentos, cabisbaixo, outro homem. E pela terra rasa de neve, sem rumo, esclarecida por um vago horisonte, marchei, marchei, costas voltadas implacavelmente ao que alli ficava.

Lisboa, 1916-1917.

P. S. AO LEITOR GRACIOSO

E' possivel que algumas das figuras d'este livro voltem a publico em dois trabalhos que estou alinhavando: LAPIDAS PARTIDAS *ou a subversão, sob uma realeza valetudinaria, dos valores antigos, n'esta terra de Nossa Senhora da Conceição, fidelissima ao papa e aos tractados, e* SOB O PENDÃO BARBARO, *ou a analyse d'um aspecto portuguez da grande guerra. E' possivel, dizia, que voltem ao tablado, visto que, hoje em dia, não ha curiosidade especulativa que possa subsistir por si só e apenas esta explica a supervivencia das lettras portuguezas n'este seculo tão utilitario. O nosso meio não alenta o publicista nem com galardão moral nem material. E' preciso ser-se amanuense, professor, mechanico ou politico. O que corre para ahi é a prosa parisiense. São inferiores as obras portuguezas? Os intellectuaes francezes fazem melhor, por certo. Teem de sobra o que nos mingua a nós, até a lingua — embora pese aos senhores philologos*

— lingua ordenada, alerta, cursiva, d'um atticismo tão commodo, em que não é facil pensar mal e escrever mal, «de syntaxe incorruptivel», prompta a traduzir pensamentos, palavras e obras. Nós temos muito, abundantissimo material no lexicon e fóra do lexicon mas a granel e nebuloso como a Torre do Tombo.

Não me digam que o P.e Manuel Bernardes nos legou um estylo apto a todos os modos em litteratura; não; Bernardes falla do amor de Deus, não do amor terreno, das paixões como peccado e não das paixões como mérito, do céo com toda a suavidade, não do mundo com o corrosivo que merece noventa e nove vezes sobre cem; um estylo em que toda a acção são as almas batendo azas e os anjos tocando alaúde á gloria do Senhor! Camillo... Eça... Malheiro Dias suscitar-me-hão em seguida. Mas dois ou tres nomes não fazem uma litteratura, sobretudo não podem construir n'um idioma todo o systema de logica, de clareza, de precisão e objectividade que exige a moderna arte litteraria.

Em summa, melhor que os francezes, ou tão bem, é difficil de realisar. Não vale mais a pena, pois, continuar a ler, a pensar e a reflectir exclusivamente pelo cerebro francez, como faz todo o bicho careta que se preza? deixar-nos alagar pela producção franceza? Diz-me a razão que sim, o sentimento que não. Quando este

arriar, por abuso de convicção na inanidade e inutilidade do meu esforço, deixarei seccar a tinta no tinteiro para tudo o que não seja escrever cartas á familia e averbar os generos que me manda a casa o merceeiro da esquina. E aqui está, gracioso leitor, justificada a duvida em seguir o passo, entre outros, a este Liborio Barradas, HOMEM DO SEU TEMPO, *que larguei, na sua revolta de adolescente, na primeira revolta do caminho.*

A. R.

Lisboa, Jan. 1918.

PQ
9261
R5V5

Ribeiro, Aquilino
A via sinuosa

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY